

REVISTA DOS CRIADORES

54 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA

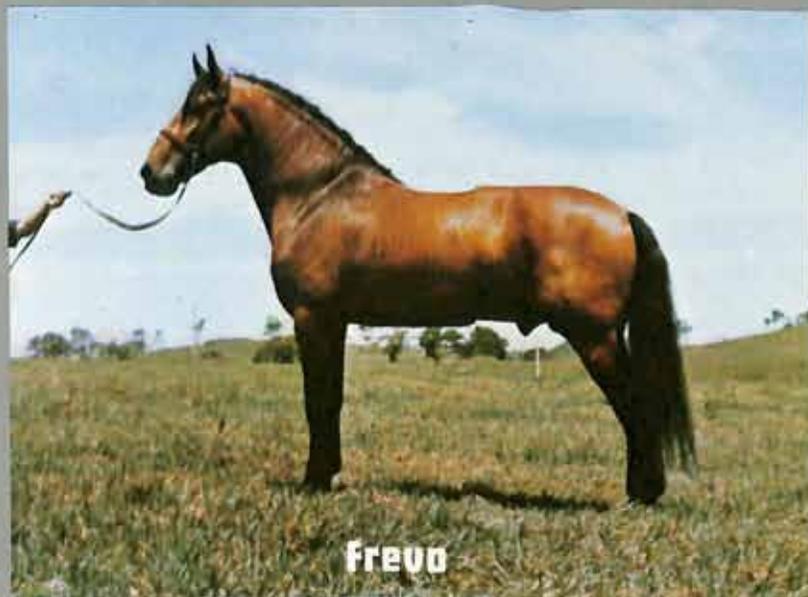
Janeiro de 1985 - Ano LIV - N.º 660 - Cr\$ 14.000

Órgão oficial da ABC

A digestão do cavalo

Seleção de bovinos
leiteiros em Israel

2 Campeões reprodutores



Frevo

do Rancho 70



Marujo

O MAIS FORTE



LAGROVET
5.000.000

No dia-a-dia do campo, é difícil ao criador, identificar com rapidez e segurança, os agentes causadores das doenças que atacam o seu rebanho. Nessas ocasiões, é de fundamental importância a existência de um produto com amplo espectro de ação, rápido e eficaz, - que atue contra um grande número de infecções, promovendo uma imediata recuperação do animal e reduzindo quebras na produtividade. AGROVET 5.000.000, vem comprovando durante anos e anos, sua fulminante ação contra um grande número de bactérias Gram-positivas e Gram-negativas que atingem os tratos: respiratório, geniturinário, gastrintestinal, pele e tecidos moles; nos bovinos, eqüinos, suínos, ovinos e caprinos. A comprovada eficácia da associação das penicilinas G Procaina e G Potássica com a estreptomina, faz de AGROVET 5.000.000 o antibiótico indispensável na farmácia de todos os pecuaristas.


SQUIBB
DIVISÃO AGROPECUÁRIA



REVISTA DOS CRIADORES

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna
Redator: Fernando Noboru Yassu.

Colaboradores: Leovigildo Pacheco Jordão, Luiz Paulin Neto, João Barisson Vilarés, Gastão Moraes da Silveira, Walter Battiston, F. Teatini, N. Brotto, José Resende Peres, General Diogo Branco Ribeiro, Manuel José de Alcantara, Dácio de Moraes Junior.

Arte e Produção: Eduardo Cassiano Flores.

Departamento de Publicidade da Editora:

Gerência: Luiz de Almeida Penna Filho
Contatos: Laercio Noronha, Jaqueline N. Bonfin e Claudia P. Moura.

Fotografia: Francisco Sciacca

Gráfica e Fotolito Próprios: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP.

Anuidade básica: Cr\$ 6.626 ORTN. Com direito a um exemplar mensal da Revista dos Criadores; um exemplar da Agenda dos Criadores e Agricultores e, mais o título de sócio contribuinte da ABC.

ISSN 0034-9259

Departamento de assinatura:

Gerência: Maria Nazareth de Castro Penna
Rua Venâncio Aires, 31 — Tel.: 263-8685
CEP: 05024 — São Paulo — SP

Único Agente Autorizado para Publicidade e Assinatura: Disbrapel Ltda. — Edições Agro-pecuárias, Rua Caraíbas, 434 — CEP 05020 — Cx. Postal 61.051 — São Paulo — SP.

Venda avulsa:

Interior e Capital (SP) — Livraria La Selva, Saguão Aeroporto Congonhas (SP), Aeroporto de Santos Dumont e Galeão (RJ), Brasília (DF). Distribuidora no Rio: Distribuidora Guanabara, Jornais e Revistas Ltda., Rua Antonio Ribas, 72, Inhauma, Rio de Janeiro, RJ.

Redação: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP — CEP 05024 — Fone: 263-8400 — Caixa Postal 1669 — End. Telegráfico "Criadores".

Estados

Bahia: J. S. Queiroz — Rua Minas Gerais, 156 - Pituba - Salvador. Ceará: Distribuidora Alair de Publicações - R. Floriano Peixoto, 1233 - Fortaleza. Brasília: Só de Ler - Aeroporto e Conjunto Nacional - Brasília. Paraíba: Edicamp - Editora Campeiana Ltda. - R. Duque de Caxias, 591 - 2.º and. - Cj. 209 - Tel. 222-0950 - João Pessoa. Pernambuco: Casa das Revistas e Figurinos - R. 9, esquina da Pedro Ivo - Recife. São de Ler - Aeroporto - Recife. Rio de Janeiro: Só de Ler - Rua São José, 35 - Centro - Rio de Janeiro.

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.

REVISTA
DOS
CRIADORES

3 Caspões reprodutores



de Rambo 78



NOSSA CADA

Apresenta FREVO DE SANS SOUCI, conquistador de prêmios — 9 vezes Campeão — Campeão dos Campeões em 83 e Campeão Internacional — Esteio 84.

GÁS MARUJO — Campeão Nacional — S. Paulo 1967. Ambos de propriedade do Sr. Jayme Figueiredo — Rancho 70 — Araruama - RJ.

SUMÁRIO

Janeiro de 1985 — Ano LIV — N.º 660

4

Associações de produtores e o melhoramento genético dos bovinos

17

Quanto custa nosso esterco?

22

Virgílio de Almeida Penna completa 50 anos de ABC

21

A última reunião do ano

26

Controle auxiliar Fundo de Assistência ao Controle Leiteiro

28

Combate às Lagartas

30

Uréia dobra a produção do

leite, no Rio de Janeiro

32

Suas leguminosas estão produzindo bem?

36

Porque o total em grão. Por quê?

40

A evolução do Gir Leiteiro

42

Na RRZ: O trabalho de seleção de bovinos leiteiros em Israel. Produção e porcentagem de gordura de leite da raça Pitangueiras. Perfil mineral do soro sanguíneo de búfalos durante o subestro e fases de lactação. Parasitos de bezerros bubalinos de pântano. Paratuberculose bovina. Notas Zootécnicas.

63

O café de lá e de cá

64

Plantio de soja em época certa

68

Dois cavalos Mangalarga vão atravessar o coração da América do Sul

71

Hipismo Rural

73

II — A digestão do cavalo

83

Rinite atrófica em Suínos

SEÇÕES

3 Ponto de Vista
8 Mercado
65 Serviço
72 Registro
81 .. Leilão e Exposições



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos). Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional.

57 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

Vice-presidentes

Gen. Diogo Branco Ribeiro
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho
Roberto Brotero de Barros
João Antonio Camarero
Frontino Ferreira Guimarães Júnior

Secretários:

Luiz Glycéria de Freitas
Luiz Baptista Pereira de Almeida

Tesoureiros:

Octavio de Mesquita Sampaio
Pedro de Paula Leite Moraes

Assessor da Diretoria:

Dr. Dacio de Moraes Junior

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Ruy Calazans de Araújo

Vice-presidente

Arnaldo Lima

Membros natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Salles
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis
Joaquim Barros Alcântara Filho

Efetivos

Geraldo Diniz Junqueira
Manoel José de Alcântara
José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
José Carlos Guimarães Oliva
Ruy Calazans de Araújo
Henrique de Souza Dias
Fábio Garcez Meirelles Júnior
Alberto Paula Leite de Moraes
Fernando Euler Bueno
Rubens Franco de Mello
Arnaldo Carraro
Alberto Chapchap
Lélio Toledo Piza Almeida Filho
Vicente Martins Júnior

Antonio Tadeu Jallad
Edwin Benedito Montenegro
Geraldino Natal Madureira
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
José Acácio dos Santos
Gilberto Carlos Arruda Sampaio
Layit Veiga de Oliveira
Renato Napolitano
Franklin Rodrigues Siqueira
Arion Bueno de Oliveira

Suplentes

Roberto Felipe Cantusio
Honorato Rodrigues da Cunha
James Galvão Bresciani
Antonio Coelho Guimarães
Radyr de Queiroz
João Luiz Freitas Brito
Carlos Ramos Stroppa
Vicente Paulo Miller Perricelli

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Jayne Watt Longo
Radyr de Queiroz
Roberto Diniz Junqueira

Suplentes

Arion Bueno de Oliveira
Lacerte Garcez Meirelles

SUPERINTENDENTE

Virgílio de Almeida Penna

Gerente comercial

Antonio Carlos Turazza

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Manoel José de Alcântara, Eng.º Agr.º
João Soares Veiga, Méd. Vet.

Serviço de Controle Leiteiro

Fidelis Alves Neto, Méd. Vet.

Registro Genealógico, Serviço Ponderal de Controle de Peso e Pró-Cruza

Walter Battiston, Méd. Vet.

Assistência Técnica — Veterinária

Dr. Humberto A. Clemente
Dr. Antonio Carlos Gouvêa

Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athaydes

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033. Caixa Postal 9194.
Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - Fone: 831-7966 - Aberta até às 22 horas. S. J. Boa Vista: Rua Gabriel Ferreira 83 - fone: (0196) 23-3746. Rio de Janeiro, R.J.: Rua Monsenhor Manuel Gomes, 3. São Cristóvão. Fone: (021) 228-7377.

O problema de abastecimento resolve-se com política para a agricultura e não congelando preços

Poucos dias antes de sua eleição pelo Colégio Eleitoral para ocupar a Presidência da República, a partir do próximo dia 30 de março, Tancredo de Almeida Neves recebeu das mãos dos tecnocratas do PMDB, seu partido, um documento no qual são traçadas as linhas básicas para a política econômica do novo governo. E, novamente, o agricultor está ameaçado de penalização: o documento do PMDB propõe simplesmente congelar os preços dos gêneros alimentícios.

É louável que os membros do PMDB se preocupam com a alimentação. Porém, é forçoso lembrá-los que é inconcebível penalizar o agricultor sobre pretexto de beneficiar o consumidor — duas pontas mais frágeis da problemática do abastecimento. Consumidor e produtor são igualmente vítimas da inexistência de uma política para o setor primário — um mal que vem sendo alimentado há tempos e que o novo governo, se acatar a sugestão inserida no documento, ameaça persistir.

É com justa preocupação que os agricultores e pecuaristas aguardam a posse do novo governo e ver o que nele vem embalado. Mas pela mostra já se pode perceber que não é boa coisa. É mais do que urgente, é necessário resgatar a confiança do agricultor e pecuarista, para solucionar o problema do abastecimento do país. E, com certeza, não será interferindo no mercado, congelando os preços ou fazendo o seu tabelamento que se resgatará a confiança. É preciso dar-lhe mostra efetiva de que a política do novo

governo será de apoio ao agricultor e pecuarista, sob o risco de vermos o problema do abastecimento agravar-se ainda mais e termos que assistir a explosão inflacionária. Esperamos que o ministro da Agricultura do novo governo não cometa o desatino de adotar o congelamento de preços dos gêneros alimentícios.

A raiz da problemática do abastecimento não reside na falta de controle de preços. A sua origem emerge de outra vertente: a falta de uma política consistente para o setor, que torne a atividade atraente. A solução do problema de abastecimento não comporta medidas simplistas, como esta proposta pelos tecnocratas do PMDB: exige uma ampla discussão, da qual, necessariamente, têm que participar os produtores, extensionistas, pesquisadores e consumidores. É dessa discussão que deve sair a solução, que, forçosamente, seja benéfica para o consumidor e produtor.

Na série de sugestões feitas no documento os pontos essenciais das falhas que provocam as anomalias no abastecimento não são estranhamente tocados: por exemplo, as falhas no serviço de extensão rural. A única maneira de produzir alimentos mais baratos, sem que haja penalização do produtor, é melhorar o índice de produtividade — e para isso é preciso melhorar sensivelmente o serviço de extensão e assistência ao agricultor. Essa solução, por si só, traria uma série de benefícios aos produtores e aos consumidores: os primeiros teriam

melhor rentabilidade e o segundo a oferta abundante e a menor custo.

O segundo ponto é a falta de crédito aos produtores, mesmo que a juros de mercado, tanto para custeio, comercialização e investimento. Por outro lado, falta, também, uma política de estocagem, que retire os excedentes de produção no pico da safra, sustentando os preços em patamares que sejam realmente estimulantes para o agricultor. A agricultura e pecuária, como qualquer atividade econômica, devem estar livres das mãos do Governo, que deve interferir só para corrigir anomalias graves que surjam no mercado.

Assim, espera-se que Tancredo Neves tenha bom senso ao decidir sobre a política agrícola e de abastecimento. Do contrário, poderemos continuar, daqui a quatro anos, discutindo o problema de abastecimento como um monstro indomável.

O problema do abastecimento é um desafio do novo governo, que pode pregar seu efetivo apoio à agricultura, mas somente restabelecerá a credibilidade — e boas safras — quando implementar uma política que de fato estimule o setor, liberando o comércio, tanto para o mercado interno como para o externo, garantindo recursos abundantes, assistência técnica efetiva. E não tentando adotar a política de congelamento ou tabelamentos de preços — medidas que com certeza levarão a agricultura brasileira para o caminho da extinção e por tabela a uma convulsão social no país.

As associações de produtores e o melhoramento genético de bovinos

Maurício Mello de Alencar^{1/}



Desde o início da domesticação dos bovinos, provavelmente na era pré-histórica, o homem utilizou-os para atender às suas necessidades de tração, couro, leite e carne. Contudo, foi Robert Bakewell, um fazendeiro inglês que viveu de 1725 a 1795, quem estabeleceu os padrões modernos do melhoramento animal (Lush 1945). Em bovinos, seus esforços foram direcionados para o aprimoramento do English Longhorn, e seus princípios incluíam coisas como: "consaguinidade produz prepotência e refinamento; e acasalar o melhor com o melhor". Outra característica de seu trabalho era o arrendamento dos machos, ao invés de vendê-los. Desta maneira, aqueles animais que produziam as melhores progêneses retornavam ao seu plantel e eram utilizados como reprodutores. Além disso, Bakewell possuía uma meta bem definida, que era a obtenção de animais precoces quanto à produção de carne (Ensminger 1976). O sucesso de Bakewell foi tão grande que atraiu muitos seguidores, e logo começaram a surgir grupos de animais estreitamente relacionados e similares em tipo, de onde surgiram as raças modernas, que viriam a ser formalmente organizadas mais tarde.

A utilização de "pedigrees", em bovinos, iniciou-se na Inglaterra no final do século XVIII, e a formação das associações de registros teve início em meados do século XIX (Lush 1945). Enquanto as raças se localizavam em regiões restritas e nas mãos de poucos, a utilização de registros pelos próprios criadores era suficiente para fins de negócios e de identificação dos animais. Entretanto, com o tempo, o número de criadores de cada raça cresceu, a ponto de muitos não se conhecerem, e o número de gerações aumentou, tornando impossível a memorização de toda a genealogia. Para fornecer estes dados e evitar que comerciantes inescrupulosos negociassem animais comuns como "puros", formaram-se os "herdbooks". Em bovinos, o "herdbook" da raça Shorthorn, formado em 1822, foi o primeiro a aparecer, e procurou incluir o pedigree de todos os animais puros. Outros livros foram surgindo, como o Hereford Herdbook em 1846 e o Polled Herd Book (para a raça Aberdeen-Angus) em 1862.

No Brasil, o registro genealógico iniciado em 1904 pelo Dr. Leonardo Brasil Collares, apoiado pela Associação Rural de Bagé, constituiu uma das principais razões da criação das associações de criadores de raças especializadas (Brasil 1983). Em consequência da rápida expansão do gado zebu no País, criou-se, em 1919, a Associação do Herd Book Zebu, com o objetivo de anotar as genealogias e fornecer os "pedigrees", resguardando, assim, a pureza racial dos animais importados e de seus descendentes (Camargo 1979). Já em 1938, o registro genealógico do zebu foi absorvido pela Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, que em 1967 foi transformada na Associação Brasileira de Criadores de Zebu - ABCZ.

ATIVIDADES DAS ASSOCIAÇÕES DE CRIADORES

Uma associação é formada por um grupo de criadores com interesses comuns em determinada raça. A importância das associações aparece quando se verifica que as raças que sobreviveram ao tempo possuíam uma associação de criadores. No Brasil, elas são controladas pelo Ministério da Agricultura, que lhes delega as seguintes funções:

- realizar o registro genealógico dos animais da raça;
- difundir e promover a raça;
- promover o melhoramento da raça através de provas zootécnicas.

Todas as funções das associações são muito importantes para o desenvolvimento das raças, portanto, serão rapidamente explanadas a seguir.

REGISTRO GENEALÓGICO

O registro genealógico tem sido um dos principais objetivos das associações. Tem como finalidade a inscrição, em livro próprio, de todos os animais que se enquadram nos padrões da raça, com o objetivo de identificá-los, fornecer "pedigrees" e preservar a pureza e os padrões morfológicos e produtivos da raça.

Qualquer programa de seleção dentro de uma raça depende da precisão dos "pedigrees". Estes, por sua vez, dependem da honestidade e do cuidado daqueles que solicitam o registro dos animais. Normalmente os criadores têm que comunicar à associação, em tempo hábil, as coberturas e os nascimentos ocorridos no rebanho. Contudo, a verificação de lotes individuais de vacas com touros e dos bezerros aos pés das vacas deveria ser prática rotineira das associações, pois contribuiriam para reduzir erros de paternidade. É importante frisar que um registro genealógico preciso é fundamental para o estudo e o melhoramento de uma raça.

Para ter algum valor no aprimoramento genético da raça, o "pedigree" deveria ser mais que uma simples relação de nomes de ancestrais e de datas de nascimento. Deveria combinar da-

dos de genealogia e de desempenho do indivíduo, dos ancestrais e da progênie. Posicionando o indivíduo, em termos de produtividade, em relação aos ancestrais e aos contemporâneos, e apresentando dados de progênie, o registro genealógico forneceria subsídios para a maximização do progresso genético pela seleção.

DIFUSÃO E PROMOÇÃO DA RAÇA

Outra atividade importante de uma associação é, naturalmente, a difusão e promoção da raça, promovendo, portanto, os interesses comerciais dos associados. São freqüentes as realizações das associações, no sentido de aumentar o interesse pela raça e, conseqüentemente, o número de criadores.

As exposições agropecuárias são utilizadas não só com intuito promocional, mas também educativo, no que se refere a mostrar os padrões ideais das raças. Julgamentos realizados por pessoas que conhecem os caracteres raciais desejáveis e que se mantêm atualizados quanto às preferências de mercado e às tecnologias disponíveis servem para orientar os criadores na seleção de seus rebanhos, contribuindo, portanto, para a melhoria dos méritos da raça.

Várias associações possuem revistas periódicas que orientam suas atividades, principalmente para negócios e propagandas de vendas e leilões. Estas revistas apresentam também artigos técnicos, contendo informações necessárias para o aprimoramento dos rebanhos.

Portanto, as promoções realizadas pelas associações são importantes não apenas pela difusão das raças, mas principalmente pela difusão de técnicas disponíveis e de padrões desejáveis na criação de gado bovino.

MELHORAMENTO GENÉTICO DA RAÇA

A atividade de maior importância das associações é, provavelmente, a de promover o melhoramento genético das raças, sendo esta talvez a atividade menos desenvolvida. Segundo relatório do Serviço de Acompanhamento das Políticas de Produção (SEAPRO-SP), apenas 14,35% dos animais registrados por

algumas associações de criadores no estado de São Paulo, durante o período de 1980 a 1982, tiveram seu controle de desenvolvimento ponderal realizado (Brasil 1983). Geralmente, além do número relativamente pequeno, os animais controlados são previamente escolhidos, não sendo, pois, amostra realmente representativa do rebanho. Muitas vezes o mesmo acontece com animais que participam de provas de ganho de peso que, além de tudo isto, são preparados exclusivamente para competir com animais de outros rebanhos. Desta maneira a utilização dos registros genealógicos se restringe apenas a fornecer informações da ascendência do animal, sem apresentar dados de produção, não contribuindo, portanto, para a seleção de animais superiores. Evidentemente, um animal registrado está dentro dos padrões raciais estabelecidos; entretanto, a seleção de animais não pode ser baseada somente em características raciais. Considerar características de valor econômico e utilizar resultados obtidos pela pesquisa científica é uma necessidade em qualquer programa de melhoramento de uma raça. Melhorar uma raça, atualmente, não é só uma arte, mas também um ciência.

Uma população de bovinos, principalmente de corte, é geralmente formada de rebanho puros e rebanhos comerciais. Os criadores de gado puro produzem reprodutores para criadores de gado puro e de gado comercial. A qualidade do gado comercial, cruzado ou não, depende do desenvolvimento de animais puros superiores. Quase toda a responsabilidade do melhoramento genético dentro de uma raça recai sobre os rebanhos puros; contudo, os genes desejáveis são difundidos para os rebanhos comerciais, contribuindo para o aumento da produção (Packer 1978). O criador de gado puro tem a responsabilidade de colocar à disposição de outros criadores animais de capacidade genética adequada para determinado tipo de ambiente e manejo. Esta responsabilidade passa a ser também das associações de criadores, visto serem estas formadas por grupos de criadores com interesses comuns.

Qualquer aprimoramento genético de uma raça depende basicamente da

seleção de animais geneticamente superiores. Seleção pode ser definida como uma taxa reprodutiva diferenciada, onde se permite que alguns indivíduos produzam mais filhos do que outros. A seleção não cria novos genes; ela modifica a frequência gênica da população. A seleção, no melhoramento de um rebanho, é uma tentativa de segurar ou reter os melhores animais da presente geração, para serem pais da próxima. Naturalmente, o destino de uma população depende desta seleção.

Os resultados da seleção são geralmente dois, a saber: 1) aumento imediato da produção, normalmente obtido pela retenção das melhores vacas; e 2) aumento na produção das gerações futuras, obtido pelo ganho genético decorrente, principalmente, da utilização de touros selecionados. Segundo Carneiro (1978), em prova de ganho de peso a pasto, a retenção de 10% dos machos e 85% das fêmeas à desmama, seguida da taxa de reserva de 40% e 70% aos 18 meses, dos animais retidos à desmama, resultaria em um ganho genético esperado de 1,6 kg/ano e 2,1 kg/ano nos pesos à desmama e aos 18 meses, respectivamente. Apesar de parecerem pequenos, deve-se lembrar que o ganho genético obtido pela seleção se acumula no decorrer dos anos.

Existem várias maneiras de identificar animais superiores para uma ou mais características de importância econômica. Afirma-se que: "O pedigree indica o que o animal deveria ser, o fenótipo indica o que o animal parece ser, e a progênie indica o que o animal é realmente". Portanto, a utilização de informações de ancestrais e colaterais (irmão, primos etc.), as provas de ganho de peso e os testes de progênie são importantes na identificação de animais melhoradores. Todos estes métodos, contudo, dependem de um controle rigoroso dentro dos rebanhos. Para obter informações dos ancestrais, colaterais e do próprio indivíduo, e para determinar quais indivíduos devem participar das provas de ganho de peso e dos testes de progênie, é indispensável que se desenvolva e mantenha um programa de coleta, registro e análise de dados em proporção significativa dos animais da raça. Os dados obtidos, após ajustes para fatores

não genéticos (ano, mês de nascimento, sexo, idade da vaca etc.), serão utilizados na avaliação do valor genético dos indivíduos, possibilitando, de fato, uma seleção eficiente dos reprodutores.

Ninguém melhor que as próprias associações de criadores, logicamente com a ajuda de outras instituições, pode executar um plano de melhoramento genético de uma determinada raça. O programa deve ter seus objetivos e metas bem definidas e ser de fácil execução. A exploração da bovinocultura no Brasil dá-se em ampla variedade de condições de ambiente e manejo, portanto os trabalhos não devem partir de iniciativas isoladas, mas de âmbito estadual, regional ou nacional.

Os objetivos do programa, entre outros, devem ser de:

- fornecer bases para a seleção de animais dentro dos rebanhos;
- estimar parâmetros genéticos e fenotípicos para as características;
- verificar os efeitos de fatores não genéticos sobre as características;
- avaliar o progresso genético alcançado.

Para despertar o interesse do criador e, conseqüentemente, trazer benefícios, as características a serem medidas devem ser de alto valor econômico e de obtenção fácil, barata, precisa e o mais precocemente possível. Qualquer sistema de produção de leite ou de carne bovina depende das seguintes características: eficiência reprodutiva de machos e fêmeas; habilidade materna; características de produção e conformação.

A eficiência reprodutiva é importante dos pontos de vista econômico e genético. A produção de leite de uma vaca se inicia quando o bezerro nasce, e a produção de carne depende de que cada vaca produza bezerras saudáveis e bem desenvolvidas. Geneticamente, a fertilidade está diretamente ligada ao progresso obtido pela seleção. Mesmo sendo a característica de fertilidade de baixa herdabilidade, os dados devem ser cuidadosamente coletados e analisados, pois são usados na identificação de problemas de manejo, que podem ser mo-

dificados no sentido de aumentar a eficiência reprodutiva.

A habilidade materna é mais importante na produção de animais de abate. O peso dos bezerras à desmama é de fácil obtenção e reflete muito bem a habilidade materna, visto ser altamente relacionado à produção de leite. A viabilidade dos bezerras, bem como as causas da mortalidade, deve ser também considerada.

Medidas do desenvolvimento ponderal são características de produção importantes na bovinocultura de corte enquanto que a produção de leite e gordura o são em gado leiteiro. Estas características são de fácil obtenção, de precisão elevada, e refletem o objetivo final da exploração pecuária. Devem ser bem planejadas no sentido de facilitar o trabalho e reduzir a movimentação excessiva do gado. Devem ser obtidas precocemente, facilitando o descarte de animais pelo produtor.

Por ocasião das pesagens, deve-se fazer também uma avaliação da conformação e das características raciais dos animais. A avaliação visual da conformação (estrutura óssea, gordura, músculos, glândulas mamárias, apêndices etc.) é importante, pois pode contribuir para a longevidade e também para a qualidade de carcaça, além de fornecer dados para verificar sua relação com outras características de valor econômico.

Para que um programa desta natureza possa ser desenvolvido, é necessário que o produtor mostre interesse e forneça todos os dados básicos requisitados. Desta maneira, as coletas de dados de produção serão possíveis e facilitadas. A obtenção de dados tem que ser um processo contínuo e dinâmico, de modo que novos critérios e métodos de seleção possam ser definidos, no sentido de otimizar o progresso genético.

O produtor não pode naturalmente esperar que se tenha número de dados suficientes para estimar parâmetros genéticos e constantes de ajuste para fatores não genéticos. A seleção dentro de cada rebanho deve ser iniciada tão logo tenham sido coletados os primeiros dados. Para tanto, a associação deve fornecer a cada produtor relatórios que contenham os valores genéticos estimados de cada animal do rebanho, após

cada coleta de dados. Relatórios de touros, vacas e animais jovens devem ser fornecidos em tempo hábil, para que o produtor possa selecionar os touros a serem utilizados na reprodução, as novilhas a serem integradas ao plantel, eliminar vacas e verificar o valor genético de cada touro utilizado. Estes relatórios deverão ser de uso exclusivo de cada produtor, que seria orientado por técnicos na seleção dos animais. Aliados à sanidade estrutural e às características raciais do animal, os relatórios possibilitarão uma seleção mais efetiva.

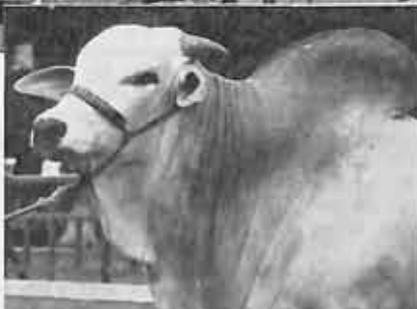
Todo este trabalho de controle produtivo dos rebanhos, bem como a análise e interpretação dos dados, não deve, evidentemente, ser realizado apenas pelas associações de criadores. Estas devem-se unir a outras instituições, cada uma com funções definidas, no sentido de aumentar a eficiência do programa. A coleta de dados poderia ser feita por técnicos das associações e dos serviços de extensão, que contariam com a colaboração dos criadores. A análise estatística e a interpretação dos dados, bem como a definição dos critérios e métodos de seleção, deveriam ser funções de técnicos das associações, universidades e empresas de pesquisa. A seleção dos animais, em nível de fazenda, deveria ser feita pelo criador e por técnicos das associações e dos serviços de extensão. A elaboração do programa de melhoramento deve ser responsabilidade de todas as partes envolvidas. Esta união de forças tornará o programa exequível, tanto financeira quanto tecnicamente.

O aprimoramento de uma raça não se faz somente com seleção de animais geneticamente superiores. O ambiente no qual o animal é criado é de importância fundamental, quando se verifica a possibilidade de interação entre genótipo e ambiente. Portanto, a produção de bovinos deve ser vista como um sistema, onde aos manejos nutricional, sanitário e reprodutivo, deve ser prestada a mesma atenção que à seleção. As associações de criadores, em conjunto com outras instituições, poderiam dar maior apoio aos produtores, orientando-os na utilização de novas técnicas, visando à melhoria do sistema de produção como um todo.

Talvez o maior entrave para um



A atividade de maior importância das associações é, provavelmente, a de promover o melhoramento genético das raças, sendo esta talvez a atividade menos desenvolvida.



projeto desta natureza seja o desinteresse ou mesmo a resistência dos próprios criadores em aceitar novas tecnologias. Cabe às associações conscientizá-los das necessidades e vantagens do programa. É interessante que o máximo de criadores participe, sendo necessário que todos os animais dos rebanhos participantes sejam avaliados, e não somente parte deles.

Finalmente, é importante frisar que dados coletados só têm algum valor quando bem utilizados, e a eficiência na sua utilização depende da precisão com que são obtidos, da honestidade de quem os está trabalhando e do programa de seleção desenvolvido.

CONCLUSÕES

As associações de criadores têm desempenhado papel importantíssimo na pecuária bovina nacional. Suas funções de registro genealógico, promoção e difusão e melhoramento genético são fundamentais para a preservação da "pureza" e dos méritos das raças. Contudo, maior ênfase deve ser dada ao melhoramento genético, através da elaboração de programas em nível estadual, regional ou nacional. O estabelecimento de programas sistemáticos de coleta, análise e interpretação de dados, em nível de fazenda, é a base para qualquer projeto de seleção dentro e entre rebanhos,

e de testes de ganho de peso e de prole. Estes programas devem ser elaborados e executados pelas associações de criadores e pelas instituições de ensino, de pesquisa e de extensão.

As associações poderiam também dar maior apoio técnico aos criadores, no que diz respeito à criação de gado como um sistema, considerando-se o fato de que 100% da produção bovina é uma combinação de nutrição, sanidade, manejo e genética. Na realidade, como já se sabe: "não adianta fornecer ao animal um ambiente favorável, se ele não possui potencial genético para mostrar, como também não adianta o animal possuir o potencial genético, se ele não tem ambiente para expressá-lo".

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. DELEGACIA FEDERAL DA AGRICULTURA, São Paulo, SP. Relatório SEAPRO-1980-2. São Paulo, 1983.
- CARNEIRO, G.G. Considerações sobre a prova de ganho de peso a campo. In: SIMPÓSIO SOBRE PECUÁRIA DE CORTE, 2, Piracicaba, 1978. Anais. s.n.t.
- CAMARGO, R.K. de O Zebu brasileiro. O Zebu, 8 (66):34-5, 1979.
- ENSMINGER, M.E. Beef cattle science. Danville, Illinois, Interstate, 1976.
- LUSH, J.L. Animal breeding plans. sl. Colleague Press, 1945.
- PACKER, I.U. Métodos de melhoramento utilizados atualmente em bovinos de corte. In: SIMPÓSIO SOBRE PECUÁRIA DE CORTE, 2, Piracicaba, 1978. Anais. s.n.t.

Mercado

A marcha da safra 1984/85

A área plantada não deverá crescer.
Clima prejudica plantio e produtividade.
A agricultura brasileira
precisa mudar para voltar a crescer.

As primeiras estimativas de área plantada na região centro-sul, que praticamente responde pela produção nacional, não mostram um resultado otimista para a atual safra de verão 84/85. A tabela 1 revela que poderá haver uma queda de 0,3%. Para o Estado de São Paulo, a situação apresenta um perfil melhor, ainda que longe do ideal, com um crescimento de 4,7%. No conjunto, as culturas que indicam uma queda mais significativa, são justamente as do arroz, milho e feijão, voltadas para o abastecimento interno.

Na realidade, este comportamento desfavorável não chega a surpreender. A oferta de financiamentos por parte dos agentes financeiros do sistema nacional de crédito rural teve um abrupto corte. Aos agricultores restou tão somente a alternativa de injetar uma quantidade substancial maior de recursos próprios. Nem todos, entretanto, estavam devidamente capitalizados para desenvolver os empreendimentos necessários. Esta empreita vem sendo basicamente efetuada em certas atividades que tiveram um desempenho positivo no último ano agrícola, ligados ao café, cana-de-açúcar, laranja e algodão.

Vê-se, pois, que o aumento das vendas de insumos e maquinaria agrícola, muito divulgado em todo país, não significa

um acréscimo na demanda em função do aumento na área plantada. Os agricultores estão sendo impelidos, após os últimos anos de demanda reprimida, a aumentarem suas compras. No caso do adubo, os estoques disponíveis foram usados anteriormente, sendo que, as aquisições correspondem às qualidades a serem lançadas no solo. Para o setor de máquinas e implementos, os investimentos visam compensar a falta de novas unidades, face ao desgaste em que se encontra a frota existente.

Sendo assim, a possibilidade de que a safra 84/85 tenha uma colheita superior à do ano anterior, vai depender da produtividade das lavouras. Até o momento, pelo que se observou em termos de contingências climáticas, os campos de produção têm sofrido duras perdas. O período de estresse foi acompanhado de seguidos dias de fortes insolações, que prejudicaram a programação de plantio. Muitas lavouras, que já estavam semeadas, com as plantas em estágio de germinação, entrando em crescimento vegetativo, tiveram perdas totais. Houve necessidade de replantio, com os trabalhos sendo realizados em épocas não recomendadas tecnicamente. Por sua vez, as culturas que sobreviveram a estas adversidades salvo aquelas conduzidas com irrigação, não estão apresentando um bom "stand", tendo bastante falhas.

AGRICULTURA: HORA DE MUDANÇAS

A estagnação da agropecuária nacional, agravada pela queda na área ocupada pelas culturas alimentares, desde metade do segundo quinquênio da década setenta, vem sendo motivo de amplos debates. Neste final de ano, assiste-se nos quatro cantos do país, promoções de eventos para: 1) avaliar a gravidade da situação atual; 2) colher propostas de medidas políticas que sirvam para reativar o setor.

De um modo geral, observa-se que existe pleno consenso quanto à interpretação das raízes da crise que se abate sobre a agricultura. Constitui ponto de vista comum, o entendimento de que os produtos não têm condição, quer técnica, quer econômica, para se sustentar na atividade, dentro de um quadro de duplo risco. O primeiro, inerente ao próprio empreendimento agrícola, decorrente de fatores muitas vezes incontroláveis, tais como, a incidência de pragas, doenças e clima. O segundo, em função dos desaccertos da política oficial, que não visa um horizonte de médio prazo.

Paradoxalmente, tudo isto ocorre no último ano de gestão do atual governo federal, que logo ao tomar posse, em carta divulgada em maio de 1979, assumiu o compromisso de dar prioridade à agricultura. Entretanto, o fraco comportamento apresentado pelo setor, em termos de área plantada e produção, nos anos subsequentes, mostra que esta promessa não foi cumprida.

Desta maneira, é muito pequena a possibilidade do Brasil escapar, nos próximos anos, de uma crise de alimentos. A Tabela 2 compara a disponibilidade "per capita" dos gêneros comestíveis entre 1970 e 1984.

Trate-se portanto, de um sério problema que o próximo governo recebe como herança, que terá, já no seu primeiro ano, de aplicar medidas para minimizá-lo. Caso contrário, as consequências serão muito mais graves do que o impacto da crise

Tabela 1 - PRIMEIRA ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA PARA 84/85 - 1.000 HECTARES

Produto	Região Centro-Sul - Safra			Estado de São Paulo - Safra		
	83/84	84/85	Varição	83/84	84/85	Varição
Algodão	775,3	897,5	28,6	244,0	317,0	29,9
Amendoim das águas	85,0	117,0	21,0	74,5	92,5	24,1
Arroz	3.857,8	3.638,5	-8,3	341,0	338,0	-0,9
Feijão das águas	1.897,7	1.828,4	1,5	218,0	221,6	2,6
Mamona	72,4	73,5	0,1	29,0	29,8	1,7
Milho	8.289,3	8.041,6	-2,7	1.241,0	1.285,6	2,0
Soja	9.182,9	8.372,0	2,3	480,0	486,0	1,0
Total	26.151,2	25.088,4	-0,3	2.625,5	2.749,0	4,7

Fonte: anexo 83/84 - CFP; safra 84/85 - ATR/DEAFAL/IBANESPA

Estados da Região Centro-Sul: Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal.

Para o Milho e a Soja foi incluído o Bahia.

Tabela 2 - DISPONIBILIDADE 'PER CAPITA' ANUAL - QUILOS

Produto	Ano	
	1970	1984
Arroz	81,02	67,3
Feijão	23,72	19,5
Mandioca	316,08	154,4
Milho	152,51	158,6
Soja	16,18	116,3

Fonte : FIBGE

do petróleo, desde 1973, e do "setembro negro" da dívida externa, a partir de 1982.

Antes de mais nada, é preciso ter em mente, de acordo com o apresentado anteriormente, que a atual safra de verão não gerará uma oferta adequada para garantir o abastecimento interno. O "deficit" da quantidade a ser colhida, ocorrerá justamente, num momento em que a sociedade pressionará por uma reposição de renda, cujo grau de atendimento implicará diretamente no aumento da demanda interna de alimentos.

Na verdade, o modelo vigente de política agrícola precisa sofrer uma revisão significativa. O setor não pode continuar circunscrito apenas a um esquema de disponibilidade dos reversos oficiais, para retomar a marcha do crescimento. É preciso considerar que dentro dos elevados níveis de inflação, fica difícil a obtenção de lucros. Isto acaba comprometendo a decisão dos agricultores para empregarem novas técnicas ou mesmo expandirem as áreas cultivadas.

Por ora, fica o alerta de que, por estar o contexto agrícola ficando cada vez mais gravoso, todo atraso na adoção de novas medidas será negativo. Isto porque exigirá um maior tempo de saneamento, que constitui uma fase de pré-requisito, para o setor retomar o crescimento. Afinal, as distorções existentes precisam ser corrigidas. O desequilíbrio tende a se acentuar, em resposta às políticas adotadas anteriormente.

O enfoque energético, através da produção do álcool em substituição ao combustível importado, fomenta a expansão da cana-de-açúcar. A busca de divisas, para gerar "superavit" na balança comercial, estimula as culturas de exportação. Enquanto isto, as lavouras de consumo

interno ficam à margem do processo de crescimento.

A própria vocação histórica do Brasil na agropecuária, condiciona uma pressuposição básica para o país imprimir um crescimento auto-sustentado no setor de exportação. Ou seja, de que a constituição de uma cesta de produtos agrícolas é uma questão estratégica. Afinal, como expandir as vendas externas, se houver necessidade de importar alimentos, onde economicamente existe as maiores vantagens comparativas de se produzir. Na verdade, a própria oferta adicional de alimentos para o mercado internacional, fortalece toda política para o setor de exportação. Daí, então, a produção de grãos do país ter de atingir níveis adequados de crescimento, ou através da abertura de novas fronteiras ou por intermédio da melhora dos níveis de produtividade.

A consecução deste objetivo somente virá se, antecipadamente, cada peça de política econômica estiver concatenada, viabilizando um programa global de estabilização da renda agrícola. Neste particular, o seguro poderia ser um instrumento coadjuvante de sustentação de renda e subsidiado, como ocorre praticamente nos outros países.

A nível do produtor, deve haver garantia de preços remuneradores. O lucro é o principal indicador de retorno positivo dos investimentos. Com a prática de uma taxa de câmbio competitiva, os preços nos mercados de produtos e insumos poderiam atuar livremente. Neste contexto, abandonar-se-iam os empregos de medidas emergenciais, com base em tabelamentos, contingenciamentos e confiscos, que sempre acabam desestimulando a produção. Do lado do consumo cabe apenas levá-lo à sua dimensão adequada, através da criação de um amplo pro-

grama especial de alimentação para a população carente. Hoje existem 80 milhões de brasileiros que sofrem de alguma forma de deficiência nutricional. Dentro deste caminho, existiria subsídio no consumo, ficando o produtor com preços estimuladores. Os juros do crédito rural ficariam próximos àqueles praticados no mercado financeiro.

Outras medidas complementares, contudo, precisam ser implementadas. A política agrária deve constituir-se em instrumento forte para fazer com que a terra, efetivamente cumpra sua finalidade social de produção. No campo fiscal, uma reforma se faz necessária, dentro do cumprimento de dois princípios. O primeiro de que a tributação deva incidir sobre a renda e não na produção. Ou seja, no sentido de acabar com os impostos indiretos, como o Imposto de Circulação de Mercadorias, que possui uma alíquota elevadíssima, de 17%. O segundo, no tocante a descentralização do recolhimento dos impostos, que passaria a ser regulada pelos Estados e Municípios.

A atual política tributária favorece a transferência de renda da agricultura para outros setores, descapitalizando o produtor, que não se vê estimulado a investir e obter ganhos tecnológicos. Não obstante, a produção de uma reforma na sistemática de arrecadação esbarra em alguns problemas. O ICM, por exemplo, compõe 97% da receita própria dos Estados, sendo que, naqueles essencialmente agrícolas, tais como Mato Grosso do Sul e Goiás, 3/4 provém da agropecuária. Como 20% do valor coletado fica nos municípios, há cidades que sobrevivem desta fonte de receita.

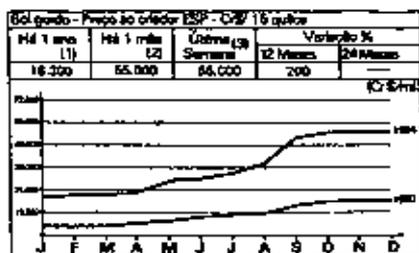
Por outro lado, a sistemática vigente do imposto de renda para a agricultura também precisa ser mudada. A cédula G, que praticamente existe para efeito de declaração dos produtores, por proporcionar uma série de descontos e incentivos fiscais, tem levado com que profissionais liberais passem a aderir a atividade, lançando despesas que não lhe são pertinentes, para não pagar impostos. Estes critérios de abastecimento, além de complicados, não estimulam o setor. Basta observar, que os investimentos em cercas equivalentes ao feito em irrigação, e surpreendentemente, superam aqueles realizados com sementes selecionadas, que apresentam maior repercussão sobre a produtividade.

Saúde tem nome

**CRED
MED**

ASSESSORIA DE VIDA E SAÚDE

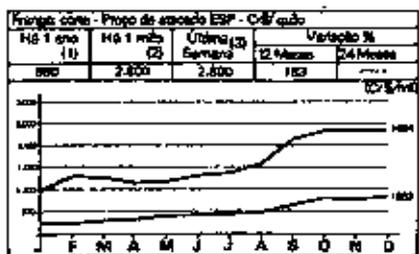
AV. BRIG FARIA LIMA, 1857 - 5ª. and. CJ. 505 - FONE: 814-4622 - SÃO PAULO



Boi: achatamento no consumo

Em que pese os níveis vigentes de inflação, o preço do boi a nível do produtor persiste em Cr\$ 55 mil por arroba, posto frigorífico, com pagamento em 30 dias. As expectativas são de que as cotações tenham apenas evolução em termos nominais. O mercado registra o início do período de safra, com o restabelecimento de condições climáticas adequadas para o bom desenvolvimento vegetativo das pastagens. Neste sentido, a tendência de aumento na oferta de carne proveniente dos rebanhos do Centro-Sul, deverá contrastar com uma demanda fortemente reprimida, face a queda no poder aquisitivo da população. Acredita-se que o consumo per capita anual de carne bovina do brasileiro tenha caído de 21 quilos para 13 quilos, de 1977 a 1984.

Enquanto isto, as quantidades de carnes embarcadas para o exterior não vêm apresentando uma boa performance. O mercado mundial conta com grandes estoques, deprimindo as cotações. Somente a Comunidade Econômica Européia, que detém grandes excedentes, exportará 600 mil t, tendo inclusive, oferecido ao Brasil carne a US\$ 800 por tonelada (equivalente carcaça com traseiro e dianteiro) posto no porto de importação. Tudo isto tem reflexo direto na rentabilidade das vendas do produto nacional, cujo custo ultrapassa US\$ 1.300 por t.



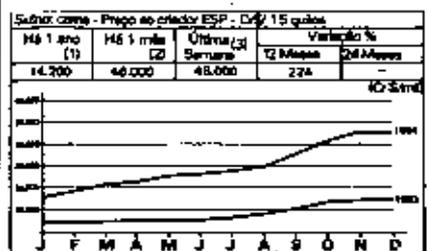
Frango: fase de aumento no consumo

Apesar dos altos preços da carne bovina ensejarem uma elevação no consumo de frango, o mercado continua a praticar as mesmas cotações nestes últimos dois meses. Na verdade, nota-se que a demanda está fortemente retraída, sem condições de absorver qualquer repasse de custo. Em vista disto, o setor vai acomodando dentro deste regime de forças.

Segundo a Associação dos Produtores de Pintos de Corte (APINCO), as vendas de pintinhos caíram de 96,5 milhões de cabeças para 92,5 milhões, entre agosto e setembro. Esta baixa oferta compensou a queda registrada no varejo, estabilizando as cotações.

Entretanto, as expectativas no curto prazo são de uma retomada nas vendas. Em outubro, estima-se que o número de pintos alojados foi de 100 milhões de cabeças. Isto corresponde a uma maior produção para dezembro, uma vez que o tempo médio de engorda do frango leva dois meses.

No final do ano, os negócios para formação de estoques no atacado dão-se num ritmo mais acelerado, para atender ao aumento do consumo das festas natalinas.

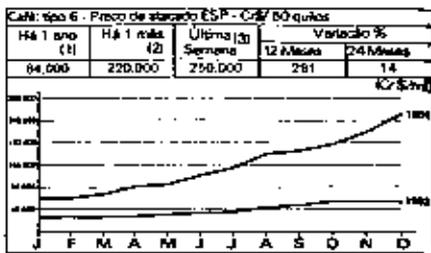


Suínos: erradicada a peste suína

A estabilidade no mercado de carne (bovina e avícola) tem sido o principal fator da imutabilidade da cotação do suíno. Não obstante, a atividade criadoura vem mostrando sinais de boa rentabilidade.

O aumento no número de aquisições de reprodutores indica que está havendo investimento para recomposição dos rebanhos. Isto permite prever uma maior disponibilidade de animais prontos para abate a partir de meados de 1985. A nível de varejo, a demanda vem crescendo face ao aumento no consumo, em decorrência das festas natalinas. O segmento atacado está com baixo estoque, absorvendo toda oferta dos frigoríficos, que por sua vez, diminuíram a taxa de ociosidade. A nível de granja, o quilo do porco tipo carne está cotado a Cr\$ 2.700,00, enquanto que, a banha a Cr\$ 2.500,00.

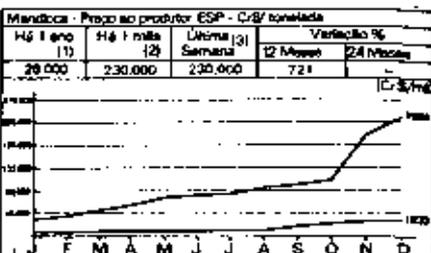
Dentro deste quadro, a declaração do governo brasileiro de que o país erradicou a peste suína africana, veio assinalar mais um tanto positivo. Fica aberta a chance de recuperar os mercados perdidos no exterior, desde a instalação da doença em 1978. Na oportunidade, o rebanho nacional sofreu drástica redução, com o abate de cerca de 66 milhões de cabeças. Até o ano passado, apesar dos estados sulinos terem desenvolvido um programa de saneamento e estarem aptos para exportar, as vendas externas eram dificultadas por existirem focos de doença em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A possibilidade de exportar carne "in natura" deverá estimular a suinocultura.



Café: exportação com fraco desempenho

O mercado doméstico da rubiácea mostra-se bastante desativado, em função do fraco desempenho das exportações. Externamente, em que pese o aumento natural da demanda, face a chegada do inverno no hemisfério norte, há mercados suficientes para atender o consumo no curto prazo. Isto porque os países produtores fizeram grandes embarques no último trimestre julho/setembro, para cumprir o Acordo Internacional do Café, do ano convênio 83/84. As previsões são de que o Brasil deixará de cumprir em 15 a 20%, a cota do trimestre outubro/dezembro, fixado pelo AIC em 5,21 milhões de sacas. Desta maneira, desde já começa a acumular o saldo nacional para ser embarcado até outubro/84.

Por sua vez, as vendas externas aos países não membros da OIC têm apresentado um perfil melhor, graças aos descontos concedidos, que em alguns casos chegaram a equivaler ao valor do confisco cambial, de US\$ 78/saca. Até agora, em 1984, foi embarcado 3,2 milhões de sacas, contra 1,7 milhão no ano passado. Evidentemente que dentro deste cenário não há estímulo para imprimir maior ritmo no nível dos negócios internos. O mercado vem sendo sacudido, muito mais em função das medidas que o IBC deverá concluir para o próximo ano, no tocante a distribuição das cotas de exportação. Os Cafés Finos, de bebida dura, isento do gosto Rio, que possuem maior procura, estão valendo na base de Cr\$ 300 mil a saca, enquanto que os mais fracos em Cr\$ 190 mil a saca.

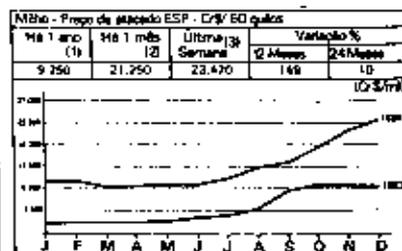


Mandioca: maior oferta em março

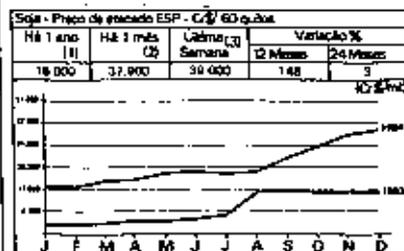
O presente ano encerra mostrando um resultado espetacular para os produtores de mandioca. A rentabilidade da exploração atingiu níveis jamais sequer alcança-

dos em tempos passados. Atualmente, em pleno período de entressafra, prossegue a pressão alísta dos preços. A nível de campo, dada a oferta praticamente nula, os raríssimos negócios são fechados sob valores recordes, na base de Cr\$ 230/250 por quilo. A reversão deste processo somente deverá ocorrer, a partir de março, quando começar a nova safra. A expectativa é de que houve um crescimento substancial na área plantada. Os preços atraíram até mesmo antigos mandiocueiros, que tinham abandonado a exploração do tubérculo por outras culturas.

Desta maneira, aguarda-se uma grande oferta. O comportamento das cotações dependerá de como agirão os moínhos, que compram mercadorias em função do nível de consumo de farinha pela população. Na hipótese do preço do arroz ficar abaixo da farinha de mandioca, a exemplo do que vem ocorrendo atualmente, prevê-se um recuo nas aquisições. Isto gerará sobras, de modo a enfraquecer os preços, abrindo espaço para as fecularias, que vêm operando com capacidade ociosa, e em condições, portanto, de absorver o excedente como matéria-prima. Os altos preços do tubérculo tem acarretado sérios problemas para as fecularias, uma vez que torna o preço final da fécula Cr\$ 1.200,00 o quilo) acima do amido do milho (Cr\$ 800,00 o quilo).



go). Ainda que o plantio mais tardio venha acarretar menores índices de produtividade, a regularização do mercado ficará mais garantida. Entretanto, para conter os preços, o governo autorizou a CFP importar 200 mil toneladas, isento do imposto sobre operações financeiras. O milho importado deverá sair na base de Cr\$ 28 mil por saca de 60 quilos. Esta medida tem impacto negativo para os agricultores, uma vez que no primeiro semestre comercializaram suas produções abaixo da paridade internacional, ao preço mínimo vigente na oportunidade.



Soja: período de poucos negócios

Os preços deixaram a trajetória ascendente para estabilizar-se neste final de ano, período em que normalmente o mercado de soja e derivados sofre uma relativa desativação. As indústrias moageiras estão com as atividades paralizadas, fazendo os serviços de reparo e manutenção das maquinarias. A queda da demanda reduziu a pressão alísta do baixo estoque remanescente, uma vez que as estimativas indicam um volume de apenas 700 mil t. de grãos para pronta entrega até a próxima colheita. Neste contexto, constata-se um crescimento temporário na oferta, inerente aos grãos não utilizados como sementes. Respectivamente, as cotações do quilo do grão, óleo e farelo estão em Cr\$ 39 mil/posto Maringá, Cr\$ 2,5 mil/posto São Paulo e Cr\$ 450/posto Fábrica.

Enquanto isto, a nível de campo os trabalhos de semeadura estão concluídos. Referentes a safra nova, as expectativas são de uma produção superior a 16,0 milhões de toneladas, enquanto que, os negócios encontram-se em algumas poucas vendas de farelo, onde a dificuldade maior é a falta de compradores. Os países importadores estão retraídos face a reduzida recuperação econômica e o fortalecimento do dólar. Para o próximo ano, o Brasil deverá adotar a política de livre comercialização. A CACEX já abriu os registros de exportações, estabelecendo que os embarques poderão ocorrer a partir de 01/04, apesar do ano comercial brasileiro iniciar em 01/02.

(Extrato do "Banespa Agropecuário", publicação do Dep. de Crédito Rural do Banco do Estado de São Paulo. Responsável Técnico: Eng. Agr. Luiz Antonio Pinazza).

A Editora dos Criadores

têm publicações que gozarem
goleada no campo da
agropecuária

NOSSO TIME:

- Revista dos Criadores;
- Anuário dos Criadores;
- Agenda dos Criadores e Agricultores;
- Informativo Rural Trabalhista e Fiscal;
- Imprensa Padronizadas;
- Guia Agropecuário;
- Livro para Contabilidade Agropecuária;
- Exploração Leiteira;
- Mangalarga - O Cavalo de sela Brasileiro.

Informações

e Pedidos

Rua Venâncio Aires, 31 - Água Branca
Fones: 263-8400 - São Paulo
- CEP 05024

Faça a sua escolha.

Milho: governo autoriza importação

O clima de agitação do mercado, com os preços em ascensão, que vem ocorrendo em escala crescente desde o início deste segundo semestre, deverá aumentar no primeiro bimestre do próximo ano. Isto faz uma perspectiva de baixa na oferta do produto. Os estoques disponíveis são suficientes para atender muito espremidamente o consumo até meados de janeiro. A partir de então, tenderá a firmar-se um quadro de aguçada escassez. As lavouras que produzem as chamadas "safinhas", que normalmente garantem o abastecimento do mercado desde início de fevereiro, foram bastante prejudicadas em razão das estiagens.

Dentro desta perspectiva de alta, justifica-se o aquecimento das cotações. De certa maneira, isto teve o efeito positivo de reter a substituição dos milharais, que tiveram de ser replantados por causa da seca e do ataque de lagarta do cartucho, por outras culturas (soja e sor-

Quanto custa produzir um litro de leite especial?

Estudos realizados pela Faesp (Federação da Agricultura do Estado de São Paulo), em dezembro último, através do seu Departamento Econômico, mostram que para produzir um litro de leite Especial o produtor gasta Cr\$ 624, relativos ao custo líquido, ou seja, às despesas com custo de produção menos as receitas indiretas. E, segundo o levantamento, os itens que mais oneram os custos de produção são os gastos com alimentos comprados, com mão-de-obra e alimentos produzidos na propriedade, com participação de 22%, 10% e 5,8%, respectivamente.

Enquanto as despesas diretas totalizam Cr\$ 516/l e as indiretas Cr\$ 92/l, a remuneração dos fatores fica ao redor de Cr\$ 240/l e as receitas indiretas em Cr\$ 224/l. Por outro lado, o valor estimado em dezembro/84 representa um acréscimo da ordem de 25,3% sobre Cr\$ 498/l, calculado em setembro/84, e 54,5% sobre Cr\$ 404/l, último preço fixado pelo governo.

Tomando como base o último discurso do presidente João Figueiredo, sobre o seu programa de governo para a área de agricultura, que lembrou que os preços mínimos fixados pelo governo evoluíram em 261% no ano passado, a Faesp enfatiza que o reajuste do leite Especial deveria acompanhar esse percentual. E para confirmar as estimativas do levantamento realizado, a Faesp mostra que, aplicando os 261% a Cr\$ 173/l, preço que vigorou em dezembro/83, chega-se a Cr\$ 625/l, valor que praticamente coincide com o apontado pelo estudo.

Custo de produção de leite especial, Estado de São Paulo, dezembro de 1984

Item	Cr\$/litro	Item	Cr\$/litro
I - DESPESAS DIRETAS		- Conservação de Benfeitorias e Instalações de:	
Operação		Infra-estrutura	6,00
- Mão-de-obra Comum	89,00	Específicas	5,00
Tratorista	4,00	Despesas Gerais	10,00
Retireiro	31,00	FUNRURAL	16,00
- Máquinas, Implementos e Animal de Trabalho		Subtotal 2	92,00
Trator	45,00	III - REMUNERAÇÃO AOS FATORES	
Máquinas Estacionárias	8,00	Máquinas e Implementos	18,00
Animal de Trabalho	1,00	Benfeitorias e Instalações de:	
Implementos	8,00	Infra-estrutura	6,00
- Transporte de Leite		Específicas	5,00
1.º Percurso	25,00	Terra	50,00
2.º Percurso	10,00	Rebanho e Animal de Trabalho	101,00
Material		Empresário	33,00
- Milho para Silagem	17,00	Capital Circulante	27,00
- Alimentos Produzidos na Propriedade	49,00	Subtotal 3	240,00
- Alimentos Comprados	188,00	IV - CUSTO DE PRODUÇÃO (Subtotais 1 + 2 + 3)	
- Medicamentos (vermífugo, antibiótico, carrapaticida e vacinas)	21,00	V - RECEITA INDIRETA	
- Outros Materiais (grampo, arame, madeira e formicida)	20,00	Animais	138,00
Subtotal 1	516,00	Esterco	29,00
II - DESPESAS INDIRETAS		Leite Consumido	18,00
- Máquinas, Implementos e Animal de Trabalho	26,00	Aluguel de Pasto	7,00
- Benfeitorias e Instalações de:		Valorização do Rebanho	32,00
Infra-estrutura	2,00	Subtotal 4	224,00
Específicas	8,00	VI - CUSTO LÍQUIDO DE PRODUÇÃO (item IV Subtotal 4)	
- Pastagens	19,00	624,00	

Fonte: FAESP/Departamento Econômico.

FAZENDA PROGRESSO - Andradina - SP

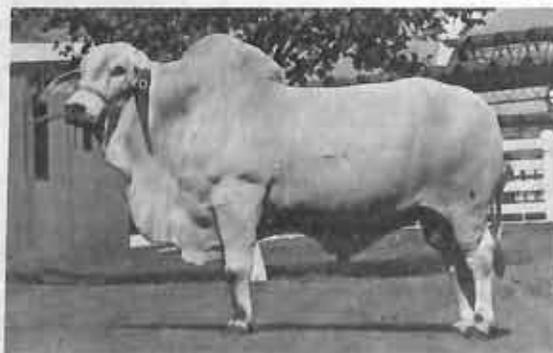
OSWALDO MITSUO FUJIWARA E OUTROS

End.: Caixa Postal 145 - Fone (0187) 22-1329 - CEP 16900 - ANDRADINA - SP

CF
MARCA

**CRIAÇÃO E SELEÇÃO
DE TABAPUÃ
E NELORE**

SÊMEN A CARGO
DA LAGÔA DA SERRA



VINCULO DA PROGRESSO
Reg. 2064 - Peso: 1.080 kg

O distribuidor de esterco que limpa fossas, lava estábulos, irriga, combate incêndios...



DELN 2000/2000 A/3500/3500 A

Conheça as vantagens de aproveitar o esterco orgânico chorume para a adubação utilizando o **Distribuidor de Esterco Líquido Nogueira**.

Além disso, sua grande versatilidade possibilita sua aplicação em muitas outras atividades tais como: hidrosemeadura, limpeza de ruas, terraplanagem, açudes, formação e manutenção de pomares e cafezais, transporte de líquidos, etc.

O seu funcionamento é simples: O tanque recipiente é acoplado a uma bomba de vácuo-pressão, acionada pela

tomada de força do trator. É auto-carregável e operado por um só homem, que poderá distribuir até 100 toneladas de matéria orgânica por dia.

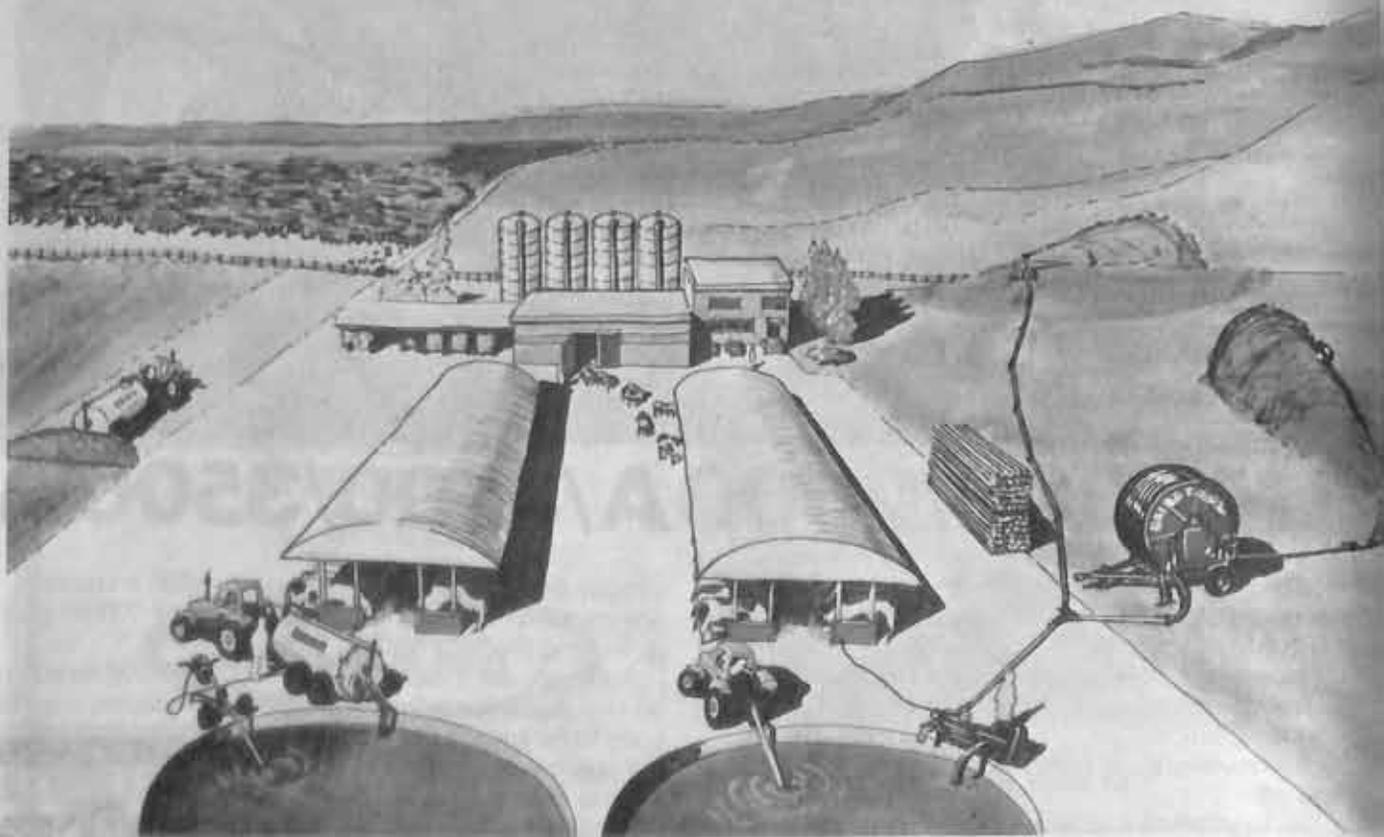
Fabricado em 2 modelos, para 2.000 e 3.500 litros, com ou sem **Agitador Interno**, o DELN é a máquina que não pode faltar em sua propriedade. E o que mais garante tudo isso, é a sua confiança na qualidade das máquinas Nogueira.



INCOMAGRI - Indústria e Comércio de Máquinas Agrícolas Ltda.

Rua Monteiro Lobato, 263 • CEP 13970 • ITAPIRA S.P. BRASIL
Tel. (0192) 63-1097 • Telex (019) 2380 INOG. BR.

Os leitores da Revista dos Criadores sabem perfeitamente que a ilustração acima é de uma fazenda e, de uma fazenda de criar. Nela vemos áreas com culturas e pastagens. Silos, um prédio que pode ser um depósito ou um escritório e um outro prédio que é uma sala de ordenha, de onde, em fila, saem as vacas a caminho de um estábulo e perto do estábulo estão dois tanques de estrume com mexedores e bomba de sucção ligada a uma tubulação plástica que leva o estrume para as pastagens. Por esta história se deduz que a terra produz alimento que é comido pelo gado e o que ele não aproveita para a sua manutenção ou produção de leite ou carne ele transforma em estrume, que o homem pode fazer voltar a terra, reconstituindo-a ou enriquecendo-a para que continue a produzir normalmente, sem maiores desgastes e que poderão torná-la esteril. Eis aí, na prática o velho princípio de LAVOISIER, que há mais de duzentos anos dizia: "Na natureza nada se perde, tudo se transforma".





Eng.º Agr.º GASTÃO MORAES DA
SILVEIRA

Utilização econômica do esterco na recuperação de solos

Alguns agricultores não conseguem entender a baixa rentabilidade de suas terras, apesar da aplicação de quantidades razoáveis de fertilizantes minerais ou químicos. Muitas vezes a culpa não é dos fertilizantes, mas do baixo teor de matéria orgânica dos solos.

Os compostos resultantes da decomposição de substâncias orgânicas de origem vegetal, (esterco, palha, restos de culturas, etc.) sofrem a ação dos microorganismos do solo e dão origem a formação do "húmus". Este é muito importante para o desenvolvimento das culturas, uma vez que influi na estrutura do solo, tornando-o mais apto para receber as sementes, fornecendo elementos nutritivos às plantas e participa também na transformação do nitrogênio do solo para a forma nitríca, tornando-o aproveitável pelas plantas.

A matéria orgânica do solo, que dá origem à formação do húmus, é uma boa fonte de alimentos para as plantas. Fornece nutrientes para os microorganismos do terreno; no curso de sua decomposição ajuda a transformar em solúveis os componentes minerais da terra; melhora as propriedades físicas do solo, e a eficiência das adubações minerais. Isto se explicaria provavelmente, pelo aumento da capacidade de troca de cátions ou quelados do solo. Ainda sob o ponto de vista químico, a matéria orgânica é uma natural,

completa e lenta fornecedora de macro e micro elementos.

A matéria orgânica melhora a estrutura do solo, estimula a granulação isto é, o agrupamento de partículas do terreno. Influi indiretamente na composição física do solo, na medida em que ela é capaz de reter quatro a seis vezes mais água do que seu peso. Assim, a matéria orgânica facilita a retenção de água, tornando as plantas mais resistentes à seca.

Para ser utilizada pelas plantas, a matéria orgânica deve apresentar-se no estado de húmus. A transformação de matéria orgânica em húmus é um processo bioquímico de mineralização. O húmus é, portanto, o condicionador do solo e a fonte de alimentos.

O húmus tem efeito muito benéfico para as plantas e para o solo. Influencia positivamente no aumento dos sistemas radiculares, na absorção dos nutrientes, no metabolismo do nitrogênio, dos hidratos de

carbono, de fósforo, bem como da atividade respiratória, além de uma série de influências físicas-mecânicas bastante benéficas e ainda não totalmente esclarecidas.

O ESTERCO

Uma das fontes mais importantes de fornecimento de húmus é o esterco, originário da digestão dos animais. Nestes uma pequena parcela é aproveitada e assimilada por seu organismo; uma outra parte, bastante rica em elementos nutritivos, é eliminada através do esterco. No Quadro 1 temos as quantidades de elementos nutritivos assimilados e eliminados pelo organismo.

A quantidade de esterco que um animal pode produzir por ano é bastante elevado. No Quadro 2 são apresentados valores médios, variáveis em função da alimentação, cama utilizada nos estábulos e com as características do próprio esterco.

QUADRO 1: Destino dos nutrientes consumidos pelos animais

	Nitrogênio %	Fósforo %	Potássio %
Aproveitado pelo animal	25	20	15
Eliminado pelas fezes	25	78	15
Eliminado pela urina	50	2	70

Fonte: Revista Agricultura de las Américas. Rudolf Bauer GmbH, Voitsberg Áustria.

QUADRO 2. Quantidades de esterco produzidas em um ano

	Vaca leiteira com peso de 600 kg Quilos	Gaço de corte com peso de 300 kg Quilos	Novilho de engorda com peso de 100 kg Quilos	100 galinhas poedeiras Quilos
Nitrogênio	95,2	55	11	109
Fósforo	47	27,5	7,6	81,9
Potássio	118	68,8	4,8	5,46
Total de esterco	18.300	10.950	1.900	7.300

Fonte: Revista Agricultura de las Americas. Rudolf Bauer Gmh, Voitsberg, Austria.

Os dados acima referem-se a animais estabulados, onde o esterco sólido (fezes) e os líquidos (urina) se misturam com a cama de capim seco, palha, serragem ou outro material. Uma vantagem adicional do esterco é poder aplicá-lo ao solo de maneira contínua, o qual gradualmente é convertido em reserva de elementos nutritivos, que podem ser utilizados pelas plantas em cultivos posteriores.

O esterco é muito importante sob o ponto de vista econômico para os agricultores. O custo final incluída a aplicação é bem inferior em relação aos adubos minerais. Entretanto, os adubos orgânicos por si só não resolvem o problema de garantir ou aumentar a fertilidade dos solos. É necessário praticar sempre a adubação orgânica e a mineral. Nenhuma delas isoladamente satisfaz as exigências do solo. Se possível complementar o esterco uma vez que a adubação mineral e a orgânica se completam.

sião deve ser liquefeito, o que vai facilitar a sua distribuição no campo. Para a mistura e homogeneização do esterco líquido, antes de sua aplicação no campo, podem ser empregados misturadores ou agitadores acionados pela tomada de potência dos tratores, ou motor elétrico. Estas máquinas podem homogeneizar o conteúdo das caixas especiais até 1.400 m³ de capacidade.

Para retirar o esterco líquido das caixas e sua aplicação no campo empregam-se dois tipos de equipamentos: bombas e distribuidores de esterco líquido. As bombas podem ser de rosca-sem-fim excêntrico ou centrífugas de desenho especial. Ambas acionadas pela tomada de potência do trator ou motor elétrico. Impulsionam o esterco líquido através de tubulações, para distribuí-lo no campo utilizando-se aspersores especiais.

Os distribuidores de esterco líquido são dotados de um tanque com capacidade variável, montado em uma carreta, acoplada à barra de tração do trator. No tanque existe um vácuocompressor, acionado pela tomada de potência do trator, possuindo dois estágios: sucção e aspersão. Na sucção há vácuo dentro do tanque, produzindo o seu carregamento. Mudando-se a posição de uma alavanca, procede-se à aspersão e, conseqüentemente, à descarga do reservatório.

Todos estes equipamentos são utilizados com êxito há bastante tempo, não somente na distribuição de esterco de gado, mas também em granjas criadoras de porcos e galinhas/frangos.

NORMA

A completa linha nacional para manipulação e distribuição de adubos orgânicos



Distribuidores de Adubos Orgânicos Líquidos
Distribuidores de Adubos Orgânicos Sólidos
Carretes para confecção e distribuição de silagem e compostagem.

UM PRODUTO
SCHWARZ E CIA. LTDA.
Rua Leopoldo Collor, 231 - Tel. (0432) 24.1823
Tel. (0432) 221.2822-2824
64.180 - PORTA GRANDE - PR - BRASIL

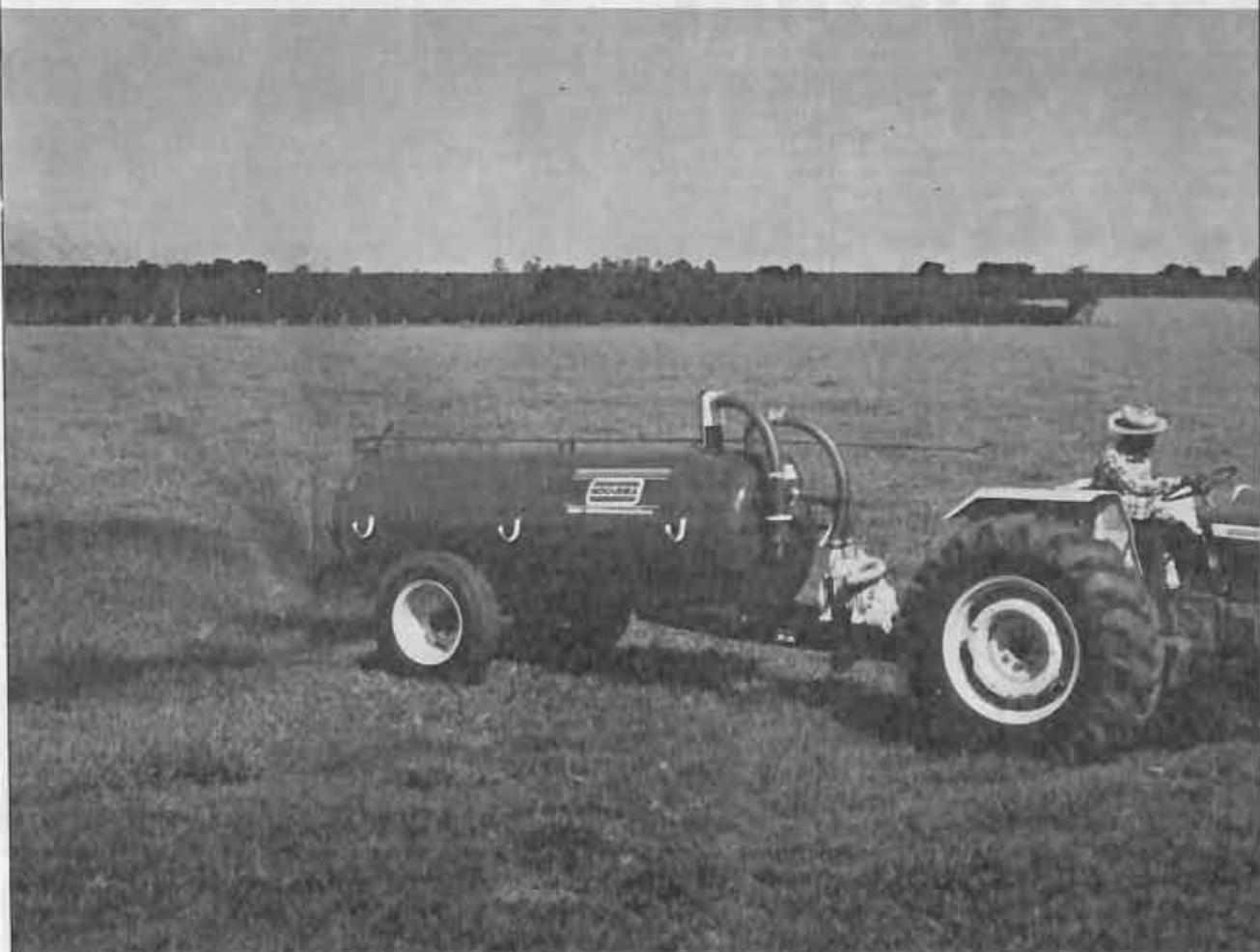
RECOLHIMENTO E APLICAÇÃO

O esterco no curral pode ser recolhido de duas maneiras: retirar o esterco sólido manualmente, com auxílio de um carrinho, jogando-o posteriormente em uma esterqueira. Armazenado ao ar livre, perde-se grande parte do nitrogênio e potássio. Na outra opção, aproveita-se tanto o esterco sólido como a urina, através da lavagem sendo o material armazenado em uma caixa especial. O método de aplicação no campo depende de como o esterco foi recolhido. Quando se coleta o esterco sólido, a aplicação pode ser feita manualmente por meio de uma carreta, ou espalhadoras automáticas, que têm na carreta um sistema de correntes que impulsionam o material que é jogado pela parte traseira.

O esterco líquido recolhido nas caixas especiais é aplicado com equipamentos de alta tecnologia, adequados para explorações de qualquer tamanho. É armazenado de forma higiênica, até o momento de ser usado como adubo. Nesta oca-

Quanto custa nosso esterco?

JAAP H. SPAA *



"Quanto vale este ou aquele tipo de esterco?" É uma pergunta que se faz muitas vezes. Sabemos que o esterco tem grande valor em elementos nutritivos, mas poucos sabem o valor dos diferentes elementos e os benefícios em geral.

A agricultura e a pecuária de hoje alcançam altos níveis de produção. Altas produções têm a desvantagem de que se tira muitos nutrientes do solo. Quando

não devolvemos estes nutrientes, o solo nos poucos perderá sua capacidade de produzir.

Os macro-elementos mais importantes para a planta são: N (= nitrogênio, para a formação de folhas), P (fosfato ou P_2O_5 , para a formação de grãos) e K (= K_2O ou potássio para a estrutura sólida da planta).

Para equilibrar a falta, temos dois tipos de adubos:

- a) adubos químicos
- b) adubos orgânicos (esterco).

O primeiro temos que comprar, o último temos em abundância e de graça.

Para poder fazer os cálculos, consulte o quadro abaixo, referente às quantidades aproximadas de macro-elementos contidas nos diversos esterco.

Valores dos diversos tipos de esterco

M ³	Matéria orgânica kg	Nitrogênio kg	Fosfato kg	Potássio kg	Dosagem p/ha/ano
Bovinos esterco com palha	140	5	3	4	20 m ³
Bovinos esterco líquido	60	4	2	5	25 m ³
Suínos esterco com palha	150	7	9	3,5	10 m ³
Suínos esterco líquido	60	60	4,5	3,5	20 m ³
Frangos de corte lote 1000 fr.	700	30	30	20	3000 fr.
Poedeiras 100 p/ano	900	50	75	35	150 p.

Os dados podem variar de acordo com o uso de água, palha, etc.

Os valores em cruzeiros dos diversos tipos de esterco são calculados à base dos preços de adubos químicos. Para se ter uma idéia de como determinar esses valores adotamos o seguinte método:

a) O valor químico do nitrogênio é baseado na quantidade de nitrogênio na uréia. A uréia contém 46% (do seu peso) de nitrogênio, ou seja: 1 kg de uréia tem 460 gramas de nitrogênio (puro).

O valor destas 460 gramas de nitrogênio é de Cr\$ 446,00. Por isso o preço de 1000

$$1 \text{ kg de nitrogênio} = \frac{446,00}{460} \times \text{Cr\$ } 446,00 = \text{Cr\$ } 970,00.$$

O grande problema do nitrogênio orgânico é que o mesmo está muito sujeito à evaporação. A perda de nitrogênio orgânico com evaporação é mais ou menos a metade do valor químico total. Por este motivo, nos cálculos para o valor de nitrogênio orgânico deve-se levar em conta esta perda de 50% no esterco.

b) O valor químico do fosfato é baseado no adubo superfosfato simples, por ser o mais usado. O superfosfato simples contém 20% de fosfato puro. O valor de 1 kg de superfosfato simples = 200 gramas de fosfato = Cr\$ 317,00. Portanto

$$1 \text{ kg de fosfato} = \frac{317,00}{200} \times \text{Cr\$ } 317,00 = 5 \times \text{Cr\$ } 317,00 = \text{Cr\$ } 1.585,00.$$

A disponibilidade de fosfato no esterco orgânico para a planta é de 100%. Praticamente sem perdas.

c) Baseia-se o valor químico do potássio em cloreto de potássio, porque neste o potássio é o mais importante e valioso elemento.

Um kg de cloreto de potássio contém 600 gramas de potássio a valor de Cr\$ 481,00. Portanto 1 kg de potássio = 1000

$$\frac{481,00}{600} \times \text{Cr\$ } 481,00 = 802,00.$$

O aproveitamento do potássio no solo pela planta é de 100%.

O valor dos outros elementos no esterco não tem um valor fixo e por isso não podemos determinar os mesmos com exatidão.

Com o acima exposto podemos calcular agora o valor por exemplo de esterco de bovinos com palha. O esterco de bovinos com palha tem um valor químico por metro cúbico de 5,0 kg de nitrogênio, 3,0 kg de fosfato (P₂O₅) e 4,0 kg potássio (K₂O).

$$\begin{aligned} 5 \text{ kg M} \times 1/2 \times \text{Cr\$ } 970,00 &= \text{Cr\$ } 2.450,00 \\ 3 \text{ kg P}_2\text{O}_5 \times \text{Cr\$ } 1.585,00 &= \text{Cr\$ } 4.775,00 \\ 4 \text{ kg K}_2\text{O} \times \text{Cr\$ } 802,00 &= \text{Cr\$ } 3.208,00 \end{aligned}$$

$$\text{Valor químico p/m cúbico} = \text{Cr\$ } 10.388,00$$

Com a dosagem recomendada de 20 m³ p/ha/ano ganha-se 20 x Cr\$ 10.388,00 = Cr\$ 207.760,00 em vez de comprar os adubos químicos.

A adubação básica para pastagem de avevém, festuca com trevo e rhodes ou setária, é de 16 kg de nitrogênio, 60 kg de fosfato e 36 de potássio.

A dosagem de 20 m³ de esterco com palha nos dá 20 x 1/2 x 5 = 50 kg de nitrogênio, 20 x 3 kg = 60 kg de fosfato e 20 x 4 kg = 80 kg de potássio.

Podemos constatar que com 20 m³ de esterco de bovinos com palha cubriremos com facilidade a necessidade básica de adubação para pastagens.

Culturas exigentes como pastos usados intensivamente para pastoreio ou fenação e culturas forrageiras, tiram muitos elementos químicos e também bastante matéria orgânica.

A matéria orgânica tem um valor adicional que não podemos expressar em cifras como os elementos químicos. A matéria orgânica tem grande influência benéfica no solo, e é de grande importância se quisermos continuar a trabalhar nesse solo em boas condições por um período mais prolongado.

As vantagens de um solo com alto teor de matéria orgânica são as seguintes:

- mais poros para a respiração do solo e desenvolvimento das raízes.
- Mais facilidade na estocagem de nutrientes.
- Menos susceptíveis nos períodos secos.

A rentabilidade da matéria orgânica, não mencionamos, mas sabemos que ter um bom teor de matéria orgânica é da maior importância.

NA PRÁTICA

Observamos que a produtividade e rentabilidade são melhores quando se usa esterco junto com adubos químicos em comparação com um sistema de tratamento só com adubos químicos.

Com adubação de esterco, melhora-se a parte dos nutrientes básicos nas plantas com diversos elementos químicos e orgânicos.

Agora que avaliamos as qualidades de adubação orgânica para diversas lavouras, concluímos que as vantagens para usá-la em nossa propriedade é a mais completa e mais barata.

* O autor trabalha no Setor Bovinocultura da Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda. Este artigo foi extraído do Jornal da Divisão de Assistência Técnica da Cooperativa.

Mais carne em menos tempo com touros cruzados
MARCHIGIANA X NELORE



FAZENDA CERRADO DE CIMA

ITAPEVA - SP
Km 266 da Rodovia SP 258

Seleção e venda de Reprodutores MARCHIGIANA PO e Cruzados

S. Paulo: (011) 247-8995 e 521-2706
Itapeva: (0155) 22-3311 — R. 24
À noite: 22-1425



Transforme seu boi numa usina. Com certeza, a vítima será você.

Seja você também mais uma vítima do bom senso. Transforme seu boi numa usina e aproveite melhor os benefícios que ele pode oferecer.

Entre esses benefícios está o esterco. Com ele você estará devolvendo à terra um excelente composto orgânico, que complementa e, muitas vezes, substitui com vantagem o adubo químico, porque é fácil de se obter, é eficiente, e, acima de tudo, é barato.

E é para que você possa usar melhor essas vantagens, que a Lely do Brasil criou o Distribuidor de Esterco Líquido Lely.

Com ele fica mais fácil usar o bom senso. Porque devolvendo à terra seus principais nutrientes, você estará transformando rapidamente suas despesas em lucro certo. Assim além de adubar a terra, de quebra ele pode higienizar estábulos, irrigar o pasto, apagar incêndios, fazer hidrossemeadura, secagem de grãos, e tantas coisas mais que só um equipamento como o Distribuidor de Esterco Líquido Lely poderia fazer.

Por isso seja você também uma vítima do bom senso, ligue seu boi, sua galinha, seu porco, enfim ligue toda sua propriedade num Distribuidor de Esterco Líquido Lely, e veja como é fácil fazer o lucro dar cria.



Lely do Brasil

Desenvolvimento voltado para o
homem e seu trabalho.

Rua Maria Quedas, 112/124 - Tel.: 293-6222 - SP
Telex: (011) 25143 LBRC BR

O Ambulatório Clínico Médico de Médios e Pequenos Animais, da ABC

Em dezembro de 1979, juntamente com a loja da ABC na rua Jaguaripe, 634, surgiu o Ambulatório Clínico Médico de Médios e Pequenos Animais, para atender basicamente gatos e cachorros, em decorrência da falta de ambulatórios especializados nesse tipo de atendimento em São Paulo. Afirma o superintendente da ABC (Associação Brasileira de Criadores), sr. Virgílio Penna, salientando que o ambulatório deverá se expandir em futuro próximo, pois já se percebe a necessidade de instalação de um salão de beleza para cães, além da expansão da parte de atendimento de saúde, com a aquisição de mais aparelhos, que possibilitem melhores condições de atendimento.

Hoje, após cinco anos de funcionamento, o ambulatório é um sucesso total, enfatiza o sr. Virgílio Penna, que atribui este fato à dedicação do Dr. Humberto Augusto Clemente, veterinário que começou desde a fundação, na época ainda um estagiário, "mas muito consciente de sua profissão e que, muitas vezes, leva o animal para casa, para proporcionar melhores cuidados, já que o ambulatório não faz internações", assegura o superintendente da ABC.

A loja de artigos para pequenos animais e aves da ABC e a parte técnica, ou seja, o ambulatório, nasceram juntas, numa época em que a ABC não tinha assistência especializada para pequenos e médios animais. "Era feita uma espécie de quebra-galho, afirma o dr. Humberto Clemente, e, por esse motivo, a ABC resolveu propiciar aos seus clientes e aos associados um atendimento específico, já que a população do bairro, onde seria instalada a loja e o ambulatório, possuía muitos cães.

Com um atendimento inicial de 150 a 200 clientes, e registrando um aumento de cerca de 600 clientes por ano, hoje o ambulatório atende a 3 mil animais, que passam por exames laboratoriais, feitos em laboratório da própria ABC, que funciona no bairro do Jaguaré, para exames de rotina, pequenas cirurgias, vacinações etc., conforme a necessidade de cada um. E a tendência é de crescimento do número de atendimento. E, por essa razão, explica o dr. Humberto Clemente, é necessária a criação de uma clínica, brevemente, além da aquisição de um aparelho de raios X, da instalação de um salão de beleza para banho, tosa, corte de unhas etc., muito procurado no bairro.

A idéia inicial era apenas manter um ambulatório para emergências. Agora, porém, torna-se urgente a necessidade de expansão, já que algumas vezes tem-se que recorrer aos serviços de terceiros, pois existem algumas limitações, já mencionadas.

O dr. Humberto Clemente afirma que os clientes valorizam muito o serviço do ambulatório, lembrando que muitas vezes é indicado ao cliente uma clínica totalmente equipada, mas ele vai até lá, faz o que é necessário, e volta para os atendimentos oferecidos pelo ambulatório, nos quais ele confia muito. Com base nesses fatos, o veterinário afirma que está sendo exigido mais serviços, já que é impossível atender a todos os casos. Um dos grandes problemas, segundo o dr. Humberto Clemente, é que o atendimento é feito somente durante o dia. À noite, não raras vezes, ele é chamado em sua residência para medicar animais. E, na sua opinião esse problema seria resolvido com a criação de uma clínica e com a contrata-

ção de mais um profissional para ajudar nos trabalhos.

O dr. Humberto Clemente, diz que o ambulatório tende a expandir-se inclusive a parte comercial, já que está pequena ante as exigências do público, além de mais sofisticação, pois muitas vezes o cliente, que possui bom nível sócio-econômico, vai até uma dessas boutiques especializadas em animais, e vê uma coleira nova, importada, com lanterinhas, e quer o produto também na ABC, o mesmo acontecendo com outro produto sofisticado qualquer.

No ambulatório são atendidos diversos tipos de casos, sendo mais freqüentes, segundo o dr. Humberto Clemente, o problema de pulgas — muito comuns no bairro, onde a maioria dos animais é criada em apartamentos —, que é um veículo de transmissão de doenças, responsáveis por alguns tipos de verminoses, alergias etc. Outros atendimentos: doenças infecciosas, parasitárias e atropelamentos.

No ambulatório existe à disposição do cliente vacinas importadas e nacionais. Algumas são vendidas aos clientes, outras, porém, como as vacinas éticas, são aplicadas no ambulatório, não podendo ser retiradas do local, pois a responsabilidade de aplicação é toda do veterinário, para quem os laboratórios responsáveis pela fabricação vendem o produto, com a condição de não vendê-los a terceiros. Esse tipo de vacina é mais eficiente, segundo o dr. Humberto Clemente, pois dá melhores condições ao veterinário controlá-la, não havendo problemas com deterioração e eficiência do produto, que é aplicado imediatamente após retirado da geladeira.

Quando necessário, o ambulatório ministra soros aos animais, no local, além de medicamentos e va-

cinas, que são fornecidos pela associação, já que a parte técnica e a parte comercial trabalham em conjunto. O veterinário faz a parte técnica e dá assessoria comercial. Atualmente o cliente encontra à sua disposição "shampoos", talcos, medicamentos, colchões, coleiras, cestos para animaizinhos e para gatos, comedouros de plástico e de alumínio, escovas, correntes, seringas descartáveis, casas para cães, carne para cães, além de vacinas contra parvovirose, leptospirose canina, cinomose, raiva, panleucopenia felina etc.

Com relação as taxas cobradas pelo ambulatório, dr. Humberto Clemente afirma que eles acompanham os preços de mercado, ou seja, o preço para os clientes da loja obedecem à tabela da Associação Nacional de Clínicos Veterinários de Pequenos Animais (Aclivepa), que anualmente realiza uma reunião com os clínicos de São Paulo e estabelece os preços a ser cobrados, de acordo com a localização da clínica. Ao associado da ABC, é dado um desconto de 15% nos preços dos serviços.

Hoje, o dr. Humberto Clemente

define o ambulatório como "uma idéia que deu certo", e lembra um fato curioso que aconteceu na ocasião da sua fundação. Na época, houve reação da classe veterinária, que consideravam o ambulatório da ABC um concorrente com relação aos preços cobrados pelos serviços, bem abaixo dos preços de mercado. Hoje, porém, a situação é outra, pois eles acompanham o mercado.

O Ambulatório Clínico Médico de Médios e Pequenos Animais, da ABC, fica à rua Jaguaribe, 636, ao lado da loja da ABC, telefone: 826-3033, ramal 36.

A última reunião do ano

Com o objetivo de apresentar e aprovar a Proposta Orçamentária e o Plano de Trabalho para 1985, a Associação Brasileira dos Criadores (ABC) promoveu, em 13 de dezembro último, na sua sede à rua Jaguaribe, a 39.ª Reunião do Conselho Deliberativo, a última reunião do ano de 1984, quando estiveram presentes os membros do Conselho e da Diretoria Executiva. Na ocasião, o presidente da Diretoria Executiva, dr. Joaquim Barros Alcântara Filho, fez uma apreciação sobre as atividades da Associação em 1984 e que publicamos na edição de dezembro, às páginas 3 e 4.

Sobre a Proposta Orçamentária, o dr. Octávio de Mesquita Sampaio, Diretor-Tesoureiro, informou que as despesas financeiras para 1985 estavam orçadas em mais de 2 bilhões de cruzeiros. Disse, ainda, que a ABC continua ressentindo-se da falta de capital de giro necessário para movimentar as transações mercantis. Ele previu, também, grandes dificuldades no setor financeiro em 85, dado ao fato de que as compras da ABC demandam grandes somas de dinheiro, que devem ser tomadas no mercado financeiro a juros altos.

Enquanto isso, o Conselheiro Geraldo Natal Madureira observou que as vendas mercantis da ABC ficaram bem acima do valor estimado inicialmente

em 1984, graças a um trabalho sadio desenvolvido pela diretoria.

Por outro lado, o Assessor Especial da Diretoria, dr. Dácio Aguiar de Moraes Júnior, mostrou detalhes interessantes sobre o novo edifício da ABC, que será construído junto à loja do Jaguaré.

Na última reunião, foi aprovada homenagem proposta pelo dr. Luiz Glycério Gracie de Freitas, Diretor-Secretário da Associação, ao Superintendente da ABC, sr. Virgílio de Almeida Penna, por ter completado 50 anos de trabalhos ininterruptos dedicados à ABC. Ele agradeceu emocionado, mostrando-se disposto a continuar trilhando, por muitos anos, o caminho do trabalho desenvolvido em prol da Associação. Os senhores Luiz de Almeida Penna, há 50 anos na Revista dos Criadores, e dr. Walter Battiston, 37 anos no Departamento Técnico da ABC, também foram lembrados.

Oportunamente, no final da reunião, o presidente do Conselho Deliberativo, dr. Ruy Calazans de Araújo, referiu-se ao pronunciamento do sr. Tancredo Neves, eleito no dia 15 de janeiro presidente da República, no qual dois pontos eram ressaltados no seu plano de governo: o abastecimento e exportação e também a sua vontade indeclinável de apoio decidido à agricultura.

Virgílio de Almeida Penna completou 50 anos de ABC

O sr. Virgílio de Almeida Penna completou, em 1984, 50 anos de serviços prestados à Associação Brasileira de Criadores, ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos. Nesses 50 anos de serviços prestados à ABC, o sr. Virgílio assistiu a transformação do país, da pecuária e da Associação, hoje um dos principais órgãos classistas do país.

Quando ingressou no quadro de funcionários da ABC, tinha apenas 14 anos — e embora trabalhasse das 8 horas da manhã às 18 horas conseguiu conciliar o estudo e trabalho. Apesar de filho de um dos fundadores da ABC e que na época exercia cargo de diretor da entidade, o sr. Virgílio de Almeida Penna não contou com privilégio no novo emprego: teve um começo comum e modesto — e por seu próprio esforço galgou cada degrau para alcançar o posto de gerente comercial, onde está há 45 anos.

Porém, em cada função que exerceu impôs a sua personalidade, cumprindo as obrigações com pontualidade e eficiência: começou como office boy, foi auxiliar de escritório, auxiliar de balcão, vendedor, encarregado de serviço junto aos bancos, caixa, até atingir o posto de gerente comercial. Mas a passagem por todos esses setores possibilitou-lhe conhecer cada peça que compunha a engrenagem da entidade e lastreado por essa experiência pôde

assumir a gerência comercial com 19 anos de idade, ainda adolescente, com eficiência, marca que o acompanha desde que ingressou na Associação. Escorado por essa base sólida pôde não só acompanhar o crescimento da ABC como ter influência decisiva nos seus destinos: hoje, sob sua responsabilidade, estão quatro lojas — duas em São Paulo, uma em São João da Boa Vista e uma no Rio de Janeiro — que movimentam, mensalmente, mais de Cr\$ 1 bilhão.

No dia 13 de dezembro, o sr. Virgílio de Almeida Penna recebeu homenagem da Bayer do Brasil, em solenidade realizada no restaurante Paddock, quando estiveram presentes toda a diretoria da ABC e do Departamento Veterinário da empresa, que é fornecedora da entidade e mantém ligações com a Revista dos Criadores há mais de meio século. O sr. Virgílio de Almeida Penna, também, foi homenageado pela diretoria da ABC, em solenidade íntima, recebendo uma medalha pelos bons serviços prestados à entidade nesses 50 anos.

Abaixo publicamos na íntegra as palavras do sr. Virgílio agradecendo a homenagem e também a carta do dr. Bráulio Madeira Simões e telegrama dos drs. José Cassiano Gomes dos Reis e Bráulio Madeira Simões cumprimento a Bayer pela iniciativa da homenagem:

Aspecto do jantar oferecido pela Bayer do Brasil em homenagem aos 50 anos de trabalhos ininterruptos do sr. Virgílio Penna na ABC.



O sr. Virgílio Penna agradece a homenagem.



A íntegra do discurso do sr. Virgílio de Almeida Penna

"Ilustríssimos Senhores

Dr. Peter Bunke, Diretor do Departamento Veterinário da Bayer do Brasil; Dr. Sebastião Costa Guedes, Diretor de Marketing do Departamento Veterinário da Bayer do Brasil; Dr. Ruy Calazans de Araújo, Presidente do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Criadores; Dr. Joaquim Barros Alcântara Filho, Presidente da Diretoria Executiva da Associação Brasileira de Criadores.

Senhores Diretores presentes e companheiros de trabalho,

Meus Senhores, minhas Senhoras.

Agradeço à Bayer do Brasil a grata manifestação de carinho, proporcionando esta agradável reunião como uma homa-

nagem pela passagem de meus cinquenta anos ininterruptos como funcionário da Associação Brasileira de Criadores.

Não vou cansá-los contando nesta festa o que foram os meus cinquenta anos de ABC, mesmo porque ao completar quarenta anos de Casa, portanto em 1974, fiz um relato do que até então tinha realizado.

Nestes últimos dez anos muita coisa boa aconteceu, muita coisa foi feita na ABC pelas ótimas administrações que se sucederam, culminando com a atual Diretoria que, além de consolidar o que se fez até então, vem procurando dinamizá-la através de medidas visando modernizar seus serviços para um melhor atendimento aos nossos as-

sociados. Somos testemunhas do crescimento da ABC em todos os setores, evidenciando-se o sucesso alcançado em suas vendas que apesar da recessão, nestes últimos quatro meses, vem faturando mensalmente acima de um bilhão de cruzeiros.

Para atingirmos essas cifras contribuíram diversos fatores, atuaram em convergência inúmeras forças, onde podemos identificar a criteriosa e decidida atuação da Diretoria, dos funcionários e o apoio sempre presente dos associados, além da cooperação e boa vontade de nossos fornecedores, sendo justo destacar entre estes a Bayer do Brasil que em estreito entendimento e colaboração com a ABC, encetou diversas campanhas promocionais de

vendas de alguns de seus produtos, entre eles o Rintal, Neguvon, Assuntol e Balticol, que proporcionaram reais vantagens não só à ABC mas também a seus associados, que puderam fazer grandes aquisições desses produtos, com enormes lucros para sua criação.

Por falar em Bayer do Brasil, os amigos Dr. Bunke e Dr. Guedes, aqui presentes, talvez ignorem que nem nascidos eram e a Associação Brasileira de Criadores já se contava entre seus clientes. Nessa época a Bayer tinha seus escritórios e depósito na ladeira de São Francisco, ao lado do prédio da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Portanto, o nosso relacionamento comercial não é de hoje, ele

remonta há mais de cinquenta anos. E que perdure para sempre, são os meus sinceros votos.

O Departamento Comercial da Associação Brasileira de Criadores constitui-se hoje no maior estabelecimento de artigos agropecuários de todo o País. Sem dúvida, o seu crescimento é uma decorrência do crescimento do mercado consumidor, mas também sem dúvida, é resultado do esforço constante, da dedicação, da vigilância contínua e da soma dos valores individuais de todos quantos aqui trabalhamos.

Confesso-lhes que é uma experiência maravilhosa poder conviver com os criadores do País, com autoridades, com os nossos funcionários e com os inúmeros amigos que, graças a Deus, vimos colecionando vida afora.

A Associação, como uma entidade de classe, é um pequeno centro de acontecimentos onde se toma conhecimento de tudo, da pecuária, da política, da economia, da agricultura e das pessoas.

E como é bom e gratificante, após cumprir cinquenta anos de

serviço num mesmo lugar, poder-se olhar de frente a todos e à própria obra realizada, com a tranquila certeza do dever cumprido.

Senhores, há cinquenta anos atrás, menino ainda, emocionado e cheio de esperanças, entrava para o meu primeiro emprego. Mas a bem da verdade devo dizer-lhes e o faço do fundo de minha consciência, do mais autêntico da minha sinceridade e do mais sentido amor que houver dentro de mim, que se eu pudesse, recomençaria tudo outra vez.

Agradeço mais uma vez Bayer do Brasil por esta honraria e peço licença para dividir-a com os meus companheiros de trabalho, que foram tantos e tão grandes como criaturas e colaboradores, por todos estes cincoenta anos de Associação.

Meus agradecimentos ao nosso presidente Dr. Joaquim Barroel Alcântara Filho e seus companheiros de Diretoria pelas suas presenças e pela placa de ouro recebida.

Muito obrigado.

O diretor da Bayer dr. Peter Bunke e senhora Virgílio Penna e senhora.



A íntegra da carta do sr. Bráulio Madeira Simões ao sr. Virgílio:

"Virgílio amigo: Sensibilizado com o acontecimento dos seus 50 anos de Associação — fato de rara ocorrência neste País apressado, sem memória, de pessoas sempre e apenas itinerantes nos cargos e funções que ocupam — venho prestar-lhe as minhas homenagens de associado, de amigo, de brasileiro.

Parabéns Virgílio: velho palanque de aroeira que se nutre com o próprio tempo; tempo que se acostumou a contar em meses, anos, décadas, para chegar ao meio século, estim útil e imprescindível. À sua volta vieram ter nessas 50 anos os milhares de criadores, peregrinos de todos os caminhos desta nação, que invariavelmente, convergem na sua mesa de trabalho. Trouxeram-lhe as suas dúvidas, as suas experiências, que você acumulou anos e anos na memória do próprio cerne.

Sobre elas depositaram-se as sementes dos avanços da ciência, trazidas pelos ventos dos novos tempos.

Foi, certamente, desta base incomum, que lhe nasceram os conhecimentos valiosos que você distribui com simplicidade, a quantos o

procuram, assim como água que se dá de beber.

São conselhos singelos, despreziosos, e sábios, e profundos, como só as coisas simples conseguem ser.

Involgar e de significado nunca suficientemente reconhecido, o trabalho obstinado, a dedicação quase religiosa que você ofereceu nesses 50 anos à ABC. Não conheço paralelo igual: alguém emprestar a própria vida com todos os seus encantos e ambições a uma única entidade, a u'a mesma casa de trabalho que nunca seria propriedade sua — embora nascida da inspiração do seu Pai — mas que se dispôs a defender, a fazer viver, e fazer crescer "gigantemente", com a pertinência que nem da iniciativa empresarial individual consegue-se encontrar.

Por tudo isso, o Virgílio que conhecemos todos, admiramos e estimamos tanto e de quem nos valem sempre, acabou por se constituir nessa instituição do maior respeito, dentro da instituição respeitável que é a ABC na Pecuária Nacional.

— Parabéns, companheiro.

— Parabéns, amigo.

Em verdade, Virgílio Penna, pela sua dedicação e eficiência, destacou-se muito nos méritos que, de justiça, são creditados à entidade que assumiu a si e desde há 58 anos, a missão de edificar a Pecuária Nacional em termos de racionalização científica e econômica.

Virgílio Penna foi e é a pedra angular de tudo quanto lá se fez e se faz.

Somando ao seu trabalho obstinado e ininterrupto, a sua intuição de comerciante nato, pôde o superintendente de hoje, assim

como o modesto funcionário de tempos passados, plantar e colher os meios financeiros que permitiram a vida, o crescimento e a longevidade da Associação, propiciando por via de consequência, que os pecuaristas se beneficiassem do suprimento correto e atualizado de tudo quanto a sua atividade exigia no terreno prático. Não há no meio Pecuário quem não conheça ou não devesse um obsequio, uma atenção ao Virgílio.

Tamanha dedicação, potencializada pela longa e involgar per-

Revista dos Criadores

Agosto, 1930	Revista dos Criadores	Agosto, 1930
7 Novembro	18 Agosto	6 Março
17 Novembro	27 Agosto	11 Março
22 Novembro	2 Setembro	16 Março
27 Novembro	7 Setembro	21 Março
2 Dezembro	12 Setembro	26 Março
7 Dezembro	17 Setembro	31 Março
12 Dezembro	22 Setembro	5 Abril
17 Dezembro	27 Setembro	10 Abril
22 Dezembro	2 Outubro	15 Abril
27 Dezembro	7 Outubro	20 Abril
31 Dezembro	12 Outubro	25 Abril
		30 Abril

No sistema de expedição estão indicados os dias da cobertura, distantes de 3 em 5 dias e, no mesmo linha horizontal, correspondente a cada espécie, o dia do provável nascimento dos produtores concebidos.

Quando a data exata da cobertura não estiver anotada nesta tabela, estando pos-

tanto entre duas datas de cobertura, pode-se ter um bom conhecimento da época de nascimento, tomando-se como base a data da última cobertura. Chamamos a atenção para o fato de que a duração da cobertura varia de acordo com a espécie, sendo que a duração da cobertura varia de acordo com a espécie, sendo que a duração da cobertura varia de acordo com a espécie.

No dia 15 de maio, cobertas uma vaca e um touro. Procurando esta data nos dias de segunda, terça, quarta e quinta, encontramos os dias das procriações para a vaca e o dia 24 de maio para o dia 12 de Setembro.



Productos "Bayer" para uso veterinário

ARICYL	Fortificante Caixa de 100 comprimidos e tonico arsenical. Caixa de 100 comprimidos
TRYPFLAVINA	Para febre aftosa Caixa de 100 comprimidos Pomada Cicatrizante. Tubo de 40 g
ISTICINA	Purgante Caixa de 100 comprimidos e 100 g

Bayer Meister-Lucius
WENKOTT & CIA.
CASA FARMACIA S. PAULO

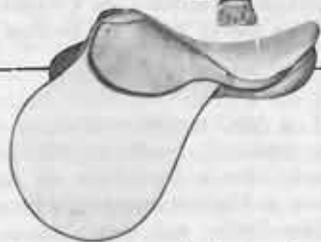
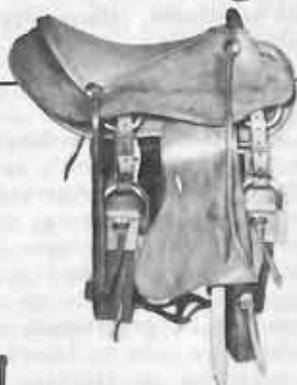
Telegrama recebido pela Bayer do Brasil, no dia em que homenageou o sr. Virgílio de Almeida Penna, dos srs. José Cassiano Gomes dos Reis e Bráulio Madeira Simões:

"Prezados Senhores: Sabedores da homenagem que a Bayer prestará a Virgílio Penna, notável superintendente de Associação Brasileira de Criadores, pelos seus 50 anos de casa, queremos louvar-lhes a iniciativa de esta inspiração.

manência na mesma casa — meio século — são méritos que nunca poderiam passar ignorados ou menos reconhecidos. — Por essas razões, na condição de associados, de ex-integrantes da Diretoria da Associação e de amigos pessoais de Virgílio Penna, cumprimentamos a Bayer pela oportuna e merecida homenagem, gesto que em si, confirma o slogan feliz: se é Bayer é bom!

Atenciosamente
José Cassiano Gomes dos Reis
Bráulio Madeira Simões

EQUIPE SEUS ANIMAIS NA ABC: PASSEIO, ESPORTE E TRABALHO.



BMS

Selas para salto, adestramento e polo • Cabeçadas completas, cabrestos, cilhas e barrigueiras • Botas para concursos hípicas e trabalho • Mantas e rebenques • Selas mexicanas, australianas e arreios • Esporas com ou sem rosetas • Freios e bridões em metal ou aço cromado • Laços • Chapéus • Cera para engraxar arreamentos • Fivelas 'tipo americano', para cintos.

Solicite nosso catálogo.

Atendemos também pelo Reembolso Postal.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
ABC
DE CRIADORES

NOVAS TAXAS

Controle Auxiliar Fundo de Assistência ao Controle Leiteiro

A seguir, publicamos um resumo da carta-circular enviada pela Associação Brasileira de Criadores aos seus associados, informando sobre as novas taxas do Serviço de Controle Leiteiro.

Como é do conhecimento geral a TAXA fixada para a execução dos trabalhos do Serviço de Controle Leiteiro nada mais é que a soma das várias despesas que se tem para a realização desse trabalho. Assim, estudos realizados com base na experiência adquirida, indicaram a conveniência de se eliminar a "taxa sobre lactação encerrada", reunindo-se num só item os custos do Controle Leiteiro, referentes a salários de controladores, de escrituração e despesas de execução. São apenas cobradas, a parte, de cada criador, as despesas de viagem. As taxas de serviços serão agora para rebanhos, em lotes de 50 em 50 vacas, como se segue: De 1 até 50 vacas, Cr\$ 118.440; de 51 até 100 vacas, Cr\$ 192.000; de 101 até 150 vacas, Cr\$ 320.000; de 151 até 200 vacas, Cr\$ 412.000; de 201 até 250 vacas, Cr\$ 540.000; e de 251 até 300 vacas, Cr\$ 623.000.

No tocante às "despesas de via-

gem", a ABC tentou reduzir ao mínimo possível, mediante convênio firmado com a Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, que agora passa a ceder funcionários sediados no interior do Estado para realizar os controles. Ao invés de apenas oito controladores, a Associação contará com mais 22 pessoas sediadas próximas das propriedades em que deverão ser realizados os controles.

Atendendo a localização dos rebanhos inscritos no Serviço de Controle Leiteiro e de acordo com programa e entendimentos já firmados nesta primeira fase, a ABC terá controladores sediados nas seguintes cidades paulistas: São Paulo, São José dos Campos, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Jundiaí, Bragança Paulista, Campinas, Amparo, Porto Ferreira, Pinhal, São João da Boa Vista, Casa Branca, São Carlos, Batatais, Ituverava, Tietê, Sorocaba, São José do Rio Preto, Presidente Prudente e Andradina.

A ABC introduziu mudanças no item "prova de gordura", aproveitando a experiência observada no Exterior, face às inúmeras dificuldades observadas em nosso meio. Assim, será suspensa, tão logo quanto possível, a realização da prova de gordura na propriedade rural, transferindo-a para os laboratórios das indústrias de laticínios mais próximas onde existam melhores condições de trabalho. Essa orientação já está sendo seguida em vários casos e em breve alcançará todos os rebanhos. A segunda providência em andamento se refere à adoção da amostra composta, isto é, reunir numa só amostra quantidades de leite colhidas em cada ordenha. Para isso os controladores são instruídos e receberão material para fazer as coletas em quantidades proporcionais ao espaçamento entre ordenhas. Os resultados desta medida provaram ser satisfatórios em vários países, resultando em economia de material e tempo.

ORDENHA DE ESGOTAMENTO

Enquanto isso, a experiência realizada nos últimos anos com a suspensão da ordenha de esgotamento mostrou resultados pouco animadores e, em certos casos, acarretou prejuízos. Assim, por decisão unânime entre criadores e técnicos, optou-se pelo retorno da prova de "esgotamento" no Controle Leiteiro de gado registrado, o que ocorrerá tão logo quanto possível.

CONTROLE LEITEIRO AUXILIAR

Outra modificação da ABC é a introdução, a partir desta data, de um segundo sistema de Controle Leiteiro, para rebanhos formados por vacas não registradas. Nesse controle, como no de vacas registradas, será dado ênfase também à orientação quanto ao arraçoamento das vacas e quanto ao manuseio referente a reprodução. A diferença entre os dois controles é que no "Controle Leiteiro Auxiliar" será dispensada a ordenha de esgotamento e será realizado, a cada 60 dias, com pesagem e prova de gordura. Dos criadores será pedida uma pesagem intermediária feita por seu pessoal, entre as visitas dos controladores. As taxas para o Controle Leiteiro Auxiliar são: De 1 até 50 vacas, Cr\$ 100.400; de 51 até 100 vacas, Cr\$ 174.000; de 101 até 150 vacas, Cr\$ 302.000; de 151 até 200 vacas, Cr\$ 394.000; de 201 até 250 va-

cas, Cr\$ 522.000; de 251 a 300 vacas, Cr\$ 614.000. (Essa taxa será cobrada a cada dois meses).

FUNDO DE ASSISTÊNCIA AO CONTROLE LEITEIRO

A grande novidade da ABC, com relação ao Controle Leiteiro, é a criação de um "Fundo de Assistência ao Controle Leiteiro", com a finalidade de reunir doações que contribuirão para a redução das taxas de controle aos criadores. Com esse objetivo, estão sendo mantidos contatos com firmas e entidades ligadas direta ou indiretamente interessadas no Controle Leiteiro, tais como, as associações de registro genealógico e a Associação Brasileira de Inseminação Artificial e Transplante de Embriões, onde o comportamento das raças na produção de leite é fundamental e para que possam ser realizados satisfatórios testes de progênie de produção. De outro lado, poderão contribuir, também, toda a indústria de laticínios, de sorvates, de chocolates, de rações, de produtos veterinários etc., que tenham interesse no melhoramento da produção e dos plantéis leiteiros, meta que poderá ser atingida somente com a difusão do Controle Leiteiro. Sem o conhecimento exato do comportamento de cada vaca não será possível planejar com base real qualquer melhoramento ou aumento de produção.

Por sua vez há anos a Revista dos Criadores vem contribuindo para a

difusão e divulgação do Controle Leiteiro, seja divulgando seus resultados ou notícias, seja contribuindo para a manutenção do Serviço, causa que já fazia antes da criação desse fundo.

Assim, a Revista dos Criadores, de fevereiro, publicará um comentário com o título "Resultados do Serviço de Controle Leiteiro 1982", de autoria do Dr. Walter Battiston, divulgando os resultados publicados pela ABC em seis fascículos sob a denominação de "Protegel Prodados-Ministério da Agricultura". Inicialmente o comentário fará uma apreciação sobre esse trabalho e em seguida será dada explicação das siglas e expressões zootécnicas que ali aparecem, além de esclarecer o significado da expressão "desempenho provável e repetibilidade" e o que é "touro melhorador". Publicará a seguir os "Índices de reprodutores positivos e negativos com mais de 10 filhas controladas da raça HPB", "lista das vacas classificadas como "Elite" pela produção em duas lactações consecutivas da raça HPB, HVB, Parda Suíça e Gir Leiteiro. Finalmente, publicará as recordistas por raça.

Os Serviços Técnicos da ABC continuarão sob a chefia do Engenheiro Agrônomo Manoel José Alcântara, e a direção do Serviço de Controle Leiteiro, voltou para o Dr. Fidelis Alves Neto e o Registro Genealógico, Serviço Ponderal de Controle de Peso e Pró-Cruza, continuará sob a direção do Dr. Walter Battiston.

NUTRIMEL - S

Suplemento líquido para ruminantes.

CHEGOU A HORA — PASTO SECO, ÁGUA, SAL E NUTRIMEL-S

Garantia de: ganho de peso, aumento da produção de leite, desmama de bezerro e aumento de fertilidade.

JONIL - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE RAÇÕES LTDA.

Esc. e Fab. Distrito Industrial — Quadra 12, s/n.º — Tel. (0186) 52-2157
Cx. Postal 403 — PENAPOLIS — CEP. 16.300 — SP

Peçam-nos grátis prospecto com fórmula e planta de piquete para confinamento de 100 animais com cocho para volumosa e bebadoiro.

Combate às lagartas

SÉRGIO VASCONCELOS

Sempre, após as chuvas de agosto/setembro, o produtor rural se vê às voltas com diversas pragas em suas plantações. As pastagens e capineiras ficam severamente afetadas com a presença de lagartas, que estão, normalmente, associadas aos bandos de mariposas, que voam e depositam milhares de ovos, originando essas lagartas. Elas não só atacam os capins como também a cana-de-açúcar, milho, arroz, algodão, feijão e até mesmo ervas invasoras de pastagens, pois o alimento é indispensável ao seu crescimento e mudança para uma nova mariposa, dentro do ciclo natural de vida.

Atacam em grande quantidade, organizadas em bando, daí serem conhecidas como curuquerês, mandarovás, mede-palmos, lagartas do capinzal, dos milharais, dos arrozais ou bicho de listras brancas. São de colorações variadas, de marrom ao amarelo-claro (*Nocis Latípes*) ou então esverdeadas, do verde azeitona ao verde-claro (*Laphygna Frugiperda*), sempre com listras acompanhando todo o comprimento do corpo.

Seu tamanho varia de 2,5 cm a 4 cm e levam, em condições ótimas de temperaturas, cerca de 45 a 60 dias para se transformarem em mariposas, que têm poucas semanas de vida. São polípagas, ou seja atacam qualquer plantação dando preferência às gramíneas (pastos). Quando existem muitas, devoram-se umas às outras. Em seu caminho, tudo é destruído.

COMBATES

Tão logo se note as mariposas, o produtor deve observar se existe postura de ovos, quase sempre em grande número, amarelados ou es-

branquiçados, colados no verso das folhas. Em poucos dias, aparecem focos iniciais, ou seja pequenas lagartas atacando os capins. Esta é a melhor fase do combate químico.

O combate deve ser feito com polvilhamento de Carbaryl 7,5% ou Malathion 4% à base de 15 kg por hectare, às primeiras horas da manhã, dirigido aos focos iniciais, tornando a ação econômica e eficiente. O gado deve ser afastado do pasto por uma semana. Caso seja necessário, repetir o tratamento a cada 20 dias.

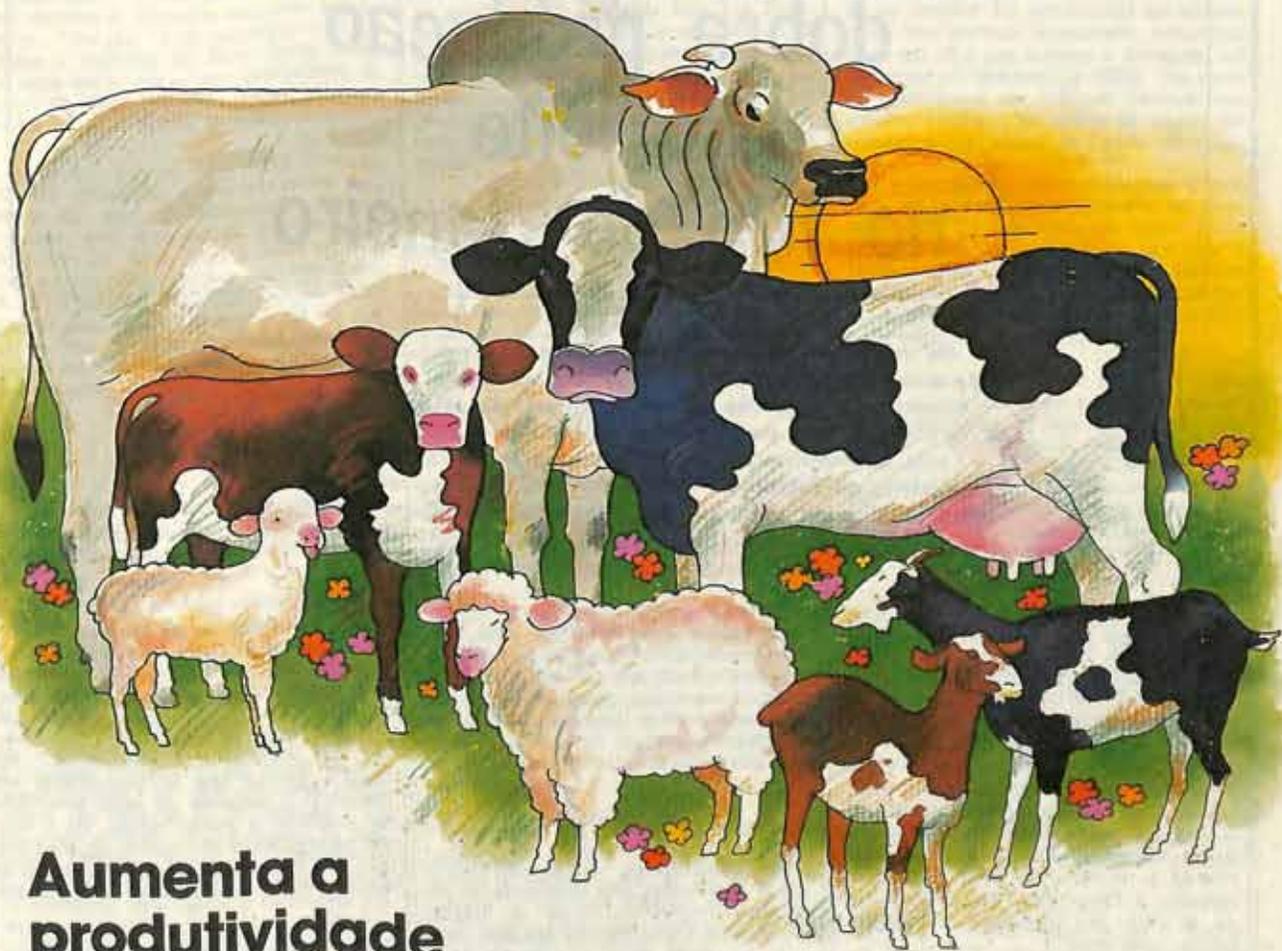
Existem vários inimigos naturais das lagartas, como os pássaros, joaninhas e até mesmo outras lagartas, que praticam o canibalismo, devorando-se, daí ser racional e oportuno o uso de produtos químicos. Não usar produtos clorados, como BHC, Endrex e Aldrin e outros, pelo fato de haver leis federais proibindo a sua utilização. Pode-se fazer o controle biológico, cuja vantagem é não matar os inimigos naturais: experiências bem sucedidas nos aconselham o uso de *Bacillus Thumigiensis*, comercialmente vendido em pó molhável, a ser dissolvido em água e pulverizado sobre as lagartas — este produto não é tóxico nem ao homem nem ao gado. Na lavoura de cana-de-açúcar, o fungo *Matarhizium anisopliae* apresentou uma eficiência de 15% no controle das lagartas.

Os criadores devem procurar sempre a orientação técnica junto as casas das lavouras, cujo técnico pode dar orientação adequada.

O autor é agrônomo fitossanitarista, diretor da Divisão de Defesa Sanitárias Vegetal (substituto) do Departamento Geral de Agropecuária da Secretaria de Agricultura do Estado do Rio de Janeiro. Este artigo foi extraído do jornal "O Produtor Rural".

URÉIA PETROFÉRTIL

Mais Carne. Mais leite.



**Aumenta a
produtividade
do rebanho.**

Multiplica os lucros do criador.

Somos os maiores distribuidores de uréia pecuária no País. Temos por norma despachar as encomendas no mesmo dia da chegada dos pedidos. Em qualquer quantidade. Para onde quer que os compradores se encontrem.

E sempre com a garantia da tradicional qualidade de M. Cassab, mais de 20 anos dedicados à nutrição animal.



M. CASSAB

COMÉRCIO E INDÚSTRIA LTDA.

São Paulo: Alameda Campinas, 463 - 15º andar - CEP 01404 -
Telex (011) 23271 FEED BR. Salvador: M. Cassab Nordeste Com.
& Ind. Ltda. - Av. Antônio Carlos Magalhães, 1.034 - conj. 123-C -
CEP 40000 - Telex (071) 3213 FEED BR.



Fale com a gente
255-8211, em
ligações do Capital e
Grande São Paulo.

(011) 800-8211,
em ligações grátis,
do interior paulista e de
outros Estados.

(071) 248-4834,
M. Cassab Nordeste.

Será um prazer atendê-lo.

Uréia dobra produção de leite no Rio de Janeiro

Os rebanhos leiteiros suplementados com misturas contendo uréia e enxofre apresentam as seguintes vantagens: aumento do peso, aumento da produção do leite, melhoria da pelagem e aumento da fertilidade. Isto pode ser comprovado nas experiências realizadas pela Emater-Rio, em convênio com a Petrobrás Fertilizantes (Petrofértil), no Estado do Rio de Janeiro. Os resultados obtidos, até agora, confirmam a rentabilidade deste sistema alimentar, que, após dois meses de sua implantação, praticamente dobrou a produtividade das vacas em lactação.

O Estado do Rio de Janeiro foi responsável, em 1983, por um consumo de 600 milhões de litros de leite. Deste total, apenas 350 milhões foram produzidos no próprio território fluminense. Considerando-se as características geográficas e climáticas da região, tal realidade não se justifica.

Com o objetivo de implementar a produção leiteira do Estado, principalmente através do aumento da produtividade do rebanho, a Emater-Rio vem desenvolvendo, ao longo dos anos, uma série de trabalhos neste setor.

No início deste ano, mais precisamente no mês de maio, a empresa assinou um convênio com a Petrobrás Fertilizantes (Petrofértil) para realizar experimentos utilizando a uréia na alimentação de vacas em lactação. Ao todo, foram selecionadas 94 propriedades rurais para participarem deste programa. Com a assistência direta de técnicos da Emater-Rio, elas foram estruturadas para, durante cem dias, adicionarem 100 g de uréia à alimentação oferecida habitualmente a cada um dos animais.

Através de um controle rigoroso do peso das vacas e da produção do leite, efetuado desde o início da experiência, os técnicos vêm constatando a obtenção de excelentes resultados. Embora parciais, eles já demonstram a grande potencialidade do produto como suplemento protéico à dieta dos bovinos de leite.

Os dados levantados até aqui comprovam que a uréia praticamente dobrou a produtividade dos animais. Tendo em vista o seu baixo custo, cerca de Cr\$ 340/quilo, pode-se notar claramente a sua importância para o desenvolvimento da pecuária leiteira do território fluminense.

ESTÍMULO

A Coordenadoria Centro da Emater-Rio é responsável pela assistência às propriedades rurais das áreas de Itaguaí, Rio Bonito, Cachoriras de Macacu, Papucaia, Araruama, Magé, Campo Grande e Igarassá. Nesta região foram instaladas 20 unidades de demonstração, sendo a primeira delas na Fazenda Regemé, onde foram escolhidas 20 vacas, que passaram a receber a uréia a partir do primeiro dia de agosto. E, como em outras partes do Estado, a eficiência deste sistema alimentar vem sendo ressaltada.

"Como uma prática nova utilizada na alimentação do gado, a uréia superou as expectativas e atingiu plenamente os objetivos do campo de demonstração. Na maioria das propriedades, houve aumento de peso dos animais e da produção do leite. Nas poucas fazendas onde não foi constatado crescimento da produção, também não houve queda, permanecendo igual a produtividade leiteira dos animais."

Quem faz esta afirmação é o médico-veterinário José Edmundo dos Santos,

gerente de projetos de bovinocultura da Coordenadoria Centro da Emater-Rio, que tem sede na Alameda São Boaventura, em Niterói. Ainda segundo José Edmundo, 65% dos gastos com a manutenção de uma vaca em lactação são provenientes das despesas com alimentação. Por isso, a Emater tem se preocupado em estimular o consumo da uréia pois, além de aumentar a produtividade, ela é fator de barateamento dos custos de manutenção. E, lógico, quanto menores forem os custos, maior será o lucro do produtor.

ÓTIMOS RESULTADOS

Antônio da Silva Fabricante, dono do Sítio Santo Antônio, é um dos quatro proprietários rurais do município do Rio Bonito que passaram a usar a uréia na alimentação de vaca em lactação.

Mais conhecido como "seu" Quincas, ele começou a oferecer o produto e, apenas, cinco dos seus animais. Devido aos bons resultados alcançados, já fornece hoje, a uréia a 32 vacas e tem planos de utilizá-la na alimentação de todo o seu rebanho de 83 vacas, 50 bezerros e 3 reprodutores, que ele cria numa área de 12 alqueires.

Para tratar deste plantel, "seu" Quincas, conta com o auxílio de dois empregados e dos seus três filhos e segue as orientações de Marcos Ronaldo de Carvalho, técnico agrícola da Emater-Rio,

responsável pela assistência aos agricultores e pecuaristas da região.

Foi por influência de Marcos Ronaldo, que ele resolveu participar do experimento e segundo o técnico, o aumento de produtividade constatado nos animais, sem sombra de dúvidas, tem sido significativo. "No dia 14 de setembro nós iniciamos o trabalho no Sítio Santo Antônio com cinco vacas que produziram 63 quilos de leite por dia, o que dá uma média de 12,6 quilos/animal.

Após um mês de uso, elas produziram 102 quilos/dia, o que representa uma média de 20,4 quilos/animal. Houve, portanto, uma elevação da produtividade da ordem de 62%. Até o final os cem dias de experiência, que acontecerá dia 24 de dezembro, espera-se que as vacas atinjam uma produção média de 25 quilos/dia que, se comparados à produção inicial, representarão um crescimento de, praticamente, 100%."

INTERESSADOS

Estes números vêm impressionando outros pecuaristas do Rio Bonito, que já se mostram interessados em utilizar o produto. Como afirma "seu" Quincas: "os meus vizinhos já estão sabendo dos resultados e se continuar desse jeito, acho que muita gente vai passar a usar a uréia."

Um destes proprietários, interessados na utilização deste suplemento protéico, é Manoel Ricardo Braga, dono da Fazenda Jacuba, de 18,5 alqueires e que possui um rebanho de 57 cabeças. "Tomei conhecimento dos resultados do Sítio Santo Antônio, visitei as instalações e fui procurar orientação da Emater. Estou estruturando meu curral e formando pastagem e capineira para, daqui a três meses, usar este método de alimentação."

Método que, segundo Marcos Ronaldo, consiste na adição gradativa da mistura uréia/enxofre (numa proporção de 97/3) à alimentação normal das vacas. Na primeira semana, acrescenta-se 25 g; na segunda, 50 g; na terceira, 75 g e daí em frente, 100 g. O restante da dieta continua igual, somente quando necessário, as quantidades dos alimentos são melhor equilibradas.

No caso de "seu" Quincas houve este balanceamento da alimentação e cada animal passou, então, a consumir, além da uréia, 10 quilos de capim camerum, 4 a 6 quilos de cevada molhada, 2,5 quilos de ração concentrada, sal mineral, água e pasto à vontade. Sem falar nos 5 quilos de casca de banana e 5 quilos de engasso de banana (baste da pença) que "os animais gostam muito", como diz "seu" Quincas.

SUCESSO

O sucesso deste sistema de alimentação pode ser medido pela lucratividade verificada pelo proprietário do Sítio Santo Antônio. Utilizando-se como base para cálculos o preço de Cr\$ 350 líquidos pagos ao produtor por quilo de leite e o custo de Cr\$ 34 por cada 100 g de uréia (Cr\$ 8.613 por sacco de 25 quilos) tem-se os seguintes números: cada 100 g de uréia foram responsáveis por um acréscimo na produção de 7,8 quilos de leite, ou seja, cada Cr\$ 34 de custo gerou Cr\$ 2.730 de renda.

Isto representa uma excelente relação custo/benefício de 1:80, só obtida em muito poucos empreendimentos comerciais. A utilização da uréia apresentou, também, outras vantagens: a pelagem do gado ficou mais bonita, diminuindo o número de parasitas e aumentou o apetite das vacas.

VACA PRODUZ MAIS

Outros quatro campos de demonstração foram instalados no município de Magé e, em todos eles, observou-se um aumento da produtividade leiteira a partir do uso do sistema de alimentação com uréia.

Uma dessas propriedades, transformadas em unidades de demonstração, é o Sítio Bons Amigos, de Gilberto Moreira de Moraes. Localizada no Vele das Pedrinhas, ela conta com um plantel de 20 vacas e um touro, criados numa área de 34 hectares, dos quais um é utilizado em instalações, 10 são de capineira e 23 são pastagens.

Mantendo sua propriedade exclusivamente com a produção leiteira, Gilberto passou a fornecer, dia 17 de agosto, a uréia a 13 dos seus animais, todos mestiços, que praticamente dobraram a sua produção leiteira desde então.

Segundo Ronaldo Willemann de Faria, técnico da Emater-Rio que presta assistência ao Sítio Bons Amigos, o aumento obtido na produtividade das vacas superou as expectativas. "Calculamos o peso médio do rebanho em 400 quilos e a capacidade de produção em 8 quilos de leite por vaca. A média de produção inicial era de 3,3 quilos/leite por animal, o que dava um total de 43,5 quilos de leite/dia.

Um mês após o início do experimento, este total subiu para 80 quilos, o que representa uma média de 6,1 quilos/vaca. Note-se, portanto, que neste período o aumento da produção foi de 83,9%.

Passados dois meses, a quantidade de leite subiu para 84 quilos, passando a média individual de 6,4 quilos, o que representa uma elevação de 93,1%, com-

parando-se à produção inicial. Até o final dos 100 dias, a previsão é de que a meta estabelecida seja ultrapassada, sendo necessária uma reprogramação e uma reavaliação da potencialidade dos animais.

Como em Rio Bonito, a uréia misturada ao enxofre foi introduzida na alimentação dos bovinos lentamente, aumentando-se em 25 g por semana a dosagem, até chegar-se ao máximo de 100 g. As vacas de propriedade de Gilberto Moraes consomem, também, 30 quilos de capim camerum e 1,4 quilos de farelo de trigo.

E o que muito surpreendeu este pecuarista foi o fato deste aumento ter sido constatado num período em que o pasto estava muito ruim, devido à seca que a região enfrentou nos meses de setembro e outubro. Semelhante a "seu" Quincas, ele também pretende usar o produto após o término do experimento.

"Estamos atravessando uma fase ruim de pasto por causa da seca e mesmo assim a produção de leite aumentou. Sem dúvida nenhuma, nós vamos continuar utilizando a uréia", diz Gilberto. Quem concorda com esta afirmativa é Lauro Gonçalves de Abreu, administrador do sítio, que tem notado outras vantagens deste método alimentar.

Segundo suas observações, a pelagem ficou mais bonita, melhorou a fertilidade das vacas e "até um dia sem utilizar a uréia faz diferença na produção". Ele conta: "Teve um dia que eu, o Gilberto e o Adão — retireiro — salmos e o rapaz que ficou aqui não sabia como usar a uréia. Depois nós constatamos uma queda de 30% na produção dos animais." Nas outras propriedades da região de Magé onde foram implantados campos de demonstração, esses resultados se repetem.

Valdir Visconti Júnior é outro técnico da Emater-Rio que atua nesta região. Ele assiste à Fazenda Santa Rosa, de Manoel Meirelles, que fica em Cachoeira Grande, e as Fazendas Paraíso e Santa Rita, em Guapimirim. Em todas elas, a uréia comprovou sua grande contribuição para o aumento da produtividade do rebanho leiteiro.

"Mas", afirma Valdir, "é imprescindível que sejam obedecidas as orientações de técnicos especializados para que este aumento seja obtido." O método é de fácil utilização, porém, é necessário possuir as informações corretas que, no Estado do Rio de Janeiro, podem ser conseguidas em qualquer escritório da Emater-Rio.

Este artigo foi extraído do Jornal "O Produtor Rural", órgão da Associação de Criadores do Estado do Rio de Janeiro (Acerj).

Suas leguminosas estão produzindo bem?

IVO R. SANTOS *

Podemos ter uma boa pastagem dependendo de uma alta população de leguminosas. Pode-se conseguir isso fazendo uma correta inoculação das sementes de leguminosas.

INTRODUÇÃO

O Nitrogênio (N) como componente das proteínas é um elemento essencial para qualquer forma de vida, seja vegetal ou animal.

Sem o nitrogênio não se formam as proteínas; na ausência de proteínas não podem ser sintetizados os compostos orgânicos. As fontes deste elemento no solo são a matéria orgânica e o húmus, provenientes da decomposição de restos vegetais e animais. A quantidade destes elementos no solo é muito variável e tende a diminuir gradativamente em áreas de cultivo intensivo e continuado.

Existe na atmosfera uma imensa quantidade de nitrogênio. Infelizmente, em sua forma elementar e natural, é totalmente inacessível aos animais e vegetais.

A alternativa econômica de enriquecer o solo em N é fixá-lo biologicamente através do cultivo de leguminosas, devidamente inoculadas.

INOCULAÇÃO — NODULAÇÃO — FIXAÇÃO

A inoculação consiste em misturar às sementes de leguminosas, por ocasião do plantio, culturas artificiais de bactérias do gênero *Rhizobium*.

São bactérias que se alojam nas raízes e passam a viver em simbiose com a planta, fixando nitrogênio e atmosférico, tornando-o auto-suficiente em N, e enriquecendo o solo para culturas subsequentes.

De quatro a doze dias após a germinação as bactérias penetram nas raízes jovens das leguminosas. Três a cinco semanas depois, dependendo da espécie vegetal e fatores ambientais, os Nódulos surgem nas raízes. Esses nódulos contêm as bactérias nitrificadoras.

O rizóbio transforma o Nitrogênio atmosférico em compostos nitrogenados assimiláveis, fornecendo-os, em parte, a planta hospedeira.

Em troca, da planta recebe os alimentos e a energia que necessita. Esse processo chamamos de Fixação biológica do Nitrogênio.

O que acontece com os nódulos após a decomposição?

Numa pastagem consorciada (gramínea-leguminosa) com o passar do tempo os nódulos vão se despreendendo das raízes ao mesmo tempo em que se formam novos nódulos.

Quando os nódulos se decompõem, liberam o nitrogênio acumulado pela atividade do *Rhizobium*, o nitrogênio fica no solo à disposição das gramíneas. Este processo é fundamental, pois o nitrogênio é determinante para obter boas pastagens.

A Nodulação inadequada das leguminosas é uma das razões mais comuns do fracasso no melhoramento de pastagens.

Pode ocorrer que no solo não existam rizóbios específicos para a leguminosa que se vá semear. Neste caso, se a semente não estiver inoculada, morrerá pouco tempo depois, prejudicando e reduzindo o nível de qualidade da pastagem.

Mesmo que já existam no solo rizóbios, será conveniente fazer a inoculação, pois estaremos colocando cepas selecionadas,

de maior eficiência do que aquelas que se encontram no solo.

AS ESPECIFICIDADES DO RIZÓBIO

Existe uma acentuada especificidade das diferentes raças de bactérias nitrificadoras.

Por exemplo:

- RH. *Trifolium* — Trevo
- RH. *Melilotis* — Alfafa
- RH. *Lupini* — Tremoço
- RH. *Japonicum* — Soja

O Rizóbio eficiente para alfafa, por exemplo, é ineficiente para a soja e vice-versa. Até mesmo o rizóbio mais eficiente para uma variedade de soja, pode ser menos eficiente para outra variedade da mesma espécie.

As estirpes ou raças de pouca eficiência normalmente produzem nódulos pequenos e de coloração esverdeada ou de um rosa pálido em seu interior. Os nódulos eficientes são grandes e apresentam coloração vermelha mais forte internamente. Uma boa nodulação pode ser verificada a nível de campo.

TÉCNICAS DE INOCULAÇÃO

A inoculação é tão importante no melhoramento de pastagem, que se busca dar ao rizóbio as melhores condições de sobrevivência para se obter a melhor nodulação possível. Existem vários métodos práticos para se proceder a inoculação.

a) inoculação simples

Deve ser usada somente quando as condições do solo são consideradas ideais, quer dizer, quando o solo tem um nível de fertilidade; quando não é ácido ou não apresenta níveis tóxicos de alumínio e/ou manganês e apresenta boas condições tais como: umidade, temperatura e aeração do solo, etc.

Prática

a.1 Umedecer as sementes uniformemente. Pode ser utilizada água pura ou então para dar maior aderência, água açucarada, leite desnatado, solução de goma arábica ou methyl (exemplo: celofas, metoplas, etc.).

a.2 Imediatamente adicionar o inoculante misturando as sementes de forma que todas fiquem uniformemente revestidas por uma capa escura de inoculante. Essa operação deve ser realizada à sombra, sobre uma lona, piso de cimento, etc.

a.3 Deixar que a semente seque à sombra.

a.4 Semear no mesmo dia. Não sendo possível, deve-se reinocular por ocasião do plantio.

b) Peletização

Consiste em revestir a semente com uma camada protetora de carbonato de cálcio ou hiperfosfato finamente moído. Formando assim um ambiente favorável à simbiose e a sobrevivência do rizóbio às condições adversas como falta de umidade, altas temperaturas do solo, acidez, etc.

Prática

b.1 Preparar a solução adesiva com celulose substituída, goma arábica ou goma de polvilho.

b.2 Misturar o inoculante em pó à solução.

b.3 Adicionar a solução às sementes, revolvendo-as até que todas estejam totalmente úmidas e cobertas com o inoculante.

b.4 Adicionar imediatamente o carbonato de cálcio ou hiperfosfato, revolvendo-as até que todas as sementes estejam perfeitamente recobertas.

b.5 Esperar de 12 a 24 horas para proceder a semeadura.

COMO ARMAZENAR E CONSERVAR O INOCULANTE

O calor prejudica o inoculante. Sua conservação é ideal a 4°C, sendo satisfatória até 15°C. Na propriedade a melhor conservação pode ser obtida na geladeira (porém não abaixo de zero °C). Não sendo possível na geladeira, conserve-o em caixas de material isolante em lugar escuro e fresco. E ao semear a semente, não o faça em solos muito secos e com sol forte.

NITROGENIO ATMOSFERICO FIXADO PELAS LEGUMINOSAS

Espécies	Kg/ha/ano
Alfafa (Medicago Sativa)	280
Trevo branco ladino (Trifolium Repens)	205
Tremoço (Lupinus S.P.)	170
Trevo vermelho (Trifolium Pratense)	190
Leguminosas em pastos diversos	120
Trevo branco (Trifolium Repens)	120
Trevo encarnado (Trifolium incarnatum)	105
Feijão miúdo (Vigna sinensis)	105
Ervilhaca (Vicia Sativa)	90
Soja (Glycine Max)	65
Trevo carretilha (Medicago Polymorpha)	100
Trevo Subterrâneo (Trifolium Subterraneum)	80
Cornichão (Lotus corniculatus)	50

Fontes — Folhetins Informativos da C.R.A. — RS. Caderno Técnico n.º 1 — Ijuí — RS. Folheto Técnico Pioneer - RS.

* O autor trabalha na Cooperativa Central de Laticínios do Paraná, no Setor Zootécnico. Este trabalho foi publicado no Jornal do órgão.

ABC-JAGUARÉ

A nova loja ABC no Jaguaré, ao lado do CEAGESP, fica próxima a praticamente todas as entradas e saídas da cidade de São Paulo. Basta seguir qualquer caminho que dê no CEAGESP que se chega, facilmente à ABC.

Exposição permanente de máquinas, implementos e motores.

Para compras maiores é o local ideal, pois a loja fica na frente do armazém, portanto, é só encostar o caminhão na plataforma e carregar.

Aberta até às 22 horas.

Agora mais perto da sua fazenda.

ABC ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033. Av. José César de Oliveira, 175 (CEAGESP) - Tel.: 831-7966 - Jaguaré - São Paulo, S.J. Boa Vista: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 23-3746. Rio de Janeiro: R. Monsenhor Manoel Gomes, 3 - 580 Cristóvão - fone: (021) 228-7377





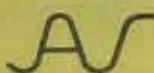
GERAÇÕES

Autêntico celeiro de grandes campeões, a **Estância São José** vem contribuindo de maneira decisiva para a modernização dos rebanhos regionais, mediante a presença do **Gir** de sua produção nos melhores plantéis brasileiros.

Com notável índice de aperfeiçoamento zootécnico e melhoria de dupla aptidão, os filhos de reprodutores e matrizes da **São José** fazem inteira justiça à mais refinada linhagem da pecuária do Brasil. Seus animais conquistam os mais cobiçados

campeonatos e sempre figuram, com brilho e sucesso, nas melhores exposições nacionais.

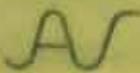
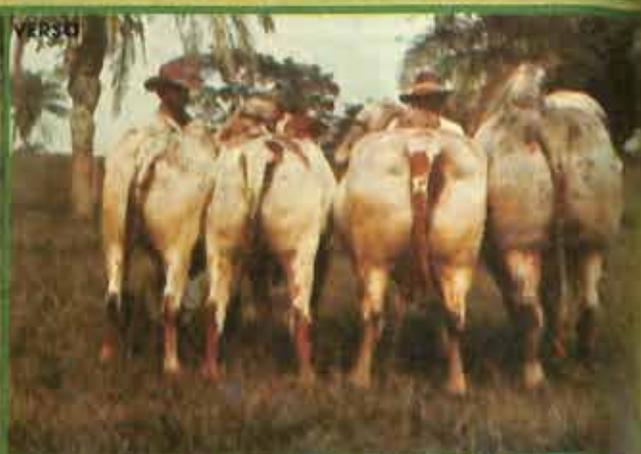
- Plantel com mais de 400 matrizes **Gir** registradas, cujo manejo tem conseguido selecionar animais de grande peso e excelente caracterização racial.
- Transferência e congelamento de embriões
- Controle leiteiro.
- Inseminação artificial.
- Além do porte, a **São José** registra uma expressiva produção leiteira.
- Venda de matrizes e reprodutores.



HUBÁRIO - 1 tonelada, filho de GANGES mais de uma tonelada (Chave de Ouro) e ALELUIA (Bey II). Campeoníssimo de progênie nas principais exposições de que participou, em 82/83/84, através de sua descendência.



CONFETE "R" (Golacan e Serpentina) Extrato de nobreza racial e o que há de melhor na marca "R".



CONJUNTO DODECACAMPEÃO - Progênie de Pai (Hubário). Um conjunto harmonioso, que exibe rara conformação e a mais perfeita caracterização racial. Doze vezes campeão nas principais exposições do País, destacando-se Recife (82), Ribeirão Preto e Uberlândia (83), bi Uberaba (83/84), bi Goiânia (83/84), Anápolis, Brasília e São Paulo (84).

TONELADAS

IMPERADOR DA SÃO JOSÉ.

Da seleção São José,
um insuperável
ganhador de peso: aos
47 meses, alcançou
982kg. Reservado de
Grande Campeão
Goiânia e Ribeirão
Preto. Grande
Campeão em Anápolis,
Brasília e São Paulo
(84).



MONARCA E NAVAJO.

Filhos de Imperador da
São José - 13 e 11
meses de idade, com
418kg e 396kg
respectivamente.
Campeão e Reservado
Campeão Bezerro na IV
EXPANDE - São Paulo
(84). Duas futuras
"toneladas" a serviço
da raça.

ESTÂNCIA

São José

Rodovia GO-3 - Km 30
- Trindade - Goiás

Correspondência:

Av. Independência, 3392 - Centro -
Tels. (062) 223-7341 e 225-7100
- Res. 224-1878.
CEP 74.000 - Goiânia - Goiás

Criador.

ALBERTO PEREIRA NUNES FILHO - Cinco vezes classificado como o melhor expositor nas 6 mostras de que participou em 1984: Troféu "Melhor Expositor" em Goiânia, Anápolis, Brasília, Ribeirão Preto e São Paulo.

POR QUE O TOTAL EM GRÃOS? POR QUÊ?

Nesta época surgem, em geral, as primeiras estimativas da safra próxima e, do mesmo modo como nos anos mais recentes, volta-se a falar em quantidade total de grãos que será colhida. Resulta curioso ver como se repete um equívoco, a esta altura ganhando foros de verdade, sobretudo porque tem sido abonado por técnicos especialistas e autoridades governamentais do mais alto nível. O rádio e a televisão, responsáveis por difundirem tantas outras tolices (p. exs.: **Cachorros** hoje é pronúncia nacional e a palavra latina **Inclusive** tomou, na conversação, o lugar da vírgula) encarregam-se do resto.

É possível que alguém tenha conferido à expressão do idioma inglês **grain** o significado amplo de **grãos** e o Ministério da Agricultura logo relacionou 16 como sendo os principais: amendoim, arroz, aveia, caroço de algodão, centeio, cevada, colza, feijão, girassol, linhaça, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e trigo mourisco. A soma das quantidades produzidas desses vegetais (faz-se comumente em 50 milhões de t) vem sendo alardeada como o total das safras de cada ano, aliás amiúde ditas **supersafras**. Verdadeiramente, representam, em valor, cerca da metade do total da produção das 32 principais lavouras brasileiras e, portanto, não se constituem na produção agrícola do país. De

qualquer modo, é difícil imaginar o significado que possa ter a soma daqueles produtos tão díspares. Para efeito de transporte, talvez tenha alguma utilidade essa totalização, mas jamais poderá servir como medida de crescimento de produção das lavouras, o qual é geralmente calculado através de índices agregados, bastante conhecidos e de aceitação universal (Laspeyres, Paasche, Drobish, p. ex.).

Também é verdade que certos técnicos estrangeiros adotam procedimento semelhante, totalizando, às vezes, **grains** destinados à alimentação humana e à animal, mas pode-se questionar qual o conceito que adotam e para que servem as adições que fazem ou o que pretendem medir. A FAO, um tanto mais modesta do que o Ministério da Agricultura, do **Brasil**, relacionou 8 produtos: arroz, aveia, centeio, cevada, milho, **millet**, sorgo e trigo. O Departamento de Agricultura dos **Estados Unidos da América** igualmente faz suas somas, nelas incluindo uma miscelânea de **grains**. De qualquer sorte, não é por aí que se avalia a quantidade global produzida nas lavouras.

São marcantes as diferenças de importância desses produtos, segundo os países. O trigo, o milho e a cevada têm consumo e produção, por exemplo, largamente difundidos

no mundo, porém o centeio já se confina mais à **Europa** e **URSS** e a aveia alcança, também, a **América do Norte** e **Oceania**. Sorgo e **millet** têm produção e consumo restrito e o arroz, cujo cultivo é geograficamente o mais concentrado, é de alta importância para alguns países, tais como o **Brasil**, **Espanha**, **Itália** e **Egito**. Por que, então, somar todos esses grãos?

A produção vegetal brasileira continua muito modesta, relativamente. Destacam-se, segundo as quantidades produzidas (sem pensar no café, cacau ou cana-de-açúcar) mais ou menos 20 milhões de t de milho, outras tantas de mandioca, 15 milhões de t de soja e 9 milhões de t de arroz. A cana-de-açúcar não pode ser classificada como **grain**, embora seja da família das **gramíneas**, do mesmo modo como o trigo, cevada, centeio, arroz ou milho. Exclui-se dessa classificação, ainda, como é óbvio, a mandioca, uma **euforbiácea**, apesar de sua extraordinária riqueza em amido, fonte de caloria, uma das características mais marcantes dos **verdadeiros grãos**, como soem ser os por últimos citados.

No **Brasil**, diferentemente da **Europa** ou **Estados Unidos da América**, tanto a cana-de-açúcar quanto a mandioca são grandemente utilizadas na alimentação humana e animal e marcam elevada importância sob este aspecto, muito maior do que o

da maioria dos grãos relacionados. Então, quer sob critérios estritamente econômico ou alimentar ou, ainda, meramente de tonelagem produzida (a produção anual de cana-de-açúcar alcança cerca de 250 milhões de t, ou seja, 5 vezes mais do que as 50 milhões de t totais de grãos) ter-se-ia de computar a colheita daquelas duas lavouras, para medir a soma de cada uma das safras do país. Isso, se o cacete fosse vencido. Contudo, repita-se, não haverá como denominar de **grãos** a esses dois vegetais, mas talvez se possa adicioná-los, sem violência, àquelas parcelas que incluem sementes oleaginosas, cereais e outras, pois tudo ali há de caber.

Por outro lado, caso, por suposição, se verifique no **Brasil**, em determinado ano, um acentuado cresci-

mento da quantidade de centeio, ou de cevada, ou de colza, em detrimento de arroz, ou milho, ou trigo, poder-se-á ter uma grande safra, isto é, uma grande quantidade somada, mas isso será bom? A simples pesagem total dos produtos relacionados, indiferentemente do valor de cada um, é evidente, nunca poderá indicar se a safra irá ou não satisfazer aos interesses do país.

Em resumo: não há razão para se continuar insistindo em totalizar variegados produtos vegetais, chamá-los genericamente de **grãos** e identificá-los com a produção agrícola. É certo que qualquer fruto ou semente de pequeno tamanho pode ser denominado **grão** (alpista, grão de uva, grão-de-bico, de café ou de cereais), mas os **grãos verdadeiros** são os cultivados visando o seu con-

teúdo de amido, os quais podem ser transformados em farinha, são os **cereais** ou **cariopse**, frutos das plantas (monocotiledôneas) da família das **gramíneas** (trigo, cevada, centeio, arroz e milho, dentre outras). As sementes oleaginosas (soja, algodão, girassol, linhaça, tungue, mamona, além de outras), muitas das quais **leguminosas de grãos**, dicotiledôneas, diferem bastante daqueles **grãos verdadeiros**, são cultivadas por serem fonte de proteína e igualmente diferem de certas outras leguminosas, tais como ervilha, grão-de-bico e feijão comum.

Se assim é, por que total de grãos? Por quê?

Sylvio Wanick Ribeiro — Chefe do Centro de Estudos Agrícolas/IBRE/FGV.

EXPLORAÇÃO LEITEIRA

A MELHOR E MAIS ÚTIL PUBLICAÇÃO QUE OS NOSSOS ESPECIALISTAS PRODUZIRAM PARA O PRODUTOR DE LEITE

PUBLICAÇÃO PATROCINADA PELA ANPES
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL

3.ª EDIÇÃO REVISTA



- CAPÍTULO 1 — INTRODUÇÃO
- CAPÍTULO 2 — MELHORES PASTOS, CHAVE PARA A PRODUÇÃO MAIS ECONÔMICA DE CARNE E LEITE
- CAPÍTULO 3 — ALGUNS FATORES QUE AFETAM A PRODUÇÃO DE CULTURAS FORRAGEIRAS
- CAPÍTULO 4 — AS FORRAGEIRAS: GRAMÍNEAS E LEGUMINOSAS
- CAPÍTULO 5 — ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE PASTAGENS
- CAPÍTULO 6 — A MÁQUINA ANIMAL
- CAPÍTULO 7 — SUPLEMENTAÇÃO DAS PASTAGENS
- CAPÍTULO 8 — A ROTAÇÃO PASTAGEM-CULTURA
- CAPÍTULO 9 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pedidos à EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Rua Venâncio Aires, 31 — Tel.: 263-8400 — São Paulo — Brasil — CEP 05024
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo

GIR LEITEIRO É A SOLUÇÃO.

Conheça os touros da Fazenda Brasília.



SUDHANO — IGUATU
A 6153
Peso: 800 Kg — LEITEIRA
Nasc. 02-12-78 — 08392

“O Gir leiteiro já constitui autêntico patrimônio zootécnico nacional, com novas e amplas perspectivas para produção leiteira nos trópicos, seja como raça pura ou utilizada em diversos sistemas de cruzamento .

O controle da produção leiteira é indispensável nas criações e centros de seleção. O nível de produção da mãe, da avó, das irmãs e, principalmente, das filhas determinam o valor de um touro e sua capacidade de melhorar o rebanho.”

*A.A. Santiago
(Zootecnista)*

Em 22 anos de controle oficial da Associação Brasileira de Criadores, 825 lactações, 383 estão registradas no LM (Livro de Mérito) e 116 no LE (Livro de Escol).

CATEGORIA DE LONGEVIDADE

Em 22 vacas com 141 lactações, obteve-se 570.435 kg de leite com média de 4.045,6 kg.

VACAS REPRODUTORAS EMÉRITAS

Possuimos no plantel 7 reprodutoras eméritas.

ORIGEM DOS TOUROS

Delicada e Gadanha: vacas de elite. Responsáveis pelas duas melhores linhagens do rebanho.

Franceline: é Medalha de Ouro no Controle Leiteiro com mais de 40.000 kg.

Halenia: em 7 lactações produziu 33.936 kg

Leiteira: em 5 lactações produziu 30.250 kg de leite

Libra: em 5 lactações produziu 21.840,5 kg de leite.

Pratinha: recordista nacional, em 7 lactações produziu 33.145 kg de leite.

Sara Hindostan: importada campeã de leite da Índia.

TOURO	PAI	MÃE	AVÓS PAT.	AVÓS MAT.
NORTE R. A 6360	JAPÃO R. 4959	FRANCELINE	WHITE II	CAXANGÁ
			JAPONESA	GADANHA
BRIGADEIRO R. O 2529	PACU R. A 6765	FRANCELINE	JAPÃO	CAXANGÁ
			LIBRA	GADANHA
VALE OURO R. A 6796	CAXANGÁ R. 3937	HALENIA	BOMBAIN	DARLAN
			ROCHONA	GADANHA
RAMADÃ R. A 3225	HINDOSTAN R. 7098	HALENIA	RAJKOT	DARLAN
			SARA HINDOSTAN	GADANHA
PACU R. A 6765	JAPÃO R. 4959	LIBRA	WHITE II	PINDARÉ
			JAPONESA	FRANCELINE
SERTÃO R. A 6766	DARLAN R. 9023	LIBRA	QUADRO	PINDARÉ
			CALIBROSA	FRANCELINE
UDO R. A 6795	DARLAN R. 9023	LEITEIRA	QUADRO	PINDARÉ
			CALIBROSA	DELICADA
SUDHANO R. A 7302	IGUATU R. A 6163	LEITEIRA	JAPÃO	PINDARÉ
			PRATINHA	DELICADA
PATEK R. A 3271	DARLAN R. 9023	DELICADA	QUADRO	QUADRO
			CALIBROSA	
ONASSIS R. A 6370	HERMES R. A 6207	PRATINHA	JAPÃO	BALUARTE
			SAYONARA	

MÃES DOS TOUROS

HALENIA	R. L 2718	6.118 kg
LIBRA	R. O 8384	5.102 kg
FRANCELINE	R. M 6504	5.311 kg
LEITEIRA	R. O 8392	6.335 kg
DELICADA	R. C 5089	3.860 kg
PRATINHA	R. C 4436	6.128 kg

AVÓS DOS TOUROS

ROCHONA	R. 5697	4.493 kg
GADANHA	R. B 2780	4.180 kg
SARA HINDOSTAN	R. D 2833	5.822 kg
JAPONESA	R. A 9501	3.360 kg
FRANCELINE	R. M 6504	5.311 kg
CALIBROSA	R. B 2308	4.375 kg
PRATINHA	R. 4436	6.128 kg
DELICADA	R. C 5089	3.860 kg
SAYONARA	R. D 5586	5.261 kg
LIBRA	R. O 8384	5.102 kg

MÉDIA : 5.475 kg DE LEITE

MÉDIA : 4.711 kg DE LEITE

Touro provado rende leite dobrado.

Fazenda Brasília

RUBENS RESENDE PERES

Praça José Peres, 10 - CEP 35.360

Fones (033) 352-1327 e 352-1315

São Pedro dos Ferros - MG

Correspondência: Av. Uruguai, 228 - 4.º andar

Bairro Sion - CEP 30.000

Fone (031) 225-1299 - Telex (031) 3203

Belo Horizonte - MG

A evolução do Gir Leiteiro

FRANCISCO TEATINI

Prezado Amigo,
D. PEDRO PARES LOPES
VALENÇA — VENEZUELA

É com prazer que lhe escrevo esta carta, para descrever as transformações que vem ocorrendo no Gir Leiteiro do Brasil.

Ele está em franca evolução, diferenciado-se cada dia mais do Gir tipo corte e das raças de corte, e aproximando-se das raças leiteiras.

Quando se observa as vacas, a gente vê que não existe aquela cupinzão. As vacas têm um cupim médio, delicado, como toda fêmea leiteira deve ter.

A gente nota que aquele poupão grossão, caído vem desaparecendo, na maioria Gir Leiteiro, hoje, a garupa está ficando mais horizontal.

Aquelas coxas grossas — do Gir tipo corte — praticamente desapareceram. Elas atrapalham o desenvolvimento do úbere. São bem mais finas no Gir Leiteiro e em consequência, está cabendo um úbere bem maior. As vacas estão andando com as pernas mais abertas. Fico às vezes observando e apreciando as vacas saírem para o pasto, depois da ordenha, por isto eu lhe digo: "O Gir Leiteiro está se transformando mais rápido que se pensava." Pergunto: será que ele está voltando às origens na Índia?

Hoje a gente não vê mais a cauda grossa (tipo corte), como a do Chianino, do Nelore, ou do Gir tipo corte. As vacas tem uma cauda mais fina e mais leve e bem atolada! Quase que não existe mais aquela cauda grossa. Está desaparecendo.

Quando se faz o Controle Leiteiro Oficial, automaticamente, está se selecionando os touros, filhos de suas vacas mais leiteiras, que produzem mais gordura, de lactação mais longa, etc. e conseqüentemente, está correlacionado todo esse padrão leiteiro em evolução.

O Gir Leiteiro não tem aquele chifre muito dirigido para baixo, que é uma das características do Gir tipo corte. Alguns animais possuem chifres para baixo, mas, a maioria vem com o chifre para trás, em média altura. Chifre para baixo, não tem correlação com produção de leite. Nós não olhamos muito este negócio de registro extra. Para nós registrou: está bom.

Os criadores estão selecionando tetas menores. Ainda existem tetas grandes e úberes pendulosos talvez uns 10 a 15%. Vai desaparecer. Temos muitas coisas a melhorar no úbere. Alé estamos concentrando nossos trabalhos de seleção há muitos anos. Acredito que dentro de 15 anos, você não mais encontrará no Gir Leiteiro aquelas tetonas. Você vai encontrar, sim, tetas médias e pequenas.

D. Pedro, é importante você saber que não estamos forçando saída do chifre, cauda fina, coxa fina, nem cupim médio. Estamos sim trabalhando no aumento do leite e logicamente, obtendo este padrão.

Seleção é assim:

Quem seleciona holandês, está fugindo daquelas tetinhas e quem seleciona Gir Leiteiro, faz o contrário.

Aquelas veias tortuosas, próximas do úbere e o úbere bem irrigado, estão elevando cada dia mais a seleção para o aumento do leite. O Gir Leiteiro, você pode concluir: Está muito diferente do Gir tipo corte.

Os criadores de Gir Leiteiro não entraram naquelas fases de esquisitices — do chifre para baixo — que o Gir tipo corte, atravessou. Os criadores se concentraram no leite — foi ótimo — e deram um salto prá frente.

Quero dizer a você que eu não estou falando mal do Gir tipo corte. É uma raça muito boa e melhor que muitas outras. É muito boa criadeira, pesada, rústica, mansa e bela. A mais bela de todas.

O Brasil hoje possui 11 selecionadores de Gir Leiteiro, são aqueles que fazem o Controle Leiteiro Oficial, na ABC — Associação Brasileira dos Criadores, em São Paulo e fazem também o Controle e Registro desses animais na ABCZ — Associação Brasileira dos Criadores de Zebu.

Para se fazer o controle, os criadores recebem mensalmente a visita do Controlador, que envia os controles e uma série de dados para ABC, onde são levados ao computador. A ABC publica na Revista dos Criadores somente os Controles das vacas que produziram mais de 10 kg de leite por dia, mas analisa lactação por lactação de todas as vacas.

Alguns criadores fazem 3 ordenhas por dia e outros fazem duas, nós fazemos duas.

Nós consideramos uma vaca Gir Leiteira quando

registrada com lactação acima de 2.000 kg, cuja mãe também tenha lactação acima de 2.000 kg e ambas sejam filhas de touros filhos de vacas com lactação superior a 3.000 kg.

Por enquanto os criadores de Gir Leiteiro não estão preocupados com comprimento do pescoço, nem se a barbela é grande ou pequena. Estão preocupados, principalmente, com a produção de leite. Os animais de barbela menor e cauda fina têm tetas e umbigos mais curtos. Isto interessa ao Gir Leiteiro.

O que tem mais correlação com leite são aquelas pernas finas, diferentes do Gir tipo corte, a conformação do úbere, bem chegado na frente e a pele solta e macia, as tiradas macias, as veias grossas tortuosas e as vértebras bem arqueadas, barrigudas mesmo. Isto sim, tem relação com o leite. A mansidão e a rusticidade da raça ajudam muito na produção.

Nós, particularmente, somos profissionais, vendemos o leite para a Nestlé, e selecionamos também, vacas de tirada macia. Ainda pinta alguma de tirada dura. Esta é uma seleção fácil de duas a três gerações. Mas é importante e exige acuidade e perspicácia.

Veja bem: das 358 vacas Gir Leiteiras Registradas de Gabriel Andrade só nos resta 8 de tirada dura.

Reafirmo a você — D. Pedro — os criadores estão empenhados no aumento do leite. Estão cruzando vacas leiteiras com touros mais leiteiros. Querem as

boas características externas desde que venham acompanhadas de leite. Tamanho de cauda? Não se discute.

Nos Estados Unidos, os selecionadores, no princípio, estavam interessados em aumentar o leite do holandês e passaram muitos anos sem se interessarem até por conformação do úbere e outros aspectos raciais. Eles deixaram para corrigir a conformação do úbere depois e assim eles obtiveram o holandês extraordinário de hoje.

D. Pedro, espero que na próxima vinda sua ao Brasil, eu tenha oportunidade de lhe mostrar muitos outros detalhes interessantes e levar você para conhecer as modificações do Gir Leiteiro.

Estou enviando em anexo, a coleção do Protegel e Prodados, que contém um punhado de informações úteis do Gir Leiteiro obtidas através do computador e algumas medidas que vimos fazendo no nosso Gir Leiteiro.

Hoje temos também condições de lhe ceder touros melhores do que aqueles que você levou.

Espero que seu filho — D. Pedrito — esteja firme com você, porque seleção é assim — de pai para filho e para neto devagar e sempre, anotando, estudando, comparando e analisando. Tenho alegrias e sofrimentos. No caso do Gir Leiteiro, muito mais alegrias.

Um abraço extensivo aos criadores de Gir da Venezuela.

NÃO ESQUENTE A

APLIQUE

NO LEITEIRO

OU DE CORTE E

TRANQUÍLO, COM MUITO

NO BOLSO.

Ungüento Pearson: cicatriza as feridas; repele os insetos; resiste às chuvas; não mancha; econômico, basta passar uma vez; camada resistente que fica e protege até a cura.

UNGUENTO PEARSON

O mais eficaz cicatrizante, anti-séptico e germicida do



REDATOR: L. PACHECO JORDÃO
— CRMV-4 — 0322

N.º 109 — JANEIRO DE 1985 — ANO X

Seleção de bovinos leiteiros em Israel

SUMARIO

- 1 — O trabalho de seleção de bovinos leiteiros em Israel
- 2 — Produção e porcentagem de gordura de leite da raça Pitangueiras
- 3 — Perfil mineral do soro sanguíneo de búfalos durante o subestro e fases de lactação
- 4 — Parasitos de bezerros bubalinos de pântano
- 5 — Paratuberculose bovina
- 6 — Notas Zootécnicas
 - 6.1 — Desenvolvimento ponderal de bovinos da raça Canchim
 - 6.2 — Tendência genética das avaliações da produção de leite em cabras.
 - 6.3 — Toxicidade e metabolismo do chumbo para bezerros
 - 6.4 — AIDS em bovinos
 - 6.5 — II Congresso Pan-Americano do Leite em São Paulo

Israel é um país de cerca de três milhões e meio de habitantes e uma população de vacas leiteiras estimada em cerca de 150 mil cabeças em primeira lactação. Há dois sistemas de condução de fazendas: um o sistema Moshá, privado; outro o dos Kibbutz, coletivo. Nas fazendas

coletivas a vaca em lactação é controlada e existem em média 300 000 produtoras. Em Israel o trabalho se fundamenta sobretudo em uma raça leiteira, a Frísia, e isto permite conduzir criações de grandes dimensões e a obtenção de ótimos resultados.

Como vemos no Quadro 1, há notáveis variações de temperatura nas diferentes zonas do país. No golfo de Aquaba-Eilat a temperatura no período estival pode chegar até 40 °C. Nessa zona são criadas 300 a 400 mil vacas leiteiras com produção muito elevada. Do outro lado, pode-se ver a Alta Galiléia onde o período invernal é bastante frio, semelhante ao da Europa.

O principal problema da agricultura em Israel, até o presente momento, é a escassez de água. Israel é um país pequeno — não há o problema de produzir mais, caso houvesse água. No Quadro 2 pode-se ver que a maior parte da água é usada

Quadro 1
Temperaturas médias, mínima e máxima diárias e pluviosidade anual em diferentes localidades de Israel

Localidade	Temperatura, °C		Pluviosidade, mm/ano
	janeiro	agosto	
Alta Galiléia — Mt Canaan	4-10	18-29	720
Hula Vale Kfar Blum	6-17	19-35	480
Planície costeira — Tel Aviv	8-18	22-31	540
Montes da Judéia-Jerusalém	6-13	19-29	490
Negev do Norte-Beersheba	7-17	19-33	200
Golfo de Aquaba-Eilat	10-21	26-40	25
Mar Vermelho	10-21		

Quadro 2
Água usada na agricultura em confronto com a disponibilidade de água

Ano	mil. m cúb.			
	Disponibilidade de água em m ³	Consumo urbano e industrial	Consumo agrícola	% de água utilizada pela agricultura
1971/2	1,643	368	1,275	77,6
1973/4	1,554	394	1,160	74,6
1975/6	1,745	400	1,345	77,1

Quadro 3
Desenvolvimento da pecuária leiteira e produção de leite

Ano	Número	Produção total de leite		
		Vacas, % de 1944	Milhões de kg	% de 1944
1944	16.800	100	62	100
1950	23.750	141	93	150
1960	63.100	375	276	445
1965	70.500	420	350	565
1970	98.300	585	492	792
1975	108.000	640	610	985
1977	120.000	710	710	1.140

Quadro 4
Consumo per capita de leite e produtos derivados em Israel

Leite ou derivado	Total, kg
Leite pasteurizado	64,1
Manteiga	0,9
Queijos duros	2,6
Queijos moles	10,2
Creme	3,1
Leites fermentados	12,0
Doces a base de leite	4,2

Quadro 6
40 anos de controle leiteiro em Israel: produção média vaca/ano

Ano	Leite, kg	gordura, %	gordura, kg
1934/35	3916	3,70	145,0
1944/45	4356	3,62	157,7
1949/50	4015	3,63	146,0
1954/55	4632	3,56	164,8
1959/60	5637	3,42	192,7
1964/65	5847	3,25	190,0
1969/70	6431	3,27	210,3
1974/75	7191	3,18	228,7
1975/76	7483	3,21	240,2
1976/77	7749	3,29	262,9
1977/78	7858	3,37	264,8
1978/79	7855	3,27	256,9
1979/80	7951	3,27	260,0
1980/81	8030	3,31	265,8
1981/82	8340	3,28	273,6
1982/83	8930	3,28	292,9

pela agricultura e procura-se continuamente um sistema que permita utilizar o recurso hídrico do melhor modo e da maneira mais eficiente. Alguns dados relativos ao desenvolvimento da pecuária leiteira e da produção estão no Quadro 3. Em 1944 somente cerca de 16.000 vacas leiteiras estavam presentes em Israel, ao passo que em 1977 eram cerca de 120.000, o que evidenciava notável incremento. Em 1948 a população humana passou de

700.000 para aproximadamente 3,5 milhões. Naturalmente houve a necessidade de aumentar o número de bovinos criados. No Quadro 4 evidencia-se o consumo per capita da produção de leite no país.

Em Israel, como sabemos, os habitantes provêm de diferentes países (ocidentais, cujas pessoas têm o hábito de consumir leite e orientais, onde não se consome tanto esse alimento). Assim, o consumo israelense não atinge o nível dos países europeus.

No quadro 5 é indicado o consumo da carne produzida. A maior parte da proteína é fornecida pela avicultura. Procura-se criar e engordar todos os vitelos machos nascidos nas explorações leiteiras. Há algumas criações de gado de corte, mas a maior parte da carne provém da importação de produto congelado.

No que concerne à produção de leite, conforme o Quadro 6, encontram-se alguns dados relativos à criação de bovinos. É

Quadro 5
Consumo de carne per capita em Israel, kg/ano

Tipo de carne/ano	1974	1975	1976
Fresca	5,8	5,2	4,2
Congelada	8,0	9,1	8,7
Fresca & congelada	13,8	14,3	12,9
Ovina e caprina	1,1	1,1	1,1
Outros tipos	2,3	2,5	2,5
Aves	42,7	46,3	47,5

Quadro 7
Produções anuais médias em criações de Kibbutz em 1982

Criação	N.º vacas	Leite, kg	Gordura, kg	Gordura, %	Leite em 1981, kg
1. Ma'agan Michael	290	10.470	305	2,91	10.069
2. Hefets Hayim	337	10.394	290	2,79	9.943
3. S'dor Yam	223	10.150	352	3,47	9.487
4. Ha'ogen	265	10.029	307	3,06	9.493
5. Ma'ale Hahamisha	216	9.956	293	2,94	9.332
6. Ein Heshofet	269	9.904	327	3,30	9.088
7. Hatserim	205	9.859	339	3,44	9.088
8. Rosh Tsurim	246	9.771	328	3,36	8.860
9. Yezra'el	448	9.668	310	3,21	9.035
10. Yakum	290	9.655	312	3,23	8.951

Médias das lactações fechadas em 1982

Criação	N.º lactações fechadas	Leite, kg	Gordura, kg	Gordura, %
1. Hefets Hayim	248	10.571	294	2,78
2. Hatserim	136	10.499	340	3,25
3. Szdor Yam	176	10.330	356	3,45
4. Ma'ale Hahamisha	155	10.317	313	3,03
5. Yezra'el	305	10.243	331	3,23
6. Ramat Hakovesh	165	10.115	309	3,05
7. Nordia	170	10.107	333	3,29
8. Barka'i	177	9.989	310	3,10
9. Hulda	181	9.910	341	3,44
10. Merhavia	351	9.880	326	3,30

indicada a produção de leite e a porcentagem e kg de gordura durante os diversos anos, de 1934 a 1982, ano a que se referem os últimos dados. A produção de leite partiu em 1934 de 3 900 kg para alcançar, no último ano a média de 8 340 kg. No mesmo tempo a produção de gordura passou de 145 kg para 273 kg.

No Quadro 7 estão os dados sobre dez criações que apresentaram as maiores produções em 1982. Nesse ano, 70 criações fecharam a lactação com uma produção média de 9 000 kg.

No Quadro 8 há informações sobre a seleção de touros, vendo-se as vacas com

produção superior à média das criações dois desvios padrão.

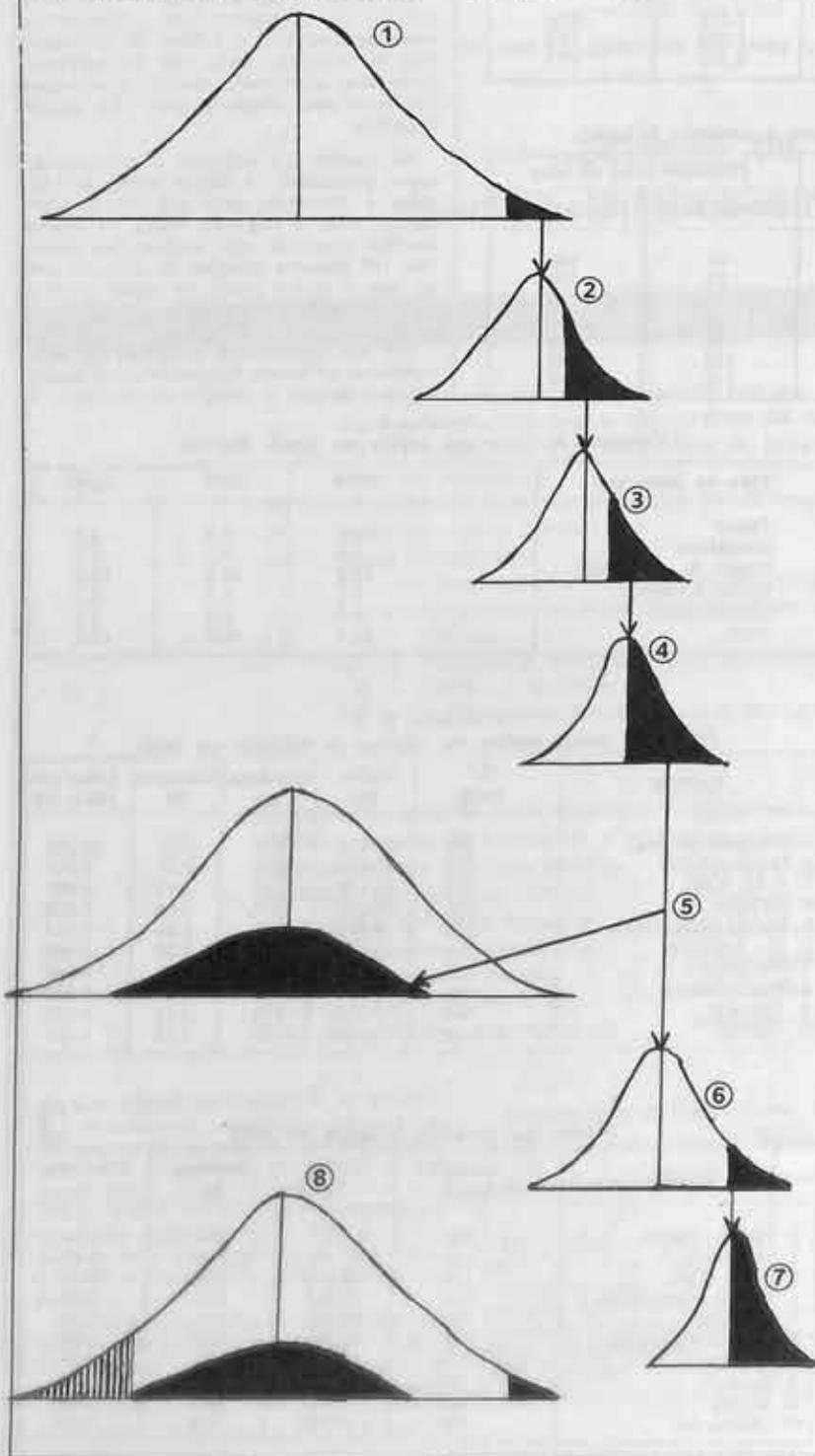
As vacas são controladas segundo a morfologia e inseminadas com material proveniente de touros provados em Israel ou dos melhores reprodutores existentes no mercado mundial. Israel tem uma

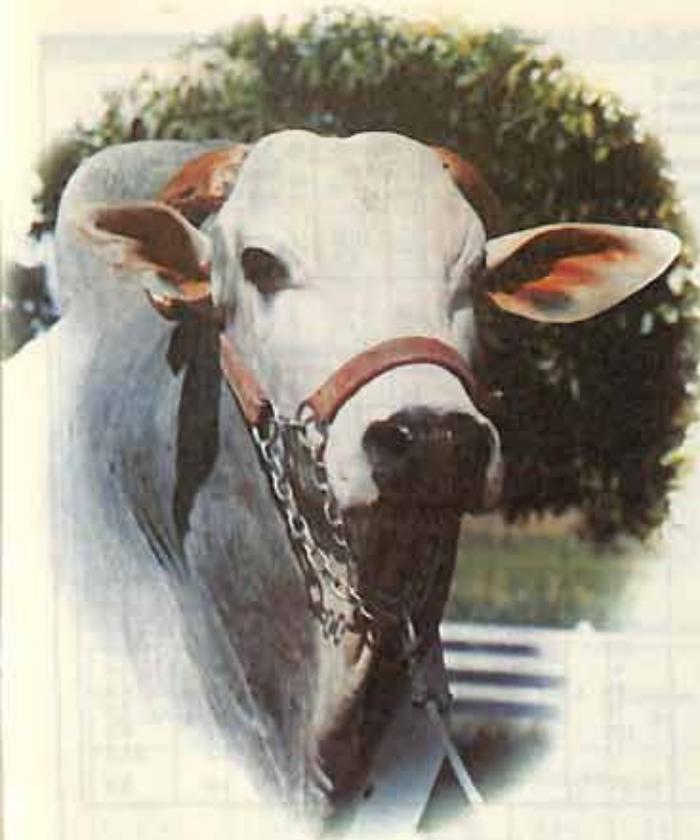
Quadro 8

Esquema de fecundação dos bovinos leiteiros em Israel

População de vacas leiteiras

- ① Pré-seleção das vacas com produções superiores à média da criação de 2 desvios-padrão
- ② Avaliação do desvio genético e da morfologia — somente 1/3 das vacas pré-selecionadas pelo classificador são utilizadas como mães de touros — 1% da população
- ③ De 1/3 das vacas escolhidas são obtidos os touros jovens
- ④ Os touros jovens são submetidos a provas de desempenho e controle de qualidade do sêmen. Somente 1/3 dos touros são enviados aos centros de inseminação artificial
- ⑤ Teste de progênie dos touros jovens — 25% das vacas são fecundadas com touros em prova
- ⑥ Depois do teste de progênie somente um touro sobre doze permanece em I.A.
- ⑦ Metade dos touros mais jovens são utilizados para fecundar as vacas escolhidas como mães de touros
- ⑧ População de vacas leiteiras: 9% são fecundadas com touro Charolês; 24-25% são fecundadas com touros em prova; cerca de 70% são fecundadas com touros provados e 1% das vacas com os melhores touros do mundo.

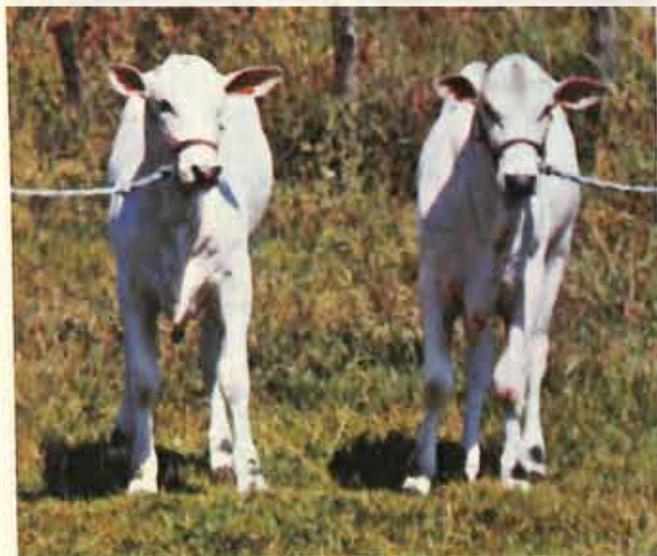




Ankai a opção de produção comprovada

Temos à venda 150 produtos filhos de Ankai em ponto de monta

PRODUTOS POI DE TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES, FILHOS DE ANKAI



Nesta foto vemos um filho e uma filha de ANKAI produtos de transferência de embriões onde pode se comprovar a homogeneidade que este reprodutor imprime em seus filhos.



ATHANI – TE – P.O.I. da Santa Filomena: Exemplar de rara qualidade filha de ANKAI.

FAZENDAS

Prop.: ROBERTO CALMON DE BARROS BARRETO

Resp.-Técnico: Eng. Agr. José Wilson Baião

Fone: 83-1431 e 83-1728 – Cx. Postal 36

13.600 – DESCALVADO – SP



Quadro 9
 Detalhes sobre os bezerrões mortos de novilhas e vacas segundo os Livros Genealógicos

Grupo	N.º de partos	Idade do parto	Dias da gestação	Retenção da placenta, %	Dificuldade de parto, %	Febre do leite, %	Machos, %	Mortes sobre total, %	% bezerrões machos mortos	% bezerrões fêmeas mortas
Novilhas	59.297	2.00	276.3	3.4	6.4		52.9	10.0	12.2	7.8
Vacas	133.541	4.11	277.1	6.3	2.0	1.7	52.1	5.8	6.5	5.1

produção reduzida de vacas leiteiras (cerca de 140-150 mil cabeças em 1.ª lactação, sendo que 99,9% das quais são inseminadas artificialmente).

Conseqüentemente, quando há um touro provado muito bom ele é empregado em elevado número de vacas e com isto há o risco, com o tempo, de produzir consanguinidade. Para evitar este inconveniente, a metade das vacas de elite de Israel (com linhagem de sangue estrangeiro que se encontra no mundo) é submetida à i.e. Isto tem permitido até agora usar excelentes linhagens dos EUA, Suécia e Nova Zelândia.

Os tourinhos nascidos desses acasalamentos são adquiridos e enviados ao centro genético, onde são submetidos a testes de desempenho e controle do material seminal. Mais da metade dos indivíduos é descartada após essas provas. Os remanentes são usados em i.e.

Após haver distribuído 1000 doses de sêmen do touro, este tem seus dados submetidos ao teste de progênie. Neste meio tempo são estocadas cerca de 30 000 doses de sêmen de cada touro. É um trabalho vultoso mas que dá o valor dessas quantidades estocadas quando elas provêm de um touro provado positivamente.

Depois do teste de progênie (para a 1.ª, a 2.ª e a 3.ª lactação) somente um genitor dentre doze permanece em serviço de i.e. De fato, após a prova de progênie relativa à 1.ª lactação, somente um touro dentre oito; e somente um dentre doze, permanece das lactações sucessivas.

Os reprodutores que se mostram positivos em tais programas são empregados maciçamente e, havendo dados com elevado índice de repetibilidade, pode-se ter a certeza de obter um melhoramento genético. Para evitar problemas de consanguinidade, somente a metade desses "super touros" é utilizada para fecundar as vacas-mães dos futuros reprodutores a serem submetidos ao teste de progênie.

O programa prevê cerca de 70% das vacas fecundadas com sêmen de touros provados. A vaca de elite é acasalada com o melhor genitor provado disponível em todo o mundo, ao passo que a vaca considerada refúgio é inseminada com sêmen de touro de raça de corte (Charolês) para obter vitelos dotados de melhor conformação.

No Quadro 9 estão dados oriundos do livro genealógico onde se vê que a mor-

Quadro 10
 Detalhes dos partos — Touros Frísios Israelenses

N.º série	Novilhas fecundadas				Vacas fecundadas		
	Frenhes do touro N.º	N.º bezerrões	Partos difíceis	Bezerrões mortos	N. di vitelli	Parti difíceis	Vitelli morti
1	264	204	4.4	4.5	505	1.6	4.8
10	283	85	1.2	8.2	312	2.6	6.9
20	206	1.734	7.6	10.7	320	2.8	6.2
30	243	116	19.8	11.4	1.006	5.4	3.2
40	627	115	7.0	14.0	262	2.3	6.0
50	625	63	14.3	16.4	224	0.9	4.7
51	220	294	16.7	16.9	717	2.9	5.6
52	601	36	16.7	17.1	313	1.6	4.4
53	234	392	11.0	17.4	438	2.3	6.2
54	622	41	9.8	17.9	178	4.5	6.4
55	605	55	3.6	18.2	195	3.6	4.8
56	267	79	12.7	20.5	194	1.5	5.5
57	604	108	8.3	23.4	242	2.1	6.2
58	647	13	7.7	45.5	31	3.2	22.2
		59.297	6.4	10.0	33.541	2.0	5.8

Quadro 11
 Porcentagem de aumento dos filhos machos (Touros Frísios Israelenses)

N.º série	N.º touro	N.º filhos machos	Idade	Peso, kg	Aumento diário, kg	Diferença
Touri Frisoni						
1	243	33	429	486	1.041	+ 8.1
3	241	40	436	496	1.048	+13.2
4	285	11	401	468	1.069	+ 0.8
6	252	33	431	452	0.958	— 0.9
6	266	16	408	447	1.000	— 3.2
7	282	15	444	506	1.051	+ 0.4
8	257	17	416	474	1.045	— 2.9
10	234	34	417	451	0.988	—12.5
11	264	17	397	462	1.065	—11.5
12	279	10	431	461	0.979	— 5.1
13	272	9	408	461	1.034	— 4.0
14	299	14	422	469	1.018	+ 3.3
15	228	94	430	492	1.053	+ 6.8
16	261	14	429	484	1.037	+ 4.2
17	060	135	424	479	1.037	+ 8.9
18	286	14	415	466	1.028	— 2.0
20	267	15	430	468	0.997	— 4.3
21	283	19	428	447	0.953	— 3.8

talidade dos bezerrões nascidos de novilhas é, em média, de 10%, ao passo que a de vacas é de 5%. Na progênie dos touros é avaliada para cada um deles a porcentagem de fêmeas com dificuldades de parto ou distocia (Quadro 10), tanto em vacas como em novilhas. Por exemplo, o touro 264 fecundou 204 novilhas e teve 4,5% de mortalidade, ao passo que sobre 505 vacas houve 4,8%. Ainda no mesmo Quadro vê-se que o touro 647 teve quase 50% de mortalidade entre os nascimentos sobre novilhas. Isto explica porque se recomenda usar no caso o pri-

meiro touro (264) e não o último (647) da lista do Quadro 10. Ademais, pode-se notar, no mesmo quadro, certa correlação entre a dificuldade ao parto e a mortalidade, notadamente quando o touro é empregado em novilhas.

Naturalmente, estas provas complementam aquelas relativas ao aumento da produção obtida pelas filhas do touro. De fato, se um indivíduo é negativo para DP (diferença prevista) de leite ele deve ser sacrificado e todas as outras provas não terão mais interesse.

Quadro 12
Efeito da idade ao parto sobre a produção de leite, dias vazios e porcentagem de refugagem

1.ª lactação					2.ª lactação					3.ª lactação					4.ª lactação				
Idade de parto, meses	N.º de filhas	Dias vazios	Leite corr. gordura d.	Diferença anual	Idade ao parto, meses	N. filhas	Giorni non grav.	F.C.M. perfid.	Diferença anual	Idade ao parto, meses	N. filhas	Giorni non grav.	F.C.M. perfid.	Diferença anual	Idade ao parto, meses	N. filhas	Giorni non grav.	F.C.M. perfid.	Diferença anual
20	55	108	14.8	-580	32	223	98	17.4	-263	44	238	87	18.5	-342	56	98	95	19.1	-91
21	381	109	15.4	-375	33	644	96	17.9	-90	45	407	90	18.7	-260	57	189	87	18.8	-47
22	1.564	105	16.0	-255	34	1.077	99	17.7	-198	46	685	96	18.7	-192	58	273	102	18.8	-146
23	2.516	103	16.2	-154	35	1.234	97	17.8	-110	47	763	99	18.8	-110	59	417	103	18.8	-159
24	2.474	106	16.2	-83	36	1.287	101	18.0	-29	48	810	103	19.1	-44	60	473	102	19.3	+26
25	1.903	100	16.4	+3	37	1.082	101	18.3	+48	49	740	99	19.1	-25	61	468	102	19.5	+100
26	1.192	103	16.4	+53	38	886	106	18.4	+89	50	690	99	19.2	+2	62	431	108	19.6	+114
27	743	103	16.7	+108	39	616	104	18.4	+132	51	514	108	19.4	+88	63	405	105	19.8	+195
28	480	108	16.7	+158	40	427	114	18.8	+236	52	430	104	19.9	+245	64	291	101	19.7	+148
29	280	111	16.5	+50	41	316	119	18.7	+187	53	334	114	19.3	+71	65	241	113	19.5	+130

Quadro 13
Efeitos da consanguinidade em bovinos leiteiros

% de consanguinidade	N.º de vacas	Idade ao parto, meses	Dias vazios	Leite kg	Gordura %	Desvio entre criações	
						leite, kg	gordura, %
Primeira lactação							
0.0	3.074	24.1	100	6.034	3.11	2	0.005
1.563	1.114	24.2	99	5.844	3.11	-95	0.007
3.125	1.842	24.4	98	5.732	3.16	-80	0.015
6.25	1.001	24.5	103	5.757	3.14	-122	-0.010
12.5	477	24.4	103	5.591	3.10	-321	-0.016
25.0	52	24.9	98	5.669	3.10	-156	-0.008
Segunda lactação							
0.0	1.829	36.4	99	6.815	2.97	50	-0.014
1.663	620	36.2	88	6.730	2.49	-26	-0.015
3.125	1.312	36.8	98	6.497	3.02	-54	-0.012
6.25	749	37.1	99	6.448	3.06	-122	0.019
12.5	318	36.7	101	6.485	2.97	-237	-0.018
25.0	40	37.4	104	6.452	2.98	-294	-0.028

Como Israel é um país pequeno, deficitário em carne, o teste de progênie dos touros também visa ao índice de crescimento do peso vivo.

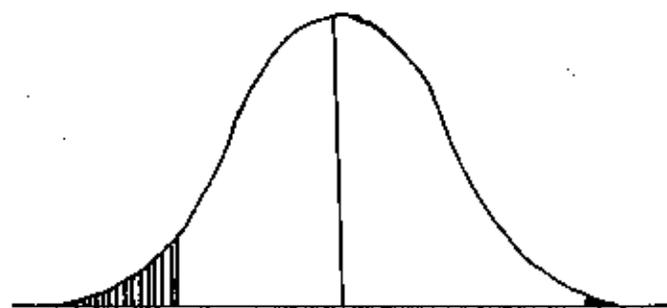
No Quadro 11 pode-se observar o número de touros cujos filhos machos foram submetidos à prova, a idade, o peso alcançado e o aumento diário obtido. A maior parte deles tem um índice de aumento diário superior a 1 kg. Também é propiciada no mesmo Quadro a diferença prevista DP kg para o índice de crescimento/ano. Por exemplo, o touro 241 tem uma DP/kg de +15,2, ao passo que o 234 a tem de -12,5.

Evidentemente, ao cabo do ano, 27 kg é uma diferença ponderável e pode modificar a lucratividade do criador.

Outros dados são interessantes, como: Quando a fecundação é realizada pela primeira vez? Quando deve parir a novilha pela primeira vez?

Todos sabem que se a novilha é fecundada um pouco mais tarde, pode haver também um pouco mais de leite; ao passo que se é fecundada muito cedo ocorre menor produção. Durante muitos anos tem-se verificado que a fecundação dos animais precocemente determina uma perda de leite somente na primeira lactação. No Quadro 12 vê-se o efeito da idade do parto em relação à produção, ao intervalo parto-prenhez e à porcentagem de descartes.

Se fecundarmos a novilha que pare aos 27 meses de idade, há perda de leite na primeira lactação, na segunda, na terceira e na quarta. Isto significa que uma fecundação prematura ou i.e. feita em idade muito jovem, influencia a produção de leite da fêmea. Praticamente pode ser dito que a produção é influenciada por toda a carreira reprodutiva, considerando-se que em Israel a duração média de uma vaca leiteira é de 3 anos e meio.



Classificação das novilhas para estabelecer os touros de descarte

Classificação das mães dos touros

Classificação da conformação da média na população

Quadro 14 Classificação dos bovinos feita pelos criadores

Data	N.º de filhas	Diferença em conformação	Diferença no úbere	Diferença nas tetas	Diferença na ordenha
ARI 012					
25.3.71	21	+3.2	+3.2	+3.3	+3.4
10.8.71	30	+4.2	+4.4	+4.4	+4.5
20.4.72	256	+3.8	+5.2	+5.4	+2.6
13.8.72	301	+3.6	+5.3	+5.2	+2.6
11.12.72	321	+3.5	+5.4	+5.4	+2.6
11.4.73	352	+3.4	+5.3	+5.2	+2.5
14.8.73	356	+3.1	+5.1	+5.0	+2.3
25.12.73	384	+3.1	+5.1	+5.0	+2.1
29.4.74	406	+3.1	+5.2	+5.1	+2.0
11.8.74	428	+3.2	+5.3	+5.1	+2.0
14.4.75	438	+2.7	+5.2	+5.0	+2.2
BIGTAN 005					
25.3.71	21	+3.7	+3.8	+3.9	+3.8
10.8.71	27	+4.2	+4.3	+4.4	+4.3
20.4.72	300	+2.3	+0.1	+0.2	-2.3
13.8.72	349	+2.2	+0.1	+0.1	-2.4
11.12.72	384	+2.2	+0.1	+0.2	-2.4
11.4.73	437	+1.9	+0.2	+0.2	-2.3
14.8.73	477	+2.1	+0.2	+0.2	-2.5
26.12.73	498	+2.1	+0.1	+0.1	-2.4
29.4.74	504	+2.0	+0.1	+0.1	-2.4
11.8.74	508	+2.0	+0.2	+0.2	-2.4
NERON 067					
13.8.72	70	+1.0	-2.3	-2.6	-1.6
11.12.72	100	+0.9	-1.9	-2.9	-1.6
11.4.73	168	+2.0	-1.5	-2.2	-0.6
14.8.73	291	+1.4	-1.2	-1.3	-0.3
25.12.73	412	+0.9	-1.6	-1.6	-0.1
29.4.74	479	+0.7	-1.4	-1.4	-0.2
11.8.74	597	+0.9	-1.2	-1.1	0.0
12.12.74	661	+0.9	-1.0	-1.0	0.0
19.1.75	715	+1.0	-1.1	-0.9	0.0
14.4.75	750	+1.1	-1.1	-0.9	0.0

Também a consangüinidade tem um efeito negativo sobre a produção. Nos EUA foi efetuado um estudo muito interessante que demonstra o efeito da consangüinidade sobre a produção. Pôde-se avaliar que quando por erro técnico ocorre consangüinidade, há perda de leite (Quadro 13). Nota-se, de fato, que quando o coeficiente de consangüinidade tende a subir, há uma diminuição da produção (3).

Este aspecto é importante ao se avaliar a DP de um touro. Esta será real se não houver nenhuma consangüinidade, mas pode ser o oposto e com uma diferença significativa.

Outro ponto a ser levado em conta é a avaliação morfológica. Na opinião do A. técnicos e de todos os criadores do mundo, têm-se cometido erros por muitos anos falando demais sobre a vaca bela e bem conformada. Deve-se falar somente da vaca comercial e funcional. Haverá um erro de somente 1% dos criadores, em proveito da morfologia, quando a vaca é vendida em leilão ou em qualquer outro caso. Entretanto, a maioria dos criadores do mundo tira proveito da produção de leite e das vacas que não ocasionam problemas na fazenda e na ordenha. O animal produtivo e longo é aquele que deve ser selecionado.

Muitas vacas perdem na contagem de pontos um ou dois pontos porque o sôlho do úbere posterior é inclinado. Mas se falarmos com o criador e perguntarmos se esse animal tem problemas, a resposta é "não há nenhum problema, o animal é excelente".

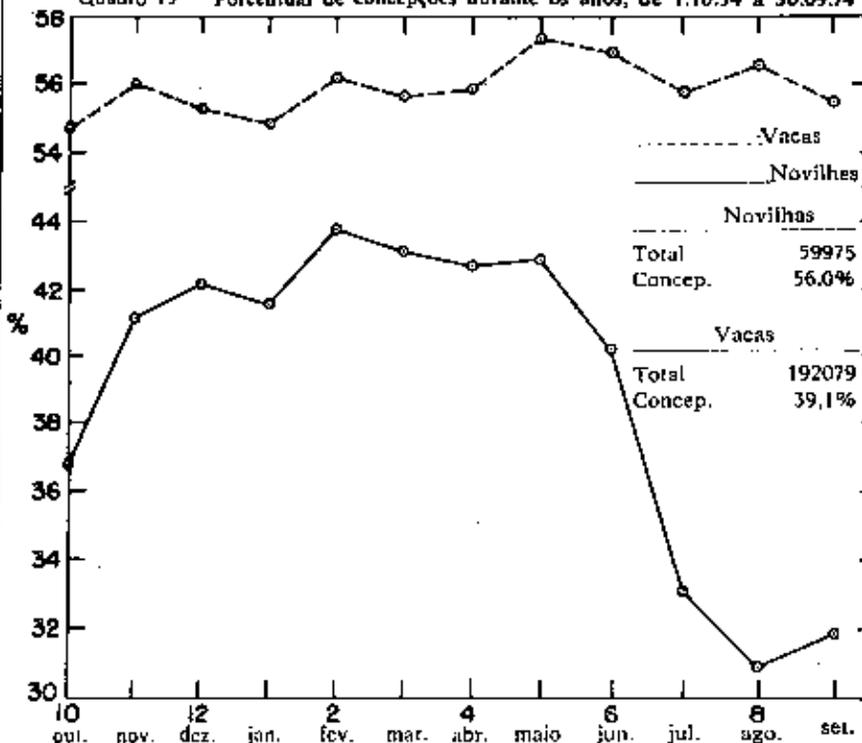
Na opinião do A. é tempo de começarmos a falar da vaca comercial.

Outro aspecto interessante é que a classificação por pontos tem um custo elevado. Deve-se enviar os técnicos às fazendas e isso representa elevado custo com o transporte individual. É muito difícil avaliar todas as explorações que se acham sob controle de produção de leite. Há alguns anos têm-se procurado introduzir outro sistema de avaliação morfológica, sendo ele feito pelo próprio criador. Naturalmente não se pode dar ao luxo de avaliar todas as características que são consideradas em muitos países (alguns classificam doze diversas e outros chegam até trinta e duas).

Para utilizar uma situação paralela, quando há um número de árvores excessivo, torna-se difícil ver a floresta e portanto não sabemos onde elas se encontram. Se a vaca tem um úbere feio esta feiura pode ser na parte anterior ou por não haver um bom ligamento posterior.

O mesmo se verifica com outras características. Em Israel foi feita uma prova sobre o momento que seria oportuno para classificar dois tipos diversos de popula-

Quadro 15 Percentual de concepções durante os anos, de 1.10.54 a 30.09.74



PREPARE-SE PARA UM LEILÃO QUE NÃO SE REPETIRÁ

2 REPRODUTORES
37 MATRIZES
4 POTROS
19 POTRAS

*IBN - BANDOS
PENTACAMPEÃO



Handwritten signature

LIQUIDAÇÃO TOTAL DO PLANTEL ÁRABE
DO HARAS IMPÉRIO

ORPHEU JOSÉ DA COSTA



3/MARÇO/85

14 HORAS

PARQUE DA ÁGUA BRANCA - SÃO PAULO - SP



EXPOSIÇÃO DOS ANIMAIS.

DE 28 DE FEVEREIRO A 3 DE MARÇO



6 PAGAMENTOS



ORPHEU JOSÉ DA COSTA
HARAS IMPÉRIO
BOSONIA DO AÇÚCAR KM 99 - (10)
TEL. (011) 489-0702

Djalma B. de Lima
Organização de Leilões
Rua Nebraska, 423 - São Paulo
Tel. (011) 543-3300 - Cep 04560

ção bovina: o primeiro constituído de vacas das quais se obtêm touros e, naturalmente, esta população deve ser avaliada com muito cuidado, devendo-se dispensar obviamente a máxima atenção a cada pequeno detalhe; mas para a outra parte da população a avaliação morfológica é somente um suporte para a DP em leite. Sabemos que mesmo que um touro não esteja exatamente na média, no que respeita às características morfológicas, mas se é bom quanto ao índice de DP em leite, os criadores o usarão de maneira mais intensiva porque os satisfazem com a produção de suas filhas. Praticamente, os criadores não tem dificuldades em usá-lo. Determinam a produção de muito leite e portanto não há como não usá-los continuamente. Entretanto devemos prestar a máxima atenção ao classificar as novilhas para estabelecer quais são os touros que os criadores não desejam.

Em Israel foi iniciada em 1970 uma prova em que os criadores eram solicitados a classificar suas vacas. Este trabalho foi efetuado a nível mundial, tendo-se demonstrado que se as mesmas vacas forem classificadas em momentos diversos, durante a mesma lactação, obtêm-se resultados ligeiramente diferentes quanto a sua contagem final de pontos.

Portanto, foi pedido aos criadores que classificassem os animais depois de 60-90 dias do parto e assim todas as vacas foram avaliadas no mesmo momento em relação à curva da lactação. Quatro foram as características visadas: conformação geral, úbere, tetas e velocidade de ordenha, dando-se as seguintes notas finais — 90 para o animal muito bom; 80 para o bom; 70 para o médio; 60 para o suficiente; 50 para o insuficiente (caso em que o criador não está satisfeito com a conformação mamária e com a conformação geral mas, não obstante, a vaca permanece no rebanho) e, finalmente, 40 pontos para o animal considerado péssimo. A vaca com este contagem de pontos deve ser descartada do plantel.

No Quadro 14 estão alguns dados relativos à classificação das várias características feitas pelos diversos criadores em datas diferentes.

Vejamos agora alguns dados relativos à fertilidade (Quadro 15), notando-se que a temperatura durante o verão em Israel pode ter relação com a fertilidade da novilha, avaliada mediante diagnóstico manual da gestação. A percentagem gira em torno de 55-56% durante todo o ano e os dados se referem a cerca de 60.000 novilhas.

É diferente o índice de fertilidade encontrado na vaca israelense durante o ano (linha contínua do gráfico). As fêmeas durante o período de dezembro até abril-maio apresentam uma fertilidade muito boa (cerca de 42%). Nota-se que neste caso a maior parte delas iniciam a pro-

dução com 50-60 kg de leite por dia mas, durante o mês de junho, a fertilidade cai notavelmente e permanece nesse nível também em julho, agosto e setembro. Em algumas criações, por um ou dois meses, a fecundidade permanece em torno de 15-20%. Naturalmente não podemos culpar o sêmen utilizado porque este não tem dado problemas na inseminação de novilhas. Não se pode culpar os técnicos porque eles obtêm ótimos resultados quando inseminam novilhas. Parece que, durante o período estival, as vacas são submetidas a tal estresse que, não obstante serem alimentadas à vontade, apresentam um estado carential de nutrição. Se controlarmos seu peso corporal a cada semana veremos que nos meses de dezembro a abril não encontramos nenhuma diminuição, mas quando em maio ou junho as vacas também se alimentam "ad libitum" elas começam a perder peso.

Há necessidade de mais pesquisas para justificar o fenômeno e para descobrir se é possível eliminar esse elemento negativo. Em outra pesquisa conduzida há dois anos procurou-se selecionar o sêmen qualitativamente melhor.

Portanto, no período invernal foi colhido sêmen de ótima qualidade fazendo uma intensa seleção de alguns touros de grande preço. Quando veio o mês de maio foram confiados aos técnicos dois "containers": um com sêmen normal que todos os inseminadores utilizam; outro com o sêmen que fora selecionado. Qual seria a diferença?

Cerca de 2,1% de melhoramento da fertilidade foram observados. Isto significa que não é possível melhorar o problema da esterilidade durante o período estival usando sêmen da melhor qualidade no momento da prova, se for notado que a diferença não é significativa.

Vejamos agora algo sobre a responsabilidade do Centro de Inseminação Artificial.

Hoje, com o método da congelação, obteve-se uma vitória sobre o tempo, porquanto a fecundidade do material seminal é praticamente infinita. Além disso sabe-se que um touro em regime de monta natural pode cobrir cerca de 50 vacas/ano e em i.a. pode atingir em sua carreira a mais de um milhão de fêmeas. Isto representa uma grande responsabilidade dos técnicos na medida em que se cometem erros na avaliação do touro e, com eles, sua possível repercussão em todo o país.

Presentemente, devido à facilidade dos transportes, os erros que possam ser cometidos são transferidos a todo o mundo. No critério de medir a eficiência do programa de i.a. em Israel o escopo é obter a prenhez, conhecer e prever o valor econômico do produto gerado, o que significa que se tivermos um elevado rendimento em carne podemos criar e obter

posteriores benefícios se o indivíduo revelar um bom índice de crescimento.

Outro critério da avaliação da eficiência da i.a. é representado pela diminuição da fertilidade expressa em 100%. Naturalmente, todos queremos inseminar a vaca somente uma vez e isso significa que depois da inseminação ela deve permanecer prenha. Deste modo, pode-se planejar o intervalo entre partos e tudo o mais. O progresso genético, a eficiência reprodutiva e a conservabilidade do animal no rebanho dependem de programas atuantes do Centro de I.A.

A seguir vemos a série de provas a que são submetidos os touros jovens em Israel:

1. Teste de desempenho.
2. Controle da fertilidade do sêmen.
3. Facilidade ao parto e baixa mortalidade perinatal.
4. Cálculo da porcentagem de nascimento de machos e fêmeas; avaliação das carcaças.
5. Teste de progênie para leite, gordura, proteína, medidos segundo confronto de uma base genética. Alguns programas levam em consideração somente a 1.ª lactação; em outros são também usadas lactações sucessivas.
6. Velocidade de ordenha e estado senário do úbere.
7. Avaliação das características morfológicas.
8. Teste de "conservabilidade" ou permanência no rebanho.

No Quadro 16 é posto em relevo o melhoramento genético anual obtido em Israel, que é de 35 kg de leite, o que significa que, se são usados bons touros, há um aumento produtivo de 35 kg de leite/ano.

Naturalmente, a base genética se modificará nos anos em harmonia com o nível genético da população bovina.

À esquerda do referido Quadro pode-se ver que o touro A é +300 kg em relação ao ano-base, ao passo que o touro B é +210 kg. Após 6 anos, B estará em média com a base genética e o touro A só depois de 8 anos.

O índice de previsão dos touros é de cerca de +140 kg, mas o desvio é tal que poderemos obter de -60 a +340 kg, pelo que, escolhido um só deles, podemos ter ou não um nítido melhoramento ou um retrocesso.

No Quadro 17 estão reportados os dados de um trabalho feito em 1980 sobre o melhoramento genético em diferentes países produtores de leite. Para avaliar a fertilidade foram usados vários parâmetros, alguns dos quais são utilizados em muitos países e em outros, parcialmente.

Os dados mais significativos foram o período entre parto e 1.ª fecundação; o período entre uma fecundação e outra; a porcentagem de gestação em 1.º serviço; o percentual de vacas com problemas; o número de serviços por vaca, etc.

Há várias fórmulas para avaliar a eficiência reprodutiva; por exemplo, em Israel avalia-se através da fórmula em que se contam os dias perdidos ou vazios.

$t = \frac{100 - P}{P} \times d$; onde P é a porcentagem de prenhez e d a média de dias entre uma fecundação e outra.

Algumas vezes, certos criadores desejam saber se podem utilizar um touro cuja fertilidade está abaixo da média. Se usarmos touros com 15% a menos do que a média em um rebanho com 60% de fertilidade, chegaremos a ter 70 dias de não-prenhez, ou mais. Mas se quisermos utilizar esse touro quando temos somente 30% de concepções no rebanho, haverá ainda mais dias vazios e somente se se trate do melhor touro, com uma DP muito alta, ele poderá pagar a dívida que decorre de tal elevação dos dias sem prenhez.

É muito evidente a importância da fertilidade, tanto na sociedade humana como na exploração de bovinos.

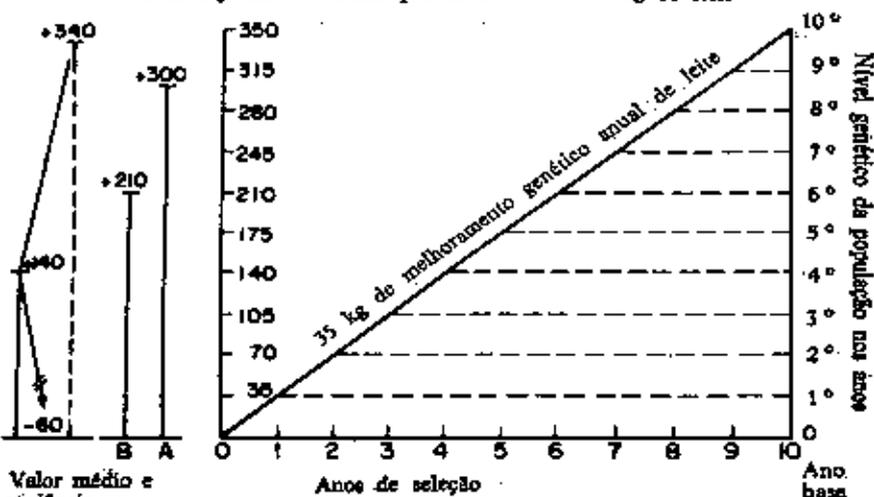
— Kalay, Dap — La selezione dei bovini da latte in Israele. Bianco nero 23 (fev): 11-23, 1984.

Nota da R.: 1. O presente trabalho é uma conferência feita pelo Dr. Dan Kalay em Modena, Itália, por ocasião do 2.º Congresso Sementitaly, em 15.10.1983. Kalay é Dr. Phil. pela Faculdade de Medicina da Universidade de Tel Aviv e diretor científico do Centro de Inseminação Artificial de Azelut, Israel.

2. Ver, a propósito da criação de gado leiteiro em Israel, o relato de criadores brasileiros que visitaram recentemente esse país e publicado em "Gado Holandês" (115): 145-53, 1984, onde há interessantes informações sobretudo sobre a criação do gado Frísio-Israelense.

3. Este assunto é amplamente discutido no trabalho intitulado "Consangüinidade e conglomerado de genes em gado leiteiro". Ver RAZ (106), 1984 p. 96 da RC.

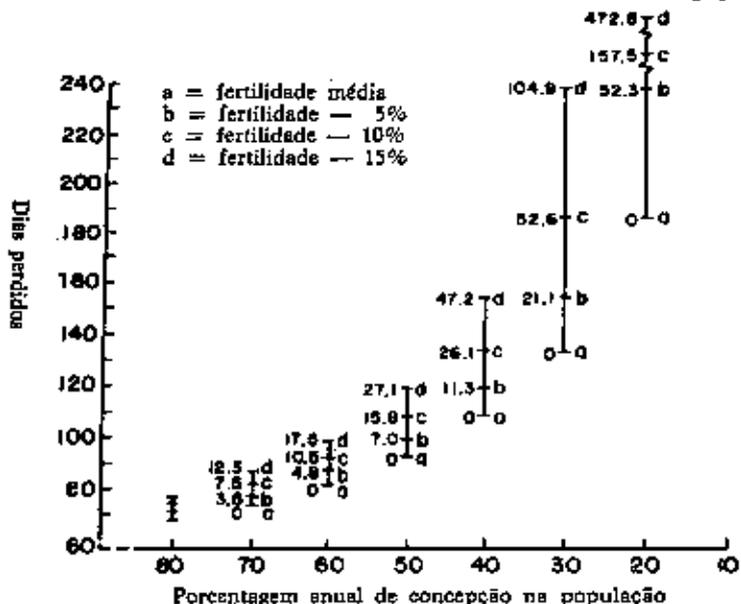
Quadro 16
Touros jovens — Touros provados — D.P. — kg de leite



Quadro 17
Estimação do melhoramento genético anual do levantamento com mais de 20.000 lactações em várias raças leiteiras

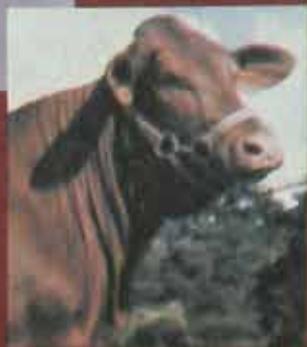
Melhoramento genético					
Raça	Ano	N.º de registros	Kg de leite	Kg de gordura	Nação
Holstein	1976	52,894	60	2.0	E.U.A.
Holstein	1971	251,322	53	1.0	E.U.A.
Jersey	1971	59,274	25	0.9	E.U.A.
Holstein	1978	371,734	26	—	E.U.A.
Jersey	1978	20,364	25	—	E.U.A.
Holstein	1975	176,380	42	1.3	Canadá
Ayrshire	1971	36,580	35	—	Finlândia
Suécia Verm. e branca	1978	325,646	42	—	Suécia
Suécia Verm. e branca	1978	111,365	51	—	Suécia
Frísia Israelense	1974	64,904	72	—	Israel

Quadro 18
A fecundidade baixa do touro aumenta o número de dias perdidos na população





Os Campeões da Malagueta



SÍTIO DA MALAGUETA

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

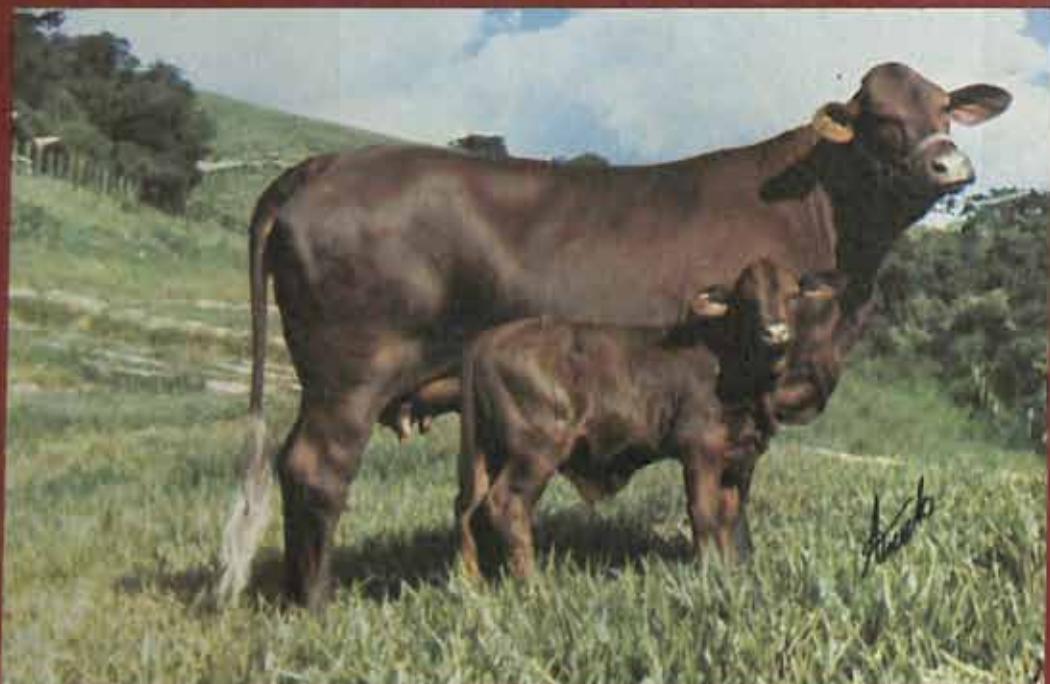
Fone: (011) 421-4866

Caixa Postal 6500

01051 — SÃO PAULO — SP



O Plantel da Malagueta se consagra em Avaré - EMAPA-84 na Expo de pontos: 224,90. É mais a Grande Campeã, Campeã Vaca Adulta, Res de mãe e o Campeão Ponderal da Raça.



Barbarian

Campeã do
1.º Concurso
Nacional
Novilha do
Futuro-1984
— Faz. Pau D'Alho
Campeã Vaca
Jovem - Avaré 1984
Campeã Nacional
- Avaré-1984



CERINA — Campeã Novilha Matur e Res. de Grande Campeã Nacional
EMAPA — 1984

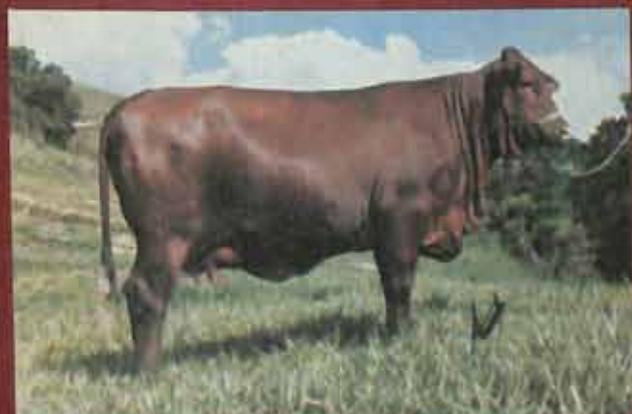
da Raça STA. GERTRUDIS. Com 10 animais conquistou a maior contagem
Vaca Adulta, Campeã Vaca Jovem, Res. Campeã Vaca Jovem, Conj. Progenie



GRANDIOSA — Campeã Vaca Adulta.



TULIPA — Res. Campeã Vaca Adulta



GRACIOSA — Res. Campeã Vaca Jovem



DISPUTADA — Campeã Novilha Menor

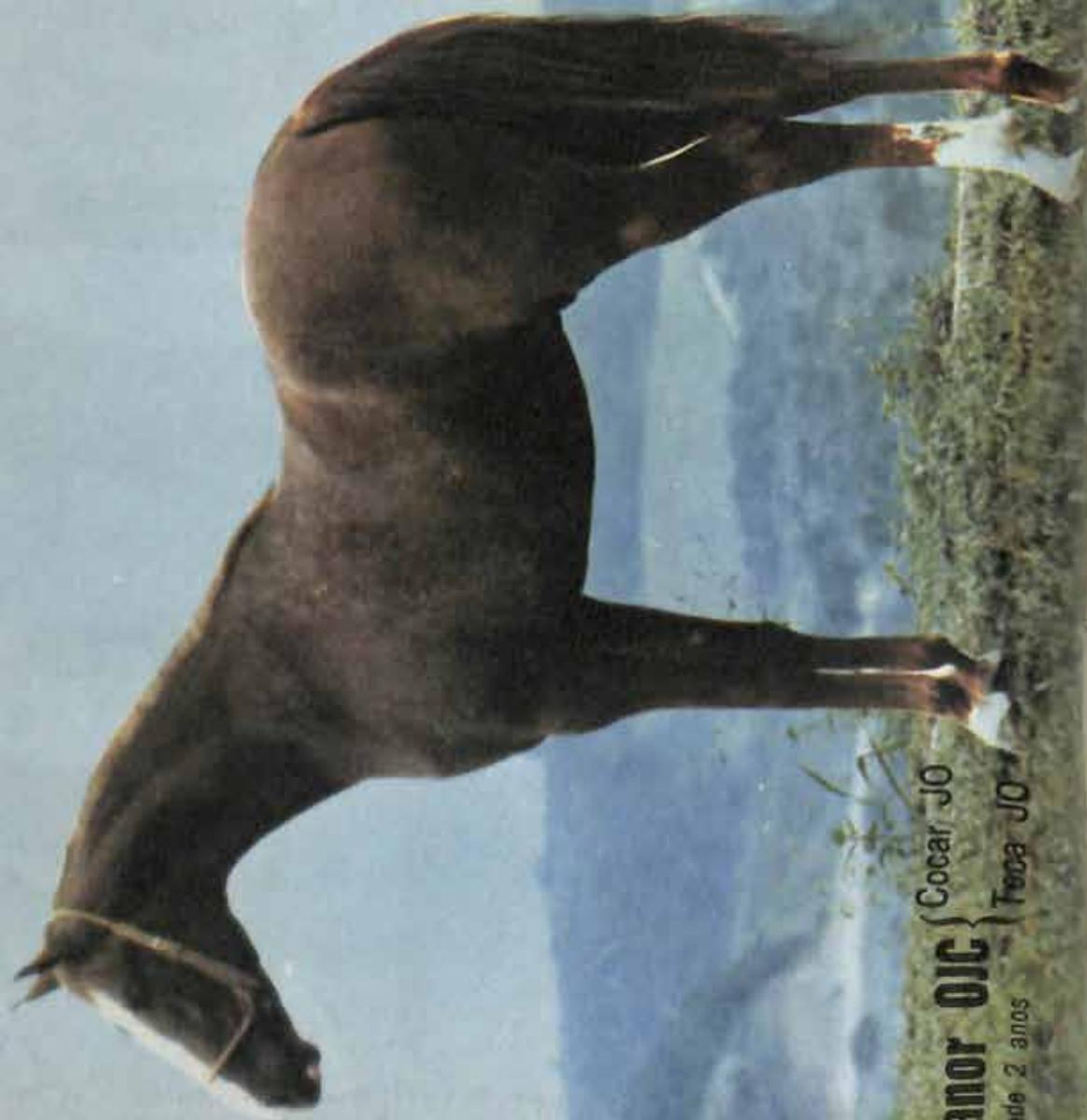


MAESTOSA — Res. Campeã Bezerra em Estado 1983
Levada na Exp. de Axaré 1984



NERU — 8 meses e 4 dias — 457 kg — Campeão
Nacional Ponderal da Raça — SBZC — 1984

1º prêmio e Campeão
Potro em Avaré - 1984



Gelador OJC { Cocar JO
Toca JO

Idade 2 anos



Produção e porcentagem de gordura no leite da raça Pitangueiras

Os países de clima tropical, ocupando extensa área terrestre, constituem-se, inquestionavelmente, na maior fonte de alimentos de origem bovina, para a população humana. Para tanto, há necessidade de que, nesses países, sejam implantados sistemas adequados de produção.

No momento, a exploração da pecuária leiteira não é eficiente, resultando na baixa produção por vaca/ano, decorrendo possivelmente da falta de critérios na escolha das raças leiteiras para as regiões quentes, assim como de falhas nos programas de manejo, alimentação e seleção. Dentre as alternativas possíveis para aumentar a produção de leite nos trópicos, pode-se destacar: a) a seleção dos bovinos dentro das raças nacionais; b) introdução de raças europeias leiteiras e c) os cruzamentos sistemáticos de zebuínos com taurinos, buscando criar novas combinações genotípicas.

Nos países tropicais, particularmente no Brasil, há necessidade de se avaliar o progresso genético dos rebanhos leiteiros, a fim de que possam ser estabelecidos esquemas alternativos de seleção.

Os objetivos deste trabalho, que é o 5.º de uma série de estudos fenotípicos e genéticos de características reprodutivas e produtivas na raça brasileira Pitangueiras, foram avaliar as influências de efeitos não genéticos de variação sobre a produção e porcentagem de gordura do leite; estimar parâmetros fenotípicos e genéticos; determinar fatores de correção para a idade da vaca e duração da lactação e calcular as mudanças fenotípicas, genéticas e de ambiente, em bovinos da nova raça leiteira nacional que tem em sua constituição 5/8 de sangue europeu Red Poll e 3/8 de sangue Zebu.

Os dados estudados são provenientes dos arquivos zootécnicos da Sociedade Anônima Frigorífico Anglo, cuja sede é a Fazenda Três Barras, localizada no município de Pitangueiras, SP.

Foram utilizados dados provenientes de 5 270 lactações, de 1 380 vacas acasaladas com 123 touros, abrangendo um período de 17 anos (1961-1977). O controle lei-

teiro oficial foi realizado pela Associação Brasileira de Criadores.

A raça Pitangueiras é constituída de várias gerações resultantes dos acasalamentos efetuados a partir de touros da raça mista britânica Red Poll e um lote de vacas azebuadas, havendo perda de heterose em cada geração. Assim, resolveu-se verificar o efeito de geração e de perda da heterose no decorrer dos anos, sendo esses efeitos denominados grupos genéticos. Estudaram-se cinco grupos genéticos a saber: $P_1 = 5/8$ Red Poll \times $3/8$ Zebu; $P_2 = P_1 \times P_1$; $P_3 = P_1 \times P_2$; $P_4 = P_2 \times P_2$; e $P_5 = P_2 \times P_3$.

As análises de variância foram efetuadas segundo métodos dos quadrados mínimos e de máxima verossimilhança, sendo considerados os efeitos fixos de cada grupo genético, mês e ano do parto, idade da vaca e duração da lactação.

A produção e a porcentagem de gordura foram influenciadas de forma altamente significativa pelos efeitos de vaca dentro dos grupos genéticos, duração da lactação, ano e mês do parto.

Os fatores de correção de idade da vaca para as características estudadas foram determinados pelos métodos de comparação total (análise de variância dos quadrados mínimos) e da máxima verossimilhança. As estimativas obtidas pelos dois métodos foram similares e estão ajustadas para as fontes de variação incluídas no modelo 1 (que supõe a não ocorrência de interação entre os efeitos fixos e aleatórios). Foram avaliados os fatores de correção segundo a estação de partição (verão, outono, inverno e primavera), sendo verificada a variação entre os fatores dentro de uma idade específica.

Os métodos de comparação total, pareada e de máxima verossimilhança foram usados para calcular fatores de padronização da duração da lactação para a mé-

dia do rebanho (281 dias). Os fatores de padronização determinados pelo método de comparação pareada foram intermedíários entre aqueles dos dois outros métodos.

As estimativas de repetibilidade, empregando o modelo I e o modelo II (resposta de cada variável dependente, efeito de touro dentro de grupo genético, aleatório; efeito de vaca dentro de touro e de grupo, aleatório) foram de $0,090 \pm 0,046$, para a porcentagem de gordura e de $0,351 \pm 0,039$ e $0,387 \pm 0,056$ para a produção de gordura. O baixo valor obtido para a porcentagem de gordura das raças criadas em países tropicais pode estar associado à metodologia empregada para a quantificação dessa característica.

O coeficiente de herdabilidade determinado pela correlação entre meias-irmãs paternas foi $0,161 \pm 0,01$ para a produção de gordura. A estimativa foi negativa ($-0,009$) para a porcentagem de gordura, sendo provável que o verdadeiro valor do parâmetro nessa população seja próximo de zero.

As estimativas da mudança genética anual foram, para a produção de gordura, de 0,30 e de 0,18 kg e para a porcentagem de gordura de $-0,003$ e $0,003\%$, respectivamente, obtidas pelos modelos I e II.

— Lobo, R. B.; Oliveira, J. A.; Duarte, F. A. M. — Estudo fenotípico e genético de características reprodutivas e produtivas na raça Pitangueiras. V. Produção e porcentagem de gordura. R. Soc. Bras. Zoot. 13 (1):40-55, 1984, 36 refs.

Nota da R.: R. B. Lobo pertence ao Departamento de Genética da Fac. Med. de Ribeirão Preto, U.S.P.; J. A. Oliveira ao Departamento de Zootecnia da Fac. de Agronomia de Ilha Solteira, U.N.E.S.P. e F.A.M. Duarte à Fac. Med. Ribeirão Preto, U.S.P.

Perfil mineral do soro sanguíneo de búfalos durante o sub-estro e várias fases da lactação

A fertilidade diminuída ou subfertilidade de causa perdas pelo decréscimo da produção leiteira e o intervalo entre partos prolongado. Uma búfala ideal pari a cada 13-15 meses, mas fatores tais como doença, manejo e nutrição podem prolongar esse intervalo. O espaço médio entre partos das búfalas das fazendas do Estado em Punjab é de 530 dias, com amplitude de variação de 324 a 1503 dias (Ahmad, 1979). O cio silencioso ou estado de sub-estro é um dos principais determinantes dos esforços feitos pelos técnicos e criadores para diminuir esse intervalo. As vacas em subestro têm ovários normais e cicantes mas não mostram sinais visíveis, psicológicos (brami-dos, mioções frequentes, descargas de muco vaginal e desastrosego) que postergam a cobertura dessas fêmeas. Ao lado das deficiências idetéticas gerais, os minerais são particularmente responsáveis pelo estado de sub-estro da búfala (Husain e cols., 1981).

O presente trabalho foi feito para estudar o perfil mineral da búfala leiteira da raça Nili-Ravi².

Materiais e métodos. Foi colhido sangue da veia jugular de aproximadamente 151 búfalas encaminhadas à clínica do Departamento de Reprodução Animal da Universidade de Agricultura de Paisalabad. Os animais foram classificados da seguinte forma:

1. Búfalas em primeira fase da lactação (60-90 dias pós parto); e
2. Búfalas na segunda fase da lactação (91-120 dias pós parto).

Ambos os grupos incluíam fêmeas com estro e sub-estro típicos. A fase da lactação foi baseada na informação sobre a data de partição mencionada pelo criador dos respectivos animais. Os dados sobre produção de leite, plano geral de alimentação e sinais de comportamento psicológico da búfala durante o estado de estro foram inquiridos dos criadores.

O soro sanguíneo da jugular desses animais foi analisado para cálcio, fósforo, zinco e manganês. O cálcio foi determinado com fotômetro de chama 105 de Beckman e o fósforo mediante espectrofotômetro. O zinco e o manganês com espectrofotômetro de absorção atômica,

após digestão do soro em ácido nítrico e ácido perclórico (Richards, 1954). Os dados foram avaliados estatisticamente pelo t-Tests (Snedecor & Cochran, 1967).

Resultados e Discussão. A concentração de cálcio, fósforo, zinco e manganês no soro sanguíneo da búfala em estro e sub-estro é mostrada no Quadro I. A concentração de cálcio no soro foi significativamente maior ($P < 0,01$) do que a dos animais em sub-estro. As diferenças entre o fósforo e de concentração de manganês nos dois grupos não foram significativas. Entretanto, a concentração de zinco das búfalas em cio foi mais baixa ($P < 0,01$) do que a das em sub-estro.

O perfil mineral das búfalas em lactação durante a primeira fase da lactação (60-90 dias pós-parto) e da segunda fase (91-120 dias) não revelou diferença significativa para cálcio e zinco; mas a concentração de fósforo melhorou ($P < 0,01$) e a de manganês diminuiu ($P < 0,05$), durante a segunda fase da lactação, em comparação com aquela da primeira fase.

Discutindo o papel dos minerais na reprodução e sua resposta fisiológica, o cálcio e o fósforo são considerados melhormente quando juntos devido à sua estreita relação no desempenho de suas funções e sua interdependência nutricional e relação com a vitamina D. Os estudos anteriores (Siddiqui, 1976, 1977) indicam que o papel do cálcio e do fósforo no soro de búfalas Nili-Ravi variou de 3 a 11 e de 6,30 a 6,64 mg/100 ml, respectivamente. Em muitos animais pecuários o conteúdo de fósforo inorgânico no soro sanguíneo está entre 4,5 mg/100 ml e do cálcio de 9 a 11 mg por 100 ml (Underwood, 1966). O teor de fósforo no soro dos animais incluídos no presente estudo é mais baixo (Quadro II) em comparação ao búfalo e outros animais leiteiros, indicando isso uma deficiência geral. Em muitos animais pecuários o cálcio do soro é menos facilmente influenciado por variações na ingestão do mineral. Os resultados do Quadro II indicam claramente que a fase da lactação não tem efeito significativo no conteúdo de cálcio no soro; porém, o teor de fósforo diminuiu durante a primeira fase da lactação. Indica que durante o pico do período de lactação nos

primeiros 90 dias após o parto, o suprimento de fósforo na dieta foi insuficiente. A lactação resultou em uma redução do conteúdo de fósforo no sangue de bovinos segundo Teleni & Murray (1976).

Durante o período de 61 a 240 dias após o parto o perfil do cálcio e do fósforo no soro variou de 5,85 a 5,98 e de 9,49 a 9,53 mg/100 ml em vacas leiteiras com produção de 12,7 a 19,5 kg/dia de leite (Rowlands e cols. 1973). A produção média de leite das búfalas incluídas no presente estudo variou de 10,5 a 15,5 kg/dia.

Uma explicação possível da deficiência geral de fósforo nesses animais seria a falta de suplemento mineral para as búfalas leiteiras utilizadas neste trabalho, o que seria agravado pela transferência desses dois minerais para o feto durante o último trimestre da prenhez e, após o parto, para o colostro e o leite (Symonds e cols., 1966).

Um estudo de seis anos de duração sobre o efeito da deficiência combinada de fósforo e proteína em novilhas indicou a supressão da evidência normal do estado de cio (mas sem interferir na regularidade da ovulação ou concepção) (Palmer e cols., 1941). Devido à posição importante na transferência e utilização da energia no corpo do animal, a deficiência de fósforo é revelada mais facilmente do que outras, devido aos efeitos sobre o corpo. A condição sub-estral é mais frequente no início da lactação do que em estágio posteriores e também é mais comum entre as grandes produtoras de leite. Esta hipótese é substantiada por um significativo declínio do fósforo ($P < 0,01$) até 2,83 mg/100 ml durante a primeira fase da lactação e a melhora até 3,72 mg/100 ml de soro durante a segunda fase da lactação (Quadro I). Embora a búfala seja mais propensa ao estado de sub-estro do que a vaca, um experimento bem controlado sob condições semelhantes de manejo e nutrição é necessário a fim de comparar as duas espécies pecuárias. Pelos resultados do presente estudo é difícil responsabilizar qualquer mineral isoladamente ou uma combinação de quaisquer dos quatro mencionados pela situação sub-estral na búfala.

Quadro I. Concentração média de cálcio, fósforo, zinco e manganês no soro sanguíneo de búfalas durante o estro, o sub-estro, primeira e segunda fase da lactação

Estado	N.º	Ca mg/100 ml	N.º	P mg/100 ml	N.º	Zn ppm	N.º	Mn ppm
Estro	58	8,00 ± 1,98	54	3,89 ± 0,98	50	1,477 ± 0,660**	38	0,244 ± 0,121
Sub-estro	36	6,51 ± 1,17	36	3,66 ± 1,20	32	2,040 ± 0,920	25	0,274 ± 0,130
1.ª fase	54	7,09 ± 1,70	50	2,83 ± 0,76**	47	1,453 ± 0,655	40	0,284 ± 0,121*
2.ª fase	61	7,60 ± 1,39	56	3,72 ± 1,05	50	1,388 ± 0,605	44	0,229 ± 0,122

Notas: * = $P < 0,05$ entre colunas na vertical

** = $P < 0,01$ entre colunas na vertical

Ponha um Santa Gertrudis em seu plantel e verifique a balança

CAPACIDADE GANHO DE PESO

O ganho de peso é a característica mais hereditária do gado. A alta capacidade de conversão da raça Santa Gertrudis foi mais uma vez confirmada na Prova de Ganho de Peso — Sertãozinho - 1984

Peso médio ajustado 378 dias

Sta. Gertrudis	392 Kg
Canchim	387 Kg
Piemontês	352 Kg
Caracu	338 Kg
Guzerá	297 Kg
Nelore	293 Kg
Gir	243 Kg

Ganho médio diário total/raça

Sta. Gertrudis	1,019 Kg
Canchim	0,911 Kg
Caracu	0,893 Kg
Bubalinos	0,837 Kg
Piemontês	0,819 Kg
Guzerá	0,725 Kg
Nelore	0,708 Kg
Gir	0,502 Kg



CAMPEÃO DOS CRUZAMENTOS

Testes desenvolvidos demonstraram que as cruzas com Santa Gertrudis proporcionam:

- maior precocidade
- maior rusticidade
- maior uniformidade
- carne de melhor qualidade
- mais quilos de carne por hectare
- produtos de 18 arrobas em 24 meses

Poupe tempo, alimento e trabalho, adquirindo o seu reprodutor Santa Gertrudis.

A Associação Brasileira de Santa Gertrudis garante e orienta a iniciativa.

JULGAMENTO — CLASSIFICAÇÃO

ELITE PRATA	— 847 —	Ipê Agro-Avícola
ELITE BRONZE	— 846 —	Ipê Agro-Avícola
Superior Bronze	— 170 —	Theodorus J. Schreus
Superior Prata	— 972 —	King Ranch do Brasil



GAVIÃO — 1.230 kg — Grande Campeão nas Exposições: São Paulo 1983 — Barretos 1984 Ourinhos 1984 — Avaré 1984

Bravo — Raça — Dinastia = Tradição



FAZENDA SÃO FRANCISCO
ITAL - S. PAULO
Fone: 58-6156

ipê

AGRO AVÍCOLA LTDA.
Rod. Rio Claro - Ajapi, km 09
Tel.: 34-3299 - Cx. Postal 67
CEP 13.500 - RIO CLARO - SP

Quadro 11. Comparação da relação de Ca:P no soro sanguíneo entre estados de estro e fases da lactação

Grupo	N.º	Rel. Ca:P	Valor de "t"	Nível de sig.
1.ª fase da lactação	49	2,64	1,458	P 0,05
2.ª fase da lactação	56	2,36		
Estro	53	2,29*	1,188	P 0,05
Sub-estro	35	1,19		

Embora o perfil do fósforo seja sub-normal em comparação com o de outros animais leiteiros reportados na literatura, parece que um decréscimo do cálcio de 8,0 para 6,5 mg por 100 ml de soro (Quadro 1) é responsável pela citada condição. No entanto, uma deficiência geral de fósforo e possivelmente o regime alimentar mau (como o referido pelos criadores) durante a primeira fase da lactação são os principais fatores da condição sub-estral.

Um estudo dos efeitos combinados do cálcio e fósforo (Quadro 11) revelou que a relação entre esses dois elementos se alargou devido ao baixo teor de fósforo durante o primeiro estágio da lactação, em comparação com o da segunda fase da lactação. Todavia, em animais com cio normal a relação Ca:P foi de 2,29 em comparação a de 1,91 no caso da situação de sub-estro.

Parece que a primeira relação é ótima

cu próxima do ideal para a exibição normal dos sinais de cio. Estudos ulteriores, com suplementação mineral, particularmente de cálcio e fósforo em diferentes proporções são recomendados em animais com sub-estro.

Sumário. O perfil mineral do soro sanguíneo de 151 búfalas da raça Nili-Ravi foi analisado. Os animais foram divididos em quatro grupos: 1) com estro; 2) com sub-estro; 3) em primeira fase de lactação (60-90 dias pós-parto) e 4) na segunda fase (91-120 dias pós-parto). O teor de cálcio foi mais elevado ($P < 0,01$) e o de zinco mais baixo ($P < 0,01$) em búfalas com estro do que em animais sub-estrais. A relação Ca:P dos indivíduos com estro foi de 2,29 e a dos sub-estrais de 1,91. Não houve diferença no teor de cálcio no soro durante os dois estágios da lactação. Entretanto, durante a primeira fase o teor de fósforo foi mais baixo ($P < 0,05$) e o de zinco mais ele-

vado, ($P < 0,05$) do que no segundo estágio da lactação. A relação Ca:P durante a primeira e a segunda fase da lactação foi de 2,64 e 2,36, respectivamente.

— Ali, C.S.; Ahmad, K.M.; Husnain, Z. U. — Blood serum mineral profile of buffalo cows during suboestrus and various stages of lactation. *Buffalo Bull.* 2 (2): 3-5 e 11, 1983, 11 refs.

Notas da R.: 1. Os três autores pertencem ao Departamento de Reprodução Animal da Universidade de Agricultura de Faisalabad, Paquistão.

2. Os búfalos Nili-Ravi são dois tipos afins encontrados nos vales dos rios Sutlej e Ravi, nos Distritos de Montgomery e Ferozepur, na Índia. Não há diferenças essenciais entre ambos, embora, por muito tempo, tenham sido considerados como raças diversas; mas um estudo mais acurado revelou tratar-se apenas de uma distinção e agora eles são oficialmente considerados como uma só raça. É considerada uma das melhores raças búfalinas na Índia e no Paquistão, apenas cedida pela Murrah. A produção média de leite é virtualmente idêntica à da Murrah; tem tamanho médio e as fêmeas são dotadas de úbere bem desenvolvido. A cor é usualmente preta, mas há os de cor castanha. Os machos pesam em média 590 kg e as vacas 453 kg, com 137,2 cm e 135,9 cm de altura, respectivamente.

Seleção de búfalos mediante teste de progênie

Um dos principais objetivos do Projeto de Pesquisas Coordenadas de toda a Índia sobre Criação de Búfalos consiste em avaliar os touros com base no desempenho de suas filhas. O projeto vem sendo executado desde 1971 e tem dois centros em Karnal e Ludhiana para estudos com a raça Murrah. O terceiro lote de 7 touros já foi avaliado em seu centro pastoril no Instituto de Pesquisa de Gado Leiteiro de Karnal e mostrou considerável variação no desempenho de suas filhas (Quadro 1).

A média geral de idade ao primeiro parto das filhas foi de 1302,08 ± 165,07 ou ± 43,4 meses. As filhas do touro n.º 432 teve a mais longa (1374 ± 106,48 dias ou 45,8 meses; ao passo que a do touro n.º 198 teve a idade mais breve, com 1255 dias ou 37,6 meses. A média geral da lactação para todas as 60 filhas teve a duração de 300,10 ± 38 dias, sendo a média mais longa de 345,40 ± 65,29 dias, referente às filhas do touro n.º 452 e a média mais curta com 270,75 ± 40,34 dias relativa às do touro n.º 658.

A produção total de leite foi, quanto à média geral de 1613,25 ± 556,73 kg (a mais elevada com 1957,60, das filhas do touro 452 e a mais baixa de 1.299,70, das filhas do touro 658).

Quadro 1. Desempenho das filhas do terceiro lote de touros búfalos, NDRI, Karnal

Touro n.º	N.º de filhas	Idade ao 1.º parto (dias)	Duração da lactação (dias)	Prod. leite da lactação (kg)	Prod. de leite em 303 dias (kg)
118	12	1268,17	297,83	1635,08	1580,76
169	25	1297,08	294,28	1484,80	1388,24
198	3	1255,00	298,67	1857,43	1841,20
432	10	1374,30	345,40	1957,60	1761,99
498	4	1277,50	276,25	1647,85	1531,80
658	4	1307,25	270,75	1299,70	1299,70
659	2	1316,50	291,00	1557,90	1557,90
Média geral	60	1302,08	300,10	1613,25	1521,01
Desvio padrão ±		164,07	75,38	556,73	499,20

Nota: no original todas as médias estão acompanhadas dos respectivos DP.

A média das lactações das filhas aos 303 dias mais elevada foi de 1841,20 ± 532,71 kg para o touro 198, seguida de 1761,99 ± 348,37 kg para as do touro 452.

Os touros foram classificados com base no sistema de índice de touro:

$$I = A + \frac{n}{n + 12} (D - C_p); \text{ onde}$$

A é a média do rebanho, n o número de filhas do touro e D é a média dos registros das lactações das filhas do touro e C_p a média ponderada das filhas contemporâneas.

O touro n.º 452 foi o primeiro classificado em decorrência de ter o índice com valor mais elevado de 1739,62 kg (Quadro 2).

Quadro 2. Classificação dos touros búfalos, NDRI, Karnal

N.º	N.º filhas	D(kg)	N.º Contemp.	C, kg	Índice de touro	Clas.
118	12	1580,76	126	1489,33	1574,40	3.º
189	25	1388,24	112	1633,42	1151,77	7.º
198	3	1841,20	80	1477,30	1628,53	2.º
452	10	1761,99	141	1459,69	1739,02	1.º
498	4	1531,80	95	1507,69	1495,02	4.º
658	4	1299,70	108	1527,11	1369,27	6.º
659	2	1557,90	31	1557,52	1483,02	5.º

— Tripathi, V. N. — Selection of buffalo bulls through progeny testing. Buffalo Bul. 1 (4) 12, 1982.

Nota da R.: V. N. Tripathi pertence à Divisão de Genética do Gado Leiteiro, Instituto Nacional de Pesquisas Leiteiras, Karnal, Índia.

Parasitas de bezerros bubalinos de pântano

É assaz conhecido que os parasitos são comuns em búfalos, especialmente em bezerros criados em aldeias. Os métodos tradicionais de criação, nos quais esses animais pastam normalmente durante o dia e são abrigados à noite, estão frequentemente sob más condições higiênicas. Isso leva à ingestão de parasitos gastrintestinais que é muito maior quando os animais estão assaz confinados e especialmente quando as fezes não são expostas à luz solar. O grau de infestação nos bezerros búfalos depende de muitos fatores, tais como as espécies de parasitos presentes, o número destes, a proporção relativa de uma para outra espécie e o plano nutricional dos indivíduos.

Infestação por nematóides. Os bezerros búfalos são mais sensíveis às infestações por nematóides do que os animais adultos. Alguns parasitos, tais como a lombriga, *Neoscaris vitulorum* e o *Strongyloides papillosus* são restritos apenas aos bezerros. O *S. papillosus* é o primeiro parasito cujos ovos já são revelados nas fezes dos bezerros logo aos 5 a 9 dias após o nascimento. A última detecção de ovos varia de 98 a 143 dias depois do nascimento. O *N. vitulorum* é o segundo parasito cujos ovos são revelados nos excrementos dos bubalinos, variando de 21 a 26 dias após o nascimento. A última detecção destes ovos varia de 55 a 131 dias após nascidos seus portadores. A primeira detecção de outros ovos de nematóides nas fezes dos bezerros variou de 59 a 111 dias após o nascimento (Sukhapesna, 1981).

A variação do *S. papillosus* e *N. vitulorum* nos bezerros búfalos tem o mesmo padrão. As contagens médias de ambas as espécies aumentam gradativamente até o pico e então declinam, até não se encontrarem mais ovos de vermes nas fezes dos animais observados. A maior média no número de vermes nas fezes dos parasitos *S. papillosus* e *N. vitulorum* encontrada em um bezerro foi aos 40 e 50 dias de idade, respectivamente, no passo que a

variação no número de ovos de outros nematóides nesses animais são mostrou um padrão nítido e eles foram encontrados em pequenos números.

Ascariase em bezerros búfalos. O *N. vitulorum* é o parasito mais importante em búfalos quando bezerros. A incidência desta infestação chega a 100% na variedade de búfalos de pântano na Tailândia. Os animais infestados mostram sinais de más condições físicas, tais como depressão, pelos ásperos, perda de apetite, perda de peso corporal, emaciação, diarreia ou, ao contrário, prisão de ventre. Nas infestações pesadas, o animal pode deixar de beber ou de mamar. Finalmente, ficam prostrados e morrem. A causa da morte é decorrente da obstrução de vermes adultos no trato intestinal (Sukhapesna, 1979, 1981 e 1982). Outra causa, mas rara, de morte, é a peritonite, resultante da penetração de vermes adultos, através da parede intestinal, na cavidade abdominal (Srevestana, 1963, Sukhapesna, 1979). A taxa de mortalidade da ascariase varia de um lugar para outro, chegando em certas áreas a 60% (Sukhapesna, 1979).

Controle dos ascaris. Há numerosos fatores que contribuem em certa medida para controlar a infestação por ascariídeos nos bubalinos, tais como o melhoramento do manejo animal, do manejo das pastagens, da nutrição e a desinfecção. Contudo, o método melhor de combate aos ascariídeos é o uso de anti-helmínticos. Presentemente há vários anti-helmínticos, já devidamente testados e que revelaram alta eficiência contra estes parasitos como: Tetramisole na dose de 7,5 mg/kg (Sukhapesna, 1979); Citrato de piperazine, na dose de 220 mg/kg (Sukhapesna, 1979); Tartarato de Pirantel, da dose de 5 mg/kg (Sukhapesna, 1981); Fenbendazole, na dose de 7,5 mg/kg (Sukhapesna, 1982) e Febantel, na dose de 5 mg/kg (Sukhapesna, 1983).

Outras infestações por nematóides. As espécies *Haemonchus*, *Macrostelrus*, *Oesophagostomum*, *Bunostomum*, *Cooperia* e

Trichostrongylus não são importantes para os bezerros búfalos porque esses parasitos geralmente estão presentes em pequenos números nos animais infestados naturalmente. A maioria desses bezerros infestados parece estar em boas condições de saúde.

Conclusão. É óbvio que os parasitos têm um efeito definido sobre a saúde do animal. Em geral, o indivíduo infestado mostra vários sinais de más condições físicas ou o resultado pode ser mesmo a morte. Além disso, o parasito em bezerros também pode existir subclínicamente e causar perdas de animais aparentemente saudáveis, que não foram notados. Portanto, não há dúvida que os parasitos são uma das principais causas de perdas na produção bubalina.

Em geral, o parasitismo em bezerros bubalinos é usualmente uma infestação mista ao invés de única. As espécies e o número de parasitos nos animais são grandemente variáveis, dependendo de muitos fatores, tais como manejo, nutrição, desinfecção, raça, idade dos animais. Portanto, os estudos sobre parasitismo em búfalos de pântano em diferentes idades e sob determinadas condições são necessários a fim de se obter o melhor controle das parasitoses, pela evidência dos problemas das infestações e uso de anti-helmínticos eficazes no momento apropriado. Ademais, no caso do *N. vitulorum* em bezerros bubalinos é necessário encontrar a via exata da transmissão desse nematóide com o propósito de controlar a ascariíase sob certas condições. A produção de vacina contra a ascariíase deverá ser levada em consideração.

— Sukhapesna, V. — Parasites in swamp buffalo calves. Buffalo Bul. 2 (1): 12-3, 1983, 8 refs.

Nota da R.: Vichit Sukhapesna trabalha na Divisão de Pesquisas Veterinárias e Educação do Departamento de Desenvolvimento da Pecuária, Phayathai, Bangkok, Tailândia.

Doença de Johne ou paratuberculose bovina

A doença de Johne ou paratuberculose tornou-se cada vez mais disseminada em anos recentes, especialmente em rebanhos de bovinos e caprinos, com o aumento do número de animais mantidos em confinamento. A doença é transmitida mais frequentemente de rebanho para rebanho através de animais adquiridos para reposição ou reprodução que se acham infectados embora não exibam sinais clínicos. Uma vez estabelecida em um rebanho, a paratuberculose é maléfica e sua erradicação depende de um demorado processo. Se não forem instituídas medidas corretivas para descobrir a disseminação da infecção dentro de um rebanho, eventualmente, quase todos os animais tornam-se infectados e um número deles, bem significativo, pode tornar-se clinicamente doente a cada ano.

Em muitos casos as perdas podem exceder a própria capacidade de reposição do rebanho. Até o presente não há tratamento para eliminar a infecção de um animal.

O agente causador é o *Mycobacterium paratuberculosis*, bem semelhante ao germe que causa a tuberculose em aves e suínos.

Sinais clínicos. Frequentemente os animais infectados são descartados por outros motivos, tais como problemas reprodutivos ou mastite, antes que os sinais típicos da doença de Johne se tornem aparentes. O aparecimento dos sinais depende um tanto do número de germes ingeridos, mas em bovinos infectados os primeiros indícios da moléstia ocorrem mais tarde aos 3 a 5 anos de idade.

O paciente enfraquece, fica com os pelos ásperos e foscos ou com zonas glabras e apresentam períodos de diarreia, variável de moderada a grave. Podem ter febre intermitente e em geral recusam comer ou beber. Os olhos ficam lacrimejantes, há estertores e sintomas de distúrbios intestinais. Eventualmente ficam em mau estado físico e têm espasmos musculares que forçam a cabeça para um lado. As espécies ovina e caprina, que normalmente têm fezes granuladas, apresentam usualmente uma diarreia menos severa. O grau de enfraquecimento em geral não é notado nos ovinos até que começam a se descatarem mechas de lã.

Em muitos casos os germes são ingeridos durante o ato de mamar e, depois, eles lentamente se multiplicam dentro das células das paredes intestinais e gânglios linfáticos. Os micróbios são eliminados com as fezes por muitos meses antes dos sinais da doença se manifestarem. Como eles se multiplicam dentro das células, ficam protegidos do sistema imunitário do hospedeiro e da maioria dos antibióticos que podem ser usados para tratamento. A progressão da doença se faz por um longo lapso de tempo, mas na fêmea preenhe a infecção permanente estável após o primeiro trimestre da gestação. Depois,

dentro de várias semanas após a partição o recrudescimento da moléstia pode ser muito rápido. Conquanto a rápida deterioração do animal possa ser atribuída ao estresse da lactação, a mesma sequência se dá se a lactação terminar após o nascimento. Aparentemente, o mecanismo que impede a mãe de reagir ao feto durante a prenhez também evita a reação ao *M. paratuberculosis* responsável pela doença.

Diagnose. Muitos testes sanguíneos e alérgicos propostos para outras doenças têm sido tentados para o diagnóstico da doença de Johne. Durante o primeiro estágio da infecção poucos testes revelam animais com essa moléstia. Durante a segunda fase, os testes para hipersensibilidade adiada, tais como as provas cutâneas, tornam-se positivas. Alguns animais que atingem este estágio eliminam germes de seu corpo e se restabelecem. Outros animais progredem até o terceiro estágio no qual os testes sanguíneos detectam anticorpos em circulação e se tornam positivos. Além desta fase, a reatividade do sistema imunitário começa a diminuir e as provas de hipersensibilidade adiada tornam-se outra vez negativas. Ao mesmo tempo, os testes sanguíneos menos sensíveis tornam-se positivos, o animal usualmente começa a eliminar bastante germes em suas fezes, permitindo a detecção mediante culturais. Ao passo que os animais que se restabeleceram ou que foram expostos a outros germes semelhantes podem reagir em provas sanguíneas ou alérgicas, somente os indivíduos fortemente infectados, incapazes de se restabelecerem são identificados mediante cultura de fezes. Estes animais podem deixar de mostrar sinais de doença clínica durante vários anos, mas podem eliminar germes e expor outros indivíduos à infecção.

Vacinação. Tanto as amostras vivas como as mortas pelo calor, adaptadas ao laboratório, do *M. paratuberculosis* têm sido usadas para vacinação. Os germes são suspensos em óleo mineral ou outro veículo e injetados sob a pele da região peitoral. Os organismos vivos são usados para vacinação na Europa, mas somente a vacina morta pelo calor foi aprovada para uso nos EUA. A vacina produz um nódulo no lugar da inoculação, que pode atingir de 12,5 a 15 cm de diâmetro; ocasionalmente o nódulo será aberto e seu conteúdo drenado.

A hipersensibilidade adiada e os anticorpos circulantes induzidos pela vacina impedem o uso desses processos de testagem para detecção de animais infectados em rebanhos vacinados. Em provas de campo, nas quais os rebanhos foram vacinados com a vacina morta pelo calor, o número de casos clínicos foi reduzido a 90% e o de bovinos infectados diminuído de 50%. O uso da vacina somente é recomendado quando não é factível controlar a doença mediante melhoramento da criação.

Controle. A prevenção da infecção inicial é a opção mais desejável. Conquanto nenhum teste disponível possa detectar todos os animais infectados, o risco de aquisição de um animal paratuberculoso, aparentemente sadio, pode ser reduzido mediante testagem de todos os indivíduos do rebanho no qual os animais de reposição ou de reprodução venham a ser adquiridos. A cultura de fezes, os testes sanguíneos ou os testes alérgicos podem ser usados. Se qualquer animal no rebanho reage, nenhum indivíduo deve ser comprado desse plantel. Obviamente, os animais não deverão ser adquiridos de rebanhos nos quais a doença de Johne foi detectada.

Após a paratuberculose ter-se estabelecido em um rebanho, os processos para sua eliminação do plantel incluem as seguintes recomendações:

1. Retirar os animais recém-nascidos de suas mães, logo ao nascer e criá-los separadamente em baias não contaminadas.
2. Alimentar os animais novos somente com leite pasteurizado ou sucedâneo de leite.
3. Assegurar-se de que nenhuma contaminação focal do rebanho adulto é transportado pelo calçado das pessoas, provisões de alimentos, etc., para os animais jovens.
4. Não misturar os animais de reposição com os existentes no rebanho adulto até que eles tenham pelo menos um ano de idade.
5. As amostras de fezes de todos os animais adultos deverão ser cultivadas a intervalos de 6 meses. Todos os animais que eliminem germes devem ser enviados ao açougue, assim como os que exibam sinais clínicos da doença.
6. Os equipamentos, abrigos, etc., que necessitam de desinfecção deverão ser antes perfeitamente limpos a fim de remover todos os traços de fezes e, a seguir, lavados com solução desinfetante que contenha orto-fenilfenol e um detergente. Os desinfetantes quaternários não matam o *M. paratuberculosis*.
7. Os currais e piquetes contaminados serão arados e cobertos com uma camada de 15 cm de espessura de terra fresca, não contaminada.
8. O esterco não deve ser espalhado nos pastos.
9. Os testes de sangue ou alérgicos podem ser úteis em animais não vacinados a fim de ter-se alguma idéia sobre o nível de exposição dentro do rebanho, mas não devem ser utilizados como base para refugem. Os testes disponíveis no momento identificam não só os animais que foram expostos ao *M. paratuberculosis* como, também, os indivíduos em contacto com germes semelhantes.
10. A vacinação somente será usada quando as recomendações acima não se-

jam viáveis e mesmo assim muitas delas, tanto quanto possível, serão postas em prática porque a exposição de animais jovens a grande número de germes se sobrepõe ao efeito protetor da vacina. Se um programa de vacinação é usado, a vacina será ministrada durante o primeiro mês de vida dos animais. Como a vacina pode produzir uma séria lesão, se inoculada acidentalmente em tecido humano, ela somente deverá ser aplicada por um veterinário credenciado e treinado em seu uso.

— Merkal, R. S. — John's disease. The red bloodlines (Cow family issue), oct. 1983:14.

Notas da R.: 1. Cerca de 150 pessoas de 12 países participaram do Colóquio Internacional da Paratuberculose, em junho de 1983, em Ames, Iowa, EUA. Nesse

certame foram feitas as seguintes afirmações:

a) A doença de John é uma moléstia crônica, debilitante, de todas as raças de bovinos de corte e leiteiros, ovinos, caprinos e ruminantes silvestres.

b) É uma doença muito espalhada, economicamente importante. Seu custo, para os produtores de bovinos nos EUA é estimado em mais de 1 bilhão de dólares, anualmente.

c) Levantamentos preliminares recentes sugerem que de 10 a 20% da população bovina dos EUA estão infectados com esta doença.

d) O criador deve testar todo o seu rebanho de forma regular para determinar a situação da doença de John.

e) Há testes de diagnóstico seguros para identificar os rebanhos infectados.

f) Dispõe-se de programas eficientes para prevenir ou eliminar a paratuberculose de um rebanho.

g) Deve-se ampliar a educação dos produtores, veterinários e pessoal da indústria animal.

h) Devem ser encorajados os programas destinados a reconhecer os rebanhos que se tornaram livres da doença de John.

i) Há necessidade de pesquisas mais amplas sobre a incidência, detecção rápida e controle da doença.

2. A Paratuberculose ou enterite paratuberculosa foi assinalada no Brasil primeiramente pelo saudoso Professor Celávio Dupont em bovinos importados da Europa. Posteriormente Santos & Silva diagnosticaram-na em bovino procedente da Holanda e vivendo no Brasil há quatro anos.

NOTAS ZOOTÉCNICAS

Desenvolvimento Ponderal de bovinos da raça Canchim — influência do ambiente

Oliveira, J. A.; Duarte, F. A. M.; Lobo, R. B. (R. Soc. Bras. Zootec. 13 (1): 30-9, 1984, avaliaram a influência do sexo, mês do ano de nascimento do animal e idade da vaca ao parto, sobre os meses ao nascimento e aos 6, 12, 18 e 24 meses de idade, em bovinos da raça brasileira Canchim (5/8 Charolês — 3/8 Zebu) utilizando dados de 1290 indivíduos (579 machos e 711 fêmeas) nascidos no período de 1958 a 1973, na Fazenda Canchim, em São Carlos, SP, atualmente subordinada

à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

A análise de variância pelo método dos quadrados mínimos mostrou que o sexo exerceu efeito significativo sobre todas as variáveis estudadas, sendo os machos mais pesados que as fêmeas. Os fatores ano e mês de nascimento do bezerro também influenciaram de modo significativo os pesos dos animais em cada sexo isoladamente e em conjunto, com exceção do

peso ao nascimento, quanto ao ano e mês nas fêmeas. Entre os pesos considerados, somente o peso ao nascimento de machos e fêmeas individualmente e em conjunto e o peso das fêmeas aos 12, 18 e 24 meses de idade, não sofreram influência significativa da vaca. O peso dos machos nas diferentes idades e o peso das fêmeas aos 6 meses apresentaram uma resposta quadrática em relação à idade da vaca.

Tendência genética das avaliações da produção de leite em cabras, nos EUA

Conforme Boldeman, K. G. & Van Vleck, L. D. (J. Dairy Sci., 67 (5): 1069-71, 1984) a finalidade dos criadores de cabras leiteiras é aumentar o valor genético da produção de leite para elevar a eficiência e rendimento dos animais individualmente e de rebanhos. A habilidade potencial para alterar uma característica mediante seleção é, em grande parte, função de como a herdabilidade da característica se manifesta e de quanta variação é mostrada pela característica. Estudos noruegueses e norte-americanos indicam que a produção de leite de caprinos é altamente variável e a sua herdabilidade é semelhante a dos bovinos de raça leiteira. Estas verificações sugerem que as populações caprinas devem responder à seleção para produção de leite. As previsões do ganho genético teórico resultante de determinados planos de acasalamentos

têm variado de 1 a 3,8%. Essas previsões indicam a possibilidade de alcançar um progresso genético relativamente mais rápido em cabras leiteiras do que em bovinos.

A fim de determinar a eficiência de qualquer plano de reprodução, a tendência genética precisa ser controlada. Um método para estimar essa tendência deve prever o valor genético de todos os animais da população e obter a média para cada ano. Hintz e cols., usaram este processo para estimar as tendências genéticas de vacas e touros na região Nordeste dos EUA. Estimativas do progresso genético de cabras leiteiras não haviam sido feitas ou citadas. Assim, os dados de produção leiteira de 306 cabras da raça Alpina, 72 da La Mancha, 170 da Nubiana, 84 da Saanen e 235 da Toggenburg, nascidas no Nordeste dos EUA, de 1972 a 1979, foram

utilizados para estimar as tendências do valor genético aditivo.

As estimativas das habilidades de transmissão foram duplicadas e tiradas as médias para todas as cabras em cada ano, a fim de obterem estimativas anuais do valor genético.

As tendências genéticas da regressão do referido valor médio anual sobre o ano de nascimento nas cabras Alpina, La Mancha, Nubiana, Saanen e Toggenburg foram, em média, respectivamente de 11,4, -7,9, 1,9, 14,6 e 11,7 kg por ano. As tendências genéticas foram inferiores ao teoricamente possível, indicando que são necessariamente esquemas de seleção mais eficientes, embora as tendências encontradas não representem as reais, devido ao limitado número de cabras incluídas no estudo.

Toxicidade e metabolismo do chumbo para bezerros

Informem Logner, K. R. e cols. (J. Dairy Sci 67 (5): 1007-13, 1984, que o chumbo é a maior causa de envenenamento e morte de bovinos. Por natureza, os bovinos são animais bem curiosos e com o hábito de lambem ou mascar objetos que encontram, inclusive os que podem conter chumbo. A causa da morte frequentemente é devido ao chumbo encontrado em latas de tinta descartadas, óleo usado de motor e pintura das cercas, paredes, estábulos e cochos para alimentos. Além disso, quantidades significativas de chumbo podem ser consumidas juntamente com forrageiras contaminadas com resíduos ou poeiras provenientes de fundições desse metal das vizinhanças.

A toxicidade do chumbo em bezerros, resultante de algumas formas químicas e fontes de chumbo foi descrita por muitos estudiosos, mas há escassas informações concernentes ao efeito tóxico do sul-

fato de chumbo que é, provavelmente, a principal forma desse metal no solo e a maior dele no ambiente.

Os objetivos deste trabalho foram estudar os efeitos tóxicos e o metabolismo de diferentes quantidades de chumbo consumidas por bovinos na forma de sulfato. Assim, dezesseis bezerros machos, inteiros, com peso médio de 85 kg e 74 dias de idade, foram distribuídos ao acaso, de acordo com quatro tratamentos com dieta de chumbo e de conformidade com o peso vivo dos animais.

Os bezerros receberam para consumo ad libitum uma dieta testemunha que não continha chumbo ou uma dieta de controle suplementada com 500, 1500 ou 4500 ppm desse metal, na forma de sulfato.

Um dos bezerros que recebeu 1500 ppm de chumbo e todos os quatro que receberam 4500 ppm morreram entre 6 e 10 dias após o início dos tratamentos. As

mortes foram rápidas e com poucos ou sem sinais clínicos, antes do desenlace. Os sintomas clínicos surgidos foram tremores musculares, rangido dos dentes e convulsões. Quatro animais testemunhas, quatro com 500 ppm e dois com 1500 ppm de chumbo sobreviveram até a 7.ª semana do período experimental. O consumo alimentar, as alterações do peso vivo, a atividade da transaminase oxaloacética, glutâmica, a fosfatase alcalina do plasma, sanguíneo e a hemoglobina não foram afetados significativamente pelos tratamentos com chumbo. O volume celular em bezerros com 500 e 1500 ppm foi reduzido. As concentrações de chumbo no sangue, rins, fígado, ossos, cérebro e músculos foram elevadas nos bezerros suplementados com esse metal e acima daquelas dos bezerros testemunhas. As concentrações de chumbo mais altas encontravam-se nos rins e fígado.

Bovinos também podem ter AIDS (síndrome de imunodeficiência adquirida)

Relata Allenstein, I. C. (Hoard's Dairyman, 129 (8): 574, 1984) o caso de uma novilha com 14 meses de idade, que apresentou grave diarreia durante quatro dias. Seis semanas antes o dono da mesma criação havia notado um surto de disenteria de inverno em suas vacas leiteiras. A diarreia não durou mais do que 24-48 horas, mas alguns indivíduos mostraram sinais de sangue nas fezes, o que requereu a administração de adstringentes. Ao mesmo tempo, novilhas de sobreano exibiram sintomas semelhantes e se restabeleceram, exceto uma que continuou com diarreia, emagreceu muito e morreu.

O exame pós-morte de uma novilha revelou úlceras típicas na boca, esfôago e coagulador.

O criador decidiu vacinar os animais novos contra a diarreia bovina a vírus (DBV), mas os problemas continuaram em seu rebanho: as novilhas tiveram diarreia, tosse e dispnéia. Uma delas teve grande desidratação, temperatura de

40,3°C, ulcerações na mucosa bucal e cambaleio ao andar. O vírus isolado do sangue e as lesões típicas pós-morte confirmaram que se tratava de uma forma de DBV.

As novilhas que morreram 6 semanas antes teriam DBV? O fato é que a vacinação contra essa doença parece ter precipitado uma resposta desfavorável em todo o lote de animais, especialmente uma reação imunossupressiva, condição na qual o mecanismo de luta contra a doença não trabalha normalmente. Isto ocorre em animais estressados quando certas vacinas vivas são usadas (não todas as vacinas).

Muitas pesquisas têm sido feitas sobre se o tipo de vírus vivo modificado em células do hospedeiro tem efeito sobre a imunidade não só à doença referente à vacina como a outras moléstias. Recente trabalho da U. E. de Iowa confirma o fato e no Centro Nacional de Doenças

de Animais dessa Universidade foi mostrado que o uso de vacina morta da DBV pode ser vantajoso porque não ocorreria a reação de imunossupressão. Esta pode ser acentuada quando certas vacinas com vírus vivos modificados são usadas em animais estressados.

No caso do criador em questão parece que havia um grupo de novilhas estressadas devido à disenteria de inverno, presumivelmente a DBV. Com o uso da vacina viva modificada o efeito imunossupressor permitiu que o vírus dessa doença se tornasse ativo.

Alenstein acha que um criador deve tentar toda ajuda veterinária sobre o tipo de vacina a ser usada em um caso particular, especialmente no caso da vacina contra a DBV. Assim, o problema da doença imunossupressiva ou imunodeficiente (AIDS) parece estar presente em gado leiteiro, tal como em seres humanos.

II Congresso Pan-Americano do Leite

A reunião em epígrafe será realizada na cidade de São Paulo no período de 13 a 17 de maio de 1985, no Palácio de Convenções Anhembi, tendo como assunto a Política do Leite para o Continente Americano.

Paralelamente, será efetuado a II Expo-Leite, reunindo produtos, equipamentos e

serviços ligados à produção e indústria leiteira e outras atividades pertinentes. Além disso no Parque da Água Funda, ocorrerá a Exposição Internacional de Gado Leiteiro.

Os trabalhos do Congresso serão desenvolvidos de acordo com 4 Comissões Técnico-Científicas: I. Industrialização lei-

teira; II. Produção Leiteira; III. Nutrição Humana e IV. Política do Leite.

O Presidente do certame é o Dr. René Dubois, Presidente do Conselho Federal de Medicina Veterinária e Vice-Presidente da Associação Mundial de Buiatria. A Secretaria está instalada na rua Morás, 696, CEP 05434 — Telefone 210-4744, São Paulo, SP.

O café de lá e o de cá

RUBENS MALTA CAMPOS *

Uma comissão de cafeicultura, formada por integrantes da Sociedade Rural Brasileira, dirigiu-se recentemente a Porto Rico, inserido na América Central, forte produtor de café e território livre associado aos Estados Unidos da América do Norte. Para lá foram examinar o plantio e as condições de comercialização da rubiácea, e voltaram simplesmente entusiasmados com o que viram, pois o produtor rural e o cafeicultor naquele País não são perseguidos pelo Governo Federal, como acontece por aqui. O cafeicultor porto-riquenho, depois de beneficiado o café, vende-o para o próprio Governo, em dólares e à vista, e o preço é sempre mais elevado do que as cotações do mercado internacional. Ocorre que a venda lá é feita às claras, sem qualquer medida de lesa-pátria, como se dá aqui com o chamado confisco do café, que hoje, mercê de uma redução de US\$ 10,00 por saca, atinge a sessenta e oito dólares por saca de café beneficiado de 60 quilos. Assim, o cafeicultor porto-riquenho recebe líquido o equivalente a US\$ 100,00 por saca de café tipo médio, o que resultaria, ao câmbio hipotético de Cr\$ 3.000 por dólar, em Cr\$ 300.000 por saca vendida. Para o café de melhor qualidade, o cafeicultor lá recebe US\$ 238, por saca de 60 quilos; para o café "pergaminho", com rendimento de 80%, recebe US\$ 191 por saca de 60 quilos e para o café "Robusta/Excelsa", com rendimento de 80%, recebe US\$ 169 por saca de 60 quilos, representando aproximadamente e respectivamente: Cr\$ 714.000; Cr\$ 573.000 e Cr\$ 507.000. Afora isso, há uma série enorme de vantagens que o Governo Porto-riquenho dá ao cafeicultor, tudo bem relacionado no Suplemento Agrícola

de O Estado de S. Paulo, de 19 de dezembro de 1984.

Por outro lado, vistas as coisas por aqui, no País dos negócios especiais, o confisco atinge, hoje, US\$ 68,00 por saca, perfazendo, então, ao mesmo câmbio acima indicado, a quantia de Cr\$ 204.000. E para onde vai todo o dinheiro assim arrecadado pelo Governo Federal? Até hoje, só os membros do próprio Governo sabem e provavelmente dele se aproveitam, porquanto nunca deram contas nem aos cafeicultores nem à Nação, pois esses recursos não entram no orçamento da União.

A esse respeito, gostaria de passar aos meus prezados leitores uma notícia publicada na Folha de São Paulo, edição de 15 de dezembro de 1984, página 3, pela qual o jornalista Antonio Olinto foi nomeado para o cargo de assessor especial junto ao escritório do IBC em Londres, com salário mensal de 8 mil dólares, ou seja, US\$ 8.000 x Cr\$ 3.000 = 24.000.000, vinte e quatro milhões de cruzeiros mensais, que o distinto receberá para assessorar não sei o quê.* A notícia diz que essa nomeação chegou a ser retardada diante da inexistência de verba para essa finalidade, mas o ministro Murilo Badaró, da Indústria e do Comércio, bateu o pé e o IBC acabou arranjanando o dinheiro. Por aí se vê como as vultuosas arrecadações com o confisco são "aplicadas".

Saldamos, pois, o novo Governo que se irá instalar a partir de 15 de março, e fazemos votos para que mude drasticamente tudo isso de errado que ocorre em nosso Brasil.

N. do R.: Esse assessoramento corresponde a um recebimento anual de duzentos e quarenta e oito milhões de cruzeiros.

* O autor é dirigente sindical.

Plantio de soja em época certa

ARAMES FARPADOS



com. Ind. e Ar. Ita
produtos siderúrgicos

O MAIOR DISTRIBUIDOR BELGO MINEIRA DO PAÍS

Motto

ARAME FARPADO C/ ZINCADEM REFORÇADA

Ø dos fios: 1,60 mm - Camada de zinco TRÊS VEZES mais espessa - Menor peso por comprimento - distância entre farpas: 100 mm Sentido de torção invertido em cada farpa.

Sertanejo

ARAME FARPADO DE AÇO ZINCADO

Ø dos fios: 1,60 mm - Carga de ruptura: 350 kg Menor peso por comprimento - Farpas que não escorregam - distância entre farpas: 100 mm - Peso: 11,8 kg (250 m) e 23,5 kg (500 m)

BELVAL 2600

ARAME OVALADO DE AÇO ZINCADO

Bolsa: 14 - 16 - Peso aprox: 45 kg (1250 m) e 36,7 kg (1000 m) - Permitem maior afastamento entre estacas - Reduzem os gastos de material e mão-de-obra - Não provocam fermento no gado - Use os estecedores BELVAL para dar a tensão adequada aos arames.

BELVAL 2700

ARAME OVALADO DE AÇO ZINCADO

Bolsa: 15 - 17 - Peso aprox: 45 kg (1000 m) Galvanização (mínima): 70 g/m² Carga de ruptura: 700 kgf - Cat. II - Classe leve Economia e eficiência para uma pecuária avançada. Não provocam fermento no gado.

BELVAL 22 800

ARAME OVALADO DE AÇO ZINCADO

Bolsa: 15 - 17 - Peso aproximado: 45 kg Galvanização (mín): 240 g/m² Carga de ruptura (mín): 800 kgf - Cat. I Classe pesada - Único arame ovalado com dupla camada de zinco

FARBEL

ARAME FARPADO DE AÇO ZINCADO

Ø dos fios: 2,00 mm Carga de ruptura (mínima): 250 kgf Galvanização (mín): 70 g/m² - Cat. A Peso aprox: 12,1 kg (250 m) e 27,3 kg (400 m) Norma ABNT EB 235

belforte

FARPADO DE FIOS GROSSOS

Ø dos fios: 2,20 mm - Galvanização: Cat. A Distância entre farpas: 100 mm Peso aprox: 20 kg (250 m) e 32 kg (400 m) Rolos/caixa individual de sustinência

Distanciador AçoFix

Especialmente destinado a cercas de arames farpados, lisos ou ovalados. Reforça as cercas de arames de qualquer diâmetro - Faz bom aterramento nas cercas oferecendo total proteção ao rebanho contra raios - Reduz ao mínimo o consumo de mourões por possibilitar maior espaçamento - Permanece imóvel na cerca Ø do fio: 3,40 mm - Fioses c/ 100 unidades Comprimento: 45 cm, 100 cm, 115 cm e 120 cm.

CORDAÇO

CORDELA ZINCADA P/ CURRALS DE AÇO

Ø do cordão: 6,4 mm (1/4") x Ø do fio: 7 - Camada tripla de zinco em cada fio (unimetal) - 190 g/m² - peso aprox: 200 kg (1000 m) - Carga de ruptura: 2500 kg

Outros Produtos

GRAMPOS • TELAS • ENXADAS
ARAMES GALVANIZADOS
ARAMES RECOZIDOS • FOICES
ENXADAS • MACHADOS
ENXADÕES E ACESSÓRIOS DE
FIXAÇÃO EM GERAL

COMERCIAL ANDRASAR LTDA

Maiores informações consulte-nos
TELEX: (011) 36175 - ANDS-BR

227-1475 • 227-2193

228-8085 • 229-6037

Rua Cantareira, 636 - CEP. 01024 - SP

EM QUALQUER QUANTIDADE

O Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC) da Embrapa identificou as melhores épocas para a semeadura para cultivares de diversos ciclos de maturação de soja para os cerrados. Os pesquisadores Gottfried Urban Filho e Carlos Spehar constataram que a primeira quinzena de novembro é a época mais favorável ao plantio da maioria das cultivares indicadas para a região dos cerrados. As cultivares tardias Doko, Numbafra e Savana, com ciclo de 140 dias, por serem menos sensíveis aos efeitos do fotoperíodo, permitem período de semeadura mais ampla. Apresentam produtividade média de 2.700 kg/ha. São ótimas opções para o cultivo em grandes áreas, pois podem ser plantadas de 20 de outubro a fim de dezembro, desde que não ocorra estiagem. As cultivares Cristalina, IAC-7 e IAC-8, também de ciclo tardio, exigem plantio em épocas certas. A IAC-8 é adequada ao plantio entre 10 de outubro e meados de novembro. Plantada a partir de 15 de dezembro, tem produção reduzida em 35%, mesmo com irrigação. A IAC-7 deve ser plantada no início de novembro a meados de dezembro. A Cristalina, por sua vez, obtém boa produtividade se semeada entre 20 de outubro e fins de dezembro. Devido a alta precocidade (100 dias), a cultivar Paraná é boa alternativa para sucessão de culturas, como soja-trigo, soja-sorgo, em solos corrigidos. No entanto o seu plantio só pode ser feito na primeira quinzena de novembro. O atraso ou antecipação provoca redução drástica da produtividade.

Serviço

Nova pauta do ICM para bovinos

A Coordenação da Administração Tributária da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo fixou, através de portaria, os valores mínimos para cálculo do ICM incident-

te sobre as operações efetuadas com gado e carne bovina. O imposto será calculado sobre o valor da operação, quando este for superior ao mínimo fixado na pauta. Esse portaria entrou em vigor a partir do dia 13 de dezembro. São os seguintes os valores mínimos:

I — Gado em condições de abate		Valor por Cabeça (Cr\$)
Bol	800.000
Búfalo	816.000
Vaca	540.000
Búfala	675.000
Neonato (até 5 dias)	38.000
Vitelo de leite (até 30 quilos)	82.000
Suíno	150.000
Leitão	40.000
Equino	90.000
Asinino	80.000

II — Carne bovina não retalhada		Valor por kg (Cr\$)
1 — Carne de Bol		
Traseiro	3.900
Dianteiro	2.650
Ponta de agulha	2.350
Boi casado ou fechado	3.333
2 — Carne de Vaca		
Traseiro	3.500
Dianteiro	2.350
Ponta de agulha	2.150
Vaca casada ou fechada	3.000

III — Gado de Criar		Valor por Cabeça (Cr\$)
a) Bovino/Bubalino		
Reprodução acima de 3 anos	900.000
Vaca parida com cria	500.000
Vaca solteira ou novilha acima de 30 meses	380.000
Novilha até 30 meses	330.000
Novilha até 24 meses	280.000
Novilha até 18 meses	230.000
Bezerro até 12 meses	180.000
Garrote acima de 30 meses ou boi para pasto	440.000
Garrote até 30 meses	400.000
Garrote até 24 meses	360.000
Garrote até 18 meses	310.000
Bezerro até 12 meses	250.000
b) Equino		
Garanhão registrado	1.200.000
Égua registrada com cria ao pé	1.000.000
Égua ou potra registrada, solteira	800.000
Potro ou potra até 30 meses, registrados	700.000
Potranco ou potranca até 18 meses, registrados	500.000
Equino ou muar para serviço ou esporte	500.000
Égua comum com cria ao pé	480.000
Égua solteira ou potra acima de 30 meses, comuns	350.000
Potro ou potra até 30 meses, comuns	280.000
Potranco ou potranca, comuns	240.000

Suínos têm programa nacional

Sob a Coordenação do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPISA/Embrapa), com sede em Concórdia, SC, foi criado o Programa Nacional de Pesquisa de Suínos, a partir de 1984, com o objetivo de descobrir tecnologias apropriadas às condições brasileiras. O Programa conta com a participação de Institutos, Universidades e Sistemas Estaduais de Pesquisas, que participaram do Sistema Cooperativo de Pesquisa Agropecuária.

O trabalho da coordenação é executado através de diferentes mecanismos de ação, envolvendo estratégias para identificação de prioridades de pesquisa, reuniões anuais para aprovação de novos projetos e relatórios de pesquisa em andamento, bem como o acompanhamento in loco dos experimentos dos projetos. Com essa estratégia, procura-se assessorar a condução de pesquisa, evita-se duplicidade de trabalhos e promove um melhor aproveitamento dos recursos humanos, físicos e financeiros.

Em 1984, a coordenação do PNP Suínos acompanha 92 projetos de pesquisa nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Ceará, Minas Gerais, Espírito Santo e Santa Catarina. Em 1985, deverá acompanhar 75 projetos nos mesmos Estados.

Rio sediará Expoinel em 1986

O presidente da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil, José Mário Junqueira de Azevedo, confirmou em encontro com a diretoria da Associação dos Criadores do Rio de Janeiro que o Rio de Janeiro sediará a XV Exposição Internacional do Nelore em 1986. O diretor de Crédito Rural do Banco do Estado do Rio de Janeiro, Carlos Couto Franco, presente à reu-

nião, prometeu o possível e o impossível para realização no Estado da Expoinel em 1986. Disse que o Governador Leonel Brizola já se comprometeu com o presidente da Acerj a construir novo parque de exposições do Estado, que será erguido em terreno da Prefeitura.

Processamento de carnes caprina

O primeiro curso sobre processamento de carnes caprinas, a nível de chácaras e fazendas, será realizado no período de 15 a 17 de março próximo, graças ao convênio assinado entre a Caprileite e a Escola Agronômica Florestal (Cedaf), em Florestal, MG, ligada à Universidade Federal de Viçosa (MG). O objetivo do curso, segundo a Caprileite, é fazer com os criadores de cabras leiteiras aprendam a valorizar a carne de bodes e cabras velhas de descarte, sob a forma de processamento, além do aproveitamento dos subprodutos caprinos.

Durante o curso, coordenado pelo professor Milton de Alencar, serão abordados os seguintes assuntos: técnica de abate de caprinos a nível de chácara e de corte de carnes; técnica de preparação de embutidos com carnes caprinas (linguiças, salchichas, salchichão etc.); defumação de carnes e instalações para defumagem; carne de sol e charques de carnes caprinas; técnicas de extração, conservação e curtimento de couros de caprinos, a nível artesanal.

Durante o curso, os participantes ficarão hospedados em hotel da própria escola, que fica no eixo BR 262, a 60 quilômetros de Belo Horizonte, próximo a cidade de Pará de Minas. As vagas são em número de 30 e os interessados podem inscrever-se na Caprileite (Associação Brasileira dos Criadores de Cabras Leiteiras), à rua Aquiles Lobo, 119A, Ione (031), Belo Horizonte, MG.



MANCHETE — Reg. B-6571 — R. Emérita
— 13a e 10m 365 2x 6.212 kg LM



GRAVIOLA — Reg. T-3012. Grande Campeã
Uberaba/84. 8a 2m 354 2x 5.325 kg LM



M. EXPOENTE FAIZÃO — Reg. A-5222



C. A. FAIZÃO — Reg. A-4607



M. MAESTRO CAXANGA — Reg. A-5256

Eu sou a famosa MANCHETE, primeira e única Zebuína no mundo a produzir mais de 6.000 kg de leite numa lactação em 2 ordenhas, agora apresento minha netinha GABARRA que é a 1.ª Zebuína no mundo a produzir 7.000 kg de leite em uma lactação em 2 ordenhas. O ORGULHO DA VOVÓ CORUJA.

MANCHETE

Gir Leiteiro "2R" Expoente mundial da Raça

APRESENTA SUAS

CONQUISTAS:

28 dos 32 Recordes Nacionais da Raça Gir Leiteiro; 84% do rebanho inscrito no Livro de Escol (Leite com Fertilidade);

9 "Reprodutoras Eméritas" do total de 17 existentes, entre todas as raças Zebuínas.

Dentre as 5 vacas que conquistaram a Medalha de Ouro (35.000 kg na vida), 2 pertencem ao nosso plantel.

Resultados obtidos em regime de 2 ordenhas diárias e fornecidos pelo Serviço de Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores.

MAIS:

Nossas matrizes foram as grandes campeãs de 4 dos 5 Concursos Leiteiros que participamos nas Exposições Estaduais de Belo Horizonte.

Nas nossas 2 únicas participações do Concurso Leiteiro da Exposição Nacional de Uberaba, fizemos as grandes campeãs da raça e alcançamos, em 1984, com o animal de nome Maravilha Graviola Faizão, Reg. T-3012, a produção média diária de 21,250 kg de leite, que é a produção recorde das exposições de Uberaba.

Nosso Plantel possui o maior N.º de touros em centrais de Inseminação (8 touros), 5 de nossa propriedade e 3 de nossa criação de propriedade de terceiros.



GABARRA — Reg. P-6950 — R. L
8a e 11m 365 2x 7.052 kg LM



ESCOPA — Reg. 2923
10a e 8m 333 2x 5.514 kg LM



GAIVOTA — Reg. P-6978 — R. Emérita
Campeã e Melhor Úbere — Uberaba
5a 6m 365 2x 5.460 kg LM



SC NAVIO ASTRONAUTA — Reg. K-700



SC ORIENTE MORCEGO — Reg. A-5260



SC OASIS HABIL — Reg. A-5259

Este é o resultado quando se utiliza Gir Leiteiro da seleção 2R



RESINA: Vaca 5/8 de Gir, isto é mais de meio sangue de Gir, filha do reprodutor "GIR LEITEIRO 2R" SANTA CRUZ BOTÃO CACHIMBO. Campeã do Concurso Leiteiro de Porto das Flores - MG com as seguintes produções:

1.º dia	2.º dia	3.º dia	Total	Média
46,600	48,650	50,600	145,850	48,617

Proprietário: JOSÉ MACHADO DA FONSECA — FAZENDA SANTA JUSTA — RIO DAS FLORES - RJ

Fazenda da Derrubada - Fazenda Crisciuma

Props.: Dr. Manuel e Dr. José João Salgado R. dos Reis

Rio das Flores - RJ — Cx. Postal 87386
Tel.: (0244) 52-0803 — Valença - RJ

Carmo do Rio Claro - MG
Tel.: (035) 561-1399



Dois cavalos Mangalarga vão atravessar o coração da América do Sul

O casal de franceses Stéphane e Michelle Bigo iniciou em novembro uma longa viagem de 8.900 km montado em dois cavalos da raça Mangalarga: em um ano, partindo de Novo Horizonte, SP, os dois passarão por Fóz do Iguaçu, Norte da Argentina, Assunção, Cordilheiras dos Andes, La Paz e Cuzco, no Peru, de onde retornam, via Campo Grande, a Novo Horizonte.

O garanhão
Tomani SP1,
sra. Michelle Calson,
sr. Stephano Bingo,
sr. Arnaldo de Almeida
Prado Neto,
sr. Adaldio José
de Castilho e o
garanhão Urutu
da NH, momentos
antes do fabuloso
reide pela
América do Sul.



O francês Stephane e sua senhora Michéle Bigo, advogado e escritor, fez várias viagens a cavalo a diversas regiões do mundo. A primeira delas foi através do Norte da Ásia, começando em Estambul (Turquia), atravessando o Irã e o Iraque e terminando em Cabul, no Afeganistão. Percorrendo 7.800 km com um ganhão Árabe. Para transportar a carga, levou uma mula. Nessa viagem, assimilou os usos e costumes da região e fez um levantamento fotográfico. Chegando à França, escreveu um livro, narrando a viagem. O livro teve grande repercussão e a Unesco interessou-se por esse empreendimento e passou a financiar Bigo em suas viagens.

O francês, então, fez a sua segunda viagem: atravessou a América Central. Saiu de Denver, Estado de Colorado, nos Estados Unidos, passou pelo Texas, atravessou o México e a América Central, indo parar em Caracas, Venezuela. Percorreu, nesta segunda viagem, também 7.800 km em um cavalo da raça American Saddle Horse e levou uma mula para transportar a bagagem.

E agora iniciou outra viagem, começando pelo Brasil e usando cava-

los Mangalarga. Para fazer essa viagem, percorrendo a América do Sul, Bingo procurou a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga, para que indicasse alguns criadores que se dispusessem a ceder-lhe montarias necessárias à viagem. Desta vez, Stephano está fazendo a viagem com uma companheira, sra. Michelle Calson. O casal, antes da viagem, foi verificar os animais do sr. Adaldio José de Castilho, cujo criatório foi indicado pela Associação. O sr. Adaldio não só gostou da idéia como a encampou inteiramente. Era a oportunidade que tinha para provar a sua teoria de que o cavalo tem que ser, além de um animal de exposições, também de lida. O cavalo Mangalarga, segundo sr. Adaldio, tem que ser "bonito, andar bem, ter resistência, ser corajoso, dócil e ter caráter".

Inicialmente foram escolhidos os ganhões Pinguim da NH e Plutão da NH: Pinguim é o grande campeão da última prova de resistência para ganhões promovida pela Associação. Porém, antes da viagem iniciar-se, infelizmente Pinguim sofreu um acidente quando era transportado em uma camionete para a

fazenda e teve que ser sacrificado. Abriu-se, então, uma vaga para outro animal. Depois de percorridas algumas fazendas, foi escolhido um ganhão do sr. Arnaldo de Almeida Prado (Papu), que é neto do sr. Sebastião de Almeida Prado, um grande criador que, quando vivo, dava grande importância à funcionalidade do Mangalarga. Do seu criatório, foi escolhido o animal Tomani SPI e do sr. Adaldio, Urutu da NH, irmão menor de Pinguim da NH.

A viagem começou em Novo Horizonte, indo até a Fóz do Iguacu, no Brasil. Depois o casal entrará na Argentina pelo Norte, atingirá Assunção, no Paraguai, de onde entrará na Cordilheira dos Andes, até alcançar a cidade de Cuzco, a 4.300 m de altitude. E finalmente La Paz, capital da Bolívia, de onde regressam, passando por Campo Grande, até retornar ao ponto de origem, que é Novo Horizonte. Ao final de um ano de viagem, o casal terá percorrido 8.900 km. Será talvez o maior feito de cavalos da raça Mangalarga e de cavalos de outra raça em tão curto período de tempo. A Revista dos Criadores irá informando os leitores sobre esta viagem à medida que for recebendo notícias.

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL



**ACLARAMENTO DE
TABAPUÃ**
842 kg aos 36 meses

TABAPUÃ

Se você quer peso, você quer TABAPUÃ, a raça feita para o Brasil: rusticidade, fertilidade e precocidade. Venha à origem do TABAPUÃ: Fazenda Água Milagrosa, Tabapuã, Estado de São Paulo.

Dr. ALBERTO ORTENBLAD

Fazenda Água Milagrosa
C. Postal 23
15.880 - Tabapuã - SP
Tels.: (0175) 62-1117 e
62-1487

Filial em MS: Granja Ipanema
Rodovia Campo
Grande - Culabá, a
40 km de Campo Grande
Tel.: (067) 624-6138

Escritório no Rio:

Rua da Assembléia, 92, 10.º and. — Rio de Janeiro, RJ
Tels.: (021) 242-0297 e 221-0678

O NOVO RECORDISTA

Alamito Dora SLN-AAA



O consagrado garanhão Alamito Dora SLN, detentor entre outros do invejável laurel AAA nas provas de velocidade, tornou-se desde o dia 27 de outubro último o cavalo mais caro da raça Quarto de Milha no Brasil, ao ser vendido em leilão pela impressionante quantia de cem milhões de cruzeiros. O leilão, realizado no Parque da Água Funda, em São Paulo, durou todo um dia, varando a noite, e foi quase ao seu final

que Alamito Dora SLN ingressou na pista para mudar de dono e entrar para a história. Seu novo proprietário é o criador Waldir José Garieri, da cidade paulista de Itápolis. Garieri é um apaixonado pelos QM e, embora tenha iniciado seu plantel há não muito tempo, já o coloca hoje entre os destaques nacionais principalmente após a felicíssima aquisição do campeoníssimo Alamito Dora SLN.

HARAS ITÁPOLIS - Itápolis — ESTADO DE SÃO PAULO

Prop.: Waldir José Garieri

END.: AV. PRES. VALENTIM GENTIL, 352 - FONES: (0162) 62-1539 - 62-1217



Olimpio Rosseti, com Pernambucanas Percal, meio sangue árabe, com quatro anos.

II Grande Prêmio Rintal de Hipismo Rural, um sucesso



Gil Rossetti e Pernambucanas Irapuaga, meio sangue árabe, com quatro anos.

Por ocasião da XX Emapa — Exposição Municipal Agropecuária de Avaré, realizada naquela cidade, em dezembro último, em ambiente festivo, tivemos o II Grande Prêmio Rintal de Hipismo Rural, disputado por equipes envolvendo 51 cavaleiros, podendo-se afirmar, inegavelmente, que ali estava o que há de melhor nesta categoria do esporte equestre, que cresce dia-a-dia, com representações espalhadas por todo o interior de São Paulo, inclusive no Vale do Ribeira, além de Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal.

Contando com a presença de um público aproximado de 3 mil pessoas, destacando-se grandes criadores do Sul do País, entre os quais, Flávio Telecheia, Manoel Viana, Gilberto Adrien, Pedro Victor De Lamare, Luiz Carlos Levy e outros, o evento foi patrocinado pela Bayer

do Brasil, através do seu Departamento Veterinário. A Bayer pode ser considerada a madrinha do Hipismo Rural no Brasil, uma vez que, desde 1982, vem patrocinando e incentivando essa modalidade hípica.

Por outro lado, a Revista dos Criadores sente-se a vontade em fazer tal asserção, porque pode-se considerar a pioneira entre as publicações agropecuárias a abordar o hipismo rural, dando ênfase ao seu grande futuro, que no momento é uma realidade. Trabalhos a esse respeito, de autoria do hipologista Nelson Frota, em sua maioria, são encontrados nas edições da RC nos idos de 1972.

Analisando sinteticamente o regulamento da prova, trata-se de uma disputa entre equipes de três cavaleiros, com passagens de bastão, nas diversas fases, com objetivo final de colocar todas as modalida-

des de hipismo rural numa única prova, atestando a velocidade, a docilidade, a versatilidade e a resistência do animal, quer na corrida com obstáculos, no "cross" ou no picadeiro.

Com a entrega do maior prêmio de 1984, em provas similares, num total de Cr\$ 8 milhões, além de troféus e medalhas, o II Grande Prêmio Rintal de Hipismo Rural, representado pelo produto Rintal, da Bayer, teve a seguinte colocação:

A grande vencedora, "A Campeã do Hipismo Rural-85", foi a equipe "Casas Pernambucanas", composta de Nelson Gardenal, Ademir de Oliveira e Gilberto Rossetti. O 2.º lugar ficou com a equipe "Anhangüera", o 3.º com a equipe "Elekeiros Suprovitam Parda", e o 4.º lugar com outra equipe "Casas Pernambucanas".



BEM DE FAMÍLIA — As tradições em família começam cedo. E neste caso não é diferente: Maurio Soares (à esquerda), Maria Soares (no centro) e Marcos, filhos de Manoel Soares; gerente da Fazenda Rio Claro, da Cia. Agrícola Luiz Zillo, já competem com destaque em provas de Hipismo Rural. Apesar da pouca idade, contam com o incentivo e a experiência do pai e com seus próprios dons, sendo hoje promessas para um futuro bem próximo.

Registro

Monsanto fabrica princípio ativo de herbicida no Brasil

A Divisão Agroquímica das Indústrias Monsanto inaugurou, em seu complexo industrial de São José dos Campos, a primeira unidade brasileira para a produção do glifosate, princípio ativo do herbicida Roundup, um dos mais vendidos do mundo. Operando desde o dia 26 de novembro, a nova unidade industrial da empresa consumiu um investimento de US\$ 8 milhões. Em 1985, a Monsanto construirá a fábrica para a produção de acetanilidas, princípio ativo dos herbicidas Boxer, Machete, Spark e Lago. Com a acetanilida, a empresa irá produzir, também, o herbicida Fiat, com aplicação especial nas culturas de café e cana. A nova unidade, a ser erguida no complexo industrial da empresa em São José dos Campos, será inaugurada em 1986. Quando as duas unidades estiverem produzindo a plena capacidade, as importações da Monsanto reduzirão US\$ 30 milhões anuais e a Monsanto exportará, anualmente, com essas matérias-primas, US\$ 10 milhões anuais.

Figueiredo faz balanço da agricultura

O presidente João Figueiredo, em pronunciamento feito em dezembro por rede nacional de rádio e televisão, fez um balanço do desempenho do setor agropecuário nos 20 anos de Governo Militar. O presidente afirmou que a produção de alimentos cresceu mais do que a população; a produção de grãos — soja, milho, feijão, trigo e arroz — saltou de 19 para 50 milhões de toneladas; o rebanho bovino é de 123 milhões de cabeças contra as 84 milhões em 1964 e as exportações de produtos agrícolas pulou de US\$ 1,3 milhão para US\$ 10 bilhões. Figueiredo, analisando a agropecuária no período do seu governo, a partir de 1979, disse que con-

feriu no setor a prioridade de sua administração. Justificou, no final, a retirada do subsídio, que, segundo ele, foi distorcido a níveis exagerados. Disse que o subsídio beneficiava apenas os agricultores que conseguiram empréstimo, cerca de 25% dos produtores.

Diretrizes para a pecuária de corte

O Conselho Nacional de Pecuária de Corte entregou à assessoria dos dois candidatos à Presidência da República — Paulo Maluf e Tancredo Neves — um documento propondo diretrizes para uma política estável para o setor, de modo a aumentar a oferta interna e as exportações de carne, integrando os setores de produção, industrialização e comercialização. O documento aponta a inexistência de uma política permanente para a pecuária de corte como causa da instabilidade do setor e motivo de insegurança dos produtores em fazer investimentos. É um dos mais completos documentos produzidos até aqui para a pecuária e resultou de uma ampla discussão feita em congressos e seminários. Ali, de forma conclusiva, está sintetizado o pensamento do setor pecuário e o documento serve de subsídio ao próximo Governo que subirá as rampas do Palácio do Planalto a 30 de março de 1985. É uma proposta de política discutida pela base, por quem faz a pecuária.

Polêmica importação de carne do Uruguai

Os pecuaristas gaúchos estão revoltados com a anunciada importação, em sistema de draw-back, para o Estado, de 70 mil toneladas de carne uruguaia. Os produtores estão revoltados com a atitude do governo que resolveu despendar, com a importação, exatamente a mesma quantia que gastaria para formar estoques reguladores — Cr\$ 40 bilhões — pedido que foi negado aos produtores brasilei-

ros. Segundo o presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), Camilo Cottens, esta importação é impatriótica. "Se fosse formado um estoque regulador, seriam gerados Cr\$ 3 bilhões em mão-de-obra e os subprodutos, como couros, seriam retidos no país. Além disso, a carne será importada livre de ICC e IOF". Como está certo de que a anunciada importação é apenas a tentativa do governo em manipular o mercado e confundir os pecuaristas, Cottens dá um conselho: "Não baseie seus negócios em razão dos noticiários desta importação porque todos os países produtores de carne estão sofrendo uma acentuada diminuição dos seus rebanhos. E o Uruguai, ao que parece, não tem condições de atender o pedido".

Redução no consumo de carne na Argentina

A campanha para diminuição de consumo de carne na Argentina está gerando muita polêmica. E recente edição, a revista especializada "Chácara e Campo Moderno", em artigo de capa, chama a atenção dos criadores e dos consumidores para o fato de que a carne não é isoladamente a causa da inflação no país e concluiu que ela é reflexo de uma caótica situação econômica mundial e agravada por uma série de medidas impostas pelo governo. E a campanha de redução do consumo de carne seria apenas a tentativa de colocá-la como um bode expiatório de toda a conjuntura econômica ruim. A Argentina, que tinha consumo per capita de 90 kg de carne, registra hoje apenas 45 kg. Um dos grandes exportadores de carne bovina e dona de uma moderna pecuária, a Argentina, com a crise, viu seu rebanho reduzir-se de 61 milhões de cabeças para 51 milhões.

EmpaSC, 10 anos dedicados à pesquisa

Criada em outubro de 1975, a Empresa Catarinense

de Pesquisa Agropecuária, que completará este ano 10 anos de atividade, continuará buscando geração e adaptação de tecnologias, capazes de promover o desenvolvimento da agricultura do Estado, além de proporcionar melhoria de condições aos agricultores.

Visando atender aos objetivos básicos da empresa, em 1984 foram realizados 431 experimentos nas áreas de arroz; banana; bovinos de corte; de leite; citros, aquicultura, diversificação agrícola (beterraba-açúcar, e forrageira, girassol, sorgo a trigo); feijão; frutíferas de clima temperado (pera, ameixa, pêssego e marmelo); hortaliças (alface, tomate, batata, cebola, cenoura, pepino de conserva, repolho, alho, batata-semente, sementes de cebola e pimentão); maçã; mandioca; milho; soja; viticultura; sementes básicas; mudas e plantas matrizes; controle de simuliões (borrachudo) e sistemas diversificados de produção para pequenas propriedades.

Segundo o diretor técnico da EmpaSC, Carlos Pieta Filho, para difundir as tecnologias e divulgar rapidamente os resultados obtidos nas pesquisas, em 1984, foram editados, 85 trabalhos técnico-científicos, além da divulgação de muitos outros pelas revistas especializadas, anais de congressos etc. Para realizar essas pesquisas, informa o diretor técnico da EmpaSC, a empresa conta com o Centro de Pesquisa para Pequenas Propriedades, em Chapecó; as Estações Experimentais de Caçador, Itajaí, Ituporanga, Lages, São Joaquim, Urussanga, Videira, Barra de Lagoa (Florianópolis); os Campos Experimentais de Campos Novos e Jaguaruna, além de experimentos realizados em propriedades particulares espalhadas por 36 municípios no Estado, os campos de demonstrações e unidades demonstrativas localizadas em 61 municípios.



II

A digestão no cavalo

TAXA DE PASSAGEM DA DIGESTA

Taxa de passagem é o termo técnico que define a velocidade com que os alimentos ingeridos atravessam o trato gastro-intestinal de um animal. O fluxo total diário nos equinos adultos é de 100 a 150 litros, que levam de 42 a 52 horas para percorrer todo o aparelho digestivo, onde a maior parte passa até 48 horas após a ingestão.

Os equinos talvez sejam os animais que mais sofrem com os problemas relacionados com a taxa de passagem. Vários fatores contribuem para que a velocidade de progressão da digesta pelo trato gastro-intestinal dos equinos seja cerca de 3 vezes mais rápida que nos bovinos, também herbívoros de grande porte. Sendo rápida, reduz as possibilidades de um melhor aproveitamento dos alimentos consumidos, principalmente os de melhor qualidade. Se, por outro lado, a digesta não progredir satisfatoriamente, em virtude de qualquer fator que retarde demasiadamente sua velocidade, distanciando-se da ideal, sobrevêm sérios problemas, como é o caso da cólica, inimiga número um dos equinos.

A progressão da digesta é facilitada pela fluidez proporcionada pelos sucos gástricos, entéricos, pancreáticos, bilis e, principalmente, pela saliva, evidenciando mais uma vez a grande importância de uma boa mastigação e ensalivação dos alimentos.

Como já foi mencionado no artigo anterior, o trânsito dos alimentos pelo estômago é bastante rápido, em virtude de seu pequeno tamanho e das fortes contrações peristálticas existentes no órgão. No intestino delgado, a velocidade é relativamente rápida, mas utilizam as proteínas e glândulas solúveis com boa eficiência. Já no intestino grosso, a progressão da digesta é lenta, para possibilitar uma boa ação dos microrganismos sobre a fibra da dieta.



Eng.º Agr.º NELSON IGNÁCIO
HADLER PUPO

A taxa de passagem é influenciada por diversos fatores, dentre os quais a forma física do alimento. Rações peletizadas favorecem a ingestão, mas apresentam taxa mais rápida que a farelada, sendo, portanto, menos atacada pela pepsina e ácido clorídrico (ver "A Digestão no Cavalo I").

Os volumosos também interferem na velocidade de passagem, de maneira que, quanto maior for sua ingestão, mais rápido será o trânsito dos alimentos pelo trato gastro-intestinal e, conseqüentemente, menor será o aproveitamento das substâncias de fácil digestão e absorção (concentrados). Forragens verdes movem-se mais rapidamente que feno inteiro ou mesmo picado. Se o feno provoca um pequeno ressecamento das fezes, o verde é ligeiramente laxativo, evitando os problemas de constipação intestinal.

Grãos inteiros de linho ou mesmo o farelo de linhaça são excelentes alimentos quando adequadamente utilizados, pois regularizam o trânsito da digesta, devido a substâncias mucilaginosas que possui. Esse fato é bastante nítido nos casos de animais que recebem diariamente grandes quantidades de aveia amassada, que reconhecidamente ressecam as fezes. Entretanto, é necessário lembrar que um excesso de qualquer um dos dois ingredientes mencionados é tóxico para os animais.

Existem ainda outros problemas relacionados com o trânsito dos alimentos, como são os casos das chamadas sobrecargas alimentares. A sobrecarga gástrica (dilatação aguda do estômago) é uma indigestão estomacal com paralisação da quimificação, provocada por particularidades anatômicas do esôfago e cardia, além do tamanho reduzido do estômago. A sobrecarga intestinal é também uma indigestão, porém provocada por uma alimentação excessivamente seca e fibrosa, que provoca obstrução do ceco ou cólon, reduzindo o peristaltismo e provocando um leve timpanismo.

FATORES QUE AFETAM A DIGESTÃO

A digestão nada mais é que o desdobramento de alimentos complexos em substâncias mais simples (moléculas) quimicamente. Para que isso ocorra, há necessidade da atuação de diversos mecanismos: mecânicos (mastigação e motilidade), secretórios (glândulas), químicos (ácido clorídrico, enzimas e sais biliares), microbianos (bactérias e protozoários) e absorptivos.

Resalta-se que nem sempre o alimento digerido é absorvido e também nem sempre o absorvido é metabolizado.

A digestão no cavalo pode ser afetada por inúmeros fatores, que determinam um maior ou menor aproveitamento dos alimentos ingeridos, a saber:

Processamento dos Alimentos

O método empregado para o processamento de um alimento pode afetar decisivamente sua digestão pelo cavalo.

A peletização dos alimentos, prática muito empregada nos dias de hoje, apresenta uma série de vantagens, como melhorar e uniformizar o consumo, eliminar o pó, reduzir as perdas, além de promover uma pasteurização do material através do aquecimento proporcionado pela máquina peletizadora. Entretanto,

trabalhos experimentais demonstraram que a peletização de forragens reduz a digestão da fibra bruta em cerca de 9 a 15%, talvez pela maior taxa de passagem em comparação com a forragem solta. Forragens verdes e fenos de boa qualidade são igualmente aproveitados quando inteiros ou picados, já que o cavalo possui boa mastigação. Aliás, a prática de picar fenos bons não se justifica e a de picar fenos ruins menos ainda, uma vez que o material permanece de má qualidade.

Os eqüinos consomem e aproveitam bem os grãos inteiros. Demonstram, inclusive, preferência por alimentos sem preparos (moagem, etc.), apesar de que, às vezes, estes parecem ser convenientes, principalmente quando se tratam de animais idosos e potros muito jovens. Os animais de faixa etária avançada possuem dentições bastante comprometidas, cujos dentes apresentam-se muito gastos, com irregularidades que ferem a flogia e as gengivas, provocando uma mastigação deficiente e conseqüente aparecimento de grãos inteiros nas fezes. Portanto, quebrar ou amassar os grãos proporcionam bons resultados. No caso dos animais jovens (1 a 2 meses), cuja dentição ainda se encontra incompleta, essas práticas também se justificam, uma vez que facilitam o consumo e a digestão dos grãos. Segundo Morrison, o amassamento da aveia e a quebra do milho não produzem resultados suficientes para justificar a prática, exceto para potros com até 7 a 8 meses de idade (surgimento dos molares) e animais idosos.

Sabe-se que o amassamento ou quebra de sementes muito pequenas assumem grande importância, pois podem passar pelo trato digestivo sem sofrer mastigação e conseqüente digestão. Por outro lado, o processamento de grãos maiores, como o milho e aveia, apesar de se constituir numa prática generalizada em nosso meio, parece não afetar significativamente sua digestão, como pode ser observado no Quadro 4.

Caso haja necessidade de se processar um determinado grão, deve-se dar preferência para a quebra grosseira ou o esmagamento em lugar da moagem, principalmente para o caso do milho, onde o fubá finamente moído deve ser definitivamente abolido, pois forma uma massa compacta e indigesta no estômago, levando, invariavelmente, à ocorrência de cólicas. Pode-se inclusive afirmar que o chamado "fubá minoa", fornecido isoladamente em grandes quantidades, é um "veneno" para o cavalo. O fornecimento

do milho na forma de rolão (milho desintegrado com palha e sabugo), já bastante difundida e empregado em nosso meio, ou mesmo laminado, muito utilizado nos Estados Unidos, parece ser amplamente superior, uma vez que apresenta menor densidade que o fubá grosso e a quitera, formando uma massa mais solta de fácil digestão.

De acordo com Morrison, não há vantagem em se cozinhar, fermentar ou pré-digerir alimentos para os eqüinos, como se pensava e praticava (talvez o verbo deva estar no presente) antigamente em grande número de haras de todas as regiões do mundo. Desta maneira, colocar farelo de trigo de molho em água aquecida a 50°C por uma hora, não afeta a digestibilidade da matéria seca, proteína bruta e fósforo (Hintz e colaboradores, 1973).

A chamada "sopa de farelo" é geralmente considerada como tendo um efeito laxativo superior ao do farelo seco, fato que não corresponde à realidade, como bem ilustra o Quadro 5.

QUADRO 5. Efeito da dieta sobre o conteúdo de água das fezes de pôneis

Dieta	Conteúdo de água das fezes (%)
farelo ensopado	68,2
farelo seco	68,5
basal	66,4
basal + farelo de trigo	69,8
alfafa peletizada	68,8
aveia	50,7

Fonte: Hintz, H.F. et alii.

Este quadro mostra ainda que a qualidade laxativa do farelo de trigo, apesar de verdadeira, é normalmente superestimada pelos criadores e tratadores em geral, visto que a adição de 16% desse farelo a uma dieta basal peletizada, redundou em apenas 3% a mais de água nas fezes. A alfafa peletizada não provocou alterações nas fezes, porém, a aveia fornecida de forma exclusiva trouxe como conseqüência fezes bem mais secas e mal modeladas (excessivamente soltas).

Nível de Consumo

O nível de consumo parece não ter efeito na digestibilidade de dietas só de forragem, mas naquelas contendo forragens e grãos, verifica-se uma redução da digestibilidade à medida que o consumo aumenta. Segundo alguns autores, geralmente um excesso de alimentos, sobretudo de fibra, reduz a digestibilidade de todos os nutrientes.

Frequência de Alimentação

No caso de cavalos, recomenda-se dar a ração diária em 2 ou 3 refeições visto que, possuindo um estômago pequeno, o fornecimento de grandes quantidades de uma só vez pode produzir cólicas ou mesmo ruptura das paredes do órgão. Assim sendo, o fracionamento da ração é altamente desejável, pois não só aumenta a digestão gástrica sem provocar sobrecarga, como também permite que o estômago atue como regularizador do trânsito da digesta no intestino delgado, melhorando o aproveitamento dos alimentos.

Entretanto, a frequência de alimentação parece não afetar significativamente a digestibilidade, pelo menos das dietas completas peletizadas (Quadro 6).

Trabalho

Segundo alguns pesquisadores norte-americanos, o trabalho leve pode favorecer a digestibilidade, mas um trabalho pesado pode inibir em diferentes graus, de acordo com a sua intensidade. Sabese ainda, que excesso de trabalho reduz também o apetite, havendo necessidade de se elevar o nível energético da ração para que o animal não emagreça.

Individualidade

A individualidade é, algumas vezes, citada na literatura como sendo um fator que afeta a digestibilidade dos alimentos, mostrando diferenças significativas na capacidade de digerir a proteína bruta e os extrativos não nitrogenados.

Efeitos Associados

Não foram observados efeitos associados em rações compostas por feno e grãos em diferentes proporções, indicando que a adição do grão não influenciou a digestão do feno (Hintz, H.F.). Entretanto, a adição de farelo de trigo pode diminuir a absorção do cálcio, em virtude do fósforo fítico, mas não parece influenciar a digestão da fibra e da proteína.

Outros

A ingestão de grandes quantidades de água após as refeições favorece o esvaziamento do estômago, reduzindo a eficiência da digestão.

Excesso de fibra no concentrado (18-20%) reduz a digestibilidade de todos os nutrientes, devido à maior velocidade de trânsito da digesta no intestino delgado, podendo, ao atingir o intestino grosso, expor o animal a sérios transtornos, como empacho digestivo, obstrução intestinal e cólicas violentas. Por outro lado, a insuficiência de fibra, apesar de facilitar a digestão enzimática no intestino delgado, pode causar intensa fermentação, com grande produção de gases e substâncias tóxicas, sobrecarregando o fígado e rins, e causando cólicas.

Para finalizar, vale a pena lembrar que a aveia amassada é um grão de compro-

QUADRO 4. Comparação da digestibilidade da aveia inteira e amassada

Aveia	Matéria seca %	Digestibilidade (%)	
		Prot. Bruta	Fibra Det. Neutro
Inteira	73,2	85,6	36,4
Amassada	75,8	84,7	39,2

Fonte: Hintz, H.F. et alii.

QUADRO 6. Efeito da frequência de alimentação sobre a digestibilidade de rações completas pelezadas

Frequência	Mat. Seca	Digestibilidade (%)		
		Prot. Bruta	Fibra Det. Neutro	Fibra Det. Acido
1 vez/dia	71,05	82,3	45,9	28,2
2 vezes/dia	71,00	80,6	44,6	27,6
3 vezes/dia	72,00	79,5	44,2	28,1

Fonte: Hintz, H.F. et alii

vada digestão fácil, porque forma uma massa solta de baixa densidade (pequeno peso em relação ao volume) no tubo digestivo.

LOCAIS DE DIGESTÃO

O trato gastro-intestinal dos eqüinos é composto por segmentos variados, que desempenham funções específicas, cujas finalidades primordiais são a digestão dos alimentos ingeridos e posterior absorção dos nutrientes, tais como proteínas, minerais, vitaminas, etc.

Os principais locais em que ocorrem esses fenômenos são o intestino delgado e as primeiras porções do intestino grosso, como pode ser observado no Quadro 7.

QUADRO 7. Estimativas dos locais de digestão e absorção livre

Fração dietética	Intestino delgado (%)	Ceco e Cólon (%)
Proteína	60-70	30-40
Carboidratos solúveis	65-75	25-35
Fibra	15-25	75-85
Gordura	básico	—
Cálcio	95-99	1-5
Magnésio	90-95	5-10
Fósforo	20-50	50-80
Vitaminas	básico	—

Fonte: Hintz, H.F. et alii

Proteína

Estudos relativamente recentes indicam o intestino delgado como local primário da digestão da proteína e absorção dos aminoácidos. Estima-se que pelo menos 60 a 70% da proteína dietética seja digerida e absorvida antes de atingir o intestino grosso. Desta maneira, os aminoácidos absorvidos são totalmente dependentes dos dietéticos, razão pela qual a qualidade da proteína fornecida é de suma importância para os eqüinos, principalmente para os potros em crescimento. Como exemplo pode-se citar a lisina, um dos principais aminoácidos essenciais, que é fundamental para um bom crescimento dos animais jovens e está praticamente ausente na proteína do milho, ingrediente básico de nossas rações. Assim sendo, cresce a importância da farela de soja na nutrição de eqüinos, já que possui bons teores desse importantíssimo aminoácido.

A atividade proteolítica no intestino delgado é cerca de cinquenta vezes maior que no intestino grosso, no qual também ocorre absorção de proteína, mais precisamente de alguns produtos finais de sua digestão, como a amônia e alguns poucos aminoácidos. Aliás, como já foi mencionado anteriormente, a digestão (fermentação) da proteína no intestino grosso é mais uma putrefação, e pouco da proteína microbiana nele sintetizada é aproveitada como tal, já que ocorre grande produção de amônia, que penetra na corrente sanguínea e é pouco utilizada pelo fígado para a síntese de aminoácidos não essenciais.

Sabese, ainda, que a produção de proteína microbiana é limitada pelo baixo conteúdo de matéria orgânica (sobretudo glicídios solúveis) no ceco, principalmente nos potros, nos quais essa produção somente atinge níveis mais elevados por ocasião do desmame.

A importância nutricional dos aminoácidos oriundos da proteína microbiana sintetizada a nível de intestino grosso (ceco e cólon) ainda é pouco conhecida, constituindo-se num campo muito carente de novos e aprofundados estudos. É certo, porém, que os aminoácidos bacterianos não suprem todas as necessidades de animais jovens.

É sabido que os eqüinos adultos podem utilizar algum nitrogênio não protéico (uréia), através da síntese de proteína bacteriana, porém com eficiência bastante inferior àquela observada nos bovinos. Segundo alguns autores, o fornecimento de uréia não apresentou resultados satisfatórios em várias pesquisas realizadas, sem contar os riscos de intoxicações quando fornecida nos níveis recomendados para ruminantes. Relatam, ainda, que esse ingrediente somente poderia apresentar alguma viabilidade, se fornecido apenas para complementar as necessidades nutricionais em regimes alimentares pobres ou em períodos de extrema penúria.

Assim sendo, a viabilidade da utilização da uréia na alimentação de eqüinos ainda é uma questão bastante obscura e não deve, categoricamente, fazer parte das práticas rotineiras de alimentação dos nossos criatórios.

Para que se tenha uma idéia geral da utilização dos nutrientes nitrogenados pelos eqüinos, a Figura 2 apresenta um esquema bastante ilustrativo.

Carboidratos

Os carboidratos são, sem dúvida alguma, o combustível da máquina animal, fornecendo energia para todas as atividades, principalmente para os trabalhos de curta duração. Aliás, o trabalho muscular é o principal produto que se espera do cavalo.

Praticamente, todo carboidrato solúvel é digerido no intestino delgado, portanto antes do ceco, cujos produtos finais são a glicose e outros açúcares simples, que são facilmente absorvidos pela mucosa intestinal. Nos bovinos, os produtos finais da digestão dos carboidratos são ácidos graxos voláteis (acético, propiônico e butírico), que são utilizados com eficiência inferior à glicose, razão pela qual diz-se que os eqüinos podem ser mais eficientes que os bovinos na utilização dos grãos.

Uma pequena parte dos carboidratos solúveis passa pelo intestino delgado sem sofrer digestão e atinge o intestino grosso, onde são convertidos em ácidos graxos voláteis, à semelhança do que ocorre no rúmen dos bovinos, e são rapidamente absorvidos pela mucosa. Com relação aos carboidratos insolúveis, constituídos pela matéria fibrosa dos alimentos (celulose, hemicelulose e lignina), sabe-se que tem no intestino grosso o local básico para sua digestão, graças à intensa fermentação microbiana (bactérias e protozoários) ali existente, cujos produtos finais a serem absorvidos são também os ácidos graxos voláteis. Apesar de não ser um assunto perfeitamente conhecido, de pleno domínio do meio científico, o aproveitamento desses ácidos para produção de energia contribui bastante para o atendimento das necessidades energéticas do cavalo, já que grandes quantidades são produzidas e absorvidas para a corrente sanguínea. Devido a essa grande capacidade de absorção dos ácidos graxos voláteis, juntamente com a troca iônica (Cl por HCO₃), observadas no intestino grosso, o pH do órgão se mantém elevado, o que favorece a atividade da população microbiana.

Um pouco de fibra deve ser fornecida junto com o concentrado, unicamente como enchimento, para atender as necessidades de empacho (volume), já que um mínimo de matéria seca é necessário para facilitar a digestão dos concentrados, dando maior volume no bolo alimentar. Se o volume for insuficiente podem ocorrer perturbações digestivas, como é o caso da cólica. Além de regularizar o trânsito dos alimentos, a fibra condiciona o desenvolvimento de microrganismos no intestino grosso (para síntese de proteína e vitaminas K e complexo B), e calma o animal, pois prolonga o tempo de ocupação com a mastigação (e ensalivação), com reflexos positivos na digestão (devido a maior fluidez da digesta) e no comportamento dos animais estabulados, reduzindo os chamados "vícios de cochaire". Apesar de viável até certos limites (18 a 30% da ração total), o excesso de fibra pode causar constipação

Sul do Pará: violência ou modelo?

A Folha de S. Paulo publicou recentemente uma série de reportagens sobre a violência que vem se generalizando em ricas terras do Sul do Pará.

Em nossa experiência amazônica, participamos da incorporação desta região promissora às áreas produtivas da nação brasileira.

As terras mais conhecidas do Sul do Pará são abraçadas pelos rios Araguaia ao leste, Xingu a oeste, Tocantins ao norte e a divisa (indefinida) do Mato Grosso ao sul.

Em constantes artigos temos frisado que dois têm sido os fatores geradores de conflito na Amazônia e em particular nesta área farta de oportunidades a todos que desejam progredir.

De um lado a indefinição governamental, distante, morosa, burocratizante, centralizadora, de outro a ação subversiva liderada pelos eficientes ativistas radicais da CPT, que buscam mudança em nossa estrutura fundiária, introduzindo a propriedade coletiva em nosso País.

Podemos verificar que nos locais em que menos existem estes agentes perturbadores vêm ocorrendo notável desenvolvimento com ordem e prosperidade coletiva.

Como exemplo desta assertiva podemos verificar no Centro Sul desta região que foi titulada durante os anos de 1962 a 1964, pelo Governador Aurélio do Carmo, transferindo para particulares extensas áreas que ocupam a parte sul do Município de Conceição do Araguaia, boa parte do Município de Santana do Araguaia e a parte sudeste do Município de São Félix do Xingu.

Estes títulos inicialmente em mãos de comerciantes de terras, acabaram por se transferir a quem desejava produzir. A segurança de boa documentação atraiu grandes investimentos, que para lá levaram projetos incentivados pela SUDAM. Implantou-se a infraestrutura básica,

surgindo estradas, pontes, balsas, cuidou-se do trabalhador, vieram hospitais e escolas, nasceram cidades. As propriedades, inicialmente grandes, vêm-se desmembrando naturalmente sem qualquer ônus para os cofres públicos, auto-financiados, vendidos ao fazendeiro de porte médio. Ao redor das nascentes cidades, cuja população dobra a cada ano, surgem sítios que abrigam os migrantes mais ativos, que com trabalho vêm conquistando sua emancipação transformando-se em pequenos proprietários. A agroindústria abre suas portas, os madeireiros implantam suas serrarias e laminadoras, vitaliza-se o comércio, surgem as agências bancárias, chegam as linhas aéreas comerciais, a TV, o rádio, criam-se novos municípios, ocorre o progresso geral. Este é o caso de Redenção e Campo Alegre.

Pouco mais ao norte destas cidades, em terras não menos férteis, aliou-se por muito tempo a indefinição com a subversão e o resultado aí está: criminalidade incontrolável.

A região de Rio Maria e Xinguara, tiveram seu processo de titulação interrompido no meio do caminho, e posteriormente transferido seu domínio da área estadual para a área federal. Isto bastou para ocorrer a indefinição. Aí germinou o trabalho da subversão.

Vejamos como atuam as forças que combatem o sistema capitalista e a ação da livre empresa. Aliciam grande massa de migrantes, os alimentam por pequeno período, para lhes conquistar confiança, os doutrina mostrando injustiças "de tanta terra pertencer a tão poucos", instruem-nos no uso de armas e programam a invasão de terras. Selecionam preferencialmente terras tituladas de fazendeiros de poucos recursos. Este é ameaçado e via de regra acaba desistindo de seus direitos, por não suportar a custosa ação judicial que envolve deslocamentos onerosos ou sucumba numa

emboscada violenta. Ocupada as terras tituladas, repartida as posses, extraída a madeira de valor econômico, reproduz-se a operação em outra área.

Metódicos, organizados, unidos e determinados, conquistam palmo a palmo o terreno, desmoralizando o direito de propriedade, esfacelando a autoridade do Governo, ridicularizando a justiça e afugentando os produtores sérios.

Sofre, entretanto, profundamente os humildes manipulados. São migrantes sem trégua, vivendo no sobressalto de tocaias intermináveis, na miséria das acomodações transitórias, na doença distante de qualquer assistência.

Quanto mais miserável o seu estado mais servem às intenções de seus pregadores. Responsabilizando os proprietários das terras pela culpa de sua pobreza inoculam o ódio que os manterá na miséria ou os condenará à morte.

Estes lobos fanáticos vestidos de pregadores precisam ser denunciados, para que venha ser restaurado, nesta rica região, o desenvolvimento que interessa a todos e de que a nação não pode prescindir.

Os pregadores do ódio não querem acordo porque não é a vida do humilde que lhe preocupa, querem eles um posto de comando no regime totalitário que desejam ver implantado. Perderam o amor pelo povo e passaram a amar seu sucesso, seu carisma, seu poder, afastando-se da realidade e conduzindo, assim, imensas populações ao favelamento rural.

Está se travando importante batalha, é o momento de definições. Os que acreditam na livre iniciativa têm que se mobilizar, mas só terão sucesso se o fizerem com a determinação que tem sido praticada por seus adversários.

Jeremias Lunardelli Neto
Presidente

ANUÁRIO DOS CRIADORES

a realidade da pecuária

Veja porque você deve reservar hoje mesmo seu exemplar do ANUÁRIO DOS CRIADORES:

PECUÁRIA DE CORTE

Produção intensiva de carne bovina.

Sistemas de produção de carne bovina em confinamento, semi-confinamento e suplementação a pasto. Fontes de produtos para alimentação de bovinos em engorda intensiva: feno, silagem e rolão. As capineiras e a cana-de-açúcar como volumosos. Restos culturais na alimentação de bovinos. Aproveitamento do macho leiteiro para a produção de carne. Instalações para confinamento.

Curral para 500 bovinos de corte

Materiais necessários. Principais componentes e suas especificações. Relação do material por categoria.

Curso intensivo de julgamento de zebuínos

I — Exterior. Regiões do corpo. Aprumos. Pelagens. II — Características do moderno novilho de corte. III — Preparo dos animais para exposições. IV — Métodos e critérios de julgamento.

PECUÁRIA LEITEIRA

Sistemas de Produção Implantado no CNP — Centro Nacional de Produção, tendo por METAS: produção/vaca/lactação; 2.700 kg de leite (305 dias); produção Ha/Ano: 1.000 kg de leite; taxa de natalidade: 75%; peso vivo das fêmeas aos 12 meses: 200 kg; aos 18 meses, 250 kg e aos 24 meses, 300 kg; idade do primeiro parto: 33 a 39 meses. Trabalho completo para a instalação e funcionamento de uma exploração leiteira: plantas de instalações, máquinas, equipamentos e animais. Reprodução, manejo das pastagens, manejo e alimentação do rebanho, vacas em lactação, vacas "secas" e novilhas em gestação; fêmeas de 1 ano até 300 kg de peso vivo, touros, rufião; mineralização do rebanho; sanidade, calendário de medidas de controle sanitário do rebanho. Completo mostruário de modelos de fichas para Registro e Controle Sanitário, Zootécnico e Econômico e para Análises de Dados do Sistema para se poder chegar a receita por litro de leite vendido, saldo por litro vendido, preço médio recebido.

EQUIDOCULTURA

As grandes mães do cavalo Mangalarga

Falua — Congada — Completa — Girafa — Fantasia — Castanha — Porcelana — Bolacha — Rapadura III — Campinha — Garrincha — Casa Branca — Turca — República — Nova Odessa — Lanceira — Dr. Artur Pagliusi Gonzaga.

Algumas práticas no manejo do cavalo

Prof. Sergio Lima Beck
Corte de crinas da cauda, dos machinhos, dos pêlos internos do ouvido, das vibrissas, dos pêlos que se sobrepõem a muralha do casco. Tosquia. Tosa da franja e das crinas do pescoço.

SUINOCULTURA

Custo de produção de suíno para abate

Custos fixos. Depreciação de equipamento. Impostos. Preços sobre instalações, equipamentos e cercas, reprodutores, animais em estoque. Mão de obra. Produtos veterinários. Transporte. Energia e combustíveis. Manutenção e conservação. Despesas financeiras. Funrural. Eventuais.

ADDORES - ia para você

350 PÁGINAS

com informações essenciais
aos pecuaristas, tais como:

CATÁLOGO DOS CRIADORES com
o nome e endereço dos grandes
selecionadores do Brasil.

120 fotolitos a cores dos GRANDES
CAMPEÕES da ÁGUA FUNDA (SP),
UBERABA (MG) e RECIFE (PE).

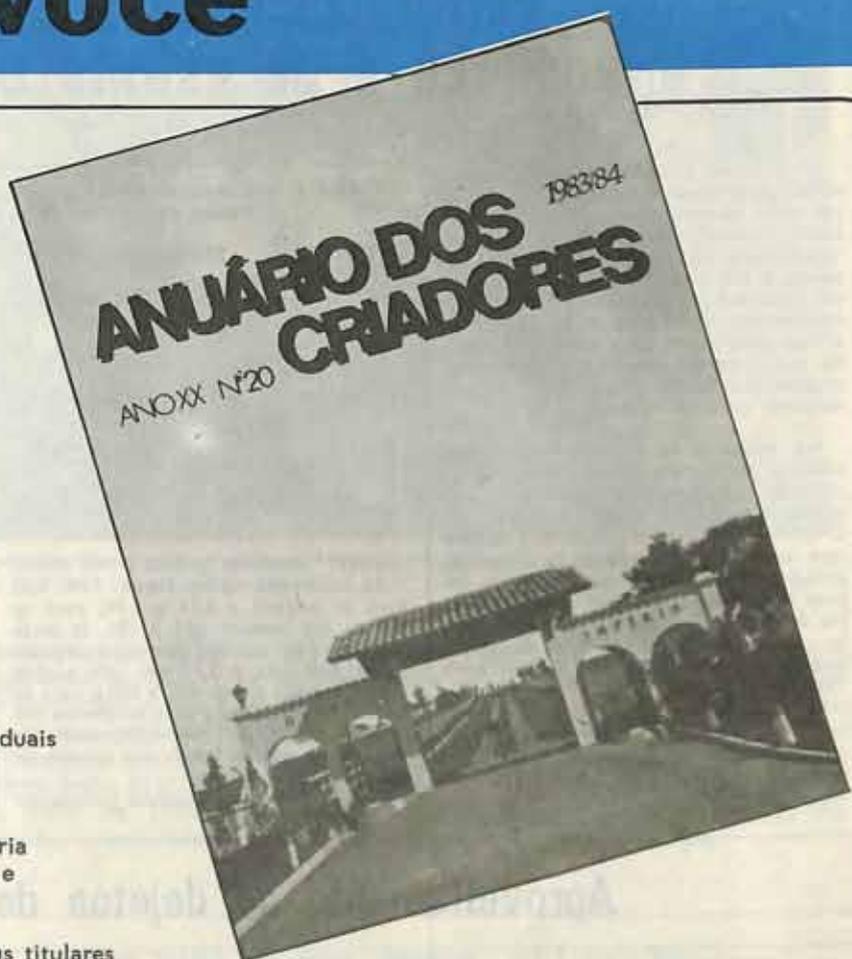
Relação das Associações de Registro
Genealógico com as respectivas
diretorias e endereços.

Confederação Nacional e Federações Estaduais
de Agricultura e Sindicatos Rurais.
Presidência. Diretoria. Endereços.

Os Ministérios da Agricultura, da indústria
e Comércio e da Fazenda, seus titulares e
diretores e sua distribuição pelo país.

Secretarias Estaduais da Agricultura, seus titulares
e diretores e sua distribuição pelo interior dos estados.

ANUÁRIO DOS CRIADORES, pela qualidade dos artigos, das informa-
ções e pela quantidade de ilustrações em cores que publica não
pode faltar em nenhuma fazenda de criar!



ANUÁRIO DOS CRIADORES - 1983/84

Cupom de compra

Com a presente peça me remeterem um exemplar do
ANUÁRIO DOS CRIADORES - 1983/84 ao preço de Cr\$ 80.000
Segue o meu pagamento em forma de cheque, em nome da Editora dos Criadores Ltda.
Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP.

Nome:

Endereço:

Código Postal Cidade Estado



Performance de suínos de pedigree e de estrato comercial

O objetivo primário da produção de suínos para abate é a obtenção de carcaças aptas comercialmente, com o menor custo possível. A conversão alimentar (quantidade de alimento necessário para produzir um quilo de ganho em peso vivo) constitui uma característica da maior importância econômica na produção de suínos para carne. Sua medição constante, nas diversas populações de suínos, proporciona informação de interesse permanente para os suinocultores.

No primeiro experimento do projeto sobre a performance, entre 30 e 100 kg de peso, de suínos de pedigree vs. do estrato comercial, pesquisadores do CNPSA, área de melhoramento, compararam oito lotes de animais Landrace de pedigree e oito lotes comerciais de origem Landrace, provenientes de 16 granjas da região do Alto Uruguai Catarinense. Cada lote foi constituído de quatro suínos do mesmo sexo, peso e idade aproximada.

Os resultados sobre a conversão alimentar, em regime de fornecimento de ração à vontade e ganho diário médio por lote, são apresentados na Tabela 1.

TABELA 1 — Conversão alimentar (CA) e ganho diário (GD) médio, por baia, de suínos dos estratos de pedigree (A) e comercial (B).

ESTRATO	PEDIGREE		COMERCIAL		
	CA	DG (g)	Baia	CA	DG (g)
Machos Castrados					
Baia					
A	3,00	829	I	2,82	948
B	3,15	773	J	2,90	828
C	2,92	862	K	3,11	840
D	3,24	774	L	3,25	779
Média	3,8	809		3,02	849
Fêmeas					
E	2,86	752	M	3,08	761
F	2,97	750	N	2,64	749
G	2,88	762	O	2,74	860
H	2,95	695	P	2,89	906

As conversões médias foram: 3,08; 3,02 para os machos e 2,91 e 2,84, para as fêmeas dos estratos (A) e (B), respectivamente. As médias gerais por estrato foram 3,00 (A) e 2,95 (B). Os ganhos diários médios foram 809 e 849 g para os machos e 740 e 819 g para as fêmeas dos estratos (A) e (B), respectivamente, observando-se médias gerais por estrato de 775 (A) e 834 g (B).

De acordo com os mesmos pesquisado-

res, nas condições deste experimento a suínos Landrace do estrato (A) e os de origem Landrace do estrato (B), apresentaram conversão alimentar e ganho diário, com diferenças sem significado estatístico. Eles disseram ainda que os resultados deste primeiro experimento com relação a conversão alimentar e ao ganho diário, médios por lote de quatro animais de origem Landrace, sugerem a inexistência de geração de melhoramento genético.

Aproveitamento de dejetos de suínos

Santa Catarina, principalmente nas microrregiões Coloniais do Oeste e do Rio do Peixe, tem, na suinocultura e na cultura do milho, uma das principais atividades econômicas do setor agrícola. São cerca de 1.100.000 hectares de milho e 2.850.000 suínos. Estes produzem aproximadamente 3.300.000 toneladas de esterco por ano. Grande parte deste esterco não é aproveitado, sendo lançado em mananciais, gerando problemas ao meio ambiente. Por sua vez, o custo sempre crescente dos adubos químicos tem gerado problemas na adubação desta lavoura.

Face a esta realidade, o Centro de Pesquisas para Pequenas Propriedades da EMPASC, atendendo reivindicações da Curta dos Catarinenses, realizou uma pes-

quisa com o objetivo de avaliar o efeito da adubação com esterco de suínos na cultura do milho e de determinar melhores combinações do esterco com adubos minerais.

Os resultados experimentais mostraram que:

- A adubação com esterco de suínos supre as necessidades da cultura do milho e melhora as propriedades físicas e biológicas do solo, justificando-se economicamente aplicações de até 4 t/ha por ano.

- O esterco de suínos pode ser usado em combinação com adubos minerais, sendo que as quantidades de um ou de outro ficam na dependência da disponibilidade do esterco existente na propriedade e do preço dos adubos minerais.

- Segundo análise econômica efetuada pela EMPASC, as 3,3 milhões de toneladas de esterco sólido produzidas anualmente em Santa Catarina correspondem a, aproximadamente, 52.200 t de uréia, 66.700 t de superfosfato triplo e 13.300 t de cloreto de potássio. Segundo estimativas da ACARESC, a soma destas quantidades equivale a, aproximadamente, o total de adubo utilizado anualmente em Santa Catarina. Só em adubos minerais, não considerando os benefícios químicos e físicos do solo e a preservação ambiental, a utilização integral do esterco de suínos produzido no Estado, significa, a preços médios de maio/84, uma economia para a agricultura catarinense de 55 bilhões de cruzeiros.

LEILÕES & EXPOSIÇÕES

Recorde na Nova Índia

O 1 Leilão Nova Índia, em Campo Grande, MS, bateu vários recordes das raças zebuínas. O animal Bellary I da Nova Índia, filha de Kalindri com Bellary, pertencente aos criadores Lúcio e Sérgio Costa, donos da Fazenda Nova Índia, foi vendido por Cr\$ 90 milhões ao criador de Descalvado, Roberto Calmon de Barros Barreto. Os recordes batidos foram: fêmeas POI de maior preço (Cr\$ 90 milhões); fêmeas Nelore Mocho (Cr\$ 40 milhões), maior média por criador (fêmeas) — Cr\$ 30,7 milhões —, maior média de criador (machos) — Cr\$ 22,904 milhões —, maior média de criador Nelore Padrão (Cr\$ 25,419 milhões), maior média de fêmeas mochas Cr\$ 15,6 milhões), maior média de leilão Nelore Padrão (machos e fêmeas) do Brasil, com venda de 105 animais



Foto do Leilão Nova Índia, quando foram batidos vários recordes.

e arrecadação de Cr\$ 1,471 bilhão e do leilão também participou o animal que bateu recordes em dois eventos: no 8.º Leilão Nova Índia Brumado, em julho de 1983, Barretos, foi arrematado

por Cr\$ 8,5 milhões e agora em Campo Grande, ao ser comprado por Cr\$ 90 milhões. Participaram do leilão: Lúcio Costa e Sérgio Costa, Arthêmio Olegário de Souza, Cláudio Fernando Garcia de Sou-

za, Fernando Brasileiro, Ivan de Barros Maciel, Joaquim Vicente Prata Cunha (Tetente), José Olavo Borges Mendes, Nenê Costa, Geraldo Ribeiro de Souza e Paulo Machado Borges.

5º Leilão Campo Verde, Uberaba

Será realizado, no dia 5 de maio de 1985, na Estância Campo Verde, BR 050, Uberaba, MG, o 5.º Leilão Campo Verde. Serão oferecidos produtos Nelore resultados de transferência de embriões: serão 100 lotes de machos e fêmeas PO e POI de altíssima linhagem, dos criadores Estância Campo Verde, Cláudio Sabino de

Carvalho, Criadores Associados, Newton Camargo Araújo, Agropecuária Bela Olinda, Sívio Castro Cunha Jr. e Walmir Lopes Cançado. Esse leilão é oficializado pela Associação Brasileira de Criadores de Zebu.

Nelore Mocho em Presidente Prudente

Será realizado, em 31 de março, às 13 horas, no recinto de exposições de

Presidente Prudente, o 10.º Leilão de Nelore Mocho de Prudente, com ofertas de animais dos criadores Afrânio de Oliveira, Agropecuária Boa Vista, Antônio Renato Prata, Faham Buchala, Geraldo Ribeiro de Sousa, Orestes Prata Tibery, Ovídio Miranda Brito e Ruy Moraes Terra. No dia 30, no mesmo local, será realizado o 10.º Leilão do Rancho Quarto de Milha, com oferta apenas de animais de elite.

Leilão Primavera da Campo Verde

No dia 1.º de agosto, será realizado, na Estância Campo Verde, em Uberaba, MG, o 1.º Leilão da Primavera, com vendas de animais Nelore PO e POI, Nelore pintado Preto e Branco e Nelore Vermelho e Branco. Participam do leilão, a Estância Campo Verde, Agropecuária Bela Olinda e Sívio Castro Cunha Jr.

LEILÕES & EXPOSIÇÕES

Leilão de Dracena, em março

Será realizado nos dias 16 e 17 de março de 1985, o 2.º Leilão de Dracena, com vendas de bezerras e bezerras e cavalos no dia 16 e de machos, reprodutores de cortes e de leite, no dia 17.

Resultado do IV Leilão Medalha de Ouro na Expande

Foram vendidos, no Leilão Medalha de Ouro de Mangalarga Marchador 104 animais, com movimento de Cr\$ 399 milhões e média de Cr\$ 3,845 milhões. Foram vendidos 29 fêmeas registrada provisoriamente por Cr\$ 92,150 milhões, média de Cr\$ 3,177 milhões; 34 fêmeas com registro definitivo por Cr\$ 124,5 milhões, média de Cr\$ 3,661 milhões; 32 machos com registro provisório por Cr\$ 118,25 milhões e média de Cr\$ 3,695 milhões e 9 machos com registro definitivo por Cr\$ 65 milhões e média de Cr\$ 7,222 milhões. O animal Hindu AJ, nascido dia 26/8/83, filho de Abaiba Gim e Providência Singapura foi adquirido por Márcio Rezende Pimenta, vendido por Antônio de Andrade Ribeiro Junqueira por Cr\$ 22,5 milhões.

Marchador, sucesso na Expande

A participação da raça Mangalarga Marchador na IV Expande foi um suce-

so: foram inscritos 257 animais para a exposição e comercializados 104 em dois dias de leilões. Contando os animais de exposição e leilão, foi a maior concentração de equinos de todas as raças em eventos similares realizados no Estado de São Paulo. Nessa mostra, participaram, além de criadores de todas as regiões do Estado de São Paulo, selecionadores dos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul. O grande público que acompanhou o julgamento, visitou as baias dos animais e lotou o recinto durante os leilões foi uma indicação indiscutível do êxito da IX Expande e do espaço conquistado pelo Mangalarga Marchador em São Paulo.

Participaram do julgamento do Mangalarga Marchador, durante os 4 dias — de 15 a 19 de novembro — o juiz único, dr. Hélio Bernardo Plazzi Lazzeri; assistente, dr. Rodinei Botelho Salomão; comissão de julgamento do Concurso em Marcha, dr. Hélio Bernardo Plazzi Lazzeri, sr. Adeodato dos Reis Meirelles e professor Roy Vivian. Da Comissão de Trabalho dos Criadores da Região de São Paulo da raça Mangalarga Marchador fizeram parte: Neringa Sacchi (coordenadora) e Paulo Guilherme Monteiro Lobato Ribeiro, Sebastião Afonso de Melo Filho e Fernando Luis Bicudo Ferraro (membros).

Resultados do julgamento:

Campeã Mirim, Condessa de Samf, de Sebastião

Afonso de Melo Filho; **reservada de campeã Mirim**, Águia do Maripá, de Marcelo Baptista de Oliveira.

Campeã Júnior, Música de Santa Lúcia, de Francisco Ormeu Andrade Reis; **reservada de campeã Júnior**, Honra da Esperança, de Luiz Garcia Palma.

Campeã Potra, Fascinação do Arpoador, da Fazendas Reunidas Arpoador Ltda. e **Reservada Campeã Potra**, Lisboa HB, de Hélio Bello Cavalcanti.

Campeã Égua, Mocambo Opera, de José Lúcio Rezende e **reservada campeã Égua**, Bona da Lapa Vermelha, de Luiz Augusto Sacchi.

Campeã Sênior, Bonna de Samf, de Sebastião Afonso de Melo Filho, **reservada de campeã sênior**, Bala de Goulart, de Kátia N. Goulart da Cunha.

Campeã da Raça, Mocambo Opera, de José Lúcio Rezende; **Reservada Campeã da Raça**, Bonna de Samf, de Sebastião Afonso de Melo Filho.

Progênie de Mãe, 1) Herdade Harpa, (Expoente HO, Gaturamo HO e Himalaia HO), de Hugo Vero Mendes de Carvalho e 2) Bandeira de Guarantã (Balada de Guarantã e Carina de Guarantã), de Aginaldo Pedreschi.

Campeã da Marcha, Bala de Goulart, de Kátia N. Goulart da Cunha, **reservada Campeã de Marcha**, Bonna de Samf, de Sebastião Afonso de Melo Filho.

Campeão Mirim, Hindu FC, de Lúvia Maria Paulino da Costa, **Reservado**

Campeão Mirim, Himalaia HO, de Hugo Vero Mendes de Carvalho.

Campeão Júnior, Gaturamo HO, de Hugo Vero Mendes de Carvalho; **Reservado de Campeão Júnior**, Ginger de Maripá, de Marcelo Baptista de Oliveira.

Campeão Potro, Abaiba Ginete, de Francisco Roberto Brandão de Campos Andrade, **Reservado de Campeão Potro**, Mocambo Quinau, de José Lúcio Rezende.

Campeão Cavallo, Juazeiro HB, de Hélio Bello Cavalcanti; **Reserv. Campeão Cavallo**, Angai Jeitoso.

Campeão Sênior, Herdade Fidalgo, de Paulo Garcia Palma, **Reservado Campeão Sênior**, Aristocrata da Paciência, de Sérgio Franklin Quintela.

Campeão da Raça, Juazeiro HB, de Hélio Bello Cavalcanti; **Reserv. Campeão da Raça**, Herdade Fidalgo.

Progênie de Pai, Herdade Cadillac (Juazeiro HB, Lisboa HB e Negro-co HB), de Hélio Bello Cavalcanti, e Herdade Relevo (Águia do Maripá, Hindu FC e Abaré HNR), de Marcelo Baptista de Oliveira.

Campeão de Marcha, Gabarito de Santa Lúcia, de Eduardo Badra Júnior, **reservado Campeão de Marcha**, Castel do Espinho Preto, de Roberto Fernando Duarte.

Melhor Expositor e Prêmio Governador do Estado de São Paulo: Sebastião Afonso de Melo Filho.

Rinite atrófica em suínos

JOSÉ RENALDI FEITOSA BRITO *

A rinite atrófica (RA) dos suínos é uma doença conhecida desde os primórdios do século XIX. Nos últimos anos, entretanto, com a crescente implantação dos métodos de criação de animais em ambientes confinados, esta doença tem se tornado um dos principais problemas sanitários nos rebanhos suínos em todo o mundo. Hoje, a RA está amplamente disseminada em todas as regiões onde se pratica uma suinocultura razoavelmente tecnificada.

A partir dos trabalhos desenvolvidos em 1956 por Switzer, nos Estados Unidos, chegou-se à determinação de seu agente etiológico primário. Em condições experimentais tem sido repetidamente demonstrado que a RA é uma doença bacteriana, infecto-contagiosa, causada por amostras virulentas de *Bordetella bronchiseptica*. Em condições de campo, as lesões, atrofia e/ou destruição dos cornetos nasais, podem ser agravadas por uma série de fatores, entre eles, as condições atmosféricas (níveis elevados de gases, ventilação inadequada); diferentes "stresses" de manejo, como superlotação; doenças concorrentes, especialmente diarreias; irritantes não infecciosos e presença de outros agentes infecciosos, especialmente *Haemophilus parasuis* e *Pasteurella multocida*.

Além da atrofia dos cornetos nasais, *B. bronchiseptica* é capaz de causar broncopneumonia primária em suínos e uma série de quadros infecciosos do trato respiratório superior de diversos animais, podendo ainda, embora raramente, infectar o homem.

Importância Econômica

Em rebanhos afetados pela doença, os animais apresentam frequen-

temente descarga nasal persistente, espirros, corrimento ocular, desvio do focinho e perdas na conversão alimentar e ganho de peso diário. Estas perdas são estimadas entre 5% a 25%, dependendo de fatores, tais como, a prevalência da doença, a gravidade das lesões e a ocorrência concomitante de pneumonias. Em rebanhos severamente afetados, o retardo no crescimento dos animais pode ser de 10% a 20%, havendo animais que não atingem o peso de abate.

Os estudos de prevalência da RA realizados mostraram que ao redor de 20% dos animais apresentavam a doença. Assim, é importante analisar as dimensões dos prejuízos que uma pior conversão e ganho de peso diário acarretam para o produtor e para a suinocultura como um todo. Por outro lado, o controle da doença por meio da quimioterapia é bastante oneroso.

Estudo de medidas de Controle

Devido ao caráter crônico da doença e a localização da infecção nos cornetos nasais, a RA apresenta particularidades que a tornam uma doença de difícil controle. A eliminação da infecção pode ser feita por meio de quimioterapia e de imunoprofilaxia.

A quimioterapia apresentou, de início, uma dificuldade; apenas as sulfonamidas provaram ser eficientes no tratamento, atingindo concentrações terapêuticas ao nível da mucosa nasal. Posteriormente ao uso crescente e disseminado destas drogas, observou-se o surgimento de amostras de *B. bronchiseptica* sulfonamido-resistentes.

As primeiras evidências da eficácia da imunização por *B. bronchiseptica* contra a RA foram mostra-

das em suínos que receberam bacterinas com amostras de origem canina e de origem suína.

A vacinação de leitões tem demonstrado uma acentuada eliminação da bactéria da cavidade nasal e uma redução da frequência e gravidade das lesões dos cornetos. Tem sido documentado também que a vacinação da porca antes do parto protege os leitões recém-nascidos contra a infecção e atrofia dos cornetos. Estas bacterinas agiriam estimulando a produção de anti-corpos circulantes, que se combinariam e neutralizariam as toxinas produzidas pelas bactérias antes que elas pudessem interferir com o funcionamento das células dos tecidos mais profundos.

Em 1970 foi comercializada no Japão a primeira vacina comprovadamente eficiente para o controle da RA. No final da década de 70, uma outra vacina foi lançada no mercado americano.

Resultados de Pesquisa do CNPSA

O trabalho de pesquisa em RA foi iniciado em 1977 no CNPSA, quando a doença foi diagnosticada no Estado de Santa Catarina e isolou-se o agente etiológico pela primeira vez no Brasil. Estudos posteriores mostraram que a prevalência da doença foi de 20,19% em leitões (1.861 de 9.217), oriundos de 113 dentre 150 rebanhos suínos do Estado de Santa Catarina. Neste mesmo trabalho foi encontrado que o principal método de controle utilizado pelos produtores era a quimioterapia. A elevada presença de rebanhos bacteriologicamente positivos (20 em 29) entre os que apresentavam a doença e estavam sendo medicados, indicou que o controle

da infecção não estava sendo realizado de maneira adequada.

No período de 1977 a 1980 foram determinados os padrões de sensibilidade aos antimicrobianos nas amostras de *B. bronchiseptica* isoladas. Os resultados para a maioria dos antimicrobianos testados mostraram-se relativamente inalterados, exceto para sulfadiazina e trimetoprim-sulfametoxazol. Para essas duas drogas o padrão de sensibilidade variou de 96,6% a 26,3% e de 98,3% a 54,4%, respectivamente (tabela 1). Esses dados confirmam as observações de outros autores referentes ao progressivo aumento no número de amostras de *B. bronchiseptica* resistentes aos sulfamídicos, paralelamente ao uso mais intensivo destas drogas no tratamento da RA.

Os estudos para produzir e avaliar a eficácia de uma vacina a partir de amostras autóctones, isoladas a partir de animais clinicamente doentes foram iniciados em 1978.

TABELA 1 — Padrões de sensibilidade de *B. bronchiseptica* e antimicrobianos. Período: 1977-1980.

Antimicrobianos	Percentual de amostras sensíveis			
	1977(59)	1978(32)	1979(165)	1978(57)†
Ampicilina (10 µg)	6,8	15,6	3,0	0,0
Cloranfenicol (30 µg)	94,9	81,3	84,0	100,0
Colistina (10 µg)	93,2	90,6	92,1	100,0
Eritromicina (15 µg)	57,6	56,3	49,1	50,9
Estreptomicina (10 µg)	3,4	3,6	3,0	0,0*
Gentamicina (10 µg)	100,0	100,0	100,0	98,2
Kanamicina (30 µg)	96,6	81,3	90,3	98,2
Neomicina (30 µg)	100,0	87,5	94,5	96,5
Sulfadiazina (300 µg)	96,6	80,0	61,8	26,3
Tetraciclina (30 µg)	93,2	81,3	84,8	96,5
Trimetoprim-sulfametoxazol (1,25/23,75 µg)	98,3	84,4	64,2	54,4

* Percentual obtido com 23 amostras.
† Número de amostras testadas no ano.

* O autor é pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves da Embrapa, em Concórdia, SC.

3.^a EDIÇÃO
Revisão e aumentada

MANGALARGA - E O CAVALO DE SELA BRASILEIRO

DR. FAUSTO SIMÕES



○ cavalo e o homem.
○ cavalo Mangalarga. Troncos formadores da raça. Aptidões do cavalo Mangalarga. Estado atual da seleção. ○ Mangalarga e o tipo universal do cavalo de sela. Índices ideais para o cavalo de sela.
○ que os árabes nos transmitem.
○ padrão do Mangalarga. Sobre os aprumos. As taras. Dos andamentos.

Compensações de defeitos. Pelagens, manchas e particularidades. Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga. As raças formadoras do Mangalarga. Os núcleos atuais que mais influência mantêm sobre a raça. ○ Mangalarga, ○ Marchador Mineiro e as demais raças eqüinas nacionais. Avaliação dos eqüinos.

Volume encadernado e com sobrecapa a cores

À venda ou pedidos à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA. — Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA

Av. Conde Francisco Matarazzo, 445 — São Paulo — SP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo — SP

Livrarias da Capital e do Interior

Serviço de Controle Leiteiro

DESTAQUES

NOVAS REPRODUTORAS EMÉRITAS:

RAÇA GIR

SANTA CRUZ GABARRA CACHIMBO, Rg.P-6950, R.E., Pai/C.A.CACHIMBO, Mãe/SANTA CRUZ DALIA MANDARIM, Rg.A-5870, obteve "LE" aos:

5a7m	-	2x	-	5.937	-	247,6	-	5,01%
6a9m	-	2x	-	4.995	-	258,5	-	5,17%
7a9m	-	2x	-	5.216	-	270,3	-	5,18%

Props: Drs.MANUEL E JOSÉ JOÃO SALGADO RODRIGUES DOS REIS.

SANTA CRUZ CAMURÇA CACHIMBO, Rg.LX-2930, R.E., Pai/C.A.CACHIMBO, Rg.A-902, Mãe/ARA PONGA, obteve "LE" aos:

3a9m	-	2x	-	3.531	-	197,6	-	5,59%
9a7m	-	2x	-	4.010	-	190,9	-	4,75%
10a9m	-	2x	-	3.489	-	158,0	-	4,52%
11a10m	-	2x	-	4.349	-	216,6	-	4,98%

Props: Drs.MANUEL E JOSÉ JOÃO SALGADO RODRIGUES DOS REIS.

LACTAÇÕES TERMINADAS

I DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
Raça Holandesa — variedade vermelha e branca					Três Ordenhas (3x)			
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.								
São Luiz Elizete - RP/B-44543 - IM	PO	2-4	77821	305	8.456	261,6	3,06	Geraldo Figueiredo Fortes
J.P.R.Partícula - B/68591 - IM	PO	2-4	77343	305	7.546	250,8	3,11	Joaquim Peixoto Rocha
J.P.R.Pelica - B/69395	PO	2-2	78319	305	6.564	205,3	3,12	Joaquim Peixoto Rocha
33 Mefertite Fanny Jetstar - B/69170 - IM	PO	2-4	77738	305	6.110	211,1	3,45	Benedito J.S.M.Pati
Doena Milestone Santa Orelina-SO/161233	BO	2-5	77887	305	6.019	211,9	3,50	Arnaldo Mendes de Oliveira
Banilha Sultão Rockport - SP/160488 - IM	GC1	2-3	78296	305	5.836	213,4	3,65	Paraíso Agropecuária Ltda
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.								
RP Fortaleza Varsovía - B/65714	PO	3-3	73306	305	4.930	230,2	3,33	Passada Fortaleza Ltda

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.° SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
J.F. Fortaleza Vasca - B/65715	PO	3-3	72929	305	6.594	231,9	3,50	Fazenda Fortaleza Ltda
Hockport Alegria Astro Chief-B/66220	PO	3-4	74772	305	6.094	212,9	3,47	Paragon Agropecuária Ltda
J.P.R.Olhada - B/65138	PO	3-3	74204	272	5.930	194,4	3,26	Joaquim Peixoto Rocha
Anri Beata Milestone - B/66795 - LE	PO	3-2	73719	302	5.795	210,1	3,60	Angoran Cesário Ricci
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.								
Calada Lindy Sta.Ondina - SP/149154 - IM	OC1	3-6	73539	305	9.292	303,7	3,25	Arnaldo Mendes de Oliveira
Amiga Standout GFF - SP/142039	POC	3-10	70466	305	7.806	245,2	3,12	Geraldo Figueiredo Fortes
CLASSE CI - de 4 a 4 1/2 anos.								
Erancesa Marquis Amy - B/61617 - IM	PO	4-1	71927	305	6.948	251,5	3,60	Interagro S/A
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.								
J.P.R.Naira - B/57920 - LE	PO	4-6	69502	305	7.906	283,1	3,56	Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Sao Mart,Bambi Capsule Ditchman - B/57363-IM	PO	6-4	68894	305	7.903	300,4	3,73	Paragon Agropecuária Ltda
Santa Ondina Dantina Milestone	PO	-	77341	305	7.152	240,6	3,35	Arnaldo Mendes de Oliveira
Lupercos 249 R.Melody Telstar-B/59707	PO	5-9	73628	305	6.734	239,1	3,55	Claudio V. Roberti
J.P.N.Intitulado - B/39878	PO	8-8	49982	248	6.231	206,2	3,23	Joaquim Peixoto Rocha
Grayhaven Krista - B/44647	PO	7-6	73910	305	6.256	217,9	3,46	Arnaldo Mendes de Oliveira
CLASSE AJ - Até 2 1/2 anos.								
Pau D'alho Umbaua S.Importância-B/70320-IM	PO	2-1	78229	305	6.263	206,2	3,29	Jacob Rosier Dutilh
Pau D'alho Urna Ivarhoç S.Seresta-B/70325-IM	PO	2-4	78228	305	5.842	201,5	3,43	Jacob Rosier Dutilh
Ledi Starlite Descalvado-SP/161500-IM	OC2	2-5	78013	305	5.836	220,3	3,75	Barba Agri.e Com.S/A
Urberlandia Starcraft Palm.P.D.SA3/2391-IM	GBB	2-3	78224	305	5.490	195,1	3,53	Jacob Rosier Dutilh
Urcolina Cavalier P.D'Alho - RAJ/2290	GBB	2-4	78223	305	5.395	166,0	3,07	Jacob Rosier Dutilh
Pesse Beboleira P.Jupiter-B/71073	PO	2-3	77923	305	5.252	170,7	3,20	Faz.S.M.Posse Ag.P.Ltda
Pirrama Jupiter Estiva - B/71267-LE	PO	2-3	77537	300	5.214	190,7	3,46	Donald Graber
Caldas Standout Beasilina-B/69303	PO	2-4	77466	305	5.177	167,0	3,22	Agro Pec.S.Ondre S/A
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
Mach VLT Builder ML - SP/164132 - LE	OC1	2-10	76967	298	7.831	291,5	3,71	Maria L.F.Silva Dias
Pau D'alho Unidade Glen Condie-B/67895-IM	PO	2-7	77061	305	7.354	284,3	3,05	Jacob Rosier Dutilh
Jangada 1 Beaura B-Silvio-B/68789	PO	2-8	77464	305	5.918	183,7	3,10	Agro Pec.S.Ondre S/A
Santa Cecilia Domingue 1 L.B./66449-IM	PO	2-10	77342	305	5.680	191,2	3,34	Arnaldo Mendes de Oliveira
Santa Margarida Gay Julieta-B/66283-IM	PO	2-10	77403	305	5.463	156,4	3,41	Carlos Eduardo F.B.Faria
CLASSE BZ - de 3 a 1/2 anos.								
Cordeusa Sandra 3 - B/64490 - IM	PO	3-5	73854	305	7.317	216,7	2,96	Leendert Noordegraaf (24)Arp.
Chasehime Starbuck Symphony-B/66975-IM	PO	3-4	73835	305	6.649	206,2	3,10	Donald Graber
Meliso Guirlanda - B/66276 - IM	PO	3-2	73460	305	5.929	204,7	3,45	Marcio E. de Freitas
Lo-Pine Rose Nizam - B/66990 - IM	PO	3-1	74127	305	5.639	202,3	3,57	Donald Graber
Dora Dina Bronckhorst - 62116	OC2	3-5	72384	305	5.591	152,4	2,70	Nicolas A.Bronckhorst (16)Arp.
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos.								
Wooden do Pau D'alho - IM	PO	3-8	73808	305	8.601	246,7	2,85	Jacob Rosier Dutilh
Janny Mortcroft de Bronckhorst-68550	OC1	3-11	71426	305	6.237	190,1	2,88	Marius C.Bronckhorst-Arap.
Reparat Silvia 2 Primavera-B/64478-IM	PO	3-9	72746	305	6.228	217,0	3,46	Jan Rok (21) - Arapoti
Thilli 20 Primavera - 60383	OC4	3-6	72755	305	5.820	192,3	3,30	Jan Rok (21) - Arapoti
CLASSE CI - de 4 a 4 1/2 anos.								
Pancosha Gay Carmela - B/58421 - LE	PO	4-5	68130	305	8.998	274,1	3,04	Donald Graber
Cordeusa Trudy 2 - B/60842 - IM	PO	4-2	79749	305	8.009	221,3	2,77	Leendert Noordegraaf (24)Arp.
Miril Gay Pancosha - SP/143407 - IM	OC4	4-3	69656	305	7.703	242,4	3,12	Donald Graber
Neoda Gay Pancosha-GBB/1581-IM	GBB	4-0	71858	305	7.506	233,8	3,06	Donald Graber
Pestinha Beleta de Bronckhorst-53981	OC2	4-5	68627	305	7.143	198,2	2,77	Marius C.Bronckhorst-Arapoti
CLASSE CE - de 4 1/2 a 5 anos.								
Berti 27 do Primavera - 49032 - IM	OC1	4-11	66779	305	8.571	267,6	3,12	Jan Rok (21) - Arapoti
Johi Ampola Claxton Pioneer - B/59218 - IM	PO	4-10	69479	305	7.435	235,8	3,15	Valmir Spinelli O. & Irmaes
Silva do Pau D'alho - GBB/1705 - IM	GBB	4-8	69108	305	7.418	236,6	3,17	Jacob Rosier Dutilh
Pesse Palmira Manicure Willow-B/59777	PO	4-9	68635	305	6.873	191,5	2,77	Faz.S.M.Posse Ag.P.Ltda
Shenhouse Hair Cit.Flo - B/60022-LE	PO	4-6	69166	294	6.181	192,2	3,10	Marcio Elisio de Freitas
Primavera Titia 12 - B/62813	PO	4-10	77536	305	6.100	199,4	3,26	Jan Rok (21) - Arapoti
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Arapoti Primavera Marian 427-25250 - IM	OC1	9-4	55251	305	8.903	307,7	3,45	Jan Rok (21) - Arapoti
Arapoti Cande Sila 52 - B/51271 - IM	PO	6-5	60401	305	8.763	273,7	3,12	Leendert Noordegraaf (24) Arp.
Winin Hickory B.1494 Peasce-B/53614-IM	PO	6-7	78176	305	8.412	309,2	3,67	Garavelo Agro Pecuária S/A
Arapoti de Jorge Letta 7 Varhoç S.B/53253-IMPO	PO	6-2	61075	305	8.022	260,1	3,23	Cornelis J.de Jorge (8) Arap.
Dor-A-Gala Botta - B/48000 - IM	PO	6-7	78174	305	7.912	290,0	3,65	Garavelo Agro Pecuária S/A
Arapoti de Jorge Billie 3 Kert.-B/47112-IM	PO	7-5	56366	305	7.835	259,7	3,31	Cornelis J.de Jorge (8) Arap.
Fiki Bon Vida Sacrava Ooty-B/48996-IM	PO	6-9	60932	305	7.435	242,2	3,25	Faz.S.M.Posse Ag.Past.Ltda
Loyal Rose Hurtle-B/54621-IM	PO	6-1	69285	305	7.399	241,5	3,26	Belarmino da A. Marta
W 543 da Santa PE-13851 - IM	31/32	5-4	73865	305	7.125	222,0	3,10	Marius C.Bronckhorst-Arapoti
Hineswong Mary Tom - B/54631 - IM	PO	6-11	79237	305	7.094	257,6	3,63	Rafael Rossi
Arapoti de Jorge D.T.Caps.-GBB/304	GBB	9-11	45953	305	6.997	204,1	2,91	Cornelis J.de Jorge (8) Arap.
Japie 13 Arla - 53934	31/32	6-0	61915	305	6.899	219,2	3,17	Gerhard Alex V.Aragan(4)Arp.
Cornelius Wini ML - 87050 - IM	31/32	10-4	55665	305	6.856	259,7	3,78	Maria Lucia F.S.Dias
S.O.Advoçado Paclamar Salinas-B/49400	PO	6-4	61130	305	6.832	220,2	3,20	Willebrochtus Groot - Holas.
P. Dadaida Reodon - B/43885	PO	8-2	58853	305	6.820	225,7	3,30	S/A Faz.Paraiso Agro Pec.
Beata Greta Dootmaker-B/53192 - IM	PO	6-7	66335	305	6.702	259,2	3,82	Barba Agri. e Comercial S/A
Beata NE - SP/73576 - IM	31/32	8-10	78118	305	6.731	233,2	3,45	Dorval Antonio Galotto
Lovinho Dairy King D.Wim-B/46956	PO	6-7	76265	305	6.722	244,6	3,62	Garavelo Agro Pec. Ltda
Kingsley Varhoç S.Princesa-B/39167 - IM	PO	9-8	45410	305	6.661	228,4	3,42	Donald Graber
Doran SPR Bellaght-B/54649 - LE	PO	6-7	70295	305	6.612	223,8	3,37	Belarmino da A. Marta
Arapoti Bronckhorst A.Mina-29173	OC2	8-3	56381	305	6.413	160,7	2,49	Nicolas A.Bronckhorst (16) Arp.
S.S.Olivia Bezelian - B/46789	PO	6-8	61448	305	6.228	195,1	3,11	Warley Colombini

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Três Ordenhas (3x)

CLASSE AI - até 2 1/2 anos.								
Concordo Jetstar GFF - IM/50/11897 - LE	OC2	2-3	77338	305	8.028	242,2	3,01	Geraldo Figueiredo Fortes

NOME DO ANIMAL	Grupo de sangue	Idade anos/meses	N.° SCL	Dias de lactação	Leite kg	Prod. kg	%	PROPRIETÁRIO
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos. CAMILA Maximas GF - RAJ/2113 - LM	GBE	2-7	76945	262	5.589	185,7	3,30	Geraldo Figueiredo Forbes
Albertina's MR Tachina TE-RP/RA/4510	PO	2-6	77930	305	5.429	183,8	3,38	Pedro Conde
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos. Corona Formosa Yurden - BB/6167 - LE	PO	4-1	73261	292	6.751	204,4	3,01	Amilcar Farid Yamin
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Albertina's MR Botiro - BB/4924	PO	6-8	60730	305	7.755	209,2	2,68	Pedro Conde
C. Danbo Margula M. Jalis-LBB/680 - LM	PO	5-7	67233	305	7.635	270,9	3,53	Olympio A.S. Aranha Stockler
CV Macquis Stacy - LBB/550 - LE	PO	6-6	61538	203	7.339	236,3	3,20	Amilcar Farid Yamin
JagwView Norked Pond-LBB/724 - LM	PO	5-1	68318	305	7.338	270,0	3,66	Amilcar Farid Yamin
Grove Villa King Renett Red-LBB/646	PO	5-9	63758	305	6.154	183,4	2,96	Pedro Conde
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos. Samba Bourbon V. de Groen-SP/157318-LE	OC2	2-6	77142	305	5.667	185,5	3,25	Johannes M.M.V. de Groen, Hol.
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos. Vanilla A.G. - RB/SP/150891 - LM	OC2	3-1	73575	305	5.292	171,0	3,23	João Assis da Rocha
Herança VO - SP/152339 - LM	OC1	3-5	73794	305	5.165	172,1	3,23	Fazenda de Três Leda
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos. S.N. Cassaba Texal Jampur - BB/7092	PO	3-8	72034	304	8.286	182,8	2,20	Leandro Valle Nicolas Arap.
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos. S.M. Elrepa Hobbeman Citation-LBB/792-LM	PO	4-10	68977	305	8.766	285,7	3,25	Leandro Valle Nicolas Arap.
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Lem's Jabota R. Rebel-BB/6211 - LM	PO	5-5	77750	305	8.403	314,9	3,75	Guilherme e Décio M. Ribeiro
Croylinea Classic T. Red-LBB/664 - LM	PO	6-9	58908	305	8.188	250,1	3,05	Elza Ribeiro M.e Filho
Les Nobile de Camille's-RB/7650 - LM	GBE	6-11	59721	106	7.267	269,5	3,57	Elza Ribeiro M.e Filho
Centara Roland GMI - SP/107368 - LE	POCC	5-10	73132	305	6.561	197,3	2,89	Geraldo Natal Madureira
Chief Joy Dottie S. Red-LBB/742 - LM	PO	5-2	70937	305	6.246	203,4	3,25	Antonio Bassoli
Hervales Jaquet Twinkler Red - BB/5133 - LE	PO	6-11	55731	286	5.882	201,2	3,40	Geraldo Natal Madureira

Raça Jersey

Dois Ordenhas (2x)

CLASSE AJ - até 2 1/3 anos. Carlina Cassie do Butiã - A-27249 - LM	PO	2-5	77230	305	5.025	234,0	4,63	Sementes Cabanha Butiã Ltda
Goldie Title do Butiã - 16610-C - LM	PO	2-3	78148	305	3.933	190,7	4,53	Sementes Cabanha Butiã Ltda
Camille Title do Butiã - A-27910 - LM	PO	2-2	77637	305	3.765	187,2	4,97	Sementes Cabanha Butiã Ltda
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos. Felicete Title do Butiã - A-27248 - LM	PO	2-6	77638	305	4.604	218,5	4,72	Sementes Cabanha Butiã Ltda
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Gelardi Soutor's Benada - 15501 - LM	PO	5-0	73612	305	5.704	269,1	4,70	Sementes Cabanha Butiã Ltda

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Três Ordenhas (3x)

CLASSE AJ - até 2 1/2 anos. Corona F.E. Mia Tallissen - B181	PO	2-3	77560	305	4.160	142,2	3,38	Amilcar Farid Yamin
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos. Corona Alciono Harry - 7522	PO	3-9	74039	305	4.862	184,3	3,78	Amilcar Farid Yamin
B.C. Fuzarosa El. Brice III - 207382	PO	3-11	77800	277	4.444	163,6	3,68	Pedro Conde
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. ES BURNON JOAN - 5826-LM	PO	9-2	46440	305	7.174	254,4	3,51	Amilcar Farid Yamin
Corona Margot Harry - 206436	PO	6-3	62681	305	6.844	215,9	3,15	Amilcar Farid Yamin
Corona Jupira Harry - 6438	PO	5-8	63752	305	6.326	217,4	3,41	Amilcar Farid Yamin
Dois Ordenhas (2x)								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Eloisa - 6907 - LM	PO	7-10	56861	305	5.618	190,5	3,39	Agro. Pec. Heras S. Isidoro Ltda
Edgiteia - 6009	PO	7-5	56571	305	4.337	160,7	3,70	Agro. Pec. Heras S. Isidoro Ltda

Raça Guernsey

Dois Ordenhas (2x)

CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos. Faz Alva Gold Banner Alto - 694 - LM	PO	2-9	70252	295	5.803	326,0	5,61	Custódio Cabral de Almeida
Faz Nabana Top H. D'Abadia - 1160 - LM	PO	2-11	80516	300	3.969	236,9	5,96	Custódio Cabral de Almeida
Faz Rete Big D'Abadia - 1161 - LM	PO	2-10	80455	293	3.731	173,0	5,37	Custódio Cabral de Almeida
Faz Kovas Top H. D'Abadia - 1195 - LM	PO	2-6	80505	304	3.216	175,6	5,45	Custódio Cabral de Almeida
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos. Faz Koca Prince O'Abadia - 1163 - LM	PO	3-6	80589	303	3.527	195,1	5,53	Custódio Cabral de Almeida
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos. Faz Joven Bay D'Abadia - 112 - LM	PO	4-0	80272	305	4.379	223,0	5,09	Custódio Cabral de Almeida
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos. Faz Italia Boy D'Abadia - 1096 - LM	PO	4-9	80373	305	4.368	242,5	5,55	Custódio Cabral de Almeida
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Gorelines Kings Marcia - 1013 - LM	PO	7-10	70860	305	5.423	279,5	5,15	Custódio Cabral de Almeida
Formosa M. D'Abadia - 3330 - LM	1/2	10-6	80534	305	5.277	286,0	5,42	Custódio Cabral de Almeida
Grainu Princesa - 940 - LM	PO	8-1	70254	295	4.360	224,0	5,13	Custódio Cabral de Almeida
Neura Phillip's King do Tinguã-803-LM	PO	10-9	70255	295	4.213	202,5	4,80	Custódio Cabral de Almeida
Hoffman Holm Chiefs Carla - 395 - LM	PO	8-11	70274	305	3.959	219,0	5,53	Custódio Cabral de Almeida
Faz Deposição Big D'Abadia - 924 - LM	PO	7-9	70443	304	3.891	210,0	5,40	Custódio Cabral de Almeida
Faz Garcia Apoll D'Abadia - 968 - LM	PO	7-2	70004	302	3.838	203,7	5,33	Custódio Cabral de Almeida
Faz Hidra Prince D'Abadia - 1052 - LM	PO	5-7	70948	305	3.830	202,0	5,29	Custódio Cabral de Almeida

NOME DO ANIMAL

Gráu de sangue
Idade anos/meses
N.º SCL

Dias de lactação

Produção

Leite kg
Gord. kg
%

PROPRIETÁRIO

Raça Gir

Três Ordenhas (3x)

CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.

Pantera de Brasília - S/3575	RE	8-5	65600	305	3.941	178,1	4,52	Rubens Resende Peres
Santa Cruz Gavea Cachimbo - P/6934 - LE	RE	11-8	45703	305	3.660	172,2	4,67	Rubens Resende Peres
Libra de Brasília - O/8384	RE	12-4	43331	305	3.605	179,7	4,95	Rubens Resende Peres
Jacutinga de Brasília - Q/8715	RE	6-4	77663	305	3.328	155,9	4,68	Rubens Resende Peres

Doas Ordenhas (2x)

CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.

Santa Cruz Gavea Cachimbo - P/6934 - LE	RE	9-5	57534	288	3.734	191,5	5,12	Manuel e José J.S.R.dos Reis
Temera - U/429 - LE	RE	7-2	65126	274	3.541	166,0	4,68	Kenia Agric. e Pec. Ltda
Joia Calciolandia - Q/8745	RE	11-7	43465	305	3.229	156,5	4,84	Gabriel Donato de Andrade
C.A.Mentira	PC	8-0	60555	305	3.138	138,5	4,38	José Eduardo C.Mancini
Itaberá - 977	NR	14-0	39025	305	3.126	154,7	4,91	Kenia Agric. e Pec. Ltda
Levesa da Calciolandia - R-1693	RE	9-0	52374	305	3.042	144,5	4,72	Gabriel Donato de Andrade
Raquete de Brasília - T/2865	RE	6-8	67037	305	2.962	128,5	4,30	Arthur S.Maior Filizola

Raça Girolando

Três Ordenhas (3x)

CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.

India - M/05	1/2	-	58267	305	3.139	120,6	3,85	Rubens Resende Peres
--------------	-----	---	-------	-----	-------	-------	------	----------------------

II - DIVISÃO - Lactações até 365 dias

Raça Holandesa — variedade preta e branca

Três Ordenhas (3x)

CLASSE A1 - até 2 1/2 anos.

São Luis Elisete - SP/8/44543 - IM	PO	2-4	77821	365	9.650	298,6	3,09	Geraldo Figueiredo Forbes
J.P.R.Particula - B/68591 - IM	PO	2-4	77343	358	8.658	291,5	3,36	Joaquim Peixoto Rocha
33 Nefertiti Panny Jetatar-B/69170 - IM	PO	2-4	77738	362	7.039	245,2	3,48	Benedito J.S.M. Pati
J.P.R.Pelica - B/69395 - IM	PO	2-2	78319	333	6.914	218,2	3,15	Joaquim Peixoto Rocha
Doas Milestone Santa Odina - SP/161233-IM	GC1	2-5	77887	365	6.570	229,9	3,48	Arnaldo Mendes de Oliveira

CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos.

AF Fortaleza Varóvia - B/65714 - IM	PO	3-3	73306	353	7.195	245,4	3,39	Fazenda Fortaleza Ltda
AF Fortaleza Vasca - B/65715 - IM	PO	3-3	72929	365	7.118	256,4	3,58	Fazenda Fortaleza Ltda

CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos.

Calala Lindy Sta.Odina - SP/149154 - IM	GC1	3-6	73539	326	9.174	299,3	3,26	Arnaldo Mendes de Oliveira
---	-----	-----	-------	-----	-------	-------	------	----------------------------

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Erassoa Marguis Amy - B/61617 - IM	PO	4-1	71927	365	8.024	291,8	3,63	Interagro S/A
------------------------------------	----	-----	-------	-----	-------	-------	------	---------------

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

São Mart. Bambi Capotei Darcimor-B/57363 - IM	PO	6-4	68894	365	8.775	332,5	3,78	Paragon Agropecuária Ltda
Santa Odina Dentinga Milestone-IM	PO	-	77341	365	7.665	256,0	3,32	Arnaldo Mendes de Oliveira

Doas Ordenhas (2x)

CLASSE A1 - até 2 1/2 anos.

Passe Botoleira P.Nupter-B/71073-IM	PO	2-3	77923	365	6.411	207,5	3,22	Faz.S.M.Posse Ag.Past.Ltda
Pau D'alho Utensia S.Support.-B/70320 - IM	PO	2-1	78229	324	6.357	209,5	3,28	Jacob Rosier Dutilh
Ladi Brasília Desalvado-SP/161500-IM	GC2	2-5	78033	340	6.273	203,0	3,79	Barba Agric.e Comercial Ltda

CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos.

Pau D'alho Unidade G. Cordeir-B/67895-IM	PO	2-7	77861	355	8.406	259,9	3,06	Jacob Rosier Dutilh
Jarpada 2 Bravura R.Silvio-B/69789-IM	PO	2-8	77464	365	6.953	213,6	3,07	Agro Pec.S.Osnfre S/A

CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos.

Orchestra Sinfonia 3 - B/64490-IM	PO	3-5	73854	330	7.587	230,0	3,01	Leendert Noordegraaf (24).Arp.
Chassidolke Starbuck Sympor-B/66975-IM	PO	3-4	73835	322	6.607	209,0	3,14	Donald Graber

CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos.

Tenduro do Pau D'alho - IM	PO	3-8	73808	336	9.200	265,7	2,87	Jacob Rosier Dutilh
Jenny Northie de Bronkhorst-68550 - IM	GC1	3-11	71426	365	7.124	207,7	2,90	Marius C.Bronkhorst-Arapoti
Thilli 30 da Primavera-60383 - IM	GC4	3-6	77255	365	6.870	230,3	3,35	Jan Kok (21) - Arapoti

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Orchestra Tasty 2 - B/60842 - IM	PO	4-2	70749	365	9.180	253,4	2,76	Leendert Noordegraaf (24).Arp.
Wooda Gay Bravura-GB/1581 - IM	GB8	4-0	71858	365	8.665	270,9	3,11	Donald Graber
Merril Gay Bravura-SP/143407 - IM	GC4	4-3	69656	365	8.614	273,9	3,16	Donald Graber
Yvelicha Roleta de Bronkhorst-53991-IM	GC2	4-5	68627	365	7.860	220,0	2,79	Marius C.Bronkhorst - Arapoti

CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos.

Berti 27 de Primavera-49033 - IM	GC1	4-11	66779	337	9.093	288,8	3,17	Jan Kok (21) - Arapoti
Joeli Agnola Clinton Parnier-B/59218-IM	PO	4-10	69479	338	8.240	261,2	3,15	Václav Spinelli O.S. Irmãos
Selva do Pau D'alho-GB/1705 - IM	GB8	4-6	69108	345	8.054	259,2	3,20	Jacob Rosier Dutilh

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

Arapoti Coade Sira 52-B/51271-IM	PO	6-5	60401	365	10.056	332,1	3,29	Leendert Noordegraaf (24).Arp.
Arapoti Primavera Marian 427-35250 - IM	GC1	9-4	55551	365	9.965	346,4	3,46	Jan Kok (21)-Arapoti
Arapoti de Jorge H.3 Nest.-B/47112-IM	PO	7-5	56366	365	9.015	295,3	3,27	Cornelis J.de Jorge(8).Arap.
Wain Hichory B.1894 Erassoa-B/51614-IM	PO	6-7	78176	324	8.471	311,9	3,67	Garavelo Agro Pec.S/A
Urcá-Dale Bretta - B/48500 - IM	PO	6-7	78174	335	8.466	308,7	3,64	Garavelo Agro Pec.S/A
Arapoti de Sage Lettia 7 Iv.S.-B/53253-IM	PO	6-2	63075	356	8.347	272,0	3,24	Cornelis J.de Jorge(8).Arap.
W 542 da Santa Fé - 71951 - IM	31/32	5-4	73865	365	8.027	256,8	3,18	Marius C.Bronkhorst - Arap.
Lordal Bee Myrtle-B/54631 - IM	PO	6-1	69285	341	8.017	262,0	3,25	Belarmino A.Marta
Mitscham Mary Tony-B/54611-IM	PO	6-11	79237	365	7.911	285,1	3,59	Rafael Rossi
Pati Boa Vida Bravura Cutty-B/48996-IM	PO	6-9	60932	328	7.911	257,5	3,25	Faz.S.M.Posse Agr.Pastil.Ltda
Arapoti de Jorge Hlozje 7 Cap.GB/864-IM	GB8	9-11	43953	365	7.826	233,5	2,97	Cornelis J.de Jorge(8).Arap.
PO Altagracia Paclamar Salinas-B/49408-IM	PO	6-6	61130	365	7.658	249,1	3,24	Willebrordus Groot - Hol.
P.Rodalia Reskro-B/43885 - IM	PO	8-2	58853	357	7.488	249,6	3,33	S/A Faz.Paralana Agro Pec.
Suzarina Rio-M- 87085 - IM	31/32	10-4	55665	365	7.446	282,9	3,78	Maria Lucia P.Silva Dias

NOME DO ANIMAL

Grupo da
sangue
(data
anos/meses)

N.º SCL

Dias de
lactação

Produção
Leite kg
Gord. kg

%

PROPRIETÁRIO

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca Três Ordenhas (3x)

CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos. Xibeylina's AR Turbina TE-RE/BB/4518-LM	PO	2-5	77938	347	5.045	200,0	3,42	Pedro Conde
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. C. Dardo Narcissa M. Janis-LBB/680-IM	PO	5-7	67233	365	8.322	299,2	3,59	Olypian A.S. Aranha Stockler
Lago-Vieira H. Ned Ronda-LBB/724 - IM	PO	5-1	68318	321	7.485	276,0	3,67	Amilcar Farid Yamin
Grove Villa K. Runett Red-LBB/646	PO	5-9	63758	365	6.847	205,0	2,95	Pedro Conde
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos. S.N. Klirapad Mablesen Citation-LBB/792-IM	PO	4-10	68977	349	9.347	319,2	3,40	Leônio Valles Nicolau-Prep.
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Linn's Jabota R. Rebel-RE/6231 - IM	PO	5-6	77750	365	9.873	370,8	3,85	Guilherme e Cécio M. Ribeiro
C. Morlan Classic Tula Red-LBB/664-LM	PO	6-9	58908	365	9.033	275,5	3,05	Elaiz Ribeiro M. e Filhos
Albertina's RE Potira - RE/4924	PO	6-8	60730	350	8.579	235,3	2,73	Pedro Conde
Isis Nobilis de Mairalin-PAJ/850 - IM	GRB	6-11	59721	365	7.723	282,5	3,64	Elaiz Ribeiro M.e Filhos

Raça Jersey Duas Ordenhas (2x)

CLASSE AJ - até 2 1/2 anos. Carolina Capela do Butiá -A/27249 - IM	PO	2-5	77230	365	5.905	276,6	4,66	Sementes Cabanha Butiá Ltda
Capela Tiele do Butiá - A/27910 - IM	PO	4-2	77637	365	4.318	218,0	5,04	Sementes Cabanha Butiá Ltda
Golda Tiele do Butiá - 16610-C - IM	PO	2-3	78148	315	4.114	187,6	4,53	Sementes Cabanha Butiá Ltda
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos. Penelope Tiele do Butiá -A/27248-LM	PO	2-6	77630	365	5.385	257,2	4,75	Sementes Cabanha Butiá Ltda
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Geldria Satter's Beneda - 1500-C - LM	PO	5-0	73612	339	6.272	292,8	4,66	Sementes Cabanha Butiá Ltda

Raça Parda Suíça (Schwyz) Três Ordenhas (3x)

CLASSE AJ - até 2 1/2 anos. Corona T.E. Mia Talaman-8181	PO	2-3	77560	310	4.228	144,3	3,39	Amilcar Farid Yamin
CLASSE BS - de 1 1/2 a 4 anos. Corona Alciana Harry - 7522	PO	1-9	74039	319	5.085	192,8	3,79	Amilcar Farid Yamin
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. ES Burman Joan - 5826 - LM	PO	9-2	48440	365	8.286	294,4	3,55	Amilcar Farid Yamin
Corona Margot Harry - 206435	PO	6-3	62681	311	6.979	221,1	3,15	Amilcar Farid Yamin
Owona Jureira Harry - 6438 - LM	PO	5-8	63752	320	6.637	229,0	3,43	Amilcar Farid Yamin
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Elisabete - 6007 - LM	PO	7-10	56863	333	5.049	199,1	3,38	Agro Pec. Harás S. Inácio Ltda

Raça Guernsey Duas Ordenhas (2x)

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos. Pax Juarin Eldorado D'Abadia-1103-LM	PO	4-0	80182	365	5.067	271,0	5,35	Custódio Cabral de Almeida
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Shannon Duke Bobbe - 990 - IM	PO	8-4	70100	354	5.534	293,5	5,30	Custódio Cabral de Almeida
Pax Mafá Party Boy D'Abadia-1042-LM	PO	5-6	80066	365	4.620	240,0	5,19	Custódio Cabral de Almeida

Raça Gir Três Ordenhas (3x)

CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos. Pantora de Brasília - 5/3575 - LM	RE	8-5	65600	356	4.325	198,5	4,56	Rubens Resende Pereira
Linha de Brasília - 0/8184 - LM	RE	11-8	45703	365	4.201	199,1	4,74	Rubens Resende Pereira
Jacutinga de Brasília - 0/8715	RE	12-4	43331	365	4.149	191,6	4,59	Rubens Resende Pereira
Linha de Brasília - 1/2387	PC	6-4	77663	365	3.711	173,3	4,64	Rubens Resende Pereira
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE Z - Adultas de mais de 6 anos. Itabera - 977 - LM	NR	14-0	39025	365	3.492	174,5	4,89	Kenia Agric. e Pec. Ltda

Raça Girolando Três Ordenhas (3x)

CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos. India - BR/05	L/2	-	58267	365	3.509	141,4	3,91	Rubens Resende Pereira
---	-----	---	-------	-----	-------	-------	------	------------------------

L M - LIVRO DE MÉRITO

L E - LIVRO DE ESCOLA

NOME DO ANIMAL **Grau de sangue** **Idade de anos** **Controle de meses** **Dias de lactação** **Leite** **%**

Marin Nicolli, Vinhedo, Est. de São Paulo, Controle em 06/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Cherubina São Renato	OC1	3-3	29	42	19,0	2,69
Crusoevor Ribeiro Mary	PO	7-0	19	24	19,0	3,11
Pine Estraneo Jct. F. Shirley	PO	5-10	50	121	21,0	3,28
S.S. Marada Astronaut	PO	5-2	70	195	18,0	3,10

Luiz Augusto Senchi, São José dos Campos, Est. de São Paulo, Controle em 25/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Italia Buitira Urtdo C.A.Y.	OC1	3-4	29	52	17,0	3,12
Ione C.A.Y.	15/16	3-1	30	80	18,0	3,11
Naveira Frenetico Urtdo CAY	OC1	4-4	29	38	21,0	3,12
Jasalina Festa Govio C.A.Y.	OC1	-	30	84	13,0	3,26
Cotovia C.A.Y.	31/32	8-3	59	76	19,0	2,95
Indika C.A.Y.	31/32	7-4	19	26	24,0	2,93
Portuguesa C.A.Y.	15/16	7-2	49	116	14,0	3,08
Trocena Capela SS	OC2	7-7	49	103	18,0	3,10
Goiara	RR	-	49	113	15,0	3,22
Gracinda	RR	-	49	164	14,0	3,18

João F. Victor dos Santos, Elmi Mexado, Est. de Minas Gerais, Controle em 06/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Nhadia S.A.	POOD	10-1	39	79	19,0	3,65
Ana Barbara Madona Jotatar	PO	3-5	29	71	14,0	3,04
Ana Barbara Melissa Lestor	PO	3-5	69	156	13,0	3,53
Bon Showson Copo	PO	6-2	29	58	21,0	3,34
Bon Suc. Penitor Royal	PO	5-2	39	76	16,0	3,69
Caipara de Bon Suc.	OC3	4-10	59	148	16,0	3,49
Claira de Ana Barbara	OC2	2-7	29	70	14,0	3,39
Clema Astronaut Vintão	OC1	5-11	29	57	20,0	3,56
Dalira de Fátima	POOD	8-5	39	80	18,0	3,19
Fofoca de Bon Suc.	OC1	8-10	49	120	20,0	3,36
Helanisa Bar Jr. Rosane	POOD	-	29	48	22,0	3,33
Isabela de Fátima	OC1	6-9	49	111	20,0	3,35
Joqueira de Bon Suc.	OC1	7-3	29	37	28,0	3,60
Viçônia Alistar Viam	PO	8-0	69	171	15,0	3,95
Teilar de Ana Barbara	OC1	3-2	19	26	21,0	3,46
Cibele de Ana Barbara	OC1	3-3	19	22	15,0	3,50
Leia de Ana Barbara	OC1	2-7	19	29	13,0	3,29
Netez de Elmi Mexado	PO	8-4	19	6	19,0	3,28
Niara de Ana Barbara	OC3	3-1	19	16	17,0	3,53
Rubêna de Ana Barbara	31/32	5-6	19	21	20,0	3,21

João Figueiredo Fruta, Varginha, Est. de Minas Gerais, Controle em 07/08/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

S.S. Tiqaja Magnet	PO	7-3	89	160	26,0	2,39
Roberta Magnet S.S.	OC3	7-2	79	191	29,0	2,36
Rosalie Margisa Mel S.S.	OCB	2-5	39	120	20,0	3,33
S.S. Rosara Bookmaker	PO	9-11	19	10	21,0	2,89
S.S. Silda Astronaut	OCB	4-10	19	10	20,0	3,51
S.S. Silda Astronaut	PO	5-1	19	10	21,0	3,39
Agadir Penstar S.S.	OCB	3-9	19	13	20,0	3,71
Vandir Rosimar S.S.	OCB	6-5	19	37	28,0	3,17
S.S. Rosara Astronaut	PO	4-0	19	25	20,0	2,99
Roberta Penstar S.S.	OC3	9-4	19	8	22,0	2,28
S.S. Silda Sol	PO	4-8	19	35	27,0	2,64

NOME DO ANIMAL **Grau de sangue** **Idade de anos** **Controle de meses** **Dias de lactação** **Leite** **%**

João Figueiredo Fruta, Varginha, Est. de Minas Gerais, Controle em 01/09/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Roberta Magnet SS.	OC3	7-2	89	216	31,0	3,20
Vandir Rosimar SS.	OCB	6-5	79	62	22,0	3,57
S.S. Rosara Astronaut	PO	6-0	29	36	22,0	3,57
S.S. Silda Astronaut	PO	5-1	20	13	23,0	4,16
S.S. Silda Sol	PO	4-9	20	60	31,0	4,18
Rosalie Margisa Mel SS.	OCB	2-5	49	145	20,0	3,86
S.S. Rosara Bookmaker	PO	8-0	19	26	24,0	3,40
S.S. Silda Astronaut	PO	6-10	19	9	25,0	3,15
S.S. Silda Astronaut	OC2	8-1	19	18	26,0	3,59
Viggo Perseus SS.	OC3	7-1	19	27	26,0	3,88
Agadir Penstar SS.	OCB	3-9	20	38	22,0	4,73
S.S. Rosara Superior	PO	3-9	49	104	20,0	3,26
Rosalie Margisa Mel SS.	OCB	2-5	49	113	20,0	3,57
S.S. Rosara Bookmaker	PO	9-11	20	76	24,0	3,12
S. Laporta Lantina Freteconco	PO	8-7	59	128	25,0	3,71
Sintira Ouro Verde SS.	OC2	9-0	59	133	25,0	4,13
Roberta Magnet SS.	OC3	9-4	20	31	21,0	3,65
S.S. Tiqaja Magnet	PO	7-3	79	185	27,0	2,53

João Figueiredo Fruta, Varginha, Est. de Minas Gerais, Controle em 02/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

S.S. Tiqaja Magnet	PO	7-3	89	216	25,0	2,90
Viggo Perseus S.S.	OC2	8-1	20	49	22,0	3,77
Viggo Perseus S.S.	OC3	7-1	20	59	25,0	3,73
Roberta Magnet S.S.	OC3	7-2	99	307	36,0	3,56
J.S. Rosara Bookmaker	PO	4-10	20	40	20,0	3,80
Vandir Rosimar S.S.	OCB	6-5	20	51	22,0	3,65
S.S. Rosara Astronaut	PO	4-7	39	81	21,0	3,69
S.S. Silda Astronaut	PO	5-1	39	66	31,0	3,76
S.S. Silda Sol	PO	4-9	39	91	29,0	4,23
Rosalie Margisa Mel SS.	OCB	3-8	39	10	20,0	3,34
Quorra Magnet SS.	OCB	4-2	19	24	25,0	3,28
Urtina Pachon	OC2	4-8	19	7	24,0	3,63
Adriano Magnet SS.	OCB	8-7	39	51	21,0	3,90
Rosalie Margisa Mel SS.	OCB	2-5	79	144	30,0	3,33
Sintira Rosara Barracha	PO	8-8	20	51	23,0	3,53
Sintira Ouro Verde SS.	OC3	9-0	69	164	23,0	4,39
Sintira Astronaut SS.	PO	-	19	18	28,0	3,29
Agadir Penstar SS.	OCB	4-0	19	17	27,0	4,56

Yakult S/A Ind. e Com. Sangaçu Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 05/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Yakult Beert Milsetone	PO	2-3	29	1	19,0	2,94
Yakult Melha Rosara	PO	9-11	19	5	17,0	3,08
Yakult Rosara Astronaut	OC3	4-4	19	19	18,0	2,80
Yakult Rina Roberia	PO	3-10	19	25	19,0	2,81
Nim'o Gabriela E. Rosara	PO	3-2	19	5	21,0	2,60
Yakult Rosara Cafféale	PO	9-0	49	97	15,0	3,24
Trocena Cafféale Yakult	OC1	3-9	79	125	15,0	3,14
Nim'o da Universal	PO	4-4	19	12	17,0	2,84
Fleusa de Yakult	OC1	4-3	19	11	15,0	3,13
Yakult Rina Rosara	PO	3-8	19	20	18,0	2,99

Donaldir Soares, Campos, Est. de São Paulo, Controle em 15/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Pezocena Gay Oliveira	OCB	4-4	29	89	32,0	2,78
Pezocena Marvex Sila	PO	3-8	29	49	32,0	2,70
Elisa Pezocena	OCB	10-8	29	49	30,0	2,60

Fazenda Santo Antonio do Mocambo

Prop.: Dr. José Lucio Resende e outros



URUGUAIANA — Reg. M 6811
Lact. 305 dias 2 ord. 3.828 kg LE

Alta seleção e criação de Gir Leiteiro

Controle Oficial da ABC

VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS

FAZENDA SANTO ANTONIO DO MOCAMBO
Município de Matozinhos - MG - Tel.: (051) 661-1312
Belo Horizonte — Rua Santa Rita Durão, 1.160
Fone: (051) 201-2277

AGENDA

dos Criadores e Agricultores 1985

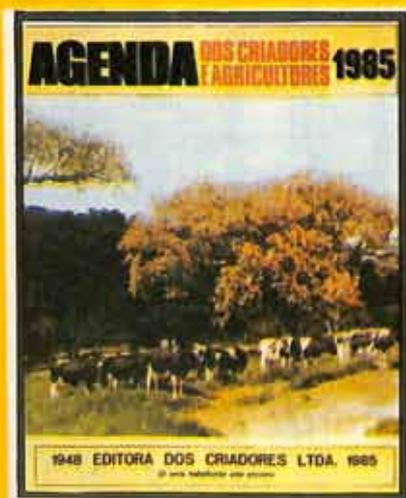
**A publicação mais folheada,
mais discutida, mais rabiscada e remexida
365 dias por ano.
POR QUE?**

PORQUE o possuidor da AGENDA poderá diariamente fazer anotações de inúmeros fatos que ocorrem na fazenda bem como sobre o que gastou e recebeu durante o ano.

PORQUE tem páginas apropriadas para:

- **fazer** resumo mensal da despesa e receita e no fim do ano fechar balanço e controlar o inventário da fazenda;
- **fazer** registro de fatos importantes, registro de empregados, compromissos a solver, observações diversas e anotações pessoais de endereços, telefones, etc.;
- **fazer** registro diário das vendas de seus produtos; controle de lactação e venda de reprodutores; manejo para sanidade do rebanho;
- **fazer** controle de cobertura e nascimento; estoques, entrada e saúde de bovinos; registro de insumos e mão de obra com as diversas culturas, registro de chuvas e intempéries.

E PORQUE... na parte final, a AGENDA publica mais de cem páginas com trabalhos de orientação técnica, orientação trabalhista e fiscal, e um capítulo especial sobre crédito rural e tem, ainda, uma série de endereços de interesse geral, como: Ministérios e seus Departamentos, Confederação e Federações da Agricultura, Sindicatos Rurais, Associações de Registro Genealógico, etc. Calendários: de Planejamento Zootécnico; das Grandes Culturas; das Flores e das Hortaliças.



Agenda dos Criadores e Agricultores - 1985

Com a presente, peço me remeterem um exemplar da AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES-1985 ao preço de: Cr\$ 40.000,00
À EDITORA DOS CRIADORES LTDA.
Rua Venâncio Aires, 31
CEP 05024 — São Paulo — SP

Nome:

Endereço:

Código Postal: Cidade: Estado:

Como pagamento do pedido acima segue anexo o cheque de n.º c/ o Banco



Outras edições de nossa responsabilidade:
Revista dos Criadores, Anuário dos Criadores,
Guia Agropecuário, Impressos padroniza-
dos, etc.

NOME DO ANIMAL		Grav da sangue	Idade de meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite	%
Alfonso Jack	POD	7-4	59	177	22,0	3,15	
Calote Jack	POD	5-10	69	169	14,0	2,85	
Cláudio Jack	POD	4-1	69	161	7,0	2,81	
Jack Isabel	PO	10-0	69	157	21,0	3,11	
P. Sílvia Romo J. 4	PO	2-2	50	145	22,0	3,20	
Waco Jack	POD	3-5	50	144	22,0	3,14	
Pepel Jack	POD	2-10	50	144	25,0	3,00	
Companha Jack	POD	7-2	50	136	11,0	4,14	
Sílvia Jack	POD	5-0	40	121	25,0	3,40	
Corapa Jack	POD	4-0	40	121	22,0	3,14	
Urcu Jack	POD	2-11	40	104	22,0	4,00	
Caravita Jack	POD	4-1	40	90	22,0	3,09	
Liliana Jack	POD	4-5	40	90	20,0	3,45	
Estela Jack	POD	3-11	40	86	23,0	3,19	
Vanusa Jack	POD	3-4	30	86	27,0	3,32	
Estelita Jack	POD	4-5	30	77	21,0	3,14	
Jack Diana	PO	3-2	30	67	21,0	3,44	
Hiliana Jack	POD	3-4	30	60	16,0	3,37	
Cláudio Jack	POD	4-3	29	48	18,0	3,29	
Cláudio Jack	POD	4-6	29	38	18,0	3,50	
Capaci Jack	POD	3-8	10	25	26,0	3,59	
Denupapa Jack	POD	7-7	10	16	21,0	3,40	
Pampila Jack	POD	6-7	10	12	15,0	2,95	
Flores da Esplanada	POD	2-8	10	12	17,0	2,47	
Cláudio Jack	POD	2-3	10	10	10,0	3,00	
Polena Jack	POD	2-9	10	10	13,0	2,35	
Truta Jack	POD	2-10	10	8	15,0	2,60	
Elga Jack	POD	3-8	10	5	15,0	3,09	
Donatiana Jack	CEL	7-3	10	4	22,0	3,01	

Sociedade Agropecuária S/A. Santa Cruz das Palmeiras, Bar. de São Paulo. Controle em 07/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Milva A.G.	CEL	3-8	100	274	14,0	5,02
Vanusa A.G.	CEL	3-8	99	258	20,0	4,11
Estela A.G.	CEL	6-6	89	214	19,0	4,40
Valência A.G.	CEL	1-10	89	227	20,0	4,48
Verônica A.G.	CEL	3-6	79	199	18,0	4,25
Marjorie A.G.	CEL	2-8	79	200	15,0	4,47
Dracilla A.G.	CEL	4-11	69	165	24,0	3,96
Verônica A.G.	CEL	3-7	60	173	20,0	4,23
Verônica A.G.	CEL	4-1	60	165	20,0	3,40
Ylgora Steyerson Stealita NG	CEL	3-6	59	191	15,0	4,10

Dr. Carlos Alberto Julio Johnson-Baptista, Bar. de São Paulo. Controle em 30/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Richarda Brita C. Betay	PO	5-7	29	48	25,0	3,24
Tri-Ton Commander Joan	PO	5-0	120	219	19,0	3,94
Donatella Honor de Francis	CEL	4-2	79	203	13,0	3,35
Benny Money Major de Francis	CEL	3-11	69	167	19,0	3,82
Francis Paula Mac Valiant	PO	3-1	60	167	14,0	3,54
Floz Diana de Francis	CEL	3-2	20	57	33,0	4,44
Floz Diana de Francis	CEL	2-5	30	47	19,0	3,49
Saba Diana de Francis	CEL	2-7	49	100	18,0	4,24
Conceição Tippy Valiant	PO	6-1	39	86	28,0	3,54
Conceição Tippy Valiant	PO	7-3	59	171	29,0	3,58
Cláudio Francisco de Francis	CEL	6-2	19	1	14,0	3,26
Donna Verry de Francis	CEL	2-7	19	0	16,0	3,08
Francis Carolina Mac Valiant	PO	2-4	19	0	24,0	3,23
Francis Glorcia Tippy Valiant	PO	2-4	19	7	23,0	3,64

Embrega Servicos Horata S/C Ltda. Japora, Est. de São Paulo. Controle em 06/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.

Romaldia Mary Gama	PO	5-8	70	194	16,0	4,01
Miriam Amanda	PO	4-11	70	202	15,0	3,71
Miriam Adeline	PO	4-8	50	130	22,0	4,07
Florencia Uiliana Flora	PO	2-2	60	164	23,0	4,01
A. Ros-Rider Jowal Pira	PO	3-4	60	27	27,0	3,24
Regina Wood Crystal Marile	PO	5-0	70	198	16,0	3,51
Cláudio Marcel	PO	3-0	70	210	18,0	4,11
Wendysson Jairo Nery	PO	2-4	90	292	15,0	3,42
Romaldia Jairo Pira	PO	4-0	119	330	17,0	3,34
Dalhara Stuart Jane Barry	PO	4-10	119	300	14,0	4,60
Royal Lynn Sarah	PO	5-5	60	155	22,0	3,82
Priscilla Ledy Unique	PO	3-4	119	311	14,0	4,28
Miriam Nancy	PO	4-5	59	146	17,0	3,71
Romaldia Cláudio Alice	PO	5-10	30	43	20,0	3,87
Romaldia Crystal Tracy	PO	4-9	40	275	18,0	4,22
Miriam Beach	PO	4-1	49	113	17,0	4,27
Romaldia Antenorck J. Bryce-36870	PO	4-5	39	49	21,0	3,59
Romaldia Shari Wendy	PO	4-1	39	23	13,0	4,11
Romaldia Norma Eric	PO	3-2	40	79	15,0	3,61
R.E. Fátima Dermana York	PO	6-2	49	162	13,0	4,01
Romaldia Cláudio Kathy	PO	3-10	49	98	21,0	3,60
Romaldia Pamela Ull.	PO	3-9	49	133	27,0	3,40
Romaldia Beau Pira	PO	6-8	39	63	27,0	3,72
A.F. Romaldia Sabida	PO	6-3	39	67	29,0	4,20
Capela Nancy Esp. Adria	PO	4-5	79	193	17,0	3,79
Fát. Uiliana Cabralina Esp.	PO	7-9	69	171	21,0	3,72
Saba Cláudio Bala	PO	7-4	79	187	14,0	3,46
S.G. Heber Cláudio Copright	PO	5-10	69	97	12,0	3,75
Don Marilyn Thana Uiliana	PO	6-0	69	112	3,46	3,72
S.G. Heber Hilário Hiliana	PO	5-6	69	166	12,0	3,46
S.G. Heber Marjilla Hiliana	PO	5-4	69	224	15,0	3,64
Romaldia Crystal Pira	PO	6-8	109	294	13,0	4,44
P.C. Saba P. Aulic	PO	6-9	89	219	17,0	3,32
P.C. Saba Lib Soma	PO	4-5	59	148	17,0	4,01
Romaldia Tippy Adria	PO	3-3	69	176	14,0	3,50
Romaldia Thelma Valente	PO	6-1	69	171	20,0	3,69
Romaldia Brodie	PO	6-1	69	150	14,0	3,60
Romaldia Katherine Neapora	PO	1-5	59	112	17,0	3,37
Romaldia Nancy Cláudio	PO	3-4	59	143	15,0	3,39
Romaldia Sator Cláudio	PO	3-1	69	126	16,0	3,61
Romaldia Nancy Cláudio	PO	3-6	59	25	21,0	3,49
Romaldia Rita Carolina	PO	3-1	60	263	20,0	3,64
Romaldia Tippy Carolina	PO	2-4	129	345	16,0	4,09
Romaldia Hal Cláudio	PO	1-7	79	192	15,0	3,37
Romaldia Cláudio Cláudio	PO	2-4	89	225	17,0	3,69
Romaldia Tippy Carolina	PO	2-10	79	67	19,0	3,57
Romaldia Riva Estela	PO	2-5	49	89	18,0	3,62

NOME DO ANIMAL		Grav de sangue	Idade de meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite	%
Milva Hilary Maria J-2721	PO	6-0	39	11	14,0	3,41	
Romaldia Cláudio Kora	PO	6-7	39	1	14,0	4,40	
Cláudio Cláudio Nery	PO	4-9	39	15	22,0	3,40	
Romaldia Cláudio Beauty	PO	6-1	39	14	16,0	4,41	
S.G. Heber Ajar Crystal	PO	5-8	39	6	22,0	3,66	

Dr. Dalberto Malzer Soares Caldas, Mogi-Casimiro, Est. de São Paulo. Controle em 11/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Lucas Vitor Zilvin Mary	PO	7-4	29	32	37,0	4,22
Miriam Sombra Betty	PO	5-10	29	79	32,0	4,11
Romaldia Cláudio Elia	PO	5-10	50	134	28,0	4,43
Isadora Iv. Star de Caldas	CEL	6-5	119	315	21,0	1,61
R.V.P. Paula Agneta Hiliana	PO	5-6	50	140	21,0	3,69
Cláudio Hiliana A. Hiliana	PO	3-7	50	141	25,0	3,46
Glan Gove Betty Hope	PO	6-4	40	81	25,0	3,77
Cláudio Cláudio Livia	PO	4-0	29	144	23,0	3,49
F.H.P. B. Challegari Hiliana	PO	3-9	29	39	10,0	3,75
Cláudio Cláudio Hiliana	PO	4-8	30	45	12,0	3,70
Cláudio Iv. Star Hiliana	PO	7-0	49	93	16,0	3,55
Cláudio Iv. Star de Caldas	CEL	6-0	69	239	26,0	3,20
Cláudio Iv. Star Hiliana	PO	4-8	69	179	20,0	3,46
F.H.P. B. Hiliana Cláudio	PO	3-2	59	140	10,0	3,23
F.H.P. B. Hiliana Cláudio	PO	4-6	39	39	29,0	3,34
Cláudio Iv. Star Hiliana	PO	6-2	69	217	22,0	3,20
F.H.P. B. Hiliana Cláudio	PO	3-9	69	162	20,0	3,40
F.H.P. B. Hiliana Cláudio	PO	3-4	39	29	21,0	3,25
F.H.P. B. Hiliana Cláudio	PO	4-8	59	130	23,0	2,94
F.H.P. B. Hiliana Cláudio	PO	6-9	79	140	31,0	3,61
Cláudio Iv. Star Hiliana	PO	2-1	49	112	29,0	3,20
Cláudio Cláudio Hiliana	PO	3-4	39	43	21,0	3,20
Cláudio Hiliana Hiliana	PO	2-6	39	3	21,0	3,39
Cláudio Hiliana Hiliana	PO	1-11	39	3	24,0	3,10

Donat Antonio Caldas-Camp. Lho. Est. de São Paulo. Controle em 20/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 1 e 2 ordenhas.

3 ordenhas							
RS Dan Hiliana Hiliana	PO	4-1	49	111	25,0	3,97	
2 ordenhas							
Estela Hiliana	POD	3-9	109	290	18,0	3,70	
M.S. Hiliana Hiliana	PO	3-1	99	286	14,0	3,40	
Estela Hiliana	CEL	3-11	99	298	22,0	4,40	
Estela Hiliana	CEL	4-0	59	143	21,0	3,30	
Estela Hiliana Hiliana	PO	3-11	59	129	19,0	3,50	
Estela Hiliana Hiliana	PO	11/31	3-10	59	134	19,0	3,45
Estela Hiliana	CEL	5-1	49	103	28,0	3,77	
Estela Hiliana	CEL	7-1	49	102	24,0	3,55	
Estela Hiliana	CEL	9-8	49	105	29,0	3,65	
Estela Hiliana	CEL	3-10	59	129	41,0	3,90	
Estela Hiliana	CEL	3-10	59	129	41,0	3,90	
Estela Hiliana	CEL	3-4	39	49	28,0	3,50	
Estela Hiliana	POD	6-1	29	47	25,0	3,69	

Dr. Gracilo Piqueliro Farias, São Paulo, Est. de São Paulo. Controle em 16/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 1 ordenha.

Caroline Atlas	POD	11-6	29	49	28,0	3,18
----------------	-----	------	----	----	------	------

Roberto Basilio Campina, Est. de São Paulo. Controle em 04/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Marina Hiliana Hiliana	CEL	-	49	167	20,0	3,45
Marina Hiliana Hiliana	CEL	7-6	49	100	27,0	3,20
Marina Hiliana Hiliana	PO	9-5	39	100	26,0	2,84

Cláudio Cláudio Hiliana, Est. de São Paulo. Controle em 16/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

San Ouby Cláudio Hiliana	PO	6-8	29	58	13,0	3,52
--------------------------	----	-----	----	----	------	------

Afrânio Hiliana de Freitas, Itapira, Est. de São Paulo. Controle em 05/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Miriam Hiliana Hiliana	PO	4-4	49	103	18,0	3,87
Miriam Hiliana Hiliana	PO	3-4	29	31	11,0	2,92
Miriam Hiliana Hiliana	PO	2-10	39	71	27,0	3,29
Miriam Hiliana Hiliana	POD	3-10	39	7	20,0	3,95
Miriam Hiliana Hiliana	POD	3-4	19	36	18,0	3,71
Miriam Hiliana Hiliana	PO	3-2	10	16	22,0	3,44
Miriam Hiliana Hiliana	POD	5-7	10	7	13,0	3,90
Miriam Hiliana Hiliana	CEL	5-5	19	12	12,0	3,63
Miriam Hiliana Hiliana	POD	7-4	19	22	29,0	3,38
Miriam Hiliana Hiliana	POD	4-7	49	162	23,0	3,49
Miriam Hiliana Hiliana	POD	5-10	69	150	18,0	3,77
Miriam Hiliana Hiliana	POD	5-4	39	41	21,0	3,69
Miriam Hiliana Hiliana	CEL	3-10	39	73	20,0	3,31
Miriam Hiliana Hiliana	POD	3-3	39	62	16,0	3,49
Miriam Hiliana Hiliana	POD	2-11	39	120	26,0	3,13
Miriam Hiliana Hiliana	CEL	7-7	39	123	29,0	3,44
Miriam Hiliana Hiliana	POD	5-4	49	68	16,0	3,79
Miriam Hiliana Hiliana	POD	4-10	49	99	20,0	3,23
Miriam Hiliana Hiliana	POD	8-0	29	41	31,0	2,94

Maria Aparecida Fátima Hiliana, Est. de São Paulo. Controle em 26/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Jurema Hiliana	CEL	7-5	29	74	11,0	3,61
Jurema Hiliana	CEL	6-1	29	72	18,0	3,28
Jurema Hiliana	CEL	6-0	39	68	21,0	2,99
Jurema Hiliana	CEL	2-4	29	12	20,0	3

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle	Dias de lactação	Leite %				
MAR Conasta	PO		3-1	20	42	28,0	2,91			
Diana do Sítio D'água	OCL		5-8	20	42	31,0	2,82			
Dana	IB		-	20	42	24,0	2,94			
Dina	IB		-	20	42	30,0	2,91			
Diana	IB		-	20	42	22,0	4,09			
Dora MB	OCL		2-4	10	12	22,0	3,00			
W& Valéria Dália	PO		3-2	10	48	35,0	3,78			
Depoena MB	OCL		1-11	10	31	33,0	3,63			
Dona Japiter MB TE	OMB		2-4	10	25	31,0	2,98			
Quê Virac Notaria	PO		3-0	110	341	13,0	2,91			
Cabreana MB	OMB		2-11	80	270	16,0	1,62			
Carliá MB	OMB		2-11	60	178	19,0	3,35			
MB Clarice	PO		3-4	30	154	17,0	3,04			
MB Cristina	PO		3-5	50	131	27,0	2,41			
Outana Moo'Milena F.D.	OMB		8-10	50	165	27,0	3,09			
Pavorena Alasca II	PO		8-2	40	128	26,0	3,50			
Daniela MB	OCL		2-4	40	128	19,0	3,28			
Moziera IV. Mãe de Cidades	OMB		2-2	30	77	33,0	3,32			

Dr. Benedito José Soares de Sella Petti, Santo Amaro, Est. de São Paulo, Controle em 29/10/84, regime de pasto com ração complementar, 3 ordenhas.

33 Orlanda Percy Root.	PO		-	30	115	24,0	3,60
33 Memória Maria Root.	PO		3-3	40	134	22,0	3,56
33 Nelsomem Mark Valliam	PO		2-4	100	318	18,0	1,36
33 Nelsomem Mark Valliam	PO		3-8	100	328	15,0	3,48
33 Ledaí Simk Cleveland	PO		4-5	100	213	15,0	3,45
33 Nelsomem Mark Valliam	PO		3-1	90	273	15,0	3,30
33 Nelsomem Mark Valliam	PO		2-5	80	280	17,0	3,40
33 Orlanda Percy Root.	PO		2-3	10	31	20,0	3,78

João Antonio Salgado Neto e Filhos, Pindamonhangaba, Est. de São Paulo, Controle em 04/11/84, regime de pasto com ração complementar, 2 ordenhas.

E.R. Leno 100 King Jansen	PO		3-11	80	256	16,0	1,90
Rayana de F.D'Almeida	OMB		4-7	30	90	25,0	4,83
Aracema Nardimá	OCL		5-5	60	132	16,0	3,35
Aracema Nardimá	OCL		4-2	10	54	19,0	2,80
Aracema Nardimá	OCL		3-0	90	273	17,0	2,85
Aracema Nardimá	OCL		3-1	10	39	20,0	3,15
Aracema Nardimá	OCL		2-1	10	18	19,0	2,65
Jays-I. Aracema II Nardimá Cit. PO			4-6	30	107	21,0	3,14
Jays-I. Aracema Polena Esp. PO			3-11	50	130	18,0	3,37
Jays-I. Aracema Tarciza Moo. PO			2-0	60	176	16,0	4,84

Clá. Baptista Soares Int. e Cia. Itarvaçã, Est. de Minas Gerais, Controle em 16/10/84, regime de pasto com ração complementar, 2 e 3 ordenhas.

3 ordenhas							
Agilino Maria	PO		12-5	20	43	17,0	2,53
2 ordenhas							
Jardim Elena Aguiar	PO		6-1	40	102	24,0	3,36
Jardim Berchiano	PO		8-10	30	72	26,0	3,15
Biologia Jardim II	OCL		5-8	20	49	29,0	3,87
Jardim Nardimá	PO		8-1	80	270	17,0	3,34
Ilma Tric. Jardim	OCL		4-8	10	31	21,0	2,17
Jardim Fátima	PO		5-8	10	30	38,0	2,96
Jardim Cristina	PO		6-8	10	25	27,0	3,22
Orquídea Jardim	OMB		8-5	10	13	22,0	3,88
Cláudia Jardim	OMB		2-11	40	120	18,0	4,03
Aracema Nardimá	PO		7-10	40	174	17,0	3,25
Orquídea Jardim Fátima Fátima	PO		5-4	30	43	30,0	3,28
Tarciza Moo. Jardim	OCL		5-0	20	51	22,0	3,85

Garrelo Agro. Pec. S/A. Lins, Est. de São Paulo, Controle em 15/10/84, regime de pasto com ração complementar, 2 ordenhas.

W. Neto Chief R. Maglo	PO		5-5	90	295	20,0	2,88
Bischoff Tidy Hie-Tein	PO		9-5	60	174	25,0	3,70
Isabella Petrus Garcia Klopp	PO		7-10	60	166	16,0	3,81
Crescent Rosary Marques Majo	PO		7-0	20	84	21,0	3,88
Crescent Marcus Stella	PO		6-2	80	240	22,0	3,30
Rosette Mark Pauline	PO		6-10	50	159	18,0	3,85
Alan's 81 Regalena Maglo, Dear.	PO		6-3	50	140	18,0	3,83
Wilcott Ruby Neil	PO		8-4	30	106	25,0	3,52
Martina's Marlene Hill	PO		2-7	60	196	16,0	3,57
Arlob' Bernadete Lester	PO		3-4	50	273	19,0	3,80
Leena Alodia Verusha Thoren.	PO		2-8	20	42	14,0	4,16
Superiorview King Lena	PO		7-6	20	82	25,0	3,50
Arlob' Jussara Fery Agarabi	PO		6-1	20	63	11,0	3,74

Colégio Adventista Brasileiro, Santo Amaro, Est. de São Paulo, Controle em 26/10/84, regime de pasto, 2 ordenhas.

C.A.B. Caligrafia Maglo Star	PO		2-7	90	260	13,0	3,60
Carina Root. C.A.B.	OMB		10-5	60	178	18,0	3,52
C.A.B. Cláudia Centurion	PO		8-8	60	188	13,0	2,32
C.A.B. Conspicua H. Marquis	PO		6-3	80	238	13,0	4,21
C.A.B. Fátima Maglo Star	PO		2-7	90	257	13,0	3,89
C.A.B. Firmaciana Mars	PO		2-0	50	137	14,0	4,30
C.A.B. Firmada Marquis	PO		8-10	80	230	15,0	3,60
C.A.B. Fortaleza Teletar	PO		8-4	50	117	16,0	3,68
C.A.B. Foga Biblico Teletar	PO		3-10	60	183	14,0	4,70
C.A.B. Fragata-Star	PO		5-1	40	107	15,0	3,23
C.A.B. Francena Maglo Star	PO		3-3	80	64	31,0	3,86
C.A.B. Lanetty Jay Apple	PO		10-1	20	48	18,0	3,42
C.A.B. Elevation Mars	PO		2-4	10	24	19,0	3,83
C.A.B. Nota Hamlet Marquis	PO		6-7	20	33	33,0	3,80
C.A.B. Natara Ruden Marquis	PO		6-6	40	107	16,0	4,31
C.A.B. Nidia Maglo Star	PO		2-5	90	123	14,0	3,44
C.A.B. Opiva Maglo Teletar	PO		4-8	80	180	17,0	3,27
C.A.B. Patricia Star	PO		4-9	30	121	13,0	3,29
Prochada C.A.B.	POOD		5-10	60	170	16,0	2,54
C.A.B. Quada Marquis	PO		4-8	40	102	18,0	3,25
Marques Rainha Cláudia Marquis	PO		6-6	70	203	24,0	3,99
C.A.B. Regina Teletar Star	PO		5-1	80	230	16,0	3,88
C.A.B. Seneca Beauty Priority	PO		6-1	90	281	15,0	3,70
C.A.B. Valente Teletar	PO		3-10	70	208	15,0	3,74
C.A.B. Vazenda Chris	PO		2-7	10	22	26,0	3,11
C.A.B. Ventania Etalax Marquis	PO		3-5	60	174	15,0	3,68
C.A.B. Venturana Astronax	PO		5-0	10	21	21,0	3,44
C.A.B. Veterinaria Astronax	PO		4-9	50	121	25,0	3,89
C.A.B. Vida Cit. Marquis	PO		6-2	30	72	17,0	3,29
C.A.B. Vidéria Cit. Marquis	PO		6-2	30	94	28,0	3,03
C.A.B. Virgona Food Friend	PO		4-2	80	220	16,0	3,80
C.A.B. Violeta Teletar	PO		2-2	100	289	13,0	3,54
C.A.B. Vitalicia Maglo Star	PO		3-5	50	140	13,0	3,64
C.A.B. Viva Elevation Mars	PO		3-9	20	27	23,0	3,15
C.A.B. Vivente Elev. Chris	PO		2-10	110	327	17,0	3,79
C.A.B. Virgília Therman Telet. PO	PO		6-0	20	40	19,0	3,88

Melhor Jurepiza de Andrade, Lins, Est. de São Paulo, Controle em 16/10/84, regime de pasto com ração complementar, 2 ordenhas.

Milagrosa Lina	IL/32		5-8	20	58	23,0	2,70
Orquídea Lina	OC		-	20	50	19,0	3,67
Jurubia Lina	OCL		3-11	20	44	22,0	3,21
Galeria Lina	OCL		3-10	20	41	20,0	3,17
Sabina Lina	-		-	20	106	19,0	3,82

PONHA EM SEU REBANHO UM REPRODUTOR JC



CINDERELA — PO — Reg. H6787 — Produziu a média diária de 21 kg de leite em 8 meses de lactação.

**CARNE
LEITE
RUSTICIDADE
PUREZA RACIAL**

**FAZENDAS
PINDAYBA E FORQUILHA**

José Cláudio Condé
Fone: (032) 532-2066

UBÁ - MG

NOME DO ANIMAL	N.º	NASCIMENTO	IDADE	PESOS		
			(dias)	(kg)		
Joana Lima	021	7-1	39	104	21,0	1,40
Marjula Lima	021	10-1	39	87	16,0	3,96
Marjula Fete Lima	021	9-2	39	77	24,0	3,46
Paula Lima	021	5-9	39	66	27,0	3,25
Carolina Lima	021	6-10	39	67	20,0	3,65
Barbara Lima	021	4-2	50	123	3,0	3,65
Corcovado Lima	11/32	6-9	49	118	18,0	3,68
Priscilla Lima	11/32	8-0	49	146	17,0	3,30
678	-	-	60	215	14,0	3,28
Regina Lima	11/32	5-7	50	104	14,0	3,74
Colina Lima	11/32	5-10	50	127	18,0	3,34
Lucy Lima	11/32	6-1	50	142	20,0	3,46
Mar Ann Lima	11/32	6-4	50	137	20,0	2,47
Mar Antonia Lima	11/32	7-1	50	131	19,0	3,00
Lara Lima	11/32	7-2	50	154	14,0	3,46
Mar Helena	11/32	7-5	50	213	11,0	3,20
Lina Lima	11/32	8-5	50	198	13,0	3,37
Lina Lima	11/32	10-0	50	179	16,0	3,76
Lina Helena Lima	11/32	10-4	50	8	17,0	3,02

Moçada Nova Agric. e Pec. Ltda. São. Lapaes. Est. de São Paulo. Controle em 19/10/74. Região de pasto com raço suplementar. 2 ordenhas.

Adary 20 Jaci. de M. Nova	NR	4-8	30	36	16,0	3,75
Africana de Moçada Nova	NR	4-7	56	242	13,0	3,95
Agnesia 20 Jaci. de Moçada Nova	NR	4-6	56	242	16,0	3,66
Agnesia 20 Jaci. de M. Nova	NR	4-6	40	129	20,0	3,35
Agnesia de M. Nova	NR	6-0	40	109	16,0	3,65
Albina de M. Nova	NR	6-10	40	125	14,0	3,82
Bouquie de M. Nova	NR	9-9	40	113	16,0	3,70
Brita 20 de M. Nova	NR	4-9	30	91	17,0	3,09
Beliziana de T. U. de M. Nova	NR	4-5	30	179	15,0	3,32
Carolina de M. Nova	NR	4-9	20	57	24,0	3,14
Calendina Catterton M. Nova	NR	7-6	20	59	14,0	3,19
Campanha de Moçada Nova	NR	7-2	40	134	19,0	3,37
Caraca do P. U. de M. Nova	NR	3-11	60	198	16,0	3,52
Caraca de M. Nova	NR	4-5	40	175	17,0	3,48
Caraca Jr. de M. Nova	NR	1-10	40	181	17,0	3,91
Chalera Vard de M. Nova	NR	-	50	142	22,0	3,62
Chalera Herman de M. Nova	NR	10-1	130	365	15,0	3,58
Clara de M. Nova	NR	7-7	80	233	16,0	3,40
Clara de Moçada Nova	NR	7-9	100	313	16,0	3,77
Clara de Moçada Nova	NR	8-9	20	274	18,0	3,79
Fabula Jr. de M. Nova	NR	-	20	60	20,0	3,30
Floreia 2 Jaci. de M. Nova	NR	4-2	70	213	16,0	3,53
Gabriel 20 Jaci. de M. Nova	NR	3-9	40	119	18,0	3,55
Gabriel Jaci. de M. Nova	NR	4-1	30	81	14,0	3,68
Garças Adema 4 de M. Nova	NR	3-1	30	58	16,0	3,57
Haras de Moçada Nova	NR	1-9	30	93	22,0	3,46
Lourdes 20 Jaci. de M. Nova	NR	-	50	151	18,0	3,60
Letícia Jaci. de M. Nova	NR	4-3	40	137	14,0	3,79
Margarida de M. Nova	NR	5-3	20	52	16,0	3,75
Marcia Paes de M. Nova	NR	5-1	30	53	24,0	3,10
Marcia de Moçada Nova	NR	4-4	40	106	15,0	3,32
Marcia 20 de Moçada Nova	NR	4-5	20	32	14,0	3,39
Marcia 20 Jaci. de Moçada Nova	NR	5-1	50	162	20,0	3,18
Paula 20 Jaci. de Moçada Nova	NR	5-0	20	77	13,0	3,55
Paula 20 Jaci. de M. Nova	NR	4-0	40	127	14,0	3,71
Paula de Moçada Nova	NR	4-0	40	165	16,0	3,67
Paula de Moçada Nova	NR	-	110	313	15,0	3,59
Paula de Moçada Nova	NR	5-1	20	44	26,0	3,29
Paula 20 Jaci. de M. Nova	NR	5-1	20	40	13,0	3,46
Rina Jr. de Moçada Nova	NR	5-0	40	142	15,0	3,58
Rina de Moçada Nova	NR	4-0	40	119	16,0	3,42
Rina de M. Nova	NR	4-3	40	117	17,0	3,68
Rina A. F. de M. Nova	NR	-	70	235	17,0	3,04
Rosalia Jaci. de M. Nova	NR	4-1	40	107	15,0	3,80
Rosa de M. Nova	NR	7-2	70	147	24,0	3,43
Rosa de Moçada Nova	NR	7-1	10	72	14,0	3,65
Rosa de Moçada Nova	NR	7-1	70	115	13,0	3,32
Rosalia 20 Jaci. de M. Nova	NR	7-2	40	149	15,0	3,42
Rosalia 20 Jaci. de M. Nova	NR	4-4	60	179	24,0	2,46
Rosalia Jaci. de M. Nova	NR	3-10	120	96	18,0	3,70
Rosalia do P. U. de M. Nova	NR	5-0	60	177	14,0	3,53
Rosalia de M. Nova	NR	4-7	50	183	14,0	3,47
Rosalia de M. Nova	NR	7-0	60	181	20,0	4,48
Rosalia 20 Jaci. de M. Nova	NR	1-8	110	346	13,0	3,89
Rosalia 20 Jaci. de M. Nova	NR	5-1	60	175	24,0	3,30
Rosalia do P. U. de Moçada Nova	NR	3-13	40	149	16,0	3,28
Rosalia Jr. de M. Nova	NR	4-3	30	53	20,0	3,12
Rosalia 20 Jaci. de M. Nova	NR	4-10	30	28	13,0	3,80
Rosalia Jr. de M. Nova	NR	4-7	30	23	15,0	3,49
Rosalia 20 de M. Nova	NR	5-3	30	21	27,0	2,96
Rosalia Jaci. de Moçada Nova	NR	-	30	18	20,0	2,78
Rosalia 20 Jaci. de M. Nova	NR	-	30	18	19,0	3,41
Rosalia 20 Jaci. de M. Nova	NR	6-8	10	18	20,0	3,28
Rosalia 20 Jaci. de M. Nova	NR	10-0	10	29	27,0	3,06
Rosalia de M. Nova	NR	3-3	40	79	19,0	3,35
Rosalia A. F. de Moçada Nova	NR	6-1	10	34	13,0	3,48
Rosalia de M. Nova	NR	7-1	10	26	21,0	3,42

Dr. Paulo César Sorocaba. Est. de São Paulo. Controle em 11/10/74. Região de pasto com raço suplementar. 3 ordenhas.

Albertina's MGI Uva TE	RO	2-2	70	241	21,0	2,71
Albertina's MGI Tamba TE	RO	2-11	30	46	21,0	3,07
Albertina's MGI Tom TE	RO	2-1	30	113	14,0	3,45
Albertina's MGI Dalanda TE	RO	2-1	30	10	16,0	2,76
Albertina's MGI Uva TE	RO	2-4	50	164	21,0	3,33
Albertina's MGI Tamba TE	RO	2-6	50	147	21,0	2,79

Valdir Spinelletti de Oliveira e Irmãos. Lavrinhas. Est. de São Paulo. Controle em 11/10/74. Região de pasto com raço suplementar. 3 ordenhas.

Jéhi Carla Marjula Bonard	RO	3-6	20	30	24,0	2,96
Leidiane Antero Rina Form	RO	9-2	20	113	21,0	2,98
Mar Ely Poliana Marjula Form	RO	4-3	20	118	26,0	3,63
Jéhi Caspary Elevation	RO	4-7	20	49	26,0	4,43
Capela Formosa	RO	8-2	10	13	12,0	3,29
Apoca Rotunda Boca Copyright	RO	5-9	30	167	26,0	3,15
Estrela Rotunda	RO	6-2	40	116	21,0	3,14

NOME DO ANIMAL	N.º	NASCIMENTO	IDADE	PESOS		
			(dias)	(kg)		
Jéhi Anita Antero Elevation	RO	4-13	20	79	23,0	3,77
Jéhi Marjula Antero Apolo	RO	4-3	40	124	24,0	3,28
Mitochondria Adela Elna	RO	6-3	20	41	21,0	3,28
San Pierro 51 Rina Boot.	RO	3-11	40	135	29,0	3,48
San Pierro 2021 M. Nov.	RO	7-1	40	144	23,0	3,46
Antona 472 Marjula Antero Elna	RO	10-3	40	117	24,0	3,64
Capela Marjula Troya Antero	RO	6-10	10	34	29,0	3,18
Jéhi Donatela Marjula Antero	RO	2-5	20	48	21,0	2,86
Marjula 89 Elna	RO	8-8	20	46	28,0	3,62
Jéhi Capela Marjula Antero	RO	3-3	20	44	21,0	2,75
Jéhi Marjula Antero Antero	RO	3-11	10	26	21,0	3,28

Paulo de Barros Mitochondria. Companhia Cosem. Est. de São Paulo. Controle em 24/10/74. Região de pasto com raço suplementar. 2 ordenhas.

Proposa do Verde Isala	11/32	9-1	10	6	17,0	3,16
------------------------	-------	-----	----	---	------	------

Donato Ribeiro de Aguiar. Est. de São Paulo. Controle em 03/10/74. Região de pasto com raço suplementar. 2 ordenhas.

Reag Thelma Ideal	RO	3-11	70	196	15,0	2,69
Reag Paulina Ideal	RO	2-10	70	185	15,0	3,10
Reag Ursula Antero	RO	3-3	80	283	10,0	2,55
Reag Ursula P. Perf.	RO	4-8	80	207	12,0	3,70
Reag Ursula Pido	RO	1-10	70	210	15,0	3,04
Reag Ursula Dell	RO	7-8	80	237	10,0	2,84
Reag Ursula Antero	RO	4-0	60	194	17,0	2,69
Reag Ursula Antero	NR	2-5	60	161	10,0	3,09
Reag Ursula Antero	RO	6-5	50	128	21,0	2,85
Reag Ursula Antero	RO	4-6	50	153	19,0	3,09
Reag Ursula Antero	RO	2-4	40	119	15,0	2,80
Reag Ursula Antero	RO	3-4	40	107	18,0	2,40
Reag Ursula Antero	RO	3-11	40	103	17,0	2,70
Reag Ursula Antero	RO	11-0	30	70	20,0	2,80
Reag Ursula Antero	RO	3-6	30	71	27,0	3,00
Reag Ursula Antero	RO	4-9	20	51	26,0	2,80
Reag Ursula Antero	RO	4-3	20	45	23,0	2,66
Reag Ursula Antero	RO	3-6	10	19	25,0	2,94
Reag Ursula Antero	RO	3-0	10	25	15,0	2,84
Reag Ursula Antero	RO	4-3	10	7	27,0	2,84
Reag Ursula Antero	RO	2-5	10	5	14,0	2,65

Carlos Cassido Rosa Lima. Lavrinhas. Est. de São Paulo. Controle em 05/11/74. Região de pasto com raço suplementar. 3 ordenhas.

Lucas D. Lark Nova	RO	10-1	80	243	20,0	3,80
Lucas D. Lark Nova	RO	3-6	40	125	15,0	3,81
Lucas D. Lark Nova	RO	3-1	20	76	17,0	2,69
Lucas D. Lark Nova	RO	9-5	10	4	27,0	2,56

Agreste Agreste e Cor. S/A. Lavrinhas. Est. de São Paulo. Controle em 21/10/74. Região de pasto com raço suplementar. 2 ordenhas.

Júlio Agreste Lavrinhas	RO	4-4	10	4	20,0	3,81
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	3-4	100	360	18,0	4,29
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	3-4	100	377	18,0	4,99
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	3-4	100	42	26,0	3,49
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	3-4	100	55	21,0	3,96
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	3-7	200	295	24,0	2,92
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	2-11	50	143	19,0	4,81
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	2-1	60	172	14,0	3,63
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	2-7	60	188	15,0	3,73
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	2-7	60	188	16,0	3,49
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	2-4	60	194	14,0	3,51
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	2-4	60	153	16,0	4,13
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	5-6	20	37	26,0	3,34
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	5-2	40	111	23,0	3,01
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	5-2	40	121	23,0	3,71
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	5-1	30	146	15,0	3,49
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	6-8	100	291	13,0	4,84
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	3-2	30	80	23,0	4,66
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	6-8	80	259	11,0	3,49
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	6-8	80	256	18,0	4,27
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	4-8	30	146	24,0	3,49
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	4-11	30	74	19,0	3,31
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	4-7	30	99	23,0	3,81
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	4-2	40	20	22,0	3,84
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	4-9	10	129	28,0	4,15
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	4-4	20	68	20,0	4,36
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	7-7	50	153	20,0	3,99
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	10-11	40	125	14,0	4,73
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	10-1	70	209	18,0	3,19
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	9-5	50	143	18,0	4,07
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	7-0	100	291	13,0	3,54
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	6-11	50	167	22,0	3,17
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	6-11	20	118	19,0	3,51
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	6-7	20	106	16,0	3,28
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	6-2	20	37	16,0	3,92
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	6-1	10	19	16,0	3,41
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	5-5	60	185	20,0	3,46
Júlio Agreste Lavrinhas	RO	3-4	60	191	19,0	3,31
Júlio Agreste						

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite %
Paragon Corbano Ant. Leuz. PO	2-1	19	5	22,0	3,89
Faiz A.F. Paragon 11/32	2-1	69	166	20,5	4,29
Uso Jaque 271 PO	6-10	100	337	20,5	2,80
Jacirita Rockport 11/32	4-1	69	167	22,0	3,69
Benilda Parat. Paragon POCC	2-8	89	265	21,0	4,70
Belaia Raita Paragon OC1	2-4	79	245	20,0	4,06
Paragon Reptin. Rock. Ford PO	2-1	79	220	23,0	2,78
Benilda Raita Paragon OC1	2-8	79	208	22,0	4,00
Benilda Raita Paragon OC1	2-7	69	206	22,0	3,35
Benilda Raita Paragon OC1	2-3	69	200	21,0	3,33
Benilda Raita Paragon POCC	2-5	59	147	20,0	3,61
Benilda Raita Paragon OC1	2-10	19	26	35,0	2,91
Benilda Raita Paragon OC1	2-9	19	18	26,0	2,64
F. Lagoa Indígena Marum PO	2-3	69	185	22,5	2,93
Lila Rockport 11/32	4-5	29	25	30,0	2,88
Caran. Wastery Alan M. 25 PO	10-11	69	175	26,0	4,41
Royale. Am. Pruzimo PO	5-10	69	207	21,0	3,05
V. Paragon Benilda W. Lillo PO	5-6	39	89	28,0	3,49
Soma. Plato. Curia. do P.D. GMB	5-2	59	151	29,0	4,50
Sh. Bani. Marqui. Aetr. PO	6-2	19	21	24,0	3,05
V-14 São Dutrin. GMB	10-10	59	156	22,0	2,89
Am. Cit. M. do S. Marquid. OC1	8-5	99	308	20,0	3,49
Adriana Superior Rockport OC1	6-2	59	156	26,0	3,07
Arriba Rockport 11/32	4-5	59	142	22,0	3,60
Paragon Anona. Paci. Superior MS	3-7	29	93	24,0	3,07
Anona Superior Rockport OC1	4-4	29	51	37,0	2,67

Fazenda de São João, Ilhaçanga, Est. de São Paulo. Controle em 16/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Nome S.I.D. GMB 2-11 39 81 24,0 1,18

Faz. Ribeiro Nevelin e Filhos, Betânia, Est. de São Paulo. Controle em 27/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Nevelin Eliza Vian PO	2-8	29	61	23,0	3,65
Nevelin Ursula Jettar PO	2-8	19	48	21,0	2,49
Fiat Vilva. Biazirina. Pico. PO	2-7	39	90	21,0	2,33
Fiat Tabe. Rapa. Apollo. Victor PO	2-2	69	189	20,0	3,32
Fiat Volante. Curia. Aetr. PO	8-4	59	174	20,0	3,17

Aplicação S/A. São. Agrícola. Fátima. Desemb. Est. de São Paulo. Controle em 19/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Nevelin Agrícola OC1	2-11	19	17	27,0	3,58
Fátima Agrícola OC1	2-5	29	45	32,0	2,85
Nevelin Agrícola OC1	2-2	29	28	24,0	3,58
Nevelin Agrícola OC1	2-3	29	43	28,0	3,94
Fátima Agrícola OC1	4-9	29	25	33,0	2,96
Fátima Agrícola OC1	4-10	19	19	32,0	4,13
Fátima Agrícola OC1	4-10	29	64	27,0	3,99
Fátima Agrícola OC1	2-11	29	27	29,0	3,54
Fátima Agrícola OC1	8-5	29	71	29,0	3,84
Fátima Agrícola OC1	4-11	19	19	29,0	2,72

A. Rêgo. Chacama. Dupes. Est. de São Paulo. Controle em 16/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Algebra da Prata POCC	2-7	129	344	14,0	3,64
Barna da Prata OC2	2-8	119	329	16,0	3,21
Jacirita da Prata POCC	6-4	119	349	13,0	3,14
Marcus da Prata OC1	2-2	129	256	14,0	3,15
Inteira da Prata OC1	4-6	99	292	21,0	2,96
Loana da Prata OC2	8-8	99	285	15,0	2,83
Marci da Prata OC1	4-5	99	281	19,0	2,83
Califórnia da Prata OC1	3-10	69	168	25,0	3,09
Seabra da Prata OC1	2-4	69	152	23,0	2,78
Medalha da Prata OC1	11-0	69	214	22,0	2,72
Galaxy da Prata OC1	2-5	69	208	19,0	2,25
Fantasia da Prata POCC	5-11	79	228	17,0	2,59
Chis da Prata OC1	6-0	79	186	18,0	2,68
Reservada da Prata H.C.	2-1	38	133	17,0	2,77
Fluore da Prata OC1	8-1	58	142	17,0	2,83
Demora da Prata OC1	4-5	59	135	14,0	2,84
Carilida da Prata OC1	2-11	69	208	15,0	2,77
Flora da Prata POCC	2-8	49	97	22,0	2,44
Flora da Prata OC1	2-1	49	83	29,0	2,73
Seabra da Prata OC1	2-2	49	106	27,0	2,77
Isis da Prata OC1	4-6	49	99	29,0	2,85
Flora da Prata OC1	2-6	108	314	17,0	2,27
Fantasia da Prata OC1	2-1	89	311	24,0	3,17
Graciosa da Prata OC1	2-5	89	287	19,0	2,83
Ilhaçanga da Prata OC1	4-11	79	296	17,0	2,62
Caligula da Prata OC1	2-10	89	296	20,0	2,88
Barragem da Prata OC1	4-3	89	237	23,0	3,04
Jaque da Prata OC1	2-11	89	281	15,0	2,32
Amor da Prata OC1	2-1	89	287	17,0	2,88
Arcebi da Prata OC1	2-4	89	225	24,0	2,66
Sombra da Prata OC1	6-0	49	179	15,0	3,09
Arcebi da Prata OC1	2-3	49	110	19,0	2,84
Amor da Prata OC1	2-10	49	190	22,0	2,11
Amor da Prata OC1	4-4	49	11	26,0	2,87
Alfida da Prata OC1	2-8	39	78	16,0	2,73
Burçano da Prata OC1	2-9	39	78	27,0	3,70
Flora da Prata OC1	2-4	39	73	24,0	3,52
Isis da Prata OC1	2-11	29	45	24,0	2,92
Alfida da Prata OC1	4-10	29	73	21,0	3,08
Mitula da Prata OC1	2-11	29	65	26,0	2,83
Medalha da Prata OC1	2-1	29	60	15,0	2,71
Demora da Prata OC1	2-2	29	38	29,0	2,83
Mica da Prata OC1	2-1	29	65	24,0	3,12
Flora da Prata OC1	2-8	29	60	19,0	3,22
Demora da Prata OC1	2-1	29	60	24,0	3,08
Flora da Prata OC1	2-10	29	65	26,0	2,83
Demora da Prata OC1	2-2	29	10	29,0	2,55
Demora da Prata OC1	4-9	29	1	29,0	2,83
Demora da Prata OC1	2-1	29	13	31,0	2,21
Demora da Prata OC1	2-1	29	15	29,0	2,82
Demora da Prata OC1	2-7	19	10	16,0	1,78
Demora da Prata OC1	2-1	19	10	14,0	1,65

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite %
Marta da Prata OC1	2-7	19	16	22,0	2,78
Verona da Prata OC1	2-10	99	379	19,0	3,28
Stela da Prata OC1	2-5	69	239	19,0	2,80
Belaia da Prata OC1	2-11	89	223	17,0	3,20
Sadade da Prata POCC	2-11	89	221	19,0	2,78
Calona da Prata OC1	2-11	89	227	16,0	2,76
Carla da Prata OC1	4-1	89	227	16,0	2,76
Revista da Prata OC1	2-5	119	319	19,0	2,76
Coca-Ola da Prata OC1	2-9	109	304	15,0	2,78
Baronesa da Prata OC1	2-6	109	309	14,0	2,76

Fazenda Hortolândia, Hortolândia, Est. de São Paulo. Controle em 27/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

A.F. Hortolândia São Mesa PO	2-7	29	84	27,0	2,11
A.F. Hortolândia Helena-TE OC1	2-6	29	77	30,0	2,11
A.F. Hortolândia Biana PO	2-7	29	65	27,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	1-11	19	69	20,0	2,28
A.F. Hortolândia Biana PO	4-2	19	64	28,0	2,28
Barbara Judy Candy PO	10-1	19	64	27,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-1	29	53	31,0	2,28
A.F. Hortolândia Biana PO	2-7	29	47	31,0	2,28
A.F. Hortolândia Biana PO	2-7	19	32	49,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-1	19	23	26,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-1	19	3	30,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-3	19	21	31,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-11	19	24	26,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-7	89	276	26,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-1	89	327	29,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-11	89	205	31,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-11	79	183	35,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-4	69	175	27,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-1	69	183	28,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-1	19	164	36,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-10	79	136	40,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-4	59	127	29,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	1-2	49	107	31,0	2,28
A.F. Hortolândia Branca-TE OC1	2-10	49	107	31,0	2,28

Jacob Neizer Dutilh, Campinas, Est. de São Paulo. Controle em 25/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Uruba Frontal G. Foa D'Alho POCC	2-5	29	44	32,0	2,84
F.D'Alho Oval R. Saco. Rockport PO	2-3	29	42	38,0	2,84
Jacirita 169 São D'Alho GMB	3-1	29	37	35,0	2,84
Tape H. Pacifina F.D'Alho GMB	4-7	29	54	43,0	2,84
Valéria Glen Dora F.D'Alho GMB	2-7	19	25	23,0	2,74
Verana Sap. Quarta F.D'Alho GMB	2-2	19	24	29,0	2,74
Verak. Neamat. Valéria F.D. GMB	2-3	19	23	20,0	2,74
Valia Agiter. Eloy. F.D'Alho GMB	2-7	19	18	26,0	2,84
F.D'Alho Tailândia C. Pesta PO	4-9	19	13	33,0	2,78
Vera Cavaler. Soma. P.D'Alho GMB	2-7	19	14	24,0	2,87
Richard Apollo Sovereign. Saco PO	2-9	19	10	28,0	2,88
Uga - - - - -	-	19	10	20,0	2,78
Verona - - - - -	-	19	10	25,0	2,87
F.D'Alho Sônia P. Tabitha PO	2-3	39	156	29,0	2,72
Teia Gay Ribeiro F.D'Alho GMB	4-0	59	154	34,0	3,21
F.D'Alho Sônia P. Tabitha PO	4-10	59	137	35,0	3,21
Ulina Front. Notalgia P.D. GMB	2-4	59	151	27,0	3,11
Uruba Blackback Quarta P.D. GMB	4-0	59	147	22,0	2,83
Sodalita Front. Indica P.D. GMB	2-4	59	141	39,0	3,49
Uruba Apollo Pac. Mister P.D. GMB	2-3	59	138	26,0	3,49
Verana Sônia P. Tabitha PO	2-3	49	127	21,0	3,49
F.D'Alho Valéria Cav. Tereza OC1	2-4	49	109	26,0	3,49
F.D'Alho Valéria Cav. Tereza OC1	2-2	39	121	22,0	3,19
Fair-Will Dandelion Ruth PO	8-0	39	111	27,0	2,78
F.D'Alho Ventagem M. Doo-TE PO	2-4	39	105	24,0	3,23
Uruba Sônia P. Tabitha PO	2-2	39	93	24,0	2,78
Uruba Sônia P. Tabitha PO	2-2	39	93	24,0	2,78
Regina Gay Sônia P. Tabitha PO	2-11	79	201	32,0	2,83
Shirley Sônia P. Tabitha PO	6-11	69	201	29,0	2,78
Uruba Glen Dora do P.D'Alho GMB	2-2	79	190	31,0	2,80
Titico Pacifina F.D'Alho OC1	2-1	69	132	21,0	2,88
F.D'Alho Tereza P. Rita PO	2-4	59	142	21,0	3,19
Ulina do Foa D'Alho GMB	2-7	69	176	22,0	2,88
Foa D'Alho Branca Austr. Betty PO	2-2	69	169	24,0	2,88
Uruba Alitânia Patena F.D. GMB	2-7	59	178	22,0	3,19
Uruba Nervus Quantidade F.D. GMB	4-8	59	162	21,0	2,88
F.D'Alho Valéria C. Cathy PO	2-2	59	157	23,0	2,80
Verana Diplomata Sônia GMB	2-3	59	88	23,0	1,71
F.D'Alho Tereza P. Rita PO	2-10	39	111	26,0	2,72
Ulina Cal. Sônia do P.D'Alho GMB	2-3	39	70	33,0	2,87
Ulina Prince Rita F.D'Alho GMB	4-6	39	84	25,0	2,88
Uruba Cav. Sônia do P.D'Alho GMB	2-1	39	70	33,0	2,87
Sampa. Citatior. Sônia PO	4-2	39	62	31,0	1,89
Uruba Blackback Sônia P.D. GMB	2-10	39	68	26,0	2,83
Uruba Austr. Sônia P.D. GMB	4-2	39	69	34,0	2,87
Verana Sônia P. Rita F.D'Alho GMB	2-1	39	61	24,0	2,88
Verdade F. Guimarães F.D. GMB	2-1	29	45	20,0	2,78
Verdade F. Guimarães F.D. GMB	2-8	29	64	23,0	2,78
Verdade Glen S.P. F.D'Alho GMB	2-7	29	62	25,0	3,20
F.D'Alho Uruba G. Tereza PO	2-2	29	50	36,0	2,87
F.D'Alho Uruba Austr. Sônia PO	2-2	109	303	32,0	2,78
Tereza Glen Sônia P.D'Alho GMB	2-1	99	269	29,0	3,38
Uruba Gay Sônia P.D. GMB	2-4	99	264	20,0	3,39
Tereza Glen Sônia P.D. GMB	2-8	69	237	23,0	4,49
F.D'Alho Uruba Austr. Sônia PO	2-8	69	223	26,0	4,49

FAZ. JOAZEIRA - Vitoriedade Vermelha e Branco

Dr. Ademar de Barros Filho, Jd. Est. de São Paulo. Controle em 11/10/84. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Myriana L.N. OC1	4-7	49	130	13,0	1,89
Serena 19 Barão Guaraná OC2	11-8	29	37	25,0	2,58
Isadora Jasper do Sobram OC1	2-4	19	22	16,0	2,43
Rozana L.N. OC1	4-6	19	10	19,0	1,58

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de ano	Con- trole de Inoculação	Dias de Leite	%	
Malva do Bragança	021	2-5	50	124	18,0	3,10
Arate do Bragança	021	11-8	50	128	11,0	1,00
Bragança Nóbrega	11/31	12-10	50	129	18,0	1,10
Louca do Bragança	021	3-4	50	129	21,0	1,44
Adelina do Bragança	021	12-10	50	130	17,0	1,65
Leoa de Bragança	021	3-4	50	131	20,0	1,25
Cappo Verde Abreu e Terra	PO	6-10	50	135	17,0	1,08
E.S. Natividade Modolane S. Seb.	PO	3-1	50	140	16,0	1,12
E.S. S. Sebastião Modolane S. Seb.	PO	3-3	50	142	20,0	1,33
E.S. S. Sebastião Modolane S. Seb.	PO	6-7	50	147	35,0	1,17
E.S. S. Sebastião Modolane S. Seb.	PO	5-9	50	152	21,0	1,43
G. Vespere Linden Usanaita	PO	3-7	50	152	22,0	1,07
Engatadora de Bragança	021	4-8	60	150	20,0	1,48
Yvonne Costa S. Seb. E.S.	PO	3-10	60	158	17,0	1,02
Leônidas do Bragança	021	4-3	60	236	14,0	1,39
Jaga de Bragança	022	3-10	20	35	25,0	2,26
Lenorete do Bragança	022	3-6	20	34	24,0	3,25
Landi do Bragança	021	3-3	10	19	21,0	3,23
Ísis do Bragança	11/17	7-6	10	18	20,0	2,94
Argelina do Bragança	021	2-6	10	16	24,0	2,98
Mafira de Bragança	022	2-7	10	5	19,0	2,46
G.A.J. Jovany Shakimbar Red	PO	10	3	28,0	2,87	
Rita do Bragança	022	8-0	20	78	34,0	2,79
E.S. Natividade Modolane S. Seb.	PO	6-2	20	70	20,0	1,61
Carolina do Bragança	021	9-2	20	65	35,0	3,54
Debra do Bragança	021	9-1	20	63	23,0	3,09
Tereza Pequeno S. Seb.	PO	6-7	20	61	28,0	2,81
E.S. Sebastião Modolane S. Seb.	PO	3-1	20	67	16,0	1,55
Estela do Bragança	021	3-11	20	67	16,0	1,57
Estela do Bragança	022	6-1	20	85	25,0	3,20
Nacora do Bragança	022	2-6	20	83	15,0	1,46
Larva do Bragança	022	2-1	20	73	27,0	3,57
Melina do Bragança	022	2-4	20	50	27,0	2,96
Miranda do Bragança	022	2-3	20	26	26,0	3,11
Marisa do Bragança	022	9-4	20	49	12,0	1,26
M.S. Anália Modolane S. Seb.	PO	7-1	20	49	19,0	3,13
Alteia do Bragança	022	11-8	40	181	18,0	3,43
Jamila do Bragança	021	3-6	20	205	20,0	1,54
Actina Crapanzani S. Seb. E.S.	028	3-6	20	200	20,0	2,72
Delva do Bragança	021	6-9	20	193	17,0	1,62
Cappo Verde Victoria Oliveira	PO	6-3	20	246	19,0	1,28
Cappo Verde Abreu e Terra	PO	7-1	20	154	19,0	1,45
Deia do Bragança	021	9-0	20	115	26,0	1,65
Layana do Bragança	022	3-7	20	96	18,0	1,88
Juruvá do Bragança	022	4-6	20	117	18,0	1,50
Alteia do Bragança	021	11-3	40	81	19,0	1,10
Clara do Bragança	021	7-3	40	97	16,0	1,16
Eni Jussara Cordeiro	020	3-11	40	182	20,0	1,85
Indonária do Bragança	022	4-3	40	237	39,0	1,62
E.S. Úrsula Pequeno S. Seb.	PO	4-11	40	234	34,0	1,06
Doris do Bragança	PO	6-9	40	239	17,0	1,68
Yvonne do Bragança	021	4-3	40	225	17,0	1,03
Isa do Bragança	021	4-4	40	213	19,0	1,40
Quêntina do Bragança	11/12	10-7	40	200	17,0	1,30
Fior do Campo de Bragança	021	2-1	30	250	28,0	3,67
Cappo Verde Pó Valéria	PO	5-1	30	250	17,0	1,35
Clayna do Bragança	021	4-6	30	162	18,0	1,29
Alteia do Bragança	PO	2-7	30	164	17,0	1,26
E.S. Alina Modolane S. Seb.	PO	3-1	30	167	16,0	1,23
Mozesha Jussara	PO	10-4	30	135	20,0	1,23
Larva do Bragança	021	3-0	30	138	17,0	1,25
Rebecca do Bragança	022	8-0	30	138	14,0	1,23

Cláudio Vergueiro Pedreira Bragança Paulista Est. de São Paulo. Controle em 03/10/84. Registro de parto com ração suplementar. 3 ordenhas.

C.R. Gláucia Reigues Red	PO	4-10	50	120	23,0	3,01
--------------------------	----	------	----	-----	------	------

Ely Agostinelli Lida Pinheiro Est. de São Paulo. Controle em 09/10/84. Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Ely Beatriz de Holanda	PO	2-7	10	8	24,0	3,14
------------------------	----	-----	----	---	------	------

Afonso Magalhães de Freitas (Capeta) Est. de São Paulo. Controle em 05/10/84. Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Solange Red de Juruária	025	6-8	20	48	30,0	1,04
-------------------------	-----	-----	----	----	------	------

Lilias Guimaraes Alencaster Lira Est. de São Paulo. Controle em 16/10/84. Registro de parto com ração suplementar. 7 ordenhas.

Parceia Helena Juruária	023	4-4	20	33	20,0	3,75
Doubrina Strize Reg. DCEB Sor.	022	5-1	20	85	16,0	4,08

Dr. Geraldo Figueiredo Tarcos Salto Est. de São Paulo. Controle em 16/10/84. Registro de parto com ração suplementar. 3 ordenhas.

Clayna Madusa O.P.P.	028	3-7	10	18	28,0	3,21
Reidivê Anita C. Red	PO	6-2	10	27	28,0	3,43

Albany Ribeiro (Coop Agro. Rec. Polígona) Japourama Est. de São Paulo. Controle em 25/10/84. Registro de parto com ração suplementar. 7 ordenhas.

Hel. Sally Jasper	021	4-2	90	288	13,0	3,63
Arca Atlas	021	7-9	90	205	13,0	4,28
MARILIA Modolane de Holanda	021	2-3	60	193	17,0	3,71
Sua de Holanda	022	5-6	60	133	25,0	3,46
Melânia Ruana	PO	5-4	20	95	24,0	2,99
Emilia Modolane de Holanda	021	2-11	20	109	15,0	3,17
Sella Esp. de Holanda	021	4-1	20	67	21,0	3,24
Mel. Bourbon Dallas	PO	2-4	10	49	19,0	2,80
Mozesha Romilda Peery	PO	3-5	10	34	17,0	1,01
Andress Atlas	11/17	5-5	10	5	26,0	4,18

Herivelton A. Marinho (Coop Agro. Rec. Polígona) Japourama Est. de São Paulo. Controle em 24/10/84. Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de ano	Con- trole de Inoculação	Dias de Leite	%	
Regina de Holanda	021	9-4	50	100	22,0	3,15
Brice de Holanda	021	8-0	50	125	25,0	4,40
Neópolis de Holanda	022	6-11	50	134	21,0	3,40
Cristalina de Holanda	021	8-10	20	45	21,0	2,60
Antia de Holanda	021	6-4	20	202	20,0	3,70
Íris de Holanda	021	6-0	40	94	11,0	1,58
Alma de Holanda	024	5-10	60	172	26,0	1,99
Milly de Holanda	023	5-5	100	281	15,0	2,83
Clay Jasper de Holanda	021	4-7	80	242	22,0	2,25
Luiza Jasper de Holanda	PO	-	70	136	21,0	1,00
Adriana Strickler Quel.	023	4-6	20	27	25,0	4,20
Alida Bourges de Quel.	023	4-0	30	235	13,0	3,00
Wesley Paul Mall de Caspary	028	5-9	70	204	18,0	4,15
Alma Modolane de Quel.	023	2-6	30	273	13,0	1,44
Alma Ruffy de Quelândia	027	3-9	70	153	20,0	4,20
Angela Ruffy de Quelândia	022	4-0	20	43	23,0	3,93
Arlete Modolane de Quelândia	022	3-7	80	155	16,0	1,50
Arletta Ruffy de Quelândia	021	1-7	60	165	18,0	1,66
Luiza Strickler de Quelândia	022	3-7	70	210	20,0	1,70
Rea Jasper de Quelândia	023	2-7	80	240	14,0	1,18
Rhema Jasper de Quelândia	022	2-6	80	227	14,0	4,25
Clara Jasper de Quelândia	023	3-3	70	206	14,0	1,77
Clara Jasper de Quelândia	022	3-3	70	203	13,0	4,44
Baldina Gelp de Juruária	021	6-7	40	59	23,0	1,86
Mirvalva de Holanda	021	6-10	10	19	25,0	1,53
Amélia Modolane de Juruária	023	5-1	10	8	24,0	2,73
Devilina Amadeu de Juruária	025	2-7	10	22	15,0	1,29

Johnatan M.R. Van de Groen (Coop Agro. Rec. Polígona) Japourama Est. de São Paulo. Controle em 24/10/84. Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Cláudia de Holanda	022	16-3	70	208	20,0	1,50
Chella VII Ruffy V. de Groen	021	4-1	70	186	20,0	1,54
Clayna Silver V. de Groen	022	7-10	60	161	18,0	1,58
Silvana Modolane V. de Groen	027	7-11	60	176	16,0	1,35
Chella III de Holanda	021	6-5	60	151	21,0	3,22
Clara Ruffy S. Seb.	021	9-3	60	174	20,0	2,76
Donatiana de Holanda	021	5-9	50	147	24,0	2,61
Sally Ruffy V. de Groen	023	3-11	50	142	21,0	3,41
Charlotta Ruffy de Holanda	021	4-7	50	144	21,0	3,61
Sandra Modolane V. de Groen	022	3-0	50	131	17,0	3,30
Clara Ruffy V. de Groen	021	3-9	40	125	17,0	3,87
Clara Susan Juppé	PO	2-5	30	74	18,0	1,40
S.G. Neeliana Grode Cryston	PO	-	30	100	21,0	3,24
Ruffy Ruffy II V. de Groen	021	4-0	20	42	28,0	2,09
Amélia Ruffy V. de Groen	021	3-8	20	51	28,0	1,31
Carla Ruffy V. de Groen	021	3-7	100	301	16,0	1,70
Holanda Ruffa	PO	5-8	80	225	17,0	1,64
Paço Strickler V. de Groen	021	3-5	80	225	17,0	3,87
Chella V Ruffy V. de Groen	021	2-8	80	223	13,0	3,74
Soreta Modolane V. de Groen	022	3-10	80	230	13,0	3,34
Sandra Ruffy V. de Groen	022	3-7	10	10	33,0	2,68

Antonio Sabóli Campes Est. de São Paulo. Controle em 04/10/84. Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Rico Camela Red	PO	4-1	50	132	21,0	3,30
Orca Red Nico	021	8-4	50	130	20,0	1,85
Libertina Red Nico	021	4-7	50	124	26,0	3,30
F.V. Codilla	PO	5-3	20	57	23,0	3,10
Melítoza Red Nico	028	8-5	20	58	27,0	2,45
Rico Ursula Ovelina Entop.	PO	3-9	20	50	20,0	3,25
Rico Branciana Modolane	PO	4-8	20	45	23,0	3,10
Henriete Ruffy Nico	021	5-2	100	203	18,0	1,70
Marcelina P. Jasper	PO	5-11	80	174	26,0	1,09
Harquilha Modolane J. Nico	022	3-8	20	47	26,0	2,83
Igoranga Red Nico	028	5-2	20	46	27,0	1,85
Ursula Modolane Red	PO	7-10	20	44	22,0	3,15
Rico Ruffa Modolane	PO	6-10	20	46	28,0	3,75
Fátima Jasper Nico	021	3-5	20	40	13,0	1,23
Neelina Alegria P. Nico	028	2-5	20	40	23,0	2,72
Protera Modolane D. Modolane	021	2-9	20	36	20,0	2,30
Chapeta Ruffy Nico	021	5-11	20	33	18,0	2,81
Red Ruffa Ruffy	PO	1-3	10	34	30,0	2,47
Marcelina Red Nico	021	1-1	10	28	29,0	2,70
Ricquilda P. Clover Red	PO	3-4	10	27	34,0	2,61
Rico Seljanetra Ruffa	PO	3-2	10	16	21,0	1,26
Rico Ruffy Ruffa Red	PO	2-6	10	11	20,0	1,74
Red Nico Red Nico	PO	10-5	10	3	27,0	2,39
Alteia Camela Nico	021	7-10	10	3	36,0	1,05

Dr. Fernando de Souza Toledo Japourama Est. de São Paulo. Controle em 11/10/84. Registro de parto com ração suplementar. 7 ordenhas.

Marta Verde Deane	PO	6-4	30	163	17,0	1,76
Arca de M. Verde	021	4-11	30	97	16,0	3,08
Ísis de M. Verde	022	4-6	20	36	17,0	1,08
Yvonne Verde	021	5-1	20	211	17,0	3,89
Tirina M. Verde	021	6-0	30	80	20,0	1,27
Arquêsia Perova Nico	021	4-9	60	126	16,0	1,68
Clayna Red Nico	024	7-0	20	51	19,0	3,15
Fátima de M. Verde	021	2-10	10	16	17,0	1,14
Rico de M. Verde	021	6-7	10	4	16,0	1,46
Parceia de M. Verde	021	3-5	10	4	16,0	1,82
Rufina M. Verde	021	7-8	50	148	19,0	1,32
Rita de M. Verde	PO	7-5	20	56	16,0	1,33
Ísis de M. Verde	021	7-1	20	95	16,0	1,33
Violante de M. Verde	021	3-11	40	104	17,0	3,27

Osilherme e Décio Moraes Ribeiro Esp. Santo do Pinhal Est. de São Paulo. Controle em 22/10/84. Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Rochete Arjona Jasper	PO
-----------------------	----

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite %		
Joana Hirth Marzoch Lene	OCI	6-8	96	250	13,0	4,00	Fana Jasper Corona	POCC	4-10	60	175	29,0	2,31
Ribeirama Jeticia Izzi	PO	4-11	80	229	13,0	3,84	Corona Maratona Dardky	PO	4-10	30	62	36,0	2,76
Lene's Hildl Nova Marzoch	PO	7-9	80	212	13,0	3,76	Corona Opera Yuraden	PO	4-9	30	71	30,0	3,18
Lene's Jari Promotar Sobel	PO	3-8	70	185	16,0	3,99	Corona Lela Jasper	PO	4-7	40	92	31,0	2,85
Ribeirama Libeibia H.Manzoch	PO	4-7	100	317	13,0	4,38	Corona Nara Jasper	PO	4-5	50	152	28,0	3,22
Lene's Jacintina S.Manzoch	PO	5-11	90	288	16,0	3,71	Corona Lilian Rioto	PO	4-7	30	66	26,0	3,70
Lene's Gentiliana D.Hirth	PO	8-1	80	252	15,0	4,06	Corona Trana-Effie J.JI TE	PO	4-3	20	34	42,0	3,68
Lene's Georja Ciz. Sobel	PO	9-2	60	178	17,0	4,03	Corona Lucy Jasper	PO	3-3	50	134	29,0	2,80
Lene's Irmalva H.Fuboloso	PO	6-8	60	167	15,0	3,89							
Marcia Brazadain Ribeirama	OC2	4-3	80	169	15,0	4,02							
Marcia Ruanalva Ribeirama	OC2	4-1	50	153	16,0	4,01							
Marcia Ruanalva Ribeirama	OC2	4-0	60	174	16,0	3,89							
Marcia Ruanalva Ribeirama	OC2	4-0	60	168	17,0	3,68							
Jadotizka H.Fala, Lene	OC2	4-0	60	82	19,0	4,14							
Lene's Riana Dora Marzoch	PO	7-8	30	82	19,0	4,14							
Juliete Ned Ribeirama	OC2	5-11	10	14	22,0	3,56							

Geardilno Natal Mchurara, São Paulo, Est. de São Paulo, Controle em 16/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Myrcene Ace Casalia Ned	PO	7-8	50	154	22,0	3,82
Galera Fancy-Ned Maku	PO	3-11	60	234	14,0	3,61
Georja Oscar Ned. Sobel	PO	2-10	60	186	18,0	5,13
C. Highgate Dolly-Ned	PO	8-2	20	90	19,0	2,86
Myrcene Signet-Patty Ned	PO	7-0	20	89	22,0	3,61
Ridge Wood MEK Clover Ned-Reddy	PO	8-4	30	82	23,0	3,01
Georja's Ford Perf. Nappert-Ned JI	OC1	7-8	30	77	30,0	3,73
Calaisa Royal Ned. JI	OC1	7-3	30	47	20,0	5,00
Walnutwood Ned Faith Ned	PO	7-4	20	38	32,0	2,85
Nevequina da Pampa-130	IL/32	11-10	20	32	27,0	3,24
Marcia Jasper Watkin Ned	PO	8-0	10	14	29,0	2,49
Georja Roland OM	POCC	5-11	10	9	24,0	2,20
Marcia Delfin Ned. OM	OC2	7-8	20	62	22,0	3,47
Rony's-da Sarmelid J. Ned	PO	8-5	40	126	25,0	3,34

Nevequina Fátia Yamin, Porto Feliz, Est. de São Paulo, Controle em 25/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 1 ordenha, FCRB 0152-622127.

Natalia Royal Corona	OCB	8-5	50	141	26,0	2,86
Corona Wanda Ribaron	PO	2-8	30	78	29,0	2,97
Corona Wanda Yuraden	PO	4-1	50	134	32,0	3,33
Corona Eliana Wadawan	PO	8-9	20	46	29,0	3,26
Corona Catarina Adelaide's	PO	8-4	40	109	36,0	2,78
Corona Lady Hiran Jasper	PO	9-10	20	87	26,0	3,27
Nitely Joze Corona	OC2	2-8	10	32	25,0	2,97
Corona Jasper Abel-Ned-IL	PO	7-8	60	97	24,0	3,16
Georja Gattisa	PO	11-3	10	10	29,0	2,86
Georja Gattisa	PO	2-1	20	39	25,0	3,52
Corona Hester Yuraden T.K.	PO	7-7	20	64	33,0	3,48
Corona Lidia Neuklase	PO	7-9	40	85	29,0	3,05
Nevequina Adelaide's Corona	OCB	2-4	60	86	29,0	3,41
Corona Olivetty Yuraden	PO	7-4	10	19	33,0	3,27
Georja's Wood Herial. Cor 2 Ned	PO	7-3	20	37	34,0	2,50
Nevequina Lidia Ned	PO	7-1	30	331	21,0	3,03
Corona Petra Larcos	PO	4-5	50	132	36,0	2,97
Georja Lidia John	PO	5-11	60	100	27,0	3,93
Corona Dodela Jasper	PO	4-5	60	102	31,0	3,23
Georja Lidia Jasper	OC2	4-4	30	78	28,0	3,50
Georja Lidia Jasper	PO	8-1	20	77	35,0	3,07
Georja Lidia Jasper	PO	8-0	40	86	31,0	3,04
Georja Lidia Jasper	PO	8-0	60	162	34,0	3,07
C. Wadain Ned Owen	PO	6-8	20	36	34,0	3,28
N-de Wanda Claiton Betty	PO	7-2	20	56	27,0	3,19
Jago-Vive Hagen. Hagen	PO	5-5	30	61	31,0	3,23
Georja Lidia Jasper	PO	5-2	40	113	26,0	3,41
Georja Lidia Jasper	PO	3-0	10	19	36,0	3,49
Georja Lidia Jasper	PO	3-0	40	87	30,0	3,58
Georja Lidia Jasper	PO	4-4	40	92	29,0	3,41
Georja Lidia Jasper	PO	4-4	40	98	29,0	3,34
Georja Lidia Jasper	PO	4-10	50	137	32,0	3,35
Georja Lidia Jasper	PO	5-1	10	9	36,0	3,47

Dr. Pedro Costa, Sorocaba, Est. de São Paulo, Controle em 31/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Albertina's RM Uina TE	PO	2-1	70	251	20,0	3,27
Albertina's DM Uela	PO	2-1	60	249	21,0	2,74
Albertina's RM Tunkola TE	PO	3-1	10	33	22,0	2,85
Albertina's RM Uela TE	PO	2-5	10	33	21,0	2,82
Albertina's RM Urbana TE	PO	2-4	10	18	20,0	2,80
Albertina's RM Uela TE	PO	2-1	10	3	20,0	3,22
Figero World Jump Lita Ned TE	PO	5-1	10	46	28,0	2,89
Georja FR Botina's	OC2	6-0	10	21	36,0	2,89
Marilyn AB Albertina's	OCB	10-7	10	37	23,0	2,47
Albertina's RM Sallida TE	PO	3-10	10	10	29,0	2,73
Albertina's RM Uela TE	PO	2-4	40	113	21,0	2,84
Albertina's RM Uela	PO	-	10	53	24,0	3,13
Albertina's DM Uela	PO	3-8	20	57	33,0	2,43
Albertina's RM Uela	PO	2-4	70	235	22,0	2,53

Waldir Juazeira de Andrade, Lins, Est. de São Paulo, Controle em 16/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Sociedade J.R.	POCC	6-7	20	43	16,0	3,21
Bateria Lins	OC2	6-1	30	105	16,0	3,70
Talia Lins	OC1	6-10	30	80	17,0	3,52
Bateria Lins	OCB	6-2	30	69	19,0	3,12
Bateria Lins	OC1	7-11	40	124	21,0	2,86
Casos Lins	OC1	3-7	40	126	23,0	2,84
Paletina Lins	OC4	4-1	40	126	21,0	2,85
Luzanada Lins	15/16	10-6	50	110	21,0	4,14
Nova Ned Lins	OC2	8-10	50	161	14,0	3,48
Organiza Lins	OC1	8-10	50	173	14,0	3,37
Organiza Lins	OC1	4-10	50	179	19,0	3,14
Eubelia Lins	OC1	3-6	60	200	13,0	3,55
Cara Lins	OC2	6-1	60	195	16,0	3,18
Alvorada Lins	OC1	6-10	60	206	15,0	3,00

Marcia Nova Agric. e Pec. Ltda, Sete Lagoas, Est. de Minas Gerais, Controle em 15/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Belaia 20 de M.Nova	NO	4-4	40	159	17,0	3,88
Cantarella 20 de M.Nova	NO	4-10	40	117	17,0	3,31
Collina 20 de M.Nova	NO	5-1	20	51	24,0	2,87
Orion 20 de M.Nova	NO	4-2	30	126	15,0	3,37
Delgado 353 Orion de M.Nova	NO	4-4	40	135	20,0	2,93
Delgado 29 Orion de M.Nova	NO	8-4	50	164	14,0	2,37
Esquadra de M.Nova	NO	4-3	40	130	18,0	3,54
Herica 252 de M.Nova	NO	4-7	10	31	22,0	3,70
Gocha 29 353 Orion de M.Nova	NO	4-1	30	92	13,0	3,36
Flocha 29 Orion de M.Nova	NO	5-10	60	196	18,0	3,48
Suzanna Orion de M.Nova	NO	6-0	30	85	22,0	3,07
Suzannita de M.Nova	NO	4-11	40	122	17,0	3,43
Siroca 353 de M.Nova	NO	5-5	30	62	13,0	3,57
Beldade 29 353 de M.Nova	NO	3-11	40	128	13,0	3,92
Vila Rica 29 de M.Nova	NO	8-2	60	167	19,0	3,39
Orgalva 29 de M.Nova	NO	4-2	60	178	13,0	3,78

Escola Superior de Agric. Inst. de Osório, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 03/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Rosa Ned Izalq	OC3	5-11	80	233	12,0	2,45
----------------	-----	------	----	-----	------	------



BELA VISTA II — Campeã Leiteira no concurso realizado na Exposição de Belo Horizonte de 1982 e outros concursos Leiteiros, com produção de 23 kg/Leite por dia.

GIR LEITEIRO DA CALCILANDIA

LINHAGEM BOMBAIM

PROPRIETÁRIO:

GABRIEL DONATO DE ANDRADE

Assista à ordenha sem marcar data.

O Gir leiteiro mais raçudo do Brasil.

Visite nos temos hotel com apartamentos na Fazenda.

Endereço para correspondência:

FAZENDA CALCILANDIA

Telefone (037) 351-1267 - (031) 335-6395 (à noite)

Município — Arcos — MG

NOME DO ANIMAL	Grupo de sangue	Idade em meses	Cap. de leite	Dias de lactação	Leite %	
Wanda Jasper Dalg	CE1	3-8	70	191	15,0	3,28
Wanda Jasper Dalg	CE1	6-1	70	197	15,0	2,95
Wanda Jasper Dalg	CE1	2-5	40	118	15,0	3,00
Wanda Jasper Dalg	CE1	3-6	30	79	21,0	2,69

Valmir Spinelli de Oliveira e Lúcia Lavrinha, Est. de São Paulo, Controle em 31/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 1 ordenhas.

Jóbi Dédova Kay Viedtark	RO	2-3	19	14	24,0	2,70
Jóbi Barcelata II Marçala	NE00	4-4	20	49	32,0	2,54
Wanda Jasper Dalg	CE1	4-0	40	117	25,0	2,14
Cláudia Victória Jobi	CE1	4-0	20	45	21,0	2,72
Solivia de Roy-Rod Cat. Jobi	CE1	4-5	10	24	25,0	3,10

Dr. Carlos Thomaz Hately, Bernardino de Campos, Est. de São Paulo, Controle em 05/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Lúbia de S. Cecília	CE1	2-5	10	27	14,0	3,25
Helônia de S. Cecília	PC	3-7	19	26	17,0	3,30
Jóli de S. Cecília	CE1	3-7	19	27	16,0	3,83
Geopse de S. Cecília	CE1	4-0	10	16	17,0	3,34
S. Cecília Lorenina	RO	2-7	10	14	15,0	3,00
Jacinto de S. Cecília	CE1	3-8	10	11	21,0	3,47
Jurista de S. Cecília	CE1	3-7	10	3	15,0	4,56
Lidiane de S. Cecília	CE1	2-6	10	2	14,0	3,52
S. Cecília Gabriela	RO	6-6	10	1	17,0	4,70
Wendelina de S. Cecília	CE1	4-6	20	59	13,0	3,34
Jardineira de S. Cecília	CE1	3-7	20	41	19,0	3,40
Cláudia de S. Cecília	CE1	6-1	20	37	16,0	3,38
Flávia de S. Cecília	CE1	6-1	20	38	26,0	3,30
S. Cecília Tereza	RO	3-3	10	88	16,0	3,50
Jurista de S. Cecília	NE00	2-8	10	89	19,0	2,85
Wendelina de S. Cecília	CE1	1-2	40	104	15,0	3,23
Wendelina de S. Cecília	CE1	5-2	40	101	17,0	3,23
Wendelina de S. Cecília	CE1	5-5	40	97	17,0	3,67
Wendelina de S. Cecília	CE1	4-1	40	96	17,0	3,64
Wendelina de S. Cecília	CE1	5-1	40	94	17,0	3,17
Wendelina de S. Cecília	CE1	6-0	50	153	14,0	3,46
Wendelina de S. Cecília	CE1	6-1	50	141	18,0	3,22
Wendelina de S. Cecília	CE1	6-1	50	136	13,0	4,11
Wendelina de S. Cecília	CE1	2-10	50	139	13,0	3,53
Wendelina de S. Cecília	CE1	5-1	60	137	14,0	3,85
Wendelina de S. Cecília	CE1	5-10	80	218	17,0	3,49

Condi Gabriel Rosa Pereira, Cláudio Moura, Est. de Minas Gerais, Controle em 11/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 2 o 1 ordenhas.

1 ordenhas						
Wanda Jasper Dalg	CE1	7-0	30	80	23,0	4,00
Wanda Jasper Dalg	CE1	14-8	20	49	15,0	3,46
Wanda Jasper Dalg	CE1	7-11	16	171	14,0	3,14
Wanda Jasper Dalg	CE1	1-1	30	110	20,0	3,19
Wanda Jasper Dalg	CE1	4-11	30	77	23,0	3,56
Wanda Jasper Dalg	CE1	12-0	40	236	13,0	3,19
Wanda Jasper Dalg	CE1	5-1	40	132	20,0	3,12
Wanda Jasper Dalg	CE1	10-11	40	238	18,0	3,36

2 ordenhas

Wanda Jasper Dalg	CE1	5-5	40	191	14,0	3,51
Wanda Jasper Dalg	CE1	4-6	40	180	15,0	3,52
Wanda Jasper Dalg	CE1	1-1	30	81	17,0	3,16
Wanda Jasper Dalg	CE1	6-0	10	103	17,0	3,58
Wanda Jasper Dalg	CE1	3-1	100	296	17,0	3,47
Wanda Jasper Dalg	CE1	4-3	50	167	16,0	3,11
Wanda Jasper Dalg	CE1	4-0	100	296	13,0	3,55
Wanda Jasper Dalg	CE1	1-1	10	35	17,0	3,68
Wanda Jasper Dalg	CE1	4-10	10	20	15,0	3,98

Aplicação e Parto de Santa Cruz S.A. Capivari, Est. de São Paulo, Controle em 26/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 1 ordenhas.

Wanda Jasper Dalg	RO	6-11	30	46	34,0	2,89
Wanda Jasper Dalg	RO	5-10	30	244	18,0	3,29
Wanda Jasper Dalg	RO	6-9	40	110	17,0	3,70
Wanda Jasper Dalg	RO	2-3	30	209	11,0	3,74
Wanda Jasper Dalg	RO	7-3	10	10	11,0	3,31
Wanda Jasper Dalg	RO	6-10	10	100	11,0	3,52

Wanda de Toca Ltda, Itapetininga, Est. de São Paulo, Controle em 17/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Wanda de Toca	31/32	10-11	30	97	23,0	2,87
Wanda de Toca	CE1	7-3	20	32	21,0	3,13
Wanda de Toca	CE1	9-4	80	238	15,0	2,30
Wanda de Toca	CE1	10-2	30	89	20,0	3,38
Wanda de Toca	CE1	3-7	20	51	20,0	3,34
Wanda de Toca	CE1	10-7	20	44	20,0	3,49
Wanda de Toca	CE1	9-9	20	37	22,0	3,42
Wanda de Toca	CE1	4-0	40	105	23,0	3,28
Wanda de Toca	CE1	4-0	20	40	24,0	3,54
Wanda de Toca	CE1	6-1	50	156	21,0	2,95
Wanda de Toca	CE1	6-1	40	129	20,0	3,06
Wanda de Toca	CE1	6-0	20	70	24,0	2,87
Wanda de Toca	CE1	6-5	20	69	21,0	2,41
Wanda de Toca	CE1	5-1	30	75	30,0	3,34
Wanda de Toca	CE1	9-0	30	136	21,0	3,26
Wanda de Toca	CE1	10-2	40	103	20,0	2,70
Wanda de Toca	CE1	8-4	10	75	24,0	3,03
Wanda de Toca	CE1	7-10	10	41	21,0	2,89
Wanda de Toca	CE1	7-1	60	176	21,0	2,79

Wanda de Toca Ltda e Filhos, Botafogo, Est. de São Paulo, Controle em 27/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Wanda de Toca	CE1	5-11	20	63	16,0	3,01
Wanda de Toca	CE1	5-2	20	60	14,0	2,14

NOME DO ANIMAL	Grupo de sangue	Idade em meses	Cap. de leite	Dias de lactação	Leite %	
Wanda Jasper Dalg	RO	7-5	30	41	23,0	3,13
Wanda Jasper Dalg	RO	7-0	10	60	22,0	3,55
Wanda Jasper Dalg	RO	6-3	10	73	22,0	2,96

Dr. Luis Albino Baptista de Oliveira, Helys Antonio, Est. de São Paulo, Controle em 25/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 1 ordenhas.

Wanda Jasper Dalg	RO	2-4	10	31	20,0	4,09
Wanda Jasper Dalg	RO	11-3	30	124	23,0	3,75
Wanda Jasper Dalg	RO	3-10	40	145	16,0	2,56
Wanda Jasper Dalg	RO	9-10	30	110	14,0	2,88
Wanda Jasper Dalg	RO	5-0	20	42	13,0	4,42
Wanda Jasper Dalg	RO	5-1	10	1	24,0	3,40
Wanda Jasper Dalg	RO	3-10	30	109	15,0	3,42
Wanda Jasper Dalg	RO	4-0	30	105	17,0	4,04
Wanda Jasper Dalg	RO	6-3	20	61	13,0	3,39
Wanda Jasper Dalg	RO	6-7	10	11	15,0	3,26

Jacob Reuter, Curitiba, Paraná, Est. de São Paulo, Controle em 25/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Wanda Jasper Dalg	RO	3-4	40	133	35,0	1,96
-------------------	----	-----	----	-----	------	------

Apucarana e Hovas, Curitiba, Paraná, Est. de São Paulo, Controle em 24/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Wanda Jasper Dalg	RO	2-1	30	215	19,0	3,16
Wanda Jasper Dalg	RO	2-0	30	240	18,0	3,24
Wanda Jasper Dalg	RO	2-7	40	203	10,0	3,20
Wanda Jasper Dalg	RO	9-1	20	74	21,0	3,12

Raça Jersey

Wanda Jasper Dalg, Curitiba, Paraná, Est. de São Paulo, Controle em 01/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Wanda Jasper Dalg	RO	6-9	60	157	13,0	3,60
Wanda Jasper Dalg	RO	7-7	30	152	11,0	3,75

Socorro e Cabanha, Curitiba, Paraná, Est. de São Paulo, Controle em 11/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Wanda Jasper Dalg	RO	4-10	80	234	22,0	4,09
Wanda Jasper Dalg	RO	2-2	50	167	20,0	4,30
Wanda Jasper Dalg	RO	3-4	30	57	19,0	4,13
Wanda Jasper Dalg	RO	5-2	20	15	13,0	4,27
Wanda Jasper Dalg	RO	7-0	30	79	20,0	4,60
Wanda Jasper Dalg	RO	6-11	10	20	23,0	3,74
Wanda Jasper Dalg	RO	2-0	10	19	21,0	5,32
Wanda Jasper Dalg	RO	14-8	10	15	13,0	4,51
Wanda Jasper Dalg	RO	3-8	10	11	22,0	2,81
Wanda Jasper Dalg	RO	4-11	10	7	19,0	4,31

Região de São Paulo, Curitiba, Paraná, Est. de São Paulo, Controle em 21/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Wanda Jasper Dalg	RO	-	10	21	14,0	3,30
Wanda Jasper Dalg	RO	-	10	55	13,0	4,19
Wanda Jasper Dalg	RO	-	10	79	15,0	3,72
Wanda Jasper Dalg	RO	10-4	30	45	15,0	2,56
Wanda Jasper Dalg	RO	7-11	40	154	16,0	4,01
Wanda Jasper Dalg	RO	7-9	50	163	12,0	3,30
Wanda Jasper Dalg	RO	7-1	70	191	11,0	3,86
Wanda Jasper Dalg	RO	6-5	40	103	13,0	3,28
Wanda Jasper Dalg	RO	6-2	10	69	14,0	3,31
Wanda Jasper Dalg	RO	-	60	155	13,0	3,14
Wanda Jasper Dalg	RO	8-0	20	10	13,0	3,80

Socorro e Cabanha, Curitiba, Paraná, Est. de São Paulo, Controle em 14/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Wanda Jasper Dalg	RO	5-1	30	46	21,0	4,52
Wanda Jasper Dalg	RO	7-9	20	44	21,0	4,99
Wanda Jasper Dalg	RO	4-11	20	21	25,0	4,14
Wanda Jasper Dalg	RO	2-0	30	50	21,0	4,15
Wanda Jasper Dalg	RO	13-8	20	46	23,0	5,11
Wanda Jasper Dalg	RO	3-4	30	44	22,0	3,67
Wanda Jasper Dalg	RO	4-11	20	23	19,0	3,75
Wanda Jasper Dalg	RO	7-11	10	23	16,0	4,46
Wanda Jasper Dalg	RO	7-2	30	194	20,0	5,27
Wanda Jasper Dalg	RO	2-4	10	1	20,0	3,29

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Antonio Carlos Luis Marinho, Curitiba, Paraná, Est. de São Paulo, Controle em 01/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Wanda Jasper Dalg	RO	5-7	10	13	18,0	3,37
Wanda Jasper Dalg	RO	8-5	40	101	20,0	4,66
Wanda Jasper Dalg	RO	4-10	70	209	18,0	4,05
Wanda Jasper Dalg	RO	3-10	70	188	16,0	3,83
Wanda Jasper Dalg	RO	8-6	20	12	13,0	3,67
Wanda Jasper Dalg	RO	10-10	10	10	18,0	4,06

Apucarana, Curitiba, Paraná, Est. de São Paulo, Controle em 25/10/84, Regiões de parto com raça suplementar, 2 ordenhas.

Wanda Jasper Dalg	RO	10-1	30	64	25,0	3,26
Wanda Jasper Dalg	RO	9-1	30	69	16,0	3,30

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite %		NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite %	
Cornua Grace Harry	PO		7-1	29	41	30,0	3,11	S. Isidoro Bertouka	PO		4-9	40	118	15,0	3,18
Ed Ray's Fran	PO		7-0	19	19	28,0	3,62	S. Isidoro Clarissa	PO		3-11	40	120	14,0	3,70
Edi Elegante Sarga	PO		6-1	40	103	28,0	3,66	S. Isidoro Cliria	PO		3-11	40	119	14,0	3,30
Ed Jay Ivetta	PO		6-3	10	15	28,0	3,41	S. Isidoro Denise	PO		-	40	99	13,0	3,40
Valley Gold King Dora Twin	PO		5-10	60	174	25,0	2,61	S. Isidoro Elba	PO		2-5	30	92	15,0	3,54
Cornua Ella Twin	PO		4-6	49	96	26,0	3,60	S. Isidoro Doris	PO		2-8	30	73	13,0	3,70
Cornua Sarita Marujo	PO		4-6	29	51	28,0	2,86	Diva	-		-	29	82	15,0	3,70
Cornua Tamara Medalist	PO		3-4	29	41	27,0	3,24	Aracelis de S. Isidoro	PO		3-9	29	62	21,0	3,80
Cornua Franze Talisman	PO		3-4	29	37	28,0	3,36	S. Isidoro Catarina	PO		3-10	19	4	18,0	3,38
Cornua Jolly Depover	PO		3-4	29	50	26,0	3,06	Rajleim	PO		0-6	19	27	20,0	3,38
								Madalena M. 4343	PO		-	100	313	13,0	4,10
								S. Isidoro Rimca	PO		4-9	89	232	13,0	3,80
								S. Isidoro Berradeta	PO		5-0	29	43	13,0	4,60
								S. Isidoro Celira	PO		3-8	100	295	15,0	3,54
								S. Isidoro Caroline	PO		3-5	89	229	13,0	3,49
								S. Isidoro Daniela	PO		3-3	79	201	14,0	3,37

Dr. Fernando Prado Henri Jacutinga, Est. de Minas Gerais, Controle em 15/10/84, Região de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

Denise Topper II S.C.	OCF		7-0	88	229	16,0	5,02
SC. Jings Improver IV	PO		2-8	80	233	17,0	3,76
SC. Nancy Improver II	PO		3-8	60	172	13,0	4,31
SC. Fawcetta EL Brita IV	PO		4-7	69	156	14,0	4,85
SC. Gilberta Improver I	PO		4-0	59	148	17,0	3,69
Glenda SC. Improver III	POCF		3-6	58	144	16,0	4,63
Franca Delagata II HC.	OCZ		4-9	60	114	15,0	3,96
SC. Ciria Improver I	PO		3-4	69	100	17,0	3,64
SC. Janisla Dakota II	PO		3-4	40	95	13,0	4,03
SC. Onelia Delagata II	PO		2-8	20	60	14,0	3,81
SC. Jostel II. New	PO		3-4	30	59	18,0	3,67
SC. Jurena Dakota	PO		3-3	29	39	23,0	3,65
SC. Jacutinga Improver IV	PO		3-8	20	40	14,0	3,88
SC. Fawcetta EL Brita III	PO		4-11	16	10	19,0	3,44

União Superior de Agric. Luiz de Ozeiras, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 02/10/84, Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Alpa de Dárcim	PO		5-7	79	186	12,0	3,55
Enaj Vivian Jane	PO		3-5	39	86	12,0	3,50

Cia. Agropecuária Santa Madalena, Jacutinga, Est. do Paraná, Controle em 07/10/84, Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

S.M. Norvick Universe Stratos	PO		6-0	18	15	18,0	3,54
S.M. Danis Norvick Universe	PO		6-1	19	11	18,0	3,37
Rowline Universe S.M.	PO		6-11	20	38	20,0	3,31

Agropecuária e Horta Santa Isidoro Ltda., Jundiaí, Est. de São Paulo, Controle em 24/10/84, Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Cornua Jurena Medalist	PO		4-4	10	10	21,0	2,90
Quena Juliana	PO		3-4	49	271	13,0	3,18
Fitty	PO		5-0	49	196	16,0	3,28
Luzo 8831-84 Artz	PO		100	291	291	14,0	3,67
Shade	PO		8-2	59	120	14,0	3,00
Adalino Louro	PO		8-3	69	148	17,0	3,34
Adalino Hair	PO		5-4	30	146	14,0	4,07
Glra	PO		6-6	59	128	18,0	3,38
S. Isidoro Sisa	PO		5-5	59	154	13,0	3,75
S. Isidoro Strip	PO		2-4	49	121	13,0	3,35
Sisa	PO		8-4	49	133	15,0	3,65

Raça Guernsey

União Superior de Agric. Luiz de Ozeiras, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 02/10/84, Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Enaj Tuto Theory	PO		3-10	89	234	10,0	3,30
Enaj Vane Martin	PO		2-6	79	203	10,0	3,25
Enaj Vally Martin	-		-	39	72	16,0	2,85
Enaj Verosa Martin	PO		3-7	29	56	14,0	3,30

Raça Gir

União Agrícola e Pec. Ltda. Mococa, Est. de São Paulo, Controle em 16/10/84, Região de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas							
Gila	MB		17-0	29	42	14,0	3,30
Nova	MB		10-10	29	46	17,0	4,20
Sigla	PC		6-11	29	54	16,0	3,30
Toca	PC		6-0	29	55	16,0	4,30
Zambaira	SA		12-11	29	45	19,0	4,20
Pucalis	PC		9-8	29	44	15,0	4,80
Redação	PC		8-4	29	42	15,0	4,40
Robica	MB		8-8	29	46	15,0	4,60
Tereventina	MB		6-4	29	33	14,0	4,41
Salvada	MB		7-4	29	40	12,0	5,80
Regizita	PC		8-1	29	54	12,0	5,00
Rozana	MB		8-1	19	7	20,0	4,20
Tatiara	MB		15-0	19	3	14,0	3,02
Tora	MB		6-0	19	19	12,0	4,93
Ovnia	MB		4-10	19	18	14,0	4,40
Orjapio	MB		10-8	19	23	11,0	5,00
Sisa	PC		6-10	19	10	13,0	4,60
Róbia	MB		7-11	19	4	13,0	4,70
2 ordenhas							
Ribeira	PC		7-8	79	190	11,0	4,75
Redeicia	MB		7-10	79	209	11,0	4,70
Percoba	PC		8-4	79	193	10,0	4,70
Jurita	MB		11-7	79	199	10,0	4,70
Jardelita	PC		13-11	69	178	10,0	4,70

GIR LEITEIRO FB DE MOCOCA

KÊNIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA LTDA. - FAZENDA SANTANA DA SERRA

FAZENDA — KM 295 da Rodovia Mococa-Cajuru (SP)

Telefones: (0196) 55-0801 — (101) Canoas (SP) 98-1164

MOCOCA — Rua Barão de Monte Santo, 1.250 — Telefone: (0196) 55-0085

SÃO PAULO — Rua 15 de Novembro, 195 — 3.º andar — Telefone: (011) 36-1681

EM MEIO SÉCULO NA SELEÇÃO DE GIR LEITEIRO, DESENVOLVEMOS UM CONTROLE LEITEIRO DIRIGIDO DE TODO O REBANHO, E NÃO APENAS DE VACAS ESCOLHIDAS.

TODO O PLANTEL ESTÁ SOB CONTROLE OFICIAL DA A.B.C., E OBTIVEMOS NO ANO DE 1983 EM 114 LACTAÇÕES A PRODUÇÃO DE 301.078 KG. DE LEITE, RESULTANDO UM PESO MÉDIO DE 2.641 KG. POR VACA E PRAZO MÉDIO DE 325 DIAS DE LACTAÇÃO.

CONHEÇA O GADO CERTO PARA O CLIMA CERTO. FAÇA-NOS UMA VISITA.



LANCHEIRA - Reg. 5136 - SCL 52025
Produção: 6.351.000 kg de leite
Média: 17.400 kg
Obs.: Alcançou Livro de Mérito (LM) nesta lactação.

VENDE DE SÊMEN NA

Fundação Bradesco - Pecplan
Planejamento Pecuário e inseminação Artificial

MATRIZ: Vila Yara - Osasco - SP - Tel.: (011) 801-9159
BR 158 KM 13 - Rosário do Sul - RS - Tel.: (056) 231-1027
BR 050 KM 195 - Uberaba - MG - Tel.: (034) 332-3331

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite	%
Belina	NE		10-8	60	156	11,0	4,83
Taura	NE		6-2	68	155	11,0	5,34
Mecina	NE		11-4	50	137	10,0	4,65
Luana	NE		8-2	50	149	12,0	5,59
Partolina	PC		8-10	50	121	11,0	4,82
Namita	PC		11-8	50	123	11,0	5,31
Trama	NE		14-13	50	132	10,0	4,76
Justice	PC		12-9	50	135	11,0	5,01
Uruga	PC		5-2	50	130	11,0	5,00
Belilla	NE		10-7	50	145	12,0	4,88
Trôgua	IA		5-7	50	142	11,0	4,74
Imperina	NE		14-7	50	138	10,0	4,73
Mecina	PC		12-2	50	140	10,0	5,04
Rifa	PC		7-8	50	143	12,0	4,88
Nia	PC		8-1	50	127	11,0	5,05
Vaidade	NE		4-4	50	144	12,0	5,60
Valência	NE		4-3	50	148	11,0	4,87
Rebucha	PC		8-2	40	105	13,0	4,83
Turcucha	PC		6-4	40	107	10,0	4,74
Ortuga	PC		9-6	40	109	14,0	4,91
Nova	PC		10-10	40	90	12,0	5,19
Andona	NE		8-5	40	108	11,0	4,88
Olivalda	NE		6-0	40	116	16,0	4,71
Turcucha	PC		17-3	40	118	12,0	5,55
Urbana	NE		5-3	40	107	11,0	4,83
Saridade	NE		8-2	40	101	13,0	4,99
Favela	NE		9-3	40	110	10,0	4,90
Tala	NE		6-4	40	114	12,0	4,60
Trança	PC		6-0	40	116	11,0	4,82
Sobria	NE		7-4	40	98	13,0	5,28
Latala	PC		12-7	40	96	11,0	4,69
Olimpina	NE		-	40	95	11,0	4,59
Onoia	NE		5-0	40	117	10,0	4,83
Orzânia	NE		5-1	40	90	10,0	4,94
Tiamina	NE		-	40	79	12,0	4,92
Raja	PC		8-6	30	86	12,0	4,40
Rua	NE		7-10	30	74	11,0	5,50
Luzarina	PC		13-0	30	74	11,0	5,76
Subversiva	NE		6-8	30	83	12,0	5,30
Papelaria	PC		9-2	30	61	13,0	4,90
Oficina	PC		10-3	30	68	12,0	4,57
Sucrose	PC		7-7	30	65	12,0	4,75
Silvia	NE		6-11	30	67	10,0	4,70
Norreta	PC		11-9	30	74	11,0	4,53
Tuberaba	PC		14-10	30	87	12,0	4,56
Rampa	PC		8-3	30	57	11,0	4,86
Delinda	NE		5-7	30	62	10,0	4,55
Valda	NE		4-4	30	74	10,0	5,02
Sova	PC		6-11	20	51	10,0	5,18
Unaila	NE		-	20	54	11,0	5,15
Vadana	NE		4-2	20	33	10,0	4,41
Vopia	PC		5-6	10	4	11,0	5,24
Iape	PC		12-10	10	23	10,0	5,78
Matiza	PC		5-8	10	25	11,0	5,75
Vaniha	NE		4-3	10	1	10,0	5,27
Vampista	IA		4-3	10	1	10,0	5,03

João Gabriel da Costa Noronha e Outros, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controle em 16/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

CA. Argentina	NE		4-8	30	79	10,0	4,26
CA. Marça	PC		7-7	30	54	10,0	4,71
CA. Trapantera	PCOD		11-11	30	66	10,0	4,88
CA. Nevchusia	NE		9-3	20	55	12,0	4,21
CA. Malvo	NE		9-3	40	102	10,0	4,72
CA. Lucrécia	NE		7-11	30	95	10,0	4,63
CA. Mirta	PC		-	30	94	11,0	4,49
CA. Jureia	PCOD		10-11	30	91	10,0	4,68
CA. Melenza	PCOD		8-1	30	87	12,0	4,29
CA. Gerchona	NE		4-6	30	83	11,0	4,87
CA. Lóyos	NE		9-8	30	83	12,0	4,66
CA. Festania	NE		15-1	50	148	10,0	5,09
CA. Jussucina	NE		10-10	50	135	10,0	4,37
CA. Billa	NE		13-0	50	151	10,0	4,95
CA. Raja	PCOD		8-0	40	124	10,0	4,10

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite	%
CA. Norveta	PC		12-6	40	106	11,0	5,74
CA. Parafina	NE		5-8	40	105	9,0	5,57
CA. Fogueira	NE		5-9	40	120	20,0	4,91
CA. Wood	NE		7-8	30	78	14,0	4,74
CA. Foca	NE		6-4	10	17	12,0	5,44
CA. Julieta	PC		11-6	10	4	11,0	5,63
CA. Malicia	NE		-	30	235	10,0	5,30
CA. Indiscreta	PC		12-0	40	110	13,0	4,68
CA. Odila	NE		7-2	40	113	12,0	4,90
CA. Matulosa	NE		7-4	40	101	12,0	5,42

Antonio José Lacio de Oliveira Costa, Santa Cruz das Palmeiras, Est. de São Paulo, Controle em 09/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle meses	Dias de lactação	Leite	%
Dr. Gabriel Renato de Andrade, Calcilândia, Est. de Minas Gerais, Controle em 26/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Quatiana da Calcilândia	NE		5-2	10	9	12,0	5,18
Quirô	PCOD		4-3	10	30	12,0	5,75
Ressara da Calcilândia	NE		3-10	10	20	10,0	3,88
Rodirva	PCOD		2-11	10	12	11,0	5,64
Rosequilda	PCOD		3-9	10	28	11,0	3,10
Selena da Calcilândia	NE		3-5	10	23	12,0	4,08
Serona da Calcilândia	NE		3-0	10	1	11,0	4,84
Serota da Calcilândia	NE		2-10	20	34	10,0	3,74
Uberlândia da Calcilândia	NE		4-1	40	122	14,0	5,25
(2885)	PCOD		3-2	10	25	14,0	3,58
(2887)	PCOD		3-3	10	24	10,0	4,55
Novata da Calcilândia	NE		8-8	10	4	11,0	4,53
Opala da Calcilândia	NE		7-8	10	4	11,0	2,38
Parafina da Calcilândia	NE		6-9	10	10	12,0	5,80
Sapota da Calcilândia	NE		3-0	10	24	11,0	3,73
Sará da Calcilândia	NE		3-0	10	23	10,0	3,80
Patrona da Calcilândia	PC		6-0	50	129	10,0	5,20
Quaresma da Calcilândia	NE		5-4	20	40	10,0	3,75
Quefirinha da Calcilândia	PCOD		4-10	20	90	12,0	4,20
Revidencia da Calcilândia	NE		7-9	20	43	11,0	4,35
Risera da Calcilândia	NE		7-11	40	113	12,0	5,14
Novata da Calcilândia	NE		8-0	20	52	11,0	3,89
Paracida da Calcilândia	NE		8-5	30	147	10,0	5,25
Norária da Calcilândia	NE		8-8	30	202	10,0	6,20
Regar da Calcilândia	PC		7-11	40	187	10,0	6,12
Nova da Calcilândia	NE		8-1	30	60	12,0	4,64
Nabill da Calcilândia	NE		8-1	20	62	11,0	4,04
Narra da Calcilândia	NE		-	30	94	10,0	4,69
Nebulosa da Calcilândia	NE		7-11	20	46	10,0	4,34
Teranjá da Calcilândia	NE		6-11	60	240	10,0	5,18
Mariquina da Calcilândia	NE		8-11	30	76	14,0	4,27
Malicia da Calcilândia	NE		8-6	40	130	12,0	5,02
Salonia da Calcilândia	NE		3-8	20	36	13,0	3,76
Salonia da Calcilândia	NE		3-2	20	36	10,0	4,88
Raf da Calcilândia	NE		4-5	20	52	11,0	4,09
Quatiana da Calcilândia	PC		4-5	60	226	10,0	4,54
Orthona da Calcilândia	PCOD		4-11	20	50	11,0	3,73

José Lacio Bezerra e Outros, Matosinhos, Est. de Minas Gerais, Controle em 16/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Abrilândia	NE		6-5	10	1	11,0	3,68
Agradida	NE		6-2	10	5	12,0	3,50
Alvina	NE		13-1	10	11	14,0	3,50
Arcaça	NE		4-0	20	42	10,0	2,94
Saladinho	NE		7-11	10	9	11,0	3,78
Santa	NE		3-10	20	84	12,0	5,02
Servata	NE		8-11	10	7	10,0	2,68
Trincheira	NE		8-1	40	103	10,0	3,68
Troseta	NE		8-4	20	49	10,0	3,87
Alvorada	NE		10-11	40	113	15,0	4,40

Dr. Arthur Santo Major Filizola, Jaguaitã, Est. de Minas Gerais, Controle em 25/10/84, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

FAZENDA CAMPO ALEGRE

B - Gir leiteiro = Gir leiteiro - B

Meio século criando o melhor Gir Leiteiro

CONTROLE LEITEIRO OFICIAL PELA ABC

IRMÃOS NORONHA - Verda ue Tourinhos

Rodov. Casa Branca - S. C. Palmeiras, n.m. 64

Fone: Fazenda 101 - Marco do Cruzeiro 96-1110

Cx. P. 21 - CEP. 13.700 - CASA BRANCA - SP

Residência: Rua da Liberdade, 58

Fones: 22-2427 - 22-2123

CEP. 13.870 - SÃO JOÃO DA BOA VISTA - SP



NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Clayde	RE	9-11	79	167	15,0	4,39
Esmeralda	RE	9-10	79	150	12,0	4,82
Piquete	RE	-	90	147	13,0	3,72
Higilay	RE	8-2	19	78	13,0	3,96
Moa de Brasília	RE	15-2	10	9	10,0	3,86
Engelberta	RE	11-11	79	188	13,0	4,87
Ipereza	RE	10-3	19	15	27,0	4,40
Jailin de Tebalândia	RE	11-10	79	190	13,0	4,40
Joselin	RE	9-8	40	110	14,0	4,65
Ladafina Cor.	RE	-	79	184	13,0	5,19
Lilona	RE	8-6	79	195	13,0	4,34
Luiza dos Poções	RE	9-6	49	118	13,0	4,30
Lula	RE	6-3	19	74	15,0	5,63
Malga dos Poções	RE	6-7	49	106	21,0	3,77
Mina	RE	4-5	19	18	17,0	4,31
Neiva	RE	8-1	19	101	13,0	3,94
Nevoita	RE	4-10	49	95	20,0	4,28
Pequena de Brasília	RE	8-5	59	144	13,0	5,20
Paula de Brasília	RE	8-4	30	55	17,0	5,50
Pequena de Brasília	RE	7-11	19	20	16,0	3,81
Patry de Tebalândia	RE	9-0	19	13	16,0	4,01
Scalia	RE	12-6	49	101	16,0	4,57
Tealândia	RE	11-11	49	178	13,0	4,61

Grupo Associação Capra, Ipatema, Est. de Minas Gerais, Controle em 25/10/54. Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Melissa	RE	10-11	20	195	11,0	4,06
Jangada	RE	7-7	20	99	10,0	5,01
Dapora	RE	12-7	29	95	10,0	5,46
Jota	RE	7-11	29	40	11,0	4,35
Adalia	RE	8-11	19	20	10,0	5,31
Luciana	RE	12-1	19	11	11,0	4,31
Lúpeda	RE	7-5	19	10	10,0	3,58

Urs. Manuel e José João Salgado Rodrigues dos Reis, Rio das Flores, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 18/10/54. Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas. CONTROLE ESPANHO PELA ASSOCIAÇÃO FUNDADORA DE CRIADORES DE BOVINOS.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Marc. Gravata Bonassio	RE	9-10	79	197	10,0	4,66
Marc. Lantana Cachibó	RE	5-6	69	171	11,0	4,90
Marc. Mirna Falcão	RE	8-11	69	148	16,0	5,05
Marc. Sova Falcão	RE	8-10	69	145	15,0	4,87
SC. Legata Hóal	RE	5-11	59	132	12,0	6,64
Marc. Lená Casagrá	RE	6-7	59	114	12,0	4,84
Marc. Horaciano Falcão	RE	9-1	59	114	16,0	4,47
SC. Lédia Casagrá	RE	6-0	49	118	17,0	4,94
SC. Calvina Casagrá	RE	10-2	39	95	19,0	3,55
SC. Caballero Marchetti	RE	14-1	39	99	18,0	5,44
SC. Lucía Casagrá	RE	4-11	49	103	13,0	4,89
SC. Leona Antepost	RE	6-7	39	78	12,0	5,39
SC. Luciana Casagrá	RE	5-2	29	76	16,0	5,56
Marc. Tereza Hóal	RE	10-0	29	66	16,0	4,50
Marc. Lucía Falcão	RE	8-4	29	34	21,0	3,39
SC. Jangada Hóal	RE	7-4	29	29	20,0	3,97
SC. Leona Casagrá	RE	8-7	29	22	21,0	4,28
SC. Luciana Casagrá	RE	5-11	19	13	17,0	5,47
SC. Leona Casagrá	RE	10-7	19	3	16,0	4,33

Gabriel Donato de Andrade, Boala, Est. de Minas Gerais, Controle em 26/10/54. Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Onça de Chacabandá	RE	7-0	29	93	13,0	4,96
Quajara da Cal.	RE	3-7	29	39	14,0	3,96
Mina da Cal.	RE	7-4	30	86	12,0	5,68
Robô da Cal.	RE	4-4	60	166	10,0	4,51
Mina da Cal.	RE	6-0	29	105	11,0	4,14
Luciana da Cal.	RE	8-5	29	263	10,0	5,13
Vente	RE	-	79	191	10,0	4,72
Quapeto	RE	4-11	29	55	10,0	5,47

Roberto Augusto Ferraz, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 18/10/54. Registro de parto com ração suplementar. 3 ordenhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Regina Mãe Vix de Brasília	RE	6-8	29	55	15,0	3,91
Clara de Brasília	RE	8-7	59	126	11,0	6,01
Clara de Brasília	RE	10-3	59	127	16,0	4,34
Clara de Brasília	RE	8-5	39	72	17,0	4,67
Clara de Brasília	RE	6-10	39	280	11,0	6,50
Clara de Brasília	RE	10-1	59	137	16,0	5,20
Clara de Brasília	RE	8-11	29	38	15,0	4,96
Clara de Brasília	RE	7-11	29	128	12,0	4,59
Clara de Brasília	RE	7-11	29	53	12,0	4,18
Clara de Brasília	RE	6-6	29	41	17,0	4,20
Clara de Brasília	RE	7-3	19	28	17,0	4,47
Clara de Brasília	RE	6-11	19	26	17,0	4,71
Clara de Brasília	RE	6-10	19	14	14,0	4,48
Clara de Brasília	RE	1-5	19	15	13,0	4,44
Clara de Brasília	RE	6-8	29	60	11,0	5,11
Clara de Brasília	RE	6-0	19	17	14,0	4,43
Clara de Brasília	RE	10-1	19	23	15,0	4,57
Clara de Brasília	RE	4-4	29	17	12,0	4,21
Clara de Brasília	RE	4-6	29	18	14,0	4,50
Clara de Brasília	RE	4-7	29	201	10,0	5,52

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
União de Brasília	RE	4-2	59	125	10,0	5,11
União de Brasília	RE	9-8	69	177	14,0	5,11
União de Brasília	RE	7-8	79	185	14,0	4,41
União de Brasília	RE	7-4	119	315	17,0	5,11
União de Brasília	RE	5-9	59	134	13,0	4,41
União de Brasília	RE	8-4	69	175	12,0	4,41
União de Brasília	RE	6-0	79	208	13,0	4,41
União de Brasília	RE	7-1	59	184	13,0	4,41
União de Brasília	RE	11-9	79	202	10,0	4,41
União de Brasília	RE	10-6	49	133	16,0	4,41
União de Brasília	RE	10-6	89	244	10,0	4,41
União de Brasília	RE	8-10	49	71	13,0	4,41
União de Brasília	RE	8-0	39	62	14,0	4,41
União de Brasília	RE	11-0	49	104	13,0	4,41

UNCLANDO

Roberto Augusto Ferraz, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 18/10/54. Registro de parto com ração suplementar. 3 ordenhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
União de Brasília	RE	3-11	49	117	18,0	4,41
União de Brasília	RE	1-7	49	45	15,0	4,41
União de Brasília	RE	4-10	59	152	15,0	4,41
União de Brasília	RE	7-9	79	197	17,0	4,41
União de Brasília	RE	6-9	69	166	11,0	3,50
União de Brasília	RE	6-9	49	112	15,0	4,41
União de Brasília	RE	6-10	49	159	16,0	4,41
União de Brasília	RE	6-7	69	207	13,0	4,41

CRUZEIRO DO SUL

Paulo de Thereso BILLENZONI, Carapicaba, Est. de São Paulo, Controle em 26/10/54. Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
P.T.B. Carlão	RE	2-7	29	40	14,0	4,25
P.T.B. Carlão	RE	8-2	29	64	13,0	4,40
P.T.B. Carlão	RE	7-8	69	218	11,0	4,25
P.T.B. Carlão	RE	7-10	69	196	8,0	4,25
P.T.B. Carlão	RE	8-0	59	145	14,0	4,25
P.T.B. Carlão	RE	8-0	69	109	13,0	4,25
P.T.B. Carlão	RE	7-8	59	126	12,0	4,25
P.T.B. Carlão	RE	1-7	79	244	9,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	7-9	49	110	13,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	7-8	69	218	11,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	6-11	39	64	16,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	6-9	59	150	11,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	6-8	59	150	13,0	4,21
P.T.B. Carlão	RE	6-8	59	148	13,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	6-4	39	90	12,0	4,21
P.T.B. Carlão	RE	6-4	39	79	12,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	5-8	19	139	12,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	5-10	19	79	15,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	5-6	59	145	11,0	4,00
P.T.B. Carlão	RE	5-7	49	97	13,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	5-7	79	75	29,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	5-5	39	62	14,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	5-3	60	194	9,0	4,00
P.T.B. Carlão	RE	5-4	49	108	15,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	5-6	49	94	8,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	5-6	49	99	14,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	5-11	39	58	10,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	4-9	29	13	13,0	4,00
P.T.B. Carlão	RE	4-9	49	135	13,0	4,20
P.T.B. Carlão	RE	4-6	59	138	8,0	4,88
P.T.B. Carlão	RE	4-5	60	209	9,0	4,88
P.T.B. Carlão	RE	4-11	29	29	13,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	4-9	69	110	11,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	4-4	39	62	10,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	4-4	39	76	14,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	4-11	29	47	10,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	4-2	59	165	12,0	4,11
P.T.B. Carlão	RE	4-9	79	75	10,0	4,00
P.T.B. Carlão	RE	4-5	19	8	17,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	4-9	79	75	10,0	4,00
P.T.B. Carlão	RE	1-3	19	7	8,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	7-9	39	77	10,0	3,62
P.T.B. Carlão	RE	3-8	19	241	8,0	4,00

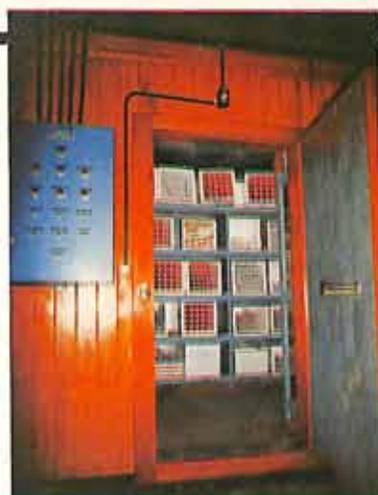
Roberto Augusto Ferraz, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 18/10/54. Registro de parto com ração suplementar. 3 ordenhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
União de Brasília	RE	5-10	19	8	13,0	3,75

RAÇA NELORE

Colonial Alcega, S/A. Fazenda (Fazenda de Andrade), Jombuco, Est. de Minas Gerais. Controle em 11/10/54. Registro de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
União de Brasília	RE	4-4	19	23	4,0	4,41
União de Brasília	RE	5-0	19	24	5,0	3,62
União de Brasília	RE	5-4	19	20	10,0	3,62
União de Brasília	RE	3-1	19	16	9,0	3,62
União de Brasília	RE	11-0	19	6	10,0	3,62



- Assistência Veterinária da ABC -

A Associação Brasileira de Criadores mantém em sua sede social uma equipe de médicos veterinários para atender seus associados.

Como complemento a esse serviço e a base de preço de custo mantém à rua Jaguaribe, 634, um AMBULATÓRIO CLÍNICO MEDICO DE MÉDIOS E PEQUENOS ANIMAIS, para vacinações contra raiva, parvovirose, leptospirose canina, cinomose, panleucopenia felina e pequenas cirurgias.

Mantém, ainda, um bem montado LABORATÓRIO DE PATOLOGIA CLÍNICA VETERINÁRIA, onde especialistas fazem os mais variados exames, como:

SANGUE: anemia infecciosa eqüina (AIE), brucelose, leptospirose, hemograma completo e pesquisa de hemoparasitas. Exames bioquímicos (cálcio, fósforo, etc.).

FEZES: Parasitológico, individual, de animais de fazenda, cães e gatos. Coprocultura.

PESQUISA DE ROTAVIRUS: em animais com menos de 20 dias.

LEITE: Pesquisa de mamite e cultura.

EXAMES BACTERIOSCÓPICOS E BACTERIOLÓGICOS: Bacterioscopia, cultura de secreções e antibiogramas.

AUTOVACINAS, EXAMES MICOLÓGICO, ANATOMOPATOLÓGICO DE MATERIAL DE NECROPSIA. PESQUISA DE AFLOTOXINA DE ALIMENTOS. Outros exames poderão ser feitos sob consulta.

LABORATÓRIO DE ANÁLISES SEMENTES, reconhecido pelo Ministério da Agricultura onde os associados poderão mandar fazer análise de sementes de sua produção ou de sementes adquiridas ou que pretende adquirir. Toda semente antes de ser adquirida pela ABC, são analisadas em seu LABORATÓRIO. Para a realização destes exames há uma tabela de preços especiais para os associados.

Para qualquer consulta use estes telefones:

(011) 826-3033 e

(011) 831-7966

Se for o caso, faça sua consulta pessoalmente à rua Jaguaribe, 634, CEP 01224 ou Av. José Cesar Oliveira, 175, CEP 05317 (Ceagesp) em São Paulo, onde sua visita será sempre uma satisfação. As consultas por carta serão atendidas e respondidas rapidamente.

Uso Veterinário

Nas cólicas
dos animais

Buscopan[®] composto

Espasmolítico e analgésico
de ação prolongada



Febre
Dores
Cólicas

